

PAS. QUI. NA. GEM

28

OUTUBRO

N.28/ 2023

ISSN 2675-7974

revistapasquinagem.com/

O artista palestino Ahmad Yasin esculpiu desenhos hiper-realistas diretamente na superfície das palmas de cactos no jardim de sua casa, em Aseera Ashmaliya, na Cisjordânia.

“Pasquinagem” é uma revista de cultura que iniciamos em meio à crise civilizacional em curso, reagindo a contornos assumidos em nosso País, em especial no local de trabalho dos fundadores, professores da PUC-SP. Procurando ficar à altura das melhores tradições desta Instituição vanguardista, busca-se expressar através de seus textos e para além das palavras, com imagens e gestos nela contidos, bem como nas mídias a ela associadas, a perplexidade, os impasses e achados em meio ao turbilhão do momento histórico dificullosamente ora atravessado, atentos a indicativos como aqueles oswalddeandrianos de que “o humor é a prova dos nove” e “humor = amor”, sem esquecer, certamente, a velha e boa antropofagia nossa de recuada memória.

A revista está aberta, totalmente aberta, a contribuições provenientes das mais diversas áreas e nos mais diversos formatos: científicos, filosóficos, literários e artísticos de um modo geral. Tem também caráter informativo, noticioso, a fim de se constituir igualmente em repositório não só de divulgação como de registro de atividades consideradas como merecedoras pela editoria. A ela se associam filmagens metadiscursivas em relação ao seu conteúdo, bem como de debates em contexto de engajamento político no combate aos ataques autoritários e mesmo fascistóides que tem se intensificado nos últimos tempos, havendo ainda a conexão com iniciativas culturais

associadas à PUC-SP, em razão do vínculo a ela de seus proponentes, como é o caso da Escola Livre de Filosofia, Direito e Arte (ELDFA). Aos intelectuais, críticos, artistas, que pensam de forma criativa, inventiva e ética.

A periodicidade da revista é mensal, em formato eletrônico, com a previsão de uma edição impressa semestralmente com uma seleção das publicações do período.

Quanto ao Conselho Editorial

Executivo

Urbano Nobre Nojosa
Willis Santiago G.Filho
Paola Cantarini
Vito Antico Wirgues

Conselheiros:

Lúcia Santaella (PUC-SP), Antonio Rago filho (Historia PUC/SP), Kevin Anderson (UCSB), Roberto Andres Vargas Muñoz (Universidad Católica Silva Henríquez), Belmiro Patto (UEM), Romero Venâncio (UFS), João Emiliano Fortaleza de Aquino (UECE), Maria Cristina Vidotti (UFG), Amalio Pinheiro (PUC-SP), Manoel Fernandes de Sousa Neto (USP), Fabio Sobral (UFC), Chris McGowan (Billboard, EUA), Ordep Serra (UFBA), Glenda Andrade (PARIS 8), Paulo Ferreira da Cunha (Universidade do Porto), E Juiz-Conselheiro do Tribunal Constitucional), Maria da Guia Silva Lima (UFC) - primeira professora Emérita da

nossa alma mater, leitora assídua da revista, minha querida Tia (Willis)

A revista pasquinagem é um projeto coletivo de intelectuais, acadêmicos, artistas que tem distribuição gratuita pelo site revistapasquinagem.com.

Os artigos, ensaios, crônicas, análises políticas, econômicas e filosóficas são de responsabilidades de seus respectivos autores.

A revista pasquinagem conta com o apoio solidário da Editora Nojosa na editoração e diagramação dessa publicação editorial.

Editora Nojosa

Av. Dr Altino Arantes 120, casa 1 Fundo CEP 04042-000 Vila Clementino, São Paulo-SP

Equipe técnica:
projeto gráfico, editoração e diagramação

Urbano Nobre Nojosa

Revisão editorial

Urbano Nobre Nojosa
Vito Antico Wirgues
Willis Santiago Guerra
Filho

N O R M A S P A R A P U B L I C A Ç Ã O

A Revista PASQUINAGEM aceita para publicação trabalhos

inéditos, de autoria individual ou coletiva de pesquisadores, intelectuais, ensaístas, poeta, fotógrafos vinculados a instituições de ensino superior, coletivos de artistas, coletivos políticos, grupos de estudos, ateliers, jornalistas, sob a forma de artigos ou resenhas, ensaio, poesia, portfólio de criação de autores nacionais e estrangeiros.

Os textos são publicados na língua original dos seus respectivos autores, de preferência em português, espanhol, francês e inglês entre 8 e 40 páginas. Quanto às resenhas o texto deverá ter dimensão variável entre 2 a 5 páginas, contendo o registro e a crítica de livros, teses e dissertações publicados nos últimos anos. Os ensaios fotográficos, poesias e crônicas podem ser individuais e coletivos.

A publicação de artigos está condicionada a pareceres de membros do Conselho editorial ou de colaboradores ad hoc. A seleção de artigos para publicação toma como critérios básicos sua contribuição à comunicação FILOSÓFICA, ESTÉTICA E POLÍTICA à linha editorial da PASQUINAGEM, a DIVERSIDADE TEMÁTICA. Eventuais modificações de estrutura ou de conteúdo, sugeridas pelos pareceristas ou pela Comissão Científica, só serão incorporadas mediante concordância dos autores. Os revisores dos originais poderão ajustá-los aos padrões da convenção escrita de modo a contribuir para a adequação do texto ao periódico.

O autor deve também fornecer dados relativos à sua maior titulação, instituição e área em que atua, bem como indicar o endereço eletrônico e o endereço completo, para correspondência.

Orientações para formatação e normalização

O texto deve ser digitado em fonte Times New Roman, corpo 12, com 1,5. O recurso itálico, no corpo do texto, deve ser utilizado somente para palavras estrangeiras. Para apresentação dos elementos que constituem o artigo utilizar as normas da ABNT em vigor. Sugerimos não acrescentar destaques, grifos e etc. em citações diretas, pois são informações ou detalhes que podem desaparecer após a normalização e/ou diagramação final.

• Normas da ABNT

NBR 6022, 2003 - Informação e documentação. Artigo em publicação periódica científica impressa. Apresentação;

NBR 6023, 2002 - Informação e documentação - Referências - Elaboração;

NBR 6024, 2003 - Informação e documentação - Numeração progressiva das seções de um documento escrito - Apresentação;

NBR 6028, 2003 - Informação e documentação - Resumos - Apresentação;

NBR 10520, 2002 - Informação e documentação - Citações em documentos - Apresentação;

IBGE. Normas de apresentação tabular. 3.ed. Rio de Janeiro, 1993.

• Responsabilidades

É de responsabilidade do autor a correção ortográfica, sintática e a revisão de digitação do texto que será publicado conforme original recebido pela editoração, após as alterações recomendadas pelos avaliadores, se houver.

• Direitos autorais

Ao ter o texto aprovado e aceito para publicação, entende-se como automática a cessão dos direitos autorais para a publicação na Revista PASQUINAGEM em CREATIVE COMMONS, com menção obrigatória da autoria (BY) e atribuição Não Comercial (NC) para ACESSO LIVRE E IRRESTRITO, sendo vedada a derivação (reescrita) dos trabalhos publicados por terceiros (ND).

ISSN 2675-7974

URL: <https://revistapasquinagem.com/>

Sumário

NATURA NATURATA URBANO NOBRE NOJOSA	06
THE MIDDLE EAST AND THE WORLD AFTER OCTOBER 7, AND ISRAEL'S WAR ON PALESTINE KEVIN ANDERSON	14
INTRODUZINDO A TRANSMATEMÁTICA WILLIS SANTIAGO GUERRA FILHO	36
OFENSIVA PALESTINA CONTRA ISRAEL ¿POR QUÉ AHORA? ¿CÓMO FRENAR LA VIOLENCIA? FELIPE RAMÍREZ	38
SONATAS ARBÓREAS ORDEP SERRA	52
A ARTE COMO FAZER COLETIVO MÚSICA, DANZA, PINUTRA, LITERATURA EDUARDO PELLEJERO	86
O NOVO E A BUSCA DE MILAGRES DALVA GARCIA	100
BRECHT NO BRASIL E OS TRIBUNAIS DE EXCEÇÃO PREVENTIVA ANDRÉ QUEIROZ	108
NILISMO E A GENEALOGIA DA MORAL RENATA CORDEIRO NAVARRO	136
O MOTIM DAS BOCETAS: UM EXERCÍCIO DE LIBERDADE PUSSY RIOT: THE PRACTICE OF FREEDOM PALOMA ROMEIRO COMPARATO	160
SÃO PAULO, Ó MINHA CARENTE SÃO PAULO ROMULO SILVA SANTANA	168
SUBÚRBIOS VITO ANTONIO ANTICO WIRGUES	180
ESCRITOS DE JOANA OLIVER QUEIPO (TRADUZIDOS DO ESPANHOL POR WILLIS SANTIAGO GUERRA FILHO)	194
MANEJO E CAÇA DE JAVALIS: POLÍTICA, AMBIENTE E COMUNIDADE ARTUR DOS SANTOS E GUILHERME GASTALDI	202

NATURA NATURATA

URBANO NOBRE NOJOSA

Em Espinoza temos a elucidação entre a distinção de Natura Naturans e Natura Naturata, expõe o autor no Breve Tratado: temos de um lado a Natura Naturans (Deus e os atributos) constituída pelo que concebido em si, por outro lado, Natura Naturata (os modos infinitos e finitos), o todo do que está In alio, do que precisa da Natura Naturans para ser e ser compreendido.

A condição da Natura Naturata está no princípio de uma multiplicidade de seres que possuem atributos e substâncias da potência de Deus como princípio criador e de ação de todas as coisas.

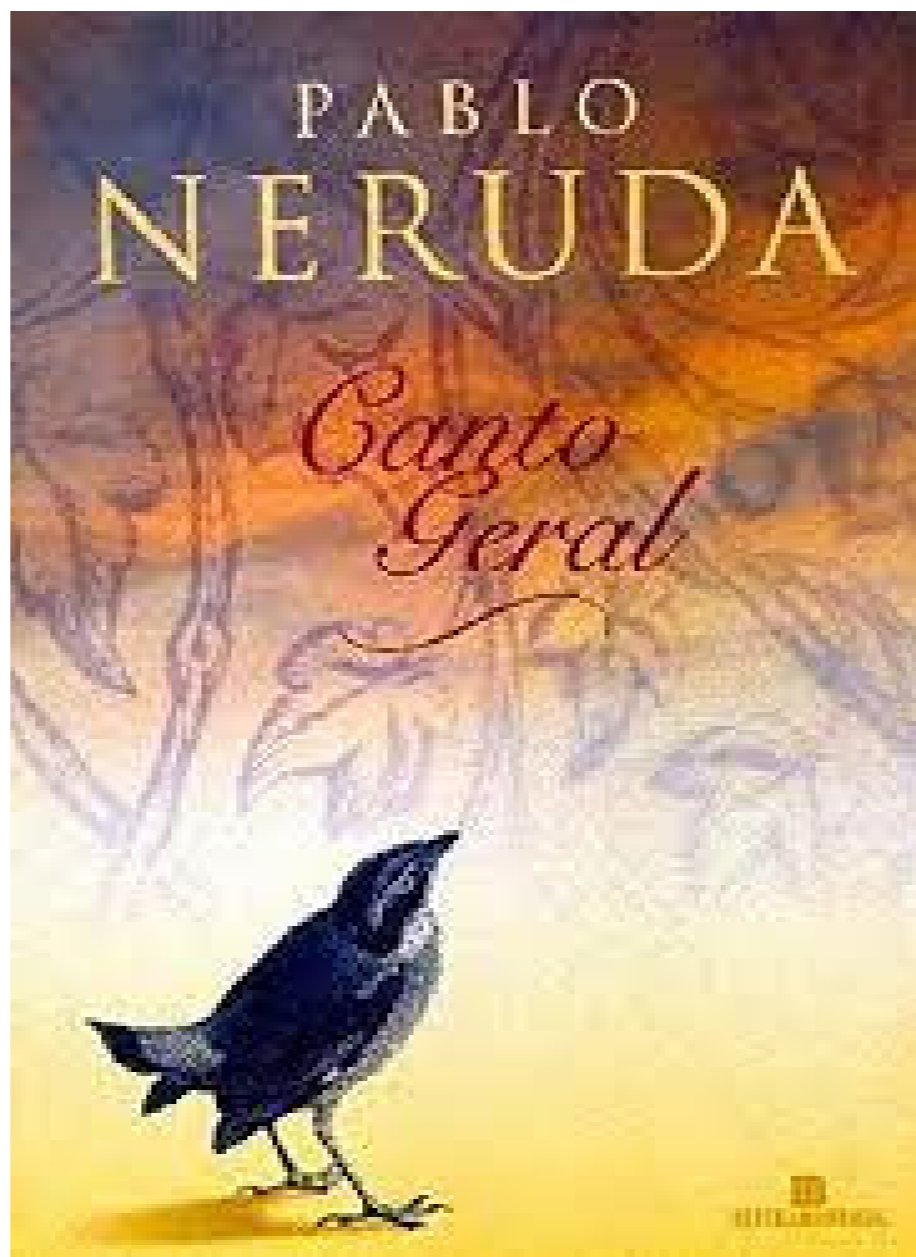
Esta condição se aproxima da perspectiva entre cultura e natureza impregnada no território da América Latina, que se diferencia da concepção europeia entre civilização e natureza, como ruptura em que a natureza é tratada como mundo selvagem. Portanto, a transição do Estado de natureza para o Estado civil seria o abandono da

condição selvagem para o projeto de civilização, em que a natureza seria negada por sua condição de bruteza e selvageria para o refino civilizatório da cultura.

Na América Latina essa separação não condiz com a cultura popular, pois é impossível separarmos a cultura da natureza; estabelecendo assim uma percepção telúrica da cultura em que os bichos, árvores e rios criam uma cadência poética que entusiasma a música, o canto, a dança, a prosódia da língua e da linguagem. Como evidencia Pablo Neruda em seu livro *Canto Geral*, no poema *Vegetação*:

Às terras sem nome
e sem número
baixava o vento de
outros domínios,
trazia a chuva fios
celestes,
e o Deus dos altares
impregnados
devolvia as flores e
as vidas.
Na festividade cres-
cia o tempo.

Essa terra sem nome tornava-se a pedra germinal, útero verde em que se constrói um tapete para invasão europeia, destruindo essa cultura-natureza como substâncias do Divino. Essa invasão empobrecida, violenta e redutora de tornar tudo



mercadoria, impôs o genocídio dos povos originários latino-americanos, em que empobreceu o colorido sonoro de milhões de corpos massacrados nesses mais 500 anos de ocupação territorial.

O Marco Temporal sobre terras Indígenas parte da tese em que

povos indígenas só podem reivindicar somente as terras ocupadas por eles antes da promulgação da constituição de 1988, desconsiderando grupos já expulsos de suas terras, que após essa data continuam defendendo o direito originário sobre as suas terras ancestrais, visto que seria obrigação constitucional do Estado Brasileiro demarcar todas as terras ocupadas originalmente por esses povos.

Carlos Drummond de Andrade já falava sobre a causa indígena na década de 1970 em uma coluna de título “Não deixem acabar com os yanomami” publicada pela folha de São Paulo no dia 02/08/1979, em pleno período da ditadura o poeta alertava que a luta dos povos indígenas por sua sobrevivência precisava de duas condições primordiais: retomada de seu território com a expulsão dos garimpeiros e, concomitantemente, a expulsão dos madeireiros responsáveis pela exploração das florestas.

Nesta carta Drummond faz uma convocação pública em defesa dos yanomami dizendo que: “Os Yanomami correm no momento um

grande risco e estão precisando de você. Não é necessário voar até lá para ajudá-los. Basta, primeiro, que você tome conhecimento da existência deles, do modo de viver que lhes é peculiar, e da situação que enfrentam, sem garantias e sem possibilidades de alto defesa. De posse desses dados, cabe a você interessar-se pelo projeto de um grupo de antropólogos, juristas, médicos e jornalistas, que visa a proteger a vida pacífica dos ianomami, nos locais que habitam e dentro do tipo de cultura que é tradicionalmente o deles.”

O debate sobre o marco temporal traz além da questão da demarcação das terras indígenas, a defesa de sua cultura que reflete seus corpos-territórios, em que a natureza coabita criativamente nos nomes dos frutos, raízes e madeiras como uma farmácia viva, numa gastronomia de sabores, essências e temperos; assim como, nos projetos de ecodesign aplicados na arquitetura, artes e artesanatos. Enfim, num corpo-território vivo em movimento consonante com os signos-natureza.

As culturas dos povos originários traduzem a natureza num caleidoscópio cromático e sonoro. Não como um mero aglomerado de fenômenos catalogados e categoriais, mas ao contrário, numa rede de relações complexas e sinuosas, pois suas formas sincrônicas e diacrônicas envolvem passado e futuro, tradição e inovação, e não oposições deterministas. São trocas simbólicas expressas nos ritmos dos povos originários, em uma construção sincrética entre natureza/cultura.

O poema místico A Linguagem dos Pássaros escrito na Pérsia do século XII por Farid ud-Din Attar, traz uma narrativa alegórica dos ritmos dos cantos dos pássaros, revelando o ritmo sonoro nesse jogo entre o vazio e o cheio, em que nesse ínterim de presença do som, como ausência e presença, ocorre a fecundação do sagrado, inaugurando um acontecimento divino.

No ritmo do canto dos pássaros podemos dizer que existe a poesia, pois, esse fazer, criar e produzir assemelha-se a invocação da relação entre presença e ausência rítmica, o símbolo sonoro invoca uma

linguagem em que falava Dionísio da Areopagita, da ciência das forças da hierarquia, estratificação e imitação que se aproxima de Deus. Por isso, sem ritmo sonoro não podemos compreender os sons da natureza, como também, não podemos nos aproximamos dos desígnios de Deus para o bem viver.

Os cantos indígenas ampliam a presença dos ritmos sonoros nas águas das cachoeiras, no cair das chuvas, no cantar dos pássaros, das ventanias e do zumbido das abelhas. Esse ritmo sonoro natural cria relações para entendermos posteriormente as linguagens do cinema, fotografia, artes dramáticas, música e poesia. Entretanto, essa condição rítmica na América Latina torna-se amplificada pela miscigenação dos corpos-territórios complexos, em que o paradoxo das linguagens libera os monstros hibridizados superando sua existência de incoerente, absurdo, contraditório e insensato para a prosódia da língua nas cidades e suas bordas culturais.

O paradoxo do olhar latino-americano se destaca de elementos barroquizantes, em que as

contradições superam o prisma de oposições dualistas, em que as artes se enlaçam, criando uma transdução estética entre pintura, esculturas, arquiteturas, poesias etc. Existe um ritmo de contraste entre luz e sombra, um frescor no olhar tropical, uma poiesis em continuidade que não se resolve, pois prolifera-se ao infinito criativo dentro da finitude dos corpos em relações de criatividades conexas. Por exemplo, a poesia afro-cubana de Nicolás Guillén no exercício da tradução das contradições de linguagens rítmicas numa mescla selvagem dos corpos da mestiçagem indígenas, espanhol-europeu e negros-africanos, em seu poema llegada:

¡Aquí estamos!

La palabra nos viene
húmeda de los bosques,
y un sol enérgico
nos amanece entre las
venas.

El puño es fuerte
y tiene el remo.

En el ojo profundo

duermen palmeras
exorbitantes.

El grito se nos sale
como una gota de oro
virgen.

Nuestro pie,
duro y ancho,
aplasta el polvo en
los caminos abandonados
y estrechos para
nuestras filas.

Sabemos dónde
nacen las aguas,

y las amamos por-
que empujaron nuestras
canoas bajo

los cielos rojos.

Nuestro canto
es como un músculo
bajo la piel del alma,
nuestro sencillo
canto.

Traemos el humo en
la mañana,

y el fuego sobre la
noche,

y el cuchillo, como
un duro pedazo de luna,

apto para las pieles
bárbaras;

traemos los caimanes
en el fango,

y el arco que dispara
nuestras ansias,

y el cinturón del
trópico,

y el espíritu limpio.
Traemos

nuestro rasgo al per-
fil definitivo de América.

¡Eh, compañeros,
aquí estamos!

La ciudad nos espera
con sus palacios, tenues

como panales de
abejas silvestres;

sus calles están secas
como los ríos cuando no
llueve en la montaña,

y sus casas nos
miran con los ojos pávidos
de las ventanas.

Los hombres anti-
guos nos darán leche y
miel

y nos coronarán de
hojas verdes.

¡Eh, compañeros,
aquí estamos!

¡Eh, compañeros,
aquí estamos!

Bajo el sol
nuestra piel sudo-
rosa reflejará los rostros

húmedos

de los vencidos,
y en la noche, mien-
tras los astros ardan en la

punta

de nuestras llamas,
nuestra risa madru-
gará sobre los ríos y los

pájaros.

NEHTIPO



NÚCLEO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA, TRABALHO,
EDUCAÇÃO E PODER (PUC-SP)

Associação de Geógrafos de Mato Grosso do Sul

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
JORNALISMO

PALESTRA

**ÚLTIMOS ESCRITOS DE MARX:
REVOLUÇÃO COMO ALTERNATIVA AO CAPITALISMO**

**19H
19/09
PUC/SP**

**KEVIN B ANDERSON
UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA, SANTA BÁRBARA (UCSB)**

AUDITÓRIO 117 A

The International Marxist-Humanist

[HOME](#)

[ARTICLES](#)

[PUBLICATIONS](#)

[LANGUAGES](#) ▾

[EVENTS](#)

[ABOUT](#)

[DONATE](#)

[CONTACT](#)

A close-up, slightly blurred image of a flag with horizontal stripes of dark blue, white, and red, and a green section at the bottom right.

The Middle East and the World After October 7, and Israel's War on Palestine

October 15, 2023 Length:1217 words

[ABOUT THE AUTHOR](#)

THE MIDDLE EAST AND THE WORLD AFTER OCTOBER 7, AND ISRAEL'S WAR ON PALESTINE

KEVIN ANDERSON

A global turning point has been reached, showing systemic fragility, but with genocidal repression looming over Gaza -- Editors

-- Approved as a Statement of the Steering Committee of the International Marxist-Humanist Organization
The October 7 attack by Hamas militants from Gaza into Israel, across one of the most closely guarded borders in the world, constitutes nothing less than a global turning point. Some 1300 Israelis were killed, military bases overtaken, parts of the world's most sophisticated surveillance apparatus expertly dismantled, and 150 hostages transported back into Gaza. Nor did Israel's vaunted international intelligence agencies, whether Mossad, Shin Bet, or military intelligence, let alone their counterparts in the CIA or European intelligence agencies, catch wind of what was coming.

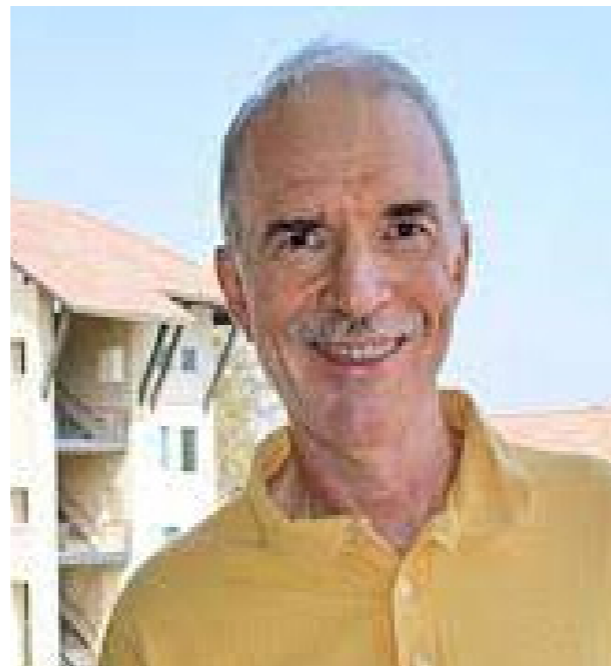
Never has the delusion of rulers that they have created "security"

for themselves and their regimes through repression and walling people in been exposed in so stark a fashion. Surely, this pertains not only to the nuclear-armed, technologically advanced, and militarily hyper-organized Israeli state, but also to those everywhere who rule over subject peoples through vastly superior force and relentless surveillance, from China to Turkey, and from Russia to the U.S.

The grand illusion of the U.S., Israel, and their allies and client states was that, after having been politically isolated, confined, and driven to despair, the Palestinian people would gradually disappear or acquiesce to the new "reality" in which even Arab states were increasingly normalizing relations with Israel in agreements that no longer even pretended to help Palestine, what even King Abdullah of Jordan called agreements that "fly over" Palestine. October 7 shattered that myth, showing that, as in Poland, Ireland, or South Africa in earlier times, or the history of the Jews themselves, oppressed peoples

who've acquired a clear sense of identity and organization are capable of outlasting their oppressors, even in the face of decades and even centuries of setbacks. This too is reality.

It is also clear that Israel, which is lurching toward authoritarianism, even fascism, in recent years, is not launching a "surgical" operation to free the hostages grabbed by Hamas fighters. In fact, it is showing absolutely no regard for them. Instead, with full acquiescence from the U.S., a genocidal crackdown on the entire Palestinian people of Gaza is occurring. At this writing, thousands of Palestinians have been killed by relentless airstrikes, with tens of thousands, or even more, sure to follow. The Israeli military



has indiscriminately levelled schools, hospitals, and mosques.

Israeli government ministers have called the Palestinians "human animals," also beginning a medieval-style

siege reminiscent of Sarajevo in the 1990s, which has cut off electricity, food, fuel, other supplies, and even water. Israeli Prime Minister Benjamin Netanyahu has stated openly that Hamas members are "dead men," signaling to his military that no prisoners need be taken. Most ominously, the Israeli state is forcing Palestinians in the northern half of Gaza, home of some one million people, to flee their homes or die. This includes large hospitals and their patients, another clear war crime. Is Gaza as a whole to be ethnically "cleansed," its 2.5 million people to

be driven into the Sinai desert?

As these horrors transpire, with more to come, the U.S. government and its political class have unified around a policy of giving Israel a free hand, even more so than in previous conflicts. While highlighting Israeli deaths, they have ignored events like the October 9 death of a single family in Gaza, let alone the thousands killed in reprisal by Israeli bombs since October 7. The European Union has had a remarkably similar response, with not only Germany, but even France, a purported ally of Palestine, banning all pro-Palestine demonstrations. Sadly, the Ukrainian government has sided with the forces of colonial occupation too, even as it battles Russian colonialism inside its own borders. Inside the large capitalist countries, the October 7 attack is solidifying a conservative and reactionary politics of militarism, vengefulness, and Islamophobia. In the U.S. and elsewhere, McCarthyite witch hunts are targeting voices that support Palestine,

not only ones did not highlight Hamas atrocities first and foremost, but even those who postulate an equivalency between Hamas and the Israeli state. Blacklists of pro-Palestine students are being assembled by U.S. employers, and some have already lost their jobs.

Another regional war is a possibility, with two U.S. aircraft carriers now off the coast of Israel and Lebanon to "protect" Israel. Will the war extend into northern Israel and Lebanon, with Israel and even the U.S. vs. Iranian-backed Hezbollah?

At a general level, we must proclaim as a clear principle the right of the oppressed and the colonized to rise up. According to Elias Sanbar, a Palestinian diplomat and writer, "Yes, some actions committed in the course of military operations are war crimes. But public opinion needs to understand that we are also faced with a legitimate war against an occupying army" (Interview with Benjamin Barthe, *Le Monde*, Oct. 13, 2023). Thus, if we can support Ukraine,

we also should support Palestine.

But we need to ask another question too: What has Hamas actually achieved with its October 7 incursion, dramatic as it was? Did Hamas think it could defeat Israel in fighting on the streets of Gaza with its 35,000 disciplined fighters? Or did it think in the end that because its fighters were “godly” that they would win? Did it even weigh in its calculus the mass deaths of Palestinians sure to follow from a regime like that of Netanyahu? For another lesson of history is that one can assassinate leaders or stage small-scale dramatic attacks, but actually achieving national independence, let alone real liberation from colonialism or capitalism, requires a truly mass movement, rooted in the working people, not a secretive cadre of dedicated young men substituting themselves for those masses. (For some astute critiques of Hamas from the Left, see Gilbert Achcar, “Initial Comments on Hamas’s October Counter-Offensive,” International Viewpoint, Oct. 9, 2023). Ultimate victory

also requires a positive, humanist vision that would inspire those masses, including some inside the oppressor countries themselves. Massacring and taking civilians as hostages, all the while espousing a narrowly nationalist, conservative ideology, does not fulfill that need.

That said, it must be reiterated that the fragility of global systems of oppression and exploitation has been laid bare by October 7. This has led to gigantic demonstrations in Jordan and other Arab and predominantly Muslim countries, where a sense of despair and disengagement had followed the defeat of the Arab Spring of 2011. The same kinds of forces that touched off 2011 are now back on the streets. Around the world, too, young people are hitting the streets or demonstrating on their campuses in support of Palestine and against the impending genocide in Gaza.

Unfortunately, such liberatory forces are not at present strong enough to compel powers like the U.S. to stay the hand of Netanyahu

and his accomplices in what is now a genocidal “unity” government including top generals of all political persuasions. For as is well known, a single call from Biden to the U.S.’s client, the Israeli state, could save untold lives.

We and our friends and allies need to be part of the broader movement of resistance, always putting forth a revolutionary humanist alternative to the powers that be. At present, that means doing all we can to support Palestine and to stay the hand of genocide in Gaza.

seminário

A JUSTIÇA DE TRANSIÇÃO NO BRASIL E A LUTA POR REPARAÇÃO

27/10 - 8h30 às 19h



Crédito: Memorial da Resistência.

Navio-Prisão Raul Soares - Santos, 1964.

FACULDADE DE DIREITO DA USP

LARGO SÃO FRANCISCO

Auditório Rubino de Oliveira

1º andar - Prédio Histórico

ORGANIZAÇÃO

IIEP

☎ (11) 97110-2474

✉ secretaria@iiep.org.br

APOIO

GPTC-USP

terra da
poesia

GUZAL

Organização
Muhammad Taysir

Tabla.

Jonnefer Barbosa

CAPITALISMO, TERRITÓRIOS E ZONAS DE EXCLUSÃO

**SÉRIE
PANDEMIA**

**M-1
edições**



TERRITÓRIOS E ZONAS DE EXCLUSÃO

RODA DE CONVERSA



JONNEFER BARBOSA

ACÁCIO AUGUSTO

ALANA MORAES

YOLANDA GAMBOA MUÑOZ



URBANO NOBRE NOJOSA



21/10 | 10H

GALERIA METRÓPOLE

LOJA 8 | 3º ANDAR

*M-1
edições*

INTRODUZINDO A TRANSMATEMÁTICA

Willis Santiago Guerra Filho¹

Willis Santiago Guerra Filho[* Professor Titular do Centro de Ciências Jurídicas e Políticas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Livre-Docente em Filosofia do Direito pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Doutor em Ciência do Direito pela Universidade de Bielefeld, Alemanha; Doutor e Pós-Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Doutor em Comunicação e Semiótica (PUCSP); Doutor em Psicologia Política (PUCSP).]

Atualmente, o que se presencia é uma ênfase desmesurada em modos de pensar a realidade por meio de esquemas matemático-formais, axiomáticos, à moda dos géometras. Em sua origem, notem-se, estes esquemas não seriam equivalentes uns aos outros, pelo menos na Antiguidade, pois o fundador do modo geométrico de pensar, isto é, da geometria, Euclides, não fundamenta seu sistema em “axiomas” (axiómata), mas sim em “postulados” (eitémata), quando a distinção entre ambos já fora estabelecida por Aristóteles (em “Analyt. Post.” I 19, 76b/31), sendo os primeiros referidos como princípios últimos que carecem de prova por fornecerem o fundamento da prova em

matemática. Já os postulados seriam assertivas que para uso docente se dispensava a prova, pois poderiam ser empregados em sala de aula sem necessidade de serem provados. No uso hoje generalizado, porém, um procedimento intelectual é dito “axiomático” quando se fornece uma lista o mais completa possível das assertivas consideradas válidas, apesar de não-demonstradas, de que se parte, para chegar a conclusões por dedução.

Axiomática e dialética se assemelham não só por operarem com análise e síntese do “universal simples”, onde naquela ressalta o primeiro desses procedimentos, enquanto essa última enfatiza o segundo. Outro forte elo de ligação é o impacto, que se registra em ambas, da ideia de infinito. Pelo depoimento que se tem de vários

matemáticos, desde a Antiguidade Clássica, com os famosos paradoxos de Zenão de Eléia ou com a descoberta dos números irracionais pela Escola Pitagórica, passando por trabalhos dos mais significativos para a matemática moderna, como “Paradoxien des Unendlichen”, de Bolzano (1851), ou “Über das Unendlichen”, de Hilbert (1925), pode-se dizer, com outro grande matemático contemporâneo, Hermann Weyl, que a matemática é “a ciência do infinito”, assim como a dialética, para Hegel, conduz, para além do “saber finito”, analítico e abstrato, ao “saber (do) absoluto”, que é também sintético e concreto.

Para se encontrar o sentido mesmo do método axiomático, seu modus operandi, há que se determinar aquilo que permite à matemática aprofundar-se cada vez mais

na exploração do domínio que ela estabelece como o seu próprio, até chegar a encruzilhadas que unificam diversos campos desse domínio, para logo em seguida descobrir novos campos e novos problemas. Externamente, o que possibilita isso, o “motor” da matemática, estaria naquele mecanismo chamado “análise”, isto é, na distinção de dificuldades para melhor resolvê-las, com o que se dá uma progressão do pensamento no sentido de uma crescente abstração. Esse movimento, contudo, requer um outro, em sentido inverso, de retorno ao problema concreto, que teve suas partes constituintes isoladas, para melhor serem entendidas. Esse é o momento da síntese, que não aparece externado quanto se utiliza o método axiomático, mas que, na verdade, é o que o justifica.

Aqui tocamos questão de grande significado filosófico: a do isomorfismo entre o mundo ideal da matemática e o mundo real dos fenômenos, que se revela tão clara como enigmáticamente na aplicação da geometria riemanniana para o desenvolvimento da teoria

da relatividade geral ou das equações schrödingerianas na mecânica quântica. Para ilustrar o que se quer dizer, retornemos, porém, ao velho e bom Newton, que para resolver os problemas a que se propôs, e formular as leis da mecânica clássica, teve que criar um aparato matemático adequado, o qual veio a ser o cálculo diferencial e integral. É certo que as possibilidades de desenvolvimento da matemática então abertas excederam de muito a sua aplicação direta e imediata na física newtoniana, mas esse desenvolvimento sempre resulta no enriquecimento de um thesaurus de formas abstratas, combinadas de modo rigorosamente pré-determinado em estruturas, que servem como instrumento de intervenção mais efetiva do pensamento na realidade, por tornar mais econômica - e, logo, mais ampla - a sua expressão.

Retomando o exemplo do cálculo diferencial e integral, agora para exemplificar a dialética do finito e infinito na matemática, pode-se dizer que diferenciar uma função é sua decomposição infinitesimal, uma análise até o

“infinitamente pequeno”, enquanto integrá-la é dar o passo no sentido inverso, da síntese, recompondo-a no finito, pela fixação de seu limite.

A exploração matemática do infinito fornece igualmente um excelente exemplo para o que se disse mais acima, sobre como o aprofundamento dessa exploração, por motivos teóricos e práticos, leva a que se encontre pontos de interseção entre diversos campos da matemática e, a um só tempo, à descoberta de novos campos e de uma problemática também nova. Trata-se da questão topológica de como estabelecer uma fórmula algébrica que corresponda à descrição do trajeto de uma reta num plano contínuo irregular, o que requer o emprego da teoria dos números transfinitos e da hipótese do contínuo, tal como formuladas por Cantor. Dessa teoria, deriva a teoria dos conjuntos, um novo campo da matemática, que veio a se revelar isomórfico àquele outro, da lógica matemática, desenvolvido por Boole, Frege, Russell etc.

A teoria dos conjuntos representou um impulso no sentido de se

obter uma fundamentação lógica da teoria das funções e, especialmente, do cálculo infinitesimal, além de unificar uma série de esforços voltados para o desenvolvimento de uma descrição rigorosa do contínuo. Somando-se o desenvolvimento contemporâneo do cálculo lógico, i.e., da logística - que depois se reconheceu como seu equivalente em um outro domínio de discurso -, tem-se como resultado uma tendência à algebraização e, logo, com Hilbert, uma crença inabalável na possibilidade de uma axiomatização onibrançante, capaz de unificar a matemática.

A ideia de “conjunto” (Menge) - termo que na verdade não é utilizado por Cantor, que emprega vários outros, como “classes” (Klassen), “compósito” (Inbegriff) e sistema - ocorre, na verdade, espontaneamente, a toda criança, ainda mesmo de ir para a escola, como mostram estudos bem conhecidos de Piaget. E, já nos primeiros anos de escola, pelo método da “matemática moderna”, já se transmite aos alunos rudimentos da teoria dos conjuntos. Aí, porém, tratam-se

de conjuntos de objetos concretos, e conjuntos finitos. Esse fato teria sido de uma influência maior do que se costuma perceber, na formulação de Cantor, cuja preocupação com a relação entre sua teoria e a realidade, bem como a inserção dessa teoria e de sua concepção do infinito num quadro filosófico mais amplo, tem um significado que autores contemporâneos não reconhecem devidamente. De qualquer forma, a ideia de conjunto concebida por Cantor é aquela de conjuntos infinitos, e isso em um grau de abstração sem par na matemática, até então, já que conjuntos são por ele entendidos como uma unidade com uma pluralidade de elementos, sejam eles o que forem. Assim, apesar de extremamente abstrata, a teoria dos conjuntos tem um referente bastante concreto, como demonstra o fato de nela encontrar aplicação os postulados da aritmética, que, em sua versão transfinita, renovou as esperanças de se obter um fundamento comum e seguro para a matemática.

Essa via, tomada pela matemática, através da teoria dos

conjuntos, de, por abstração, encontrar na concretude de cada coisa a universalidade de todas as coisas, a unidade (do conjunto) na pluralidade (dos elementos), é precisamente a mesma via para a qual aponta a dialética.

Na virada do século, porém, a teoria dos conjuntos começa a apresentar resultados paradoxais; esbarra-se em antinomias, em contradições, apesar de se observar um procedimento lógico e matematicamente correto. Apenas para dar um exemplo, bastante conhecido, pode-se mencionar o paradoxo que representa a questão de como conceber o conjunto de todos os conjuntos sem ser um elemento de si mesmo, paradoxo semelhante àquele que levou B. Russell a criar sua “teoria dos tipos”, na lógica matemática. Também o questionamento, por Frege, do conceito de “número”, “balançaram” a aritmética, logo, a matemática como um todo, que nela voltava a buscar apoio, com trabalhos como os de Hilbert, que reage proclamando que “do paraíso que Cantor criou para nós ninguém vai poder nos

expulsar”. É quando a matemática torna-se decididamente reflexiva - como, aliás, a filosofia, crítica e dialética, que é “episteme epistemes” (Platão, “Charmides”) -, isto é, meta-matemática, ao introduzir em seu objeto de estudo o próprio procedimento de prova matemática. Mesmo assim, um gênio de nossa época, Kurt Gödel, do quilate de seu amigo Einstein, nos expulsou também daquele “paraíso”, com dois teoremas matematicamente hiper-complexos, mas que se pode resumir o que expressam da seguinte forma:

Primeiro teorema: Com todo cálculo axiomático livre de contradições pode-se chegar a expressões ou fórmulas indecidíveis (unentscheidbar) pelo cálculo, apesar de verdadeiras em seu conteúdo e passíveis de serem comprovadas por artifícios que não estão codificados no cálculo, isto é, que se colocam fora do sistema. Denominando essas fórmulas de A, então tem-se que, pelo cálculo, tanto A, como não-A são indedutíveis.

Segundo teorema: Por meio de um formalismo axiomático do

tipo acima mencionado, livre de contradições, não se pode demonstrar, com seus próprios meios, essa falta de contradição do sistema axiomático, isto é, para realizar uma prova da falta de contradição (Widerspruchsfreiheitsbeweis) há que se empregar meios validados fora do sistema.

Dessas “assertivas da incompletude” (Unvollständigkeitssätze) de Gödel resultou uma mudança radical na concepção até então estabelecida sobre a natureza da matemática, pois mesmo que se possa obter provas da falta de contradição de dado sistema axiomático, essa falta de contradição não pode ser provada para a matemática como um todo.

Para darmos conta disso, porém, temos que nos confrontar - e, não, evitar, por paradoxal e antinômica - com a contradição e a auto-referência. Foi precisamente isso o que fez Spencer-Brown em sua “Lógica das Formas” (Laws of Forms), quando recusou-se a aceitar o caminho proposto em teorias como aquela dos tipos, de Russell

- e, diga-se de passagem com a aquiescência do próprio Russell (cf. Spencer-Brown, ob. cit., no prefácio à primeira edição americana da obra, de 1971, p. XIII/XIV) -, em que se afasta o paradoxo da auto-referência por um expediente ad hoc: distinguir os planos da metalinguagem e da linguagem-objeto, para evitar o paradoxo do conjunto de todos os conjuntos que não pode ser subconjunto de si mesmo. Como propõe o chileno Francisco Varela, [“A calculus for self-reference”, in: International Journal of General Systems, vol. 2, London, 1975, p. 5, 21/22.] se dermos vazão livremente à capacidade inerente a todo discurso de se referir a si mesmo, se buscarmos a circularidade da auto-referência e do paradoxo, ao invés de temermos o dano que causam à linearidade do pensamento axiomático, então nos damos conta de que aí não há nenhuma anomalia, mas sim um sinal da autonomia de um novo domínio do discurso, que se nos revela.

Spencer-Brown fornece um exemplo bastante claro do procedimento que adota para expandir os

domínios do discurso matemático. Propõe que se considere a seguinte fórmula: $x^2 + 1 = 0$. Daí resulta $x^2 = -1$, e dividindo ambos os lados por x , tem-se $x = -1/x$.

O A. aponta, então, para o carácter auto-referencial desse procedimento, semelhante àqueles que em lógica levaram à introdução - desnecessária, segundo ele - da teoria dos tipos, por Russell, que distingue níveis de discurso para que uma assertiva possa referir-se a ela própria, sem contradição. E isso porque a raiz quadrada de x , que buscamos, é reintroduzida na expressão de que partimos para essa busca... E assevera ainda que facilmente se constata a necessidade de x assumir a forma de uma unidade, para que a equação equilibre-se numericamente. Partindo do pressuposto de que x pode ser um número positivo, negativo, ou zero, e que um número diferente de zero só pode ser positivo ou negativo, tem-se, como opção para o valor de $x+1$ e -1 . Sendo $x = +1$, tem-se $+1 = -1/+1 = -1$, o que é paradoxal. Sendo $x = -1$, tem-se $-1 = -1/-1 = +1$, o que é igualmente paradoxal.

Para escapar de uma tal situação paradoxal se introduz uma quarta classe de números, chamados imaginários, de forma que a potência buscada na equação é $+i$, onde i é um novo tipo de unidade, igual à raiz quadrada de menos um ($i = -1$).

Aplicando essa concepção a álgebras booleanas, Spencer-Brown propõe que um argumento válido pode assumir não só três estatutos, i.e., verdadeiro, falso, e sem-sentido, mas também um quarto, a saber, imaginário. As consequências de se aceitar essa introdução de “valores booleanos imaginários”, segundo o A., são de grande impacto na lógica, filosofia, matemática e, mesmo, na física, pois lança nova luz sobre nossos conceitos de matéria e tempo, nos preparando para conceber um universo que tende para o caos (v. 2a. lei da termodinâmica). Também, com a introdução desses novos valores, se supera as limitações de um cálculo gödeliano, ao permitir que se empregue produtiva e construtivamente a auto-referencialidade, principal fonte dessas limitações.

A “aceitação” das contradições

e antinomias, produzidas por um discurso auto-referencial, que decorre de trabalhos como esse de Spencer-Brown, irá fertilizar, na verdade, muito mais campos do conhecimento humano do que suspeitava o próprio A. - e até as artes plásticas, como mostra a obra gráfica de M. C. Escher, com suas estruturas auto-referentes. Isso porque virá ao encontro do desenvolvimento contemporâneo de disciplinas ditas “transclássicas”, por já não serem mais um campo especializado de estudo, mas sim uma perspectiva a partir da qual se poderia estudar os mais diversos fenômenos - donde o seu holismo, em contraposição (ou melhor, talvez, em complementação) àquela do reducionismo da ciência moderna. Refiro-me a “disciplinas” como a cibernética (N. Wiener), a teoria geral de sistemas (L. v. Bertalanffy), a semiótica, as teorias gerais da informação e comunicação etc. Assim, H. v. Foerster vai propor a “cibernética de terceira ordem”, para descrever sistemas cibernéticos, dotados de inteligência artificial, que se auto-regulam; G. Bateson

e P. Watzlawick vão empregar no estudo da comunicação humana e da psicologia essa descoberta do significado da capacidade inerente a todo discurso para produzir paradoxos através do emprego da auto-referência; e, finalmente, last but not the least, o desenvolvimento, sob a influência direta desses trabalhos apenas mencionados, da concepção de autopoiesis, na biologia, pelos chilenos Humberto Maturana e o há pouco (novamente) referido Francisco Varela, para designar o processo pelo qual o que é vivo se (auto)reproduz, ideia estendida aos mais diversos campos das ciências formais, naturais e também, como vimos, principalmente graças a Niklas Luhmann, às ciências sociais, donde já se ver aí a emergência de um novo paradigma ou modelo de pensamento, uma espécie de sucedâneo da própria filosofia, no campo científico.

É certo que esse ensaio não comporta uma exposição nem sequer sumária da obra de Spencer-Brown, mas indicar alguns de seus traços fundamentais se fez necessário para dar seguimento à presente

argumentação. Essa obra, aliás, conta dentre seus méritos, como ressalta o próprio autor na sua introdução, a preocupação em “começar do zero”, numa exposição que pode ser acompanhada por quem não tem conhecimentos especializados em matemática, ao realizar uma “gradual building up of mathematical notions and common forms of procedure without any apparent break from common sense”.² E isso porque nosso autor, em consonância com o que se defendeu acima, entende que o formalismo da matemática é apenas um de seus aspectos, pois, em última instância, o que se pretende alcançar desenvolvendo essa forma, capaz de tanto expressar com tanta concisão, “is to provide a more general form in which the ordinary language of experience is seen to rest”.³ A matemática busca, então, continuamente, transcender uma forma dada de visualização, para atingir outra, inaparente, o que implica uma expansão de consciência, tornando-a, nesse sentido, “psicodélica”.⁴

Da mesma forma, o objeto da lógica, por mais que esta se

revista de simbolismo, não será equiparável ao da matemática se não transcender o domínio do puramente lógico, conectando-se com outros da “realidade”, o que ocorre quando através dela “we are able to perceive its ground as a part of a more general form, in a process” (ib.:XX). Ora, é precisamente isso que Hegel almejava com sua lógica dialética, em que essa “more general form” é chamada “ideia absoluta”.

Assim, tanto a matemática como a lógica se apresentam como “a treatment of the form in which our way of talking about our ordinary living experience can be seen to be cradled”. O objetivo de sua obra, então, é expressar as leis dessa forma, captando-a confrontando (para) o que comumente se pensa (doxa), por meio de paradoxos, uma forma de “desgödelizar”, que não seria acessível nem a uma IA, pelo menos enquanto não for “forte”, em se mantendo a colocações já clássicas de J. R. Lucas.⁵

Ao formular um paradoxo, portanto, para nos centrarmos no ponto crucial, se radicaliza absurdamente distinções que fazemos,

que remetem à distinção básica que nos permite iniciar o processo de conhecimento, entre sujeito cognoscente e objeto cognoscitivo, e o absurdo do paradoxo, da antinomia, nos leva a conceber um novo domínio, mais amplo, em que os opostos podem reencontrar sua unidade. Assim fizeram, no início da filosofia, Eubúlides e demais representantes da Escola Megárica com seus jogos mentais, os eleatas, com seus paradoxos, Sócrates, com seu questionamento irônico; assim fazem, em outro ambiente cultural, os monges zen-budistas, com os koan que propõem aos seus discípulos; assim fez Nietzsche, com seus aforismos morais “inversores”, Wittgenstein, com os jogos de linguagem de suas “Investigações Filosóficas”, marcos da filosofia contemporânea; e assim fez Hegel, com seu método dialético baseado na estrutura auto-referencial da “negação da negação”. A dialética, portanto, tanto na Antiguidade como hoje em dia, com sua “negação da negação”, nos possibilita recuperar a unidade perdida, apontando para a auto-referência pressuposta no discurso de

negação da contradição, axiomático, analítico, ao mesmo tempo em que nos projeta em um outro nível cognitivo, em que se apresenta a verdade do “uni-versum”, na unidade dos opostos. É dessa condensação que se trata no âmbito da chamada “transmatemática”.

Walter Gomide conclui assim artigo relacionando os números transreais, da transmatemática, com os surreais: “Then Nullity is the arithmetical image of the Eternity, beyond the time; and the time starts with zero, and from zero we go to the totalities, (...)”.⁶ É bem clara e elegante a seguinte definição da nulidade: Nullity could be seen as the superposition of all numbers, since it is the indeterminacy that results from dividing zero by zero. If one calls R the superposition of all real numbers, then $= 0/0 = {}^7R$.

Este é um número transreal, o nullity ou nulidade, que estaria situado no tempo eônico, enquanto o zero naquele cronológico. Aqui refiro ao que Hedwig Conrad-Martius definiu como sendo o “tempo eônico”.⁸ Este é o antípoda do tempo real, pois se ele (e nele) é, realmente,

sempre, só, o agora, (n)aquele, ao contrário, é já presente tudo o que aconteceu e acontecerá no mundo abaixo ou melhor, dentro dele.

Ao que me parece, o tempo real, cronológico, é o dos números reais (e surreais), enquanto o eônico é o dos transreais, o tempo de todos os mundos possíveis, sendo o(s) nosso(s) nada mais que (a) caso(s) dele(s).

Daí o referido Walter Gomide propor, no final de uma carta para amigos (um amigo e uma amiga, na verdade) italianos: “that there is no usual physical connection between Nullity-dimension and the observable world $\langle x,y,z,t \rangle$; there is strange ‘spooky action’ between Nullity and the world of events $\langle x,y,z,t \rangle$ ”.⁹

Portanto, não é na eternidade deste nosso(s) mundo(s) que estaria Deus, mesmo considerando tal eternidade como a totalidade dos seus instantes, conceito de Bolzano que para Walter Gomide seria o pano de fundo para o conceito “conceitual” de zero de Frege, como o número primeiro, singular, que não é igual a si mesmo.¹⁰ Ele, com

a nulidade, estaria no tempo eônico, ao qual, segundo Hedwig Conrad-Martius teriam acesso místicos e iluminados (ou despertados, como prefiro), e ela cita o Buda. Também entidades recebidas por médiuns, segundo minha experiência pessoal, fariam a partir desse tempo e do(s) mundo(s) que lhe correspondem. Então, Deus, nesse mundo dito real, dos números reais, do tempo cronológico, não existe mesmo, “eksiste”, está fora dele, em um outro, que o contém, acessível para nós por meio das “técnicas do êxtase” - substâncias psicoativas, transe por cantos, danças, orgasmos, sonhos...

Quanto a saber se haveria continuidade entre os dois mundos, aquele real e o ideal, Husserl entenderá, nos seus últimos - e magníficos - esforços, consubstanciados nos textos de “A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental”,¹¹ que de maneira alguma tal ocorre, pois são domínios separados por um abismo, visto que o ideal não é um dos possíveis do real, obtidos pela variação imaginária das formas sensíveis, e sim o contrário. Por isso que a reta será

melhor representada como uma continuidade imaginária dos pontos nos “pontos” em que se tocam, na série de círculos que agora seriam os pontos, postos lado a lado, como na “fibrção de Hopf”¹² onde cada fibra é projetada num círculo no espaço (um dos quais é um “círculo passando pelo infinito”, isto é, uma reta) -, evidenciando a verdadeira descontinuidade, que a imagem da reta nos oculta, assim como o conceito vulgar de tempo, enquanto um contínuo retilíneo infinito ou ilimitado, quando é, antes, ao contrário, circular, logo limitado, descontínuo, irreversível, porém infinito - então, se eterno, também será reversível, num eterno retorno, do igual (Nietzsche) e do diferente (Deleuze), antevisto na ekpyrosis da filosofia estoica.

Em assim sendo, é o conjunto de nulidades transfinitas que configura tudo o que, virtualmente, é, que só é por haver quem, vindo a existir, ilude-se com o começo e o correspondente fim de si,¹³ sem perceber o zero que somos neste plano e só deixamos aparentemente de ser ou de assim nos sentirmos quando

a ele outros se somam, iniciando uma contagem cronológica que penso melhor se entende como uma adição ou multiplicação de números transfinitos, os Alephs zero de Cantor, representações matemáticas de números contáveis mas infinitos - no caso, a rigor, indeterminados -, que somados ou multiplicados sempre têm como resultado outro Aleph zero, um outro conjunto contável e infinito.

A impressão é a de que paramos de lidar com as verdades necessárias da matemática e ingressamos no campo das verdades contingentes, como aquelas de nosso mundo histórico, sendo uma aparência enganadora, tal como postula Gregory Chaitin ao propor seu número ômega, o número maximamente incomputável, que contrariando o princípio supremo do racionalismo, o da razão suficiente, é verdadeiro, necessariamente verdadeiro, mas sem nenhuma razão que justifique - aliás, como o Aleph zero de Cantor. Para dar uma ideia do que se trata com tal número, o ômega, em texto que publicou homenageando o transcurso dos oitenta anos de

Newton da Costa, na conclusão, seu criador lança mão de uma comparação que dá margem à preocupação que a ele dedica Fabián Ludueña Romandini,¹⁴ ao descortinar o nível extremo de descolamento de qualquer substrato humano que assim se chega. É que “o genoma humano tem 6×10^9 bits, o que é muito, mas é finito. Mas a matemática pura tem os bits do Ω , que é um número infinito de bits de complexidade!”. No orig.: “the human genome is 6×10^9 bits, which is a lot, but it's finite. But pure mathematics contains the bits of Ω , which is an infinite number of bits of complexity!” -¹⁵Fabián Ludueña Romandini,¹⁶ onde se pergunta “se a nova ordo saeculorum não é capaz de oferecer o orbe enquanto tal como sacrifício perante os altares da Liturgia do anti-número Ômega”. Isso porque, como aduz adiante,¹⁷ o discurso político - assim como sua outra face, acrescentamos, o jurídico - é um discurso do limite, incompatível, portanto, com um universo concebido físico-matemáticamente como ilimitado, além de, para piorar, único e finito.

Concluindo com Deleuze,¹⁸ tem-se que:

(...) [o tempo é] essa relação formal segundo a qual o espírito se afeta a si mesmo ou a maneira pela qual somos interiormente afetados por nós mesmos. Não é o tempo que nos é interior. O tempo, portanto, poderá ser definido como o afeto de si por si, ou pelo menos como a possibilidade formal de ser afetado por si mesmo. É nesse sentido que o tempo, como forma imutável que já não podia ser definido pela simples sucessão aparece como a forma da interioridade (sentido íntimo) (...) ou ao menos ele não nos é especialmente interior, nós é que somos interiores ao tempo e, a esse título, sempre separados por ele daquilo que nos determina afeta-lo. A interioridade não para de nos escavar a nós mesmos, de nos cindir a nós mesmos,

de nos duplicar, ainda que nossa unidade permaneça. Uma duplicação que não vai até o fim, pois o tempo não tem fim (...).

E se o tempo não tem fim, para lembrar uma reflexão presente já na atomística dos materialistas gregos da Antiguidade, todas as variações nas composições entre os elementos existentes em um universo irão ficar se repetindo indefinidamente, num eterno retorno do igual, do equipotente (Nietzsche) e da diferença (Deleuze), manifestações transfinitas da nulidade, nulidade que é o vazio donde tudo brota e para onde tudo retorna, permanecendo sempre essa impermanência, o vazio pleno, pura forma, shunya: existe o inominado, o inconcebível, o não-nascido, e porque existe o não nascido, é por isso que pode existir tudo, na clara visão do zen-budismo. Por fim, Importa muito lembrar que não vivemos apenas no mundo compartilhado no estado dito lúcido, mas também transfinitamente em outros, sonhados.

NOTAS:

1. * Professor Titular do Centro de Ciências Jurídicas e Políticas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Livre-Docente em Filosofia do Direito pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Doutor em Ciência do Direito pela Universidade de Bielefeld, Alemanha; Doutor e Pós-Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Doutor em Comunicação e Semiótica (PUCSP); Doutor em Psicologia Política (PUCSP).

2. “A calculus for self-reference”, in: International Journal of General Systems, vol. 2, London, 1975, p. 5, 21/22.

3. Cf. G. Spencer-Brown, Laws of form, London: Allen and Unwin, 1969, p. XII (reimpressão de 1971 disponível em <http://www.siese.org/modulos/biblioteca/b/G-Spencer-Brown-Laws-of-Form.pdf>).

4. *Ib.*, p. XIX.

5. *Id. ib.*, p. 85.

6. Em 1961, J. R. Lucas publicou “Minds, Machines & Gödel”, uma obra na qual argumenta contra

a IA forte, dizendo que qualquer implementação de um sistema artificial está sujeita a um conjunto fixo e definido de leis, tornando o sistema um sistema formal. primeiro teorema da incompletude pode ser aplicado a ele. A máquina será incapaz de provar que seu output é uma verdade aritmética dentro de seu próprio sistema formal. No entanto, um humano pode olhar e ver que a saída de tal máquina é verdadeira. Em outras palavras, há pelo menos uma coisa que uma mente humana pode fazer que uma máquina não pode. Portanto, uma máquina não pode ser um modelo completo e adequado da mente humana, concluindo desta forma que qualquer máquina criada pelo homem é “gödelizável”, pois nenhuma máquina poderá saltar de um sistema formal e formular o teorema de Gödel.

7. https://www.academia.edu/38543573/Nullity_and_the_Surreal_Numbers. Agradeço a Cristina Amazonas ter me remetido a este autor, em discussões no Grupo de Estudos do nosso Instituto EthikAI.

8. Cf. https://www.academia.edu/38606970/The_Geometry_of_God_Transreal_Version, no princípio.

9. Die Zeit, Munique: Kösel, 1954.

10. Disponível em https://www.academia.edu/45023194/The_Observer_was_the_Infinite_Mind_Comments_to_the_essay_The_theory_of_the_5th_dimension.

11. Cf. https://www.academia.edu/82620625/A_Defini%C3%A7%C3%A3o_Do_Zero_Em_Frege_O_Compromisso_Do_Platonismo_Fregeano_Com_a_Eternidade_De_Bolzano

12. Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendentale Phaenomenologie, col. Husserliana, vol. VI, ed. por W. Biemel, Haia: Martinus Nijhoff, 1962, § 9, passim). V. tb. em A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental. Uma Introdução à Filosofia Fenomenológica, trad. Diogo Falcão Ferrer, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

13. Agradeço a Belmiro Patto a lembrança da “fibrção de Hopf”, sendo a citação no texto extraída

do verbete da Wikipédia a respeito. Melhor seria entender, como o poeta, filosofando, que “each is at once the centre and the circumference; the point to which all things are referred, and the line in which all things are contained”. Percy Bysshe Shelley, “On life”, in: Id., A defence of poetry and other essays, São Paulo: Landmark, 2008, p. 16 e a tradução proposta é a seguinte: “Cada um sendo por sua vez o centro e a circunferência; o ponto ao qual todas as coisas são referidas e a linha na qual todas as coisas estão contidas”.

14. Em Summa Cosmologiae. Breve tratado (político) de imortalidade – A Comunidade dos Espectros IV, trad. Alexandre Nodari, Desterro (Florianópolis)/São Paulo: Cultura e Barbárie/N-1, 2021.

15. Cf. “How real are real numbers?”, in: Manuscrito — Rev. Int. Fil., Campinas, v. 34, n. 1, jan.-jun. 2011, p. 141 (<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/manuscrito/article/view/8642013/9504>). Cf. ob. cit., p. 38, 114 e 115.

16.186 Lógica do Sentido.

Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes, São Paulo: Perspectiva, 2011. Novamente, agradeço a Belmiro Patto a lembrança.

17. *Ib.*, p. 156,

Lançamento

Lançamento do livro Debate com convidados



Autora:
Pollyana Ferrari



Data:

QUINTA -FEIRA
19/10
19H

Local:



Bar do Beco
R. Aspicuelta, 17
Vila Madalena

OFENSIVA PALESTINA CONTRA ISRAEL ¿POR QUÉ AHORA? ¿CÓMO FRENAR LA VIOLENCIA?

En este breve artículo se busca analizar la decisión de varias facciones armadas palestinas (Hamas, Yihad Islámica, FPLP, FDLP) de iniciar una ofensiva inédita en contra de Israel desde la Franja de Gaza, las razones políticas y los objetivos que pueden estar detrás de la decisión, y el contexto histórico y coyuntural que rodea esta escalada del conflicto entre Israel y los palestinos.

por Felipe Ramírez

Acompañan este artículo dos columnas traducidas desde la revista israelí +972: una que relata las impresiones de un activista y periodista en las primeras horas del ataque, y otra que denuncia la progresiva limpieza étnica de un amplio sector de



Imagen / Tanque Merkava capturado, 7 de octubre 2023. Fuente.

Cisjordania, como parte del proyecto colonial para ocupar permanentemente el territorio palestino.

No cabe duda de que los acontecimientos del 7 de octubre pasarán a la historia: en una jornada inédita, fuerzas militares de diferentes facciones de la resistencia palestina iniciaron una ofensiva desde la Franja de Gaza en dirección al sur del Estado de Israel, tomando por sorpresa completamente al ejército israelí en el que debe ser el mayor fracaso de los servicios de inteligencia israelíes desde la guerra de 1973 -de la que se cumplieron 50 años el día de ayer-.

Las columnas de milicianos ingresando a Israel, destruyendo tanques Merkava, capturando asentamientos de colonos y puestos de avanzada militares, se mezclaron con las terribles imágenes de civiles aterrados, rehenes o asesinados, en un ataque que es corolario de meses

de ataques cada vez más violentos por parte de colonos y del Estado de Israel en contra de la población palestina en Cisjordania.

A diferencia de las guerras de 1956, 1967 y 1973, por primera vez este es un conflicto en el que el adversario de las fuerzas armadas israelíes son las organizaciones palestinas y no los Estados árabes como Egipto, Siria o Jordania, en un enfrentamiento armado abierto y no en un levantamiento popular y de masas, como fuera la intifada de fines de los 80 o la segunda intifada del año 2000.

Si bien los hechos sobre el terreno aún son confusos, para realizar un análisis dividiré este texto en dos partes, para luego pasar a una valoración más política de la situación.

La primera parte tiene que ver con los elementos más propiamente “militares” del ataque palestino contra Israel, mientras la segunda profundizará en el contexto en el que se desarrolla la operación “Inundación de Al-Aqsa”.

Una feroz pero limitada
ofensiva

Nadie duda de que el ataque ha tenido un alto componente de ferocidad, que se ha traducido en una sorpresa completa sobre las tropas israelíes, pero también con la muerte de numerosos civiles en el área de conflicto. Es evidente también que esta operación, que involucra, al menos, a las facciones armadas de Hamas, la Jihad Islámica, el Frente Popular para la Liberación de Palestina y el Frente Democrático para la Liberación de Palestina, es producto de una larga planificación.

De acuerdo a diferentes informaciones, los milicianos palestinos lograron ingresar hasta poblados mayores como Sderot, Askelon y Ofakim, así como en asentamientos menores de colonos y bases militares fronterizas, aunque de acuerdo a reportes de prensa la contraofensiva israelí ya estaría recuperando algunas de esas localidades.

En este sentido, queda más que claro que, en términos militares, los objetivos del ataque de hoy

son más bien modestos: en términos territoriales pareciera buscar que los combates se desarrollen lo más lejos posible de la Franja de Gaza misma, de manera de que los costos no involucren solo al lado palestino, como en las anteriores operaciones de bombardeo israelí contra el enclave.

En un nivel propiamente militar, la destrucción del muro fronterizo y el saqueo de los puestos militares habría permitido a las milicias palestinas capturar armamento moderno de todo tipo, y también desarticular el dispositivo que alimenta el brutal e inhumano bloqueo al que Israel somete a la Franja de Gaza desde el año 2006.

A esto se agregaría un factor más bien simbólico: hacer tambalear la idea de que el ejército de Israel era invencible, y que inevitablemente siempre vencería sobre las fuerzas árabes. La destrucción y captura de tanques Merkava es claro en ese sentido, al existir la idea de que es el “mejor tanque” en la actualidad.

Pero pareciera ser evidente que los grupos palestinos no tienen

la capacidad militar para librar una guerra convencional con Israel, o penetrar de manera más profunda en su territorio pudiendo asegurar el control del territorio capturado. El hecho de que estén tomando rehenes -incluidos oficiales militares de alto nivel- pareciera indicar, por el contrario, la decisión de resistir lo más posible, pero buscar rápidamente una negociación y posiblemente un intercambio de prisioneros, como ya se ha hecho en el pasado entre facciones palestinas y el Estado de Israel.

En términos políticos, además, el carácter unitario del ataque -reuniendo a facciones de izquierda e islamistas- y la no participación de Fatah en el mismo, es una señal de desafío al tradicional liderazgo que hoy representa Mahmud Abbas: el resto de las organizaciones buscan instalarse como actores políticos relevantes, en medio de la cada vez mayor convicción de que a 30 años de firmados, los acuerdos de Oslo están completamente desfondados debido a la decisión israelí de profundizar la ocupación y el apartheid.

¿Por qué ahora?

Como se insinuó al principio de este breve artículo, esta escalada en el conflicto llega luego de meses en los que la violencia se ha ido acumulando en Palestina, en medio de varias crisis interrelacionadas.

Por un lado, la expansión sin control de los asentamientos ilegales de colonos judíos en Cisjordania desde la firma de los acuerdos de Oslo -sin mayor distinción entre gobiernos israelíes de “centro-izquierda” o de extrema derecha como el actual- ha llegado a niveles tales, que hacen inviable cualquier tipo de Estado palestino sobre los límites de 1967, configurando una estrategia de usurpación territorial sustentada en la ocupación militar israelí de largo plazo.

A esto se suma la limpieza étnica que el Estado israelí está desarrollando en varios lugares de Palestina, sobre todo en Jerusalén Este -donde en barrios como Sheikh Jarrah se ha buscado expulsar a decenas de familias palestinas para reemplazarlos con colonos judíos- y en la Zona C de Cisjordania[i],

primero de la mano del ejército y la policía israelíes, así como de la Administración Civil -el organismo burocrático a cargo de la ocupación-, y después utilizando como grupos de choque a los colonos extremistas.

A lo largo de las últimas décadas, pero de manera particularmente acelerada durante los últimos gobiernos del Likud y de la coalición de extrema derecha actual, el Estado de Israel ha ido aumentando la tensión mediante diferentes abusos sistemáticos contra la población civil palestina: niegan permanentemente los permisos de construcción para impedir el desarrollo de los poblados palestinos, destruyen infraestructura crítica -escuelas, paneles solares, caminos- incluso cuando han sido financiados por la Unión Europea, expropiación de casas, retienen el agua, destruyen plantaciones y cosechas, roban rebaños y terrenos de pastoreo, de manera de ahogar a civiles desamparados para obligarlos a huir de sus tierras.

Un ingrediente adicional recae en la violencia del ejército y de los colonos, que, apoyándose

mutuamente, golpean y asesinan con completa impunidad hostigando a pequeñas comunidades, pero también a poblados más grandes, siendo el pogrom de Hawara[ii] un ejemplo que hace pocos meses alertaba de lo peligrosa que era la situación.

Producto de esto ya existían llamadas de alerta respecto a lo que podía suceder. En 2022 había surgido en el norte de Cisjordania el grupo “Guarida del León” -Lion’s Den-, reuniendo a cientos de jóvenes desencantados de las tradicionales fuerzas de la OLP y en particular de la burocratizada y cada vez más irrelevante Autoridad Nacional Palestina, incapaz de ponerle un freno al constante avance israelí. Esta agrupación protagonizó numerosos enfrentamientos con el ejército israelí en ciudades como Jenin y Nablus, y en campos de refugiados de todo el norte de Cisjordania, con ataques a soldados israelíes y fuertes cuestionamientos a la ANP y al partido Fatah, en un desafío desconocido desde la firma de los acuerdos de Oslo.

Pero junto a esa degradación de la situación en Cisjordania, marcada por el mayor número de muertes civiles palestinas e israelíes en dos décadas y la cada vez mayor violencia de la ocupación, se desarrollaba el drama de la Franja de Gaza, sometida a un bloqueo brutal desde hace casi 16 años.

Hay que recordar que luego de que Hamas ganara en las elecciones parlamentarias de 2006, Israel, Estados Unidos y la Unión Europea, junto a Rusia y Naciones Unidas decidieron desconocer los resultados -y en los efectos darle una estocada terminal a la naciente democracia palestina-, impulsando a Mahmud Abas y la ANP a un enfrentamiento armado contra el grupo islamista que se desató al año siguiente -a pesar de que Hamas llegó a ceder y formar un gobierno de unidad nacional sustentado en respetar las fronteras del 67-, fracturando hasta hoy las estructuras políticas palestinas.

Tras la división entre una Franja de Gaza en poder de Hamas y una Cisjordania controlada por Fatah y la ANP, Israel decidió

establecer junto a Egipto un bloqueo en contra del primer enclave, que incluye el cierre de los pasos fronterizos, la restricción del acceso a la pesca en la costa gazatí, la manipulación de restricciones al acceso de combustible y energía, un control estricto del acceso aéreo, y una dura limitación de todo tipo de importaciones incluyendo artículos de primera necesidad, alimentos, medicinas, entre otros, destruyendo la economía de la Franja de Gaza, sometiendo a la población a inseguridad alimentaria, altos niveles de desempleo, y a depender de una muy escasa ayuda internacional.

Como si fuera poco, periódicamente Israel desata campañas de bombardeo indiscriminado en contra del enclave, en un ciclo de violencia contra el lanzamiento de cohetes por parte de las milicias, sin que exista ninguna política que permita pensar en una salida a la dramática situación en la que viven más de dos millones de palestinos.

Por último, está la situación de los millones de palestinos que viven dentro de Israel, sometidos a un régimen que los discrimina y los

ubica como ciudadanos de segunda clase, en comunidades empobrecidas y abandonadas al crimen y la precariedad en la vida. La discriminación fue institucionalizada con la aprobación de la denominada “Ley del Estado Nación” en 2018, que consagra al Estado de Israel como el hogar nacional del pueblo judío, dejando de lado a su población palestina. La situación llegó a un punto de ebullición en 2021, cuando a partir de protestas por los desalojos y expulsiones en Sheikh Jarrah se generó un proceso de intensa movilización de jóvenes palestinos en ciudades “mixtas” como Lod, Acre, Ramle, Bat Yam, Beersheba, Rahat, Tiberias, Haifa y Jerusalén, entre otras localidades, con enfrentamientos y ataques a población palestina y judía, y una huelga general común entre palestinos dentro de Israel y en Cisjordania y la Franja de Gaza el 18 de mayo.

Si bien los enfrentamientos cesaron posteriormente, la tensión se mantiene, sobre todo tras el inicio del gobierno de extrema derecha encabezado por Netanyahu y

el Likud junto a partidos ultranacionalistas y religiosos en diciembre de 2022.

Finalmente, y relacionado con esto último, hay que tomar en consideración la profunda crisis política que afecta al Estado de Israel desde que el gobierno actual, el más extremista de su historia, decidió impulsar una reforma judicial que pretendía limitar la capacidad de la Corte Suprema de revisar las leyes aprobadas por la Knesset -el parlamento israelí- y garantizar su constitucionalidad. De esta forma, se advierte que la extrema derecha tendría la posibilidad de actuar sin límites aprovechando su mayoría parlamentaria.

Esta situación gatilló un fuerte movimiento de protestas dentro del país, probablemente la mayor de su historia, incluyendo a la izquierda y centro izquierda, pero también a amplios sectores proclives al Likud, que ven con temor las consecuencias que podría tener para lo que estiman es el régimen democrático israelí. Incluso, grupos de reservistas se negaron a cumplir con sus responsabilidades militares

acusando la reforma de ser una medida autoritaria por parte del gobierno de Netanyahu.

A pesar de la aprobación de varios segmentos de la reforma en julio, las protestas se mantuvieron hasta esta misma semana, aunque con tensiones y diferencias entre los partidos y organizaciones que las impulsan, siendo uno de los temas que más genera tensión el papel de los partidos palestinos de Israel, y la ocupación de los territorios palestinos y el régimen de apartheid que existe, en el contexto de una defensa de la democracia del Estado de Israel.

¿Cómo terminar con el conflicto?

Existe la equivocada idea de que el enfrentamiento entre israelíes y palestinos tiene una matriz religiosa, o que se extendería “por siglos”, cuando en realidad surge con fuerza a principios del siglo XX con la masiva migración de judíos a Palestina huyendo de la discriminación racial que sufrían en Europa, y luego, debido a las consecuencias

del Holocausto nazi en contra de los judíos europeos, que cobró la vida de 6 millones de ellos en los fríos terrenos de los campos de exterminio de Treblinka, Sobibor, Belzec y Chelmno, en Auschwitz-Birkenau o Majdanek.

Los sufrimientos y la persecución que sufrieran los judíos en Europa y otros lugares provocó el auge del sionismo, una ideología nacionalista judía que buscaba construir en Palestina un Estado nación para el pueblo judío, a partir de un proyecto eminentemente colonial que se concretó en 1948, con el establecimiento formal del Estado, y una corta guerra con varios países árabes, que rechazaban la partición de Palestina en dos Estados, en donde la mayoría de la población árabe recibiría una fracción minoritaria del territorio.

Pasados más de 70 años desde la que es conocida como “Nakba” entre los palestinos, la situación actual puede ser calificada como dramática. A la cada vez mayor ocupación de territorio palestino bajo la cobertura que le da el ya enterado acuerdo de Oslo, se suma la

profunda crisis comentada que sufre Israel debido al empoderamiento de la extrema derecha nacionalista y religiosa, que busca consolidar un Estado entre el Valle del Jordán y el mar Mediterráneo, sin que pueda coexistir con un Estado palestino[iii]. A los fallidos intentos por oficializar la anexión -congelados hace un par de años- se sumó luego el fracasado proyecto de paz de EE.UU. impulsado por el gobierno de Donald Trump, que también pretendía quitar de en medio la posibilidad de un Estado palestino para negociar con los países árabes directamente. En ese mismo espíritu se ubicaron los Acuerdos de Abraham, un tratado de normalización de relaciones entre Emiratos Árabes Unidos e Israel firmado en agosto de 2020, que en estos días se pretendía replicar con un acuerdo con Arabia Saudí, el que quedó en entredicho tras el inicio del conflicto en el sur de Israel este 7 de octubre.

Es posible pensar que uno de los objetivos del ataque era precisamente impedir que la monarquía saudita firmara un acuerdo con

Israel, lo que podría leerse como un mayor aislamiento palestino, y negociar a partir de los rehenes y prisioneros de guerra un intercambio con los miles de presos palestinos que están en las cárceles israelíes, muchos de ellos sometidos a regímenes carcelarios administrativos sin juicio ni presentación de cargos.

En este sentido, me parece importante remarcar un par de puntos centrales si lo que queremos es pensar en una salida real al conflicto.

El primero, es que no hay paz posible sin un fin a la ocupación y al sistema de apartheid que se ha consolidado a lo largo de las décadas en Cisjordania, y al bloqueo de Gaza, los que someten a la población palestina a abusos diarios.

El segundo, es que no es posible descartar a Hamas como un interlocutor, y que tal como se planteaba hace cerca de un año atrás en una columna traducida y publicada en esta misma revista[iv], es hora de poner sobre la mesa las condiciones para llegar a acuerdos que permitan la convivencia entre

ambos pueblos en los territorios de la Palestina Histórica.

Ese acuerdo puede sostenerse bajo dos principios: el de los dos Estados de acuerdo a Oslo y a la partición de 1948, asegurando el retorno y las compensaciones adecuadas para los refugiados palestinos, o de un solo Estado democrático para ambos pueblos[v], tal como algunas fuerzas al interior de Palestina han propuesto.

Los hechos nos dicen que el Estado de Israel no apoya ninguna de las dos alternativas. Por el contrario, busca establecer de facto una realidad en que la población palestina viva dividida (en Gaza, al interior de Israel como ciudadanos de segunda clase, y en una Cisjordania reducida a bantustanes inconexos) y los colonos judíos disfruten del control de los recursos económicos y la soberanía sobre el territorio.

La terrible guerra desatada este 7 de octubre, que tristemente coincide con el 79 aniversario del levantamiento de los sonderkomandos en Auschwitz, es un episodio más en esta larga seguidilla de violencia, atrocidades y abusos.

La respuesta, tal como lo plantea Haggai Matar en su columna[vi] que acompaña a este artículo, se encuentra en un futuro basado en la justicia y la igualdad para todos

Notas

[i] “El impactante ataque de Gaza ha aterrorizado a los israelíes. También debería revelar el contexto” <https://www.revistarosa.cl/2023/10/08/ataque-gaza-contexto/>

[ii] “Huwara se tambalea” <https://www.revistarosa.cl/2023/03/13/huwara-se-tambalea/>

[iii] “La anexión: consolidación del apartheid y la colonización” <https://www.revistarosa.cl/2020/07/06/la-anexion-consolidacion-del-apartheid-y-la-colonizacion/>

[iv] “¿Es tiempo de hablar con Hamas?” <https://www.revistarosa.cl/2022/07/03/es-tiempo-de-hablar-con-hamas/>

[v] “Estamos totalmente en contra de la solución de

dos Estados, nosotros queremos un Estado democrático para todos los pueblos” <https://www.revistarosa.cl/2019/01/06/entrevista-a-haytham-abdo-dirigente-del-frente-para-la-liberacion-palestina-fplp-estamos-totalmente-en-contra-de-la-solucion-de-dos-estados-nosotros-queremos-un-estado-democratico-para-t/>

[vi] “Es como en 1948 : Israel ‘limpia’ gran parte de Cisjordania de casi todos los palestinos” <https://www.revistarosa.cl/2023/10/08/como-1948-israel-cisjordania-palestinos/>.

ROSA

UNA REVISTA DE IZQUIERDA



[INICIO](#) / [LO MÁS RECIENTE](#) / [ROSA, LA REVISTA IMPRESA](#) / [QUIENES SOMOS](#)

OFENSIVA PALESTINA CONTRA ISRAEL ¿POR QUÉ AHORA? ¿CÓMO FRENAR LA VIOLENCIA?



ARTÍCULOS RECIENTES

[Editorial 17. Fin de ciclo: Un largo camino, de nuevo "en contra"](#)

[Ofensiva palestina contra Israel ¿Por qué ahora? ¿Cómo frenar la violencia?](#)

["Es como en 1948": Israel "limpia" gran parte de Cisjordania de casi todos los palestinos](#)

[El impactante ataque de Gaza ha aterrorizado a los israelíes. También debería revelar el contexto](#)

[Las causas de Sergio Micco](#)

ROSA, LA REVISTA IMPRESA



O 'Arrojado Grito' das Mulheres da Periferia Contra a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985)

Curso com Instituto Bixiga

**Aula presencial no Memorial da Resistência | Auditório
(Largo General Osório, 66 - Santa Ifigênia)
21 de outubro, sábado, 10h**

*Com:
Danielle Franco da Rocha, Edimilson Peres Castilho e Eribelto Peres Castilho
Inscrições com certificação: www.institutobixiga.com.br*

SEMINÁRIO

LINK IN BIO

Conflito armado e a **violência** urbana no Brasil: *desafios e perspectivas*

 **11/10/2023**
 **08h às 12h**

CEU SAPOPEMBA

*Para defensores/as de direitos, coletivos,
pesquisadores/as, entidades e juventudes.*



INSCREVAM-SE



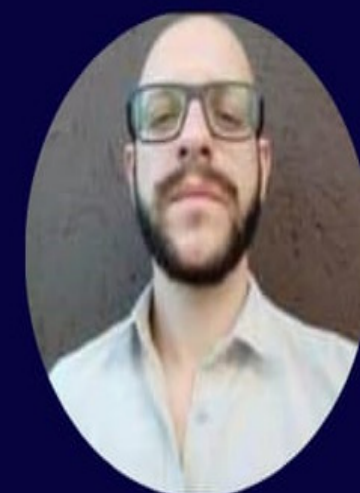
 **terre des hommes**
Apoio à Infância

XII CIDIL - COLÓQUIO INTERNACIONAL DE DIREITO E LITERATURA
"ARTES, DIREITOS E CIDADES"

ADORNO E DERRIDA:
PROVOCAÇÕES AO DIREITO & LITERATURA A
PARTIR DE SUAS ESTÉTICAS

26/10/2023 - QUINTA-FEIRA - 16H ÀS 18H

GUILHERME GONÇALVES ALCÂNTARA
DOUTORANDO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PESQUISADOR DO SERTAO



LUÍSA CONSENTINO DE ARAÚJO
MESTRANDA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PESQUISADORA DO LEGENTES (PUC MINAS/CNPQ)



SONATAS ARBÓREAS

ORDEP SERRA

Para Débora Nunes e Emerson Sales.

Sempre gostei de contemplar as grandes árvores. Tenho passado bons momentos sob sua sombra. Criei amizade com várias delas. Já dediquei um poema a uma paineira, que chamei de Maria Clara. Ela tem uma personalidade luminosa. Era muito jovem quando a conheci, há coisa de cinco décadas, e ainda tem jeito de menina-moça. A mais antiga paineira que conheço, viçosa há mais de um século, nada tem de velha. Brinca feito menina de espalhar sua paina, como se fossem os cabelos brancos a que renunciou para sempre. Já fazia isso na primeira adolescência. Maria Clara confirma: dura séculos a brincadeira infantil de sua gente.

Mangueiras me encantam desde a infância. Em seus palácios barrocos vive a graça maternal, forte e acolhedora. A sombra que elas dão já é nutritiva. As de Salvador são mães de santo poderosas, de seios fartos. As de Belém são catedrais.

Bendito é o fruto dessa árvore santa. A manga espada corta os dissabores. A manga rosa tem o

charme dos jardins, esconde uma leira na sua polpa. A bela carlota provoca doces arrepios, convida aos beijos.

Muitas árvores se enraizaram profundamente na minha memória. Sua beleza me abençoou em diferentes momentos da vida. Algumas se destacam por sua atitude impecável. De muitas recordo o gesto solene, glorioso, capaz de dar sentido a uma paisagem. Sem sua dança divina, quase imóvel, lugares podem desaparecer.

Conheço árvores carinhosas, enérgicas, sisudas, joviais. Florescem com temperamentos distintos. Muitas me conquistaram por seu jeito cordial, sua natureza amável. Outras me seduzem por seu estilo caprichoso, ou me conquistam por seus modos sérios de matrona, sua perfeita dignidade. Algumas combinam modos graves e sentimento jocoso.

Guardo a emoção que senti, ainda criança, ao ver pela primeira vez um bode trepado num umbuzeiro, saboreando as frutas verdes. Me fez a impressão de um sacerdote num rito solene, mas engraçado.

Não esqueço a beleza da cena bizarra.

Umbuzeiros são muito espirituosos. Venero esses risinhos anjos do sertão, que brindam com humor seus frutos ácidos. No semiárido, eles fazem par com os juazeiros, que têm a mesma alegria impossível, desafiadora. (As cabras também os adoram).

Respeito muito as gameleiras, com seu ar solene, de profundo mistério. Namoro as graciosas baraúnas. A sabedoria das jaqueiras me impressiona profundamente. As árvores de fruta-pão têm um jeito carinhoso de babás, amáveis e generosas. Os sapatizeiros também, só que acordam mais cedo.

O cajueiro é de circo. Pode embriagar muito mais que a cachaça das batidas. Inúmeros bêbados já tentaram explicar-se, depois de estranhos desvarios, balbuciando inutilmente: “Foi o caju”.

Nada mais bonito que os ipês com suas roupas de baile. Gosto das buganvílias coquetes, das acácias sedutoras, do jacarandá luminoso com seu roxo amor ao espetáculo e sua mística. A

quaresmeira, apesar do nome, está sempre disposta a um carnaval. As sucupiras são atrizes, sempre reclamando aplausos. Aprecio muito seu penteado.

A caviúna do cerrado tem jeito de mulher rendeira. Quando se enflora, dana-se a cantar. Nem todos a ouvem, mas sua cantiga é muito bonita. A bela ingarana é uma soprano lírica, mestra de muitos pássaros.

Todos se alegram quando a cajazeira acende suas lâmpadas. Ela adora festas. Árvore perdulária, joga com alegria seus frutos luminosos ao chão, com a graça incontrolável de quem dissipa fortunas.

A imponência do jequitibá e das grandes castanheiras, a serena força do mogno e a majestade do pau ferro me impressionam profundamente. Esses gigantes da floresta se acham entre os mais belos dos arcanjos pousados no seio da Mãe Terra. Já o cedro, seja do Líbano ou do Brasil, é com certeza um serafim.

É preciso ter coração muito duro para não se comover com as

lágrimas douradas de um salgueiro em flor. Seu pranto verde também contempla as dores do mundo, vale por muitas elegias. Quando encontro um desses beatos no meu caminho, rezo logo: ora pro nobis.

Os ciprestes italianos me encantam por sua graça esguia, tão elegante que até nos cemitérios fazem pensar em Vênus. Gostei de vê-los em Roma, onde não tinham cara de enterro. Em pleno dia, apontavam às estrelas. Mas nos jardins de gente esnobe eles me parecem constrangidos. Não gostam de ser tratados como lacaios.

Seria longa a ladainha se eu fosse falar das belas senhoras verdes que conheci nos remanescentes da nossa mata atlântica, paraíso de uma saudade incurável. Quanto às soberanas amazônicas, tenho sua imagem comigo, mas de quase todas ignoro os nomes: minhas poucas incursões na grande hiléia e meu despreparo botânico me condenaram a amar deusas anônimas. Em todo o caso, boas lembranças me ficaram.

Guardo com fervor o que

aprendi no Xingu sobre o mistério dos pequizeiros eróticos, com sua deliciosa armadilha. Hoje associo o fruto malicioso às coisas boas da vida, ao perigo sempre desejado, ao insuspeito charme do Deus Jacaré. Graças aos sábios xinguanos, ainda sonho, também, com a grande árvore que guardava em seu tronco todas as águas do mundo. Acho difícil me convencer de que ela não existe.

Admiro as árvores do manguê, que se debruçam com doce volúpia sobre águas fecundas. São muito generosas essas pastoras de caranguejos. Não me esqueço dos oitizeiros de minha terra que escondiam no relvado seus ovos amarelos, sem se importar com a ironia dos pássaros.

Meus amores vegetais não cabem numa crônica. Deriva de graças inesquecíveis.

Quem nunca se apaixonou por uma árvore não conhece ainda o amor. Homem sem essa experiência não está preparado para o encanto das belas mulheres. Não desfrutará como se deve o corpo

subitamente selvagem que lhe pede para enraizar-se; não sentirá o frêmito de invisíveis folhas num vendaval delicioso, nem provará em lábios sequiosos o sabor de inúmeras frutas. Não está pronto para as melhores dádivas.

Descendo de bugres místicos e de portugueses sonhadores, porém os antepassados mais próximos de meu coração, confesso logo: são negros vindos da Mãe África, adoradores de árvores, com quem ainda falo em meus delírios. São eles que me me fazem compor sonatas arbóreas.

SONATA ARBÓREA NÚMERO 2

Para o Mavó Adelson

Uma das riquezas da Cidade de Salvador está nas árvores sagradas que ela ainda tem, preservadas graças ao zelo do povo de santo, como chamamos aqui os adeptos do candomblé. De acordo com essa gente inspirada, todas as árvores participam do sagrado, mas algumas estabelecem com o divino uma

ligação especial. Não é comum dizê-lo assim, mas elas dão santo. No dialeto dos terreiros, a expressão “dar santo” indica o transe entusiástico. Usa-se para falar do arrebatado em que homens e mulheres são possuídos pelos deuses. Segundo a crença de meu povo negro, certos vegetais podem incorporar o divino. Quem conhece os segredos místicos é capaz de sentir que uma árvore está entusiasmada. Ao reconhecer os sinais de uma augusta presença em um espécime privilegiado, sacerdotes dos terreiros tratam de fazer a iniciação da verde criatura para que ela desenvolva sua carreira mística, distribuindo bênçãos à gente humana. Depois dos ritos de assentamento, o orixá (ou vodum, ou inquice) que se instalou no corpo arbóreo fica acessível aos fiéis. O transe do vegetal é permanente, dura por toda a sua vida. Vai além: nos terreiros, quando uma árvore consagrada tomba, é de praxe o plantio de uma substituta, que então se santifica.

Na cosmologia de grandes civilizações negras, árvores servem de instrumento conceitual para

pensar o mundo. Com a potência intuitiva de sua imagem, elas relacionam domínios do cosmo, ligam o visível ao invisível. Constituem um recurso simbólico para indicar o enlace das dimensões opostas do universo: mostram, ao mesmo tempo, sua separação e sua secreta união. É assim no pensamento africano de nossos antepassados, preservado na diáspora.

Conta o povo de santo da Bahia que nosso mais antigo templo do rito ketu floresceu no seio de uma árvore, um iroco majestoso. Ketu é nome de um antigo reino nagô, ligado ao império de Oió. Segundo a tradição, no Centro Histórico de Salvador, na Barroquinha, uma prodigiosa planta abrigou em seu tronco um candomblé. Assim Oió e Ketu tiveram um renascimento místico na áspera terra do exílio.

Para a gente iorubana, o nome Iroko designa, ao mesmo tempo, uma divindade e uma espécie vegetal, a *Chlorophora excelsa*. Entre seus vizinhos de língua fon, o nome Loco tem os mesmos significados. Em nossa terra, o termo

Iroco, assim como Loco, continua a ser um teônimo, mas o deus se transferiu para a etnoespécie das gameleiras, que abrange várias espécies da botânica de Lineu. Tanto no Brasil como nos países africanos de onde nos veio esse culto há outras árvores sagradas, porém a que recebeu esses nomes (Iroco, Loco) goza de um status soberano: é considerada a mais excelsa de todas. A sagração ampliou-se: nossas gameleiras, além de substituir a irmã da África Ocidental, aqui se tornaram, também, assento de uma divindade da África sub-equatorial, cultuada no candomblé de rito angola: Tempo (Ndembu).

Essas belas criaturas me intrigam. No sertão, colhendo depoimentos de pessoas que nada sabiam de candomblé, constatei que um certo temor religioso envolve as gameleiras. Acredita-se que elas abrigam visagens, que sob sua copa se reúnem almas errantes. Explicam os sertanejos que nem todas as gameleiras têm essa vocação. Mas vá lá saber qual é a ingênua, qual é a fantástica.

Em meio ao povo de santo,

fala-se que a árvore de Iroco acolhe almas de defuntos e outros espíritos. Perigosas feiticeiras que se transformam em pássaros podem ocultar-se na sua folhagem, nas horas sombrias. Talvez a relação com almas de falecidos tenha a ver com a lembrança do costume africano de sepultar mortos no tronco dos irocos ou no seio de baobás (que, por sinal, têm a mesma fama). Essas árvores por vezes formam ocos. E são muito envolventes. Iroco sedia de preferência os abicu, os espíritos de crianças que se recusam a nascer, ou deixam este mundo pouco depois do nascimento.

Embora a divindade arborea chamada Iroco seja considerada masculina, bem se vê que tem índole maternal. Há mitos em que o deus árvore busca apossar-se de uma criança que um voto mal proférido lhe dedicou; só a devolve à mãe quando lhe fazem a oferenda de um substituto, um menino de pau. Mas esse deus também provê crianças, se devidamente propiciado. Sua árvore está sempre grávida de nonatos, que precisam ser seduzidos para a vida. Reza-se a Iroco para fazê-los vir ao

mundo. Sua árvore é uma estranha espécie de maternidade, um limbo pré-natal. As pessoas que na África sepultavam seus mortos nos troncos sagrados evidentemente queriam devolvê-los ao útero misterioso da vida. Eram plantados, esses defuntos. Me agrada pensar que nossos antepassados ainda florescem na copa do deus.

Iroco / Loco também se encarna em gente humana. Me lembro com saudade de duas filhas da bela árvore, que nelas dançava: Mãe Nicinha do Bogum e Ebomin Cidália, do Gantois. Eram negras generosas, meigas, ricas de uma doce majestade, senhoras de flóreo sorriso e mãos frutíferas. Muita gente se acolheu a sua sombra protetora.

Ndembu, ao chegar a nossa terra, se assenhoreou do tempo: juntou às suas as folhas do calendário. Suas gameleiras são navios que deslizam no rio das horas, embora pareçam imóveis aos olhos desatentos.

O “pé de Loko” não é nossa única árvore sagrada. Há outras. Em solenes jaqueiras se entroniza a divina Apaoká, misteriosa mãe

do Anjo Caçador. A bela deusa costuma receber abraços de seus devotos no último dia do ano. Assim os abençoa, assim os purifica. O vodun Azonodô é tanto árvore como serpente. Na forma vegetal, assume-se acácia.

Não vou estender-me na relação da flora divina. Os deuses africanos que a gente cultua gostam de plantar-se em árvores — e cada qual tem sua preferência. Alguns variam, mudam de sede, têm mais de uma espécie pronta a fazer-se cavalo de santo para sua manifestação.

Em fotos aéreas de Salvador, é fácil identificar terreiros pelo verde que preservam, pelas árvores que constituem seus monumentos vivos. Sem o candomblé, nossa cidade estaria muito mais devastada. A ganância das imobiliárias e a irresponsabilidade de gestores parvos têm reduzido brutalmente as áreas verdes e produzido na capital baiana uma perversa desarborização. Nossos dirigentes entendem que urbanizar é cimentar. Sepultam rios e aterram lagos, substituem gramados por sinistras toalhas de

concreto. Na Boa Terra, não prevaleceu a sabedoria do povo de santo. Comunidades de candomblé facilmente se vêem erradicadas, expulsas, têm seus terrenos tomados, suas árvores santas derrubadas. Sofrem esbulhos dos poderosos e ataques dos intolerantes. Com isso, a bela cidade de Salvador perde muito de sua graça: está a expulsar os encantados.

SONATA ARBÓREA NÚMERO 3

Para Paulo Orm indo

Meu caro amigo Paulo Ormindo detectou uma lacuna em minhas sonatas arbóreas: nelas está faltando uma figura indispensável. Reconheço. Acolho a advertência de seus olhos agudos. Em minha defesa, só posso dizer que não houve esquecimento, só uma pequena demora. Como esquecer as palmeiras, as mais elegantes filhas da Terra? Eu seria ingrato se não lhes desse o merecido destaque.

Um grupo me espia agora mesmo através da janela, numa solene expectativa. São jovens

altivas, de uma beleza desafiadora, a lançar-se para o alto desde um barranco íngreme, numa atlética ascensão. A mais longínqua tem porte de rainha entronizada há muito: domina com serenidade o reverente arvoredo a seu redor. Todas se mostram seguras de si, conscientes de seu poder. Sabem há muito do amor que dedico a sua imensa, variada estirpe. Feiticeiras suaves, de modo instantâneo elas se multiplicam a meus olhos e guiam meu coração pelas veredas do tempo.

O aceno mágico da imperial moradora do morro próximo num relance a converte na primeira dama de sua espécie que marcou minha retina: uma nobre senhora radicada na cachoeirana Rua da Ponte, onde nasci. Minha saudade contempla a dançarina de poucos gestos, arrebatadora, por cujo tronco meus sonhos de criança subiam ao céu. Seu bailado quase imóvel me leva a meandros radiosos do Recôncavo e prossegue através dos campos gerais. Já alcança a Chapada Diamantina e o grande sertão, onde muitas de suas irmãs vêm a meu encontro. Me espanta sua

variedade, a acentuar-se no devaneio que as torna ubíquas. Já não sei onde estou: na Bahia, em Minas, em Goiás, em Sergipe? Contemplo nos Palmares a augusta metamorfose da lança de Zumbi. Outras a repetem de norte a sul. Sua vibração me embriaga. Tomando para si minha memória em desvario, as magas de verde cocar se espalham pelo vasto mundo. De onde são estes vales e serras que círios verdes iluminam? Minhas condutoras se divertem misturando tempos e lugares na viagem extravagante.

A trilha que elas me desenharam acompanha agora o colear de grandes rios. Perco-me em seus espelhos. Desemboco, por fim, numa das sacristias do São Francisco. Assustadas, as belas princesas agitam seu leque e tomam o pulso enfraquecido da correnteza amiga.

Retorno ao pé da minha conterrânea, ribeirinha do Paraguaçu. Em sua honra recito de novo, desajeitado, versos ingênuos de um poeta quase esquecido. Ela os acolhe com benévola ironia. Não, sabiás nunca se aninharam no seu leque, nem usam para concertos o

elevado palco de sua estipe. Mas é razoável associar os dois encantos, ela ensina.

Justificado o poeta, a dama generosa me explica porque fez de Paulo Ormindo o portador de seu recado. Sendo um dos nossos arquitetos mais inspirados, senhor de rica imaginação, tesoureiro de um patriômio de artes e paisagens, Paulo sabe como ninguém apreciar a grata imponência das colunas vivas geradas por nossa terra: elas são capazes de tornar em templo qualquer espaço onde se ergam. Eu o comprovo caminhando levemente, na minha memória embriagada de verde, pelo Jardim Botânico do Rio de Janeiro, entre alas formadas por imperatrizes. Bastariam elas para prover um irresistível encanto ao sítio, que encerra abundante fortuna vegetal.

Mas volto ao sertão vertiginoso. Através de uma revoada melódica que seu verbo sopra em minha lembrança, o encantado Guimarães Rosa faz voltar-se meu olhar para a graça dos buritis e revela a meus ouvidos em transe sua alta filosofia. O vento repete nos leques verdes o

mote sibilino que o “poeta prosa” decifrou: eu sei e não sei. Tomo nota, lição de aula tão bonita não se pode perder. O impecável tradutor se afasta sob o disfarce lírico de um manuelzinho da croa e as macaúbas risonhas levam-me ao recreio. Em seu adorável cortejo encontro belas senhoras grávidas — as meigas barrigudas — ao lado de lépidas amigas e de matronas suaves com seus frutos no colo. Mais adiante, suas primas sedutoras me chamam de modo irresistível. Fico a admirar o penteado barroco e a esguia altivez das carnaúbas, até que outro apelo me alcança. Vem do alto de generosos coqueiros, de que diviso grandes batalhões conquistando campos sem fim. Mas logo tenho de fazer uma pausa tristonha: choro os que foram assassinados no Jardim de Alá. Irado, condeno também a grosseria dos antipaisagistas que insistem em tratar membros da nobre espécie como recrutas da monotonia, obrigando-os a ficar em fila indiana ao longo da orla, cercados por cimento.

Agora vai longe meu delírio. Uma palmeira sagrada me atrai,

seu vulto inalcançável me chama em esplêndido silêncio. Um amor impossível prende-me ao centro sagrado de Delos, entre cujas rochas bem sei que já não posso encontrar a divina imagem. Desaparecida, ela floresce com tanto vigor que a vejo cheia de luz no sopé do Monte Cinto. Um aedo me conta que uma deusa pariu abraçada a seu tronco. Ouço o grito agudo da mãe e o clamor de damas augustas que a acompanham. Terríveis e belas, as deusas ululam quando o fruto radioso toca o solo. A ilha se cobre de ouro vivo.

Deixando Delos, não me surpreendo quando a palmeira sagrada alça voo. Na belíssima língua grega, seu nome, phoînix, tem asas imortais. Como gentílico, reporta-se à Fenícia, terra que enriqueceu o mundo com escritas sutis e mitos pródigos. Mas designa também a púrpura que os marinheiros fenícios arrancavam do mar, do seio de múrices. Os helenos o aplicaram à tamareira de cachos rubros. O vermelho de um fogo que podia ser, ao mesmo tempo, celeste, marítimo e vegetal tanto fascinou a gente grega que em sua língua todas

as palmeiras ganharam o apelido da ruiva.

Não ficou por aí a aventura do nome radiante. Além de ser dado a antigos heróis, o canoro phoînix (φοῖνιξ) ganhou asas de maravilha: veio a designar uma ave luminosa, presente sempre em nossos sonhos, por muito que se esconda aos olhos da vigília. Só mesmo a arte a revela à pobre percepção dos mortais. Mas depois de ter essa revelação, quem pode esquecer a fênix? Quem pode olvidar o brilho trágico da criatura alada que se imola no fogo e do fogo renasce? A poesia não deixa que sua imagem se apague.

Travei conhecimento com a ave fantástica na sua última epifania: como o Cristo que arde em nossas igrejas barrocas, vestido de plumagem flamante e enigmática. Ainda sinto um espanto de criança: o assombro que me tomou quando minha mãe me disse que era Jesus aquele pássaro alucinado, vestido de um fogo de ouro.

Revi a fênix em textos de inúmeros poetas e aprendi com alegria, no tesouro da língua grega, que a palmeira também merece o nome

brilhante do eterno. Sim, com toda a razão: sua beleza se faz amar para sempre.

SONATA ARBÓREA NÚMERO 4

Para Olympio Serra

Um velho sacerdote do candomblé, o Ogã Agnelo, meu saudoso amigo, falou-me de um rito celebrado na Bahia de sua juventude pelos “tios africanos”. Nas primeiras décadas do século passado, ainda tínhamos em nossa terra representantes do “povo da Costa”, na maioria nagôs. Entre eles havia sacerdotes adivinhos, babalaôs ricos em mistérios e muito respeitados por sua sabedoria. Eram chamados de “tios” nos terreiros baianos. Na época em que os conheceu, o Mestre Agnelo era ainda muito jovem, com pouco tempo de iniciado. Não tinha acesso ao círculo sábio. Teve notícia da cerimônia de que me falou através de um parente, um venerável ogã da Casa Branca, terreiro no qual ele mesmo, Agnelo, mais tarde obteria o honroso título de Elemaxó.

Segundo contou ao futuro Elemaxó seu parente mais velho, os “tios” costumavam reunir-se nos primeiros dias do ano para uma liturgia singular. Depois de uma longa vigília, marcada por preparativos secretos e purificações especiais, eles iam reunir-se ao pé de uma grande árvore numa clareira da mata ainda pujante em volta de Salvador. Quando chegavam a seu destino — à luz da aurora —, os velhos sacerdotes faziam suas preces, depositavam oferendas e ficavam por um bom tempo em silêncio, ouvindo a árvore. Escutavam o murmúrio das folhas agitadas pela brisa matutina e prestavam atenção ao canto de pássaros pousados na copa sagrada. Embora valorizassem o comentário melódico das aves oportunas, era das folhas que esperavam o “recado” principal. Depois de cuidadosa escuta, eles agradeciam a mensagem com palmas ritmadas e confabulavam, expondo uns aos outros suas interpretações, que procuravam harmonizar.

Meu amigo Agnelo supunha que a árvore profética encarnava o orixá Okô, ou senão o deus

Oloroquê, do povo efan, cultuado num terreiro de Brotas. Por falta de tempo, nunca pesquisei o assunto. Mas não o esqueci. Uma intrigante coincidência me fez reter na memória o depoimento do Elemaxó Agnelo. Sua lembrança me transportou a uma passagem da Odisseia.

No Canto XIV do grande poema, o herói, já em Ítaca, tendo assumido a aparência de um mendigo, hospeda-se na cabana de um escravo, o porqueiro Eumeu. Atena desfigurou seu protegido a fim de garantir-lhe a segurança, de modo que o servo não o reconhece. Apresentando-se com uma identidade inventada ad hoc, o hóspede (Odisseu disfarçado) afirma ao bom servo que seu amo está vivo. Para convencer Eumeu, o herói atribui a si mesmo uma biografia caprichosa e narra algumas peripécias. Destaca sua viagem ao país dos Tesprotes. Conta que o monarca do reino longíquo lhe deu notícias do soberano de Ítaca (ou seja, dele mesmo). Garante ter ouvido do rei tesprócio que Odisseu passou por lá a caminho de Dodona, onde ia consultar

“a folhagem divina do grande carvalho de Zeus” a fim de saber como retornaria a sua terra. Bem adiante, o falso mendigo repete essa história a Penélope (Canto XIX, versos 296-269).

A referência mais antiga a Dodona e à divindade que lá se cultuava se encontra na *Ilíada*, no Canto XIX, versos 233-35. Nessa passagem, Aquiles reza a Zeus dando-lhe os epítetos de Dodoneu e Pelásgico. Faz-lhe um pedido e lembra que o deus já lhe atendera outro rogo. O herói acompanha a súplica de uma libação, em cálice reservado ao culto da grande divindade. Segundo os três versos que dão início à prece de Aquiles, cercavam o Zeus de Dodona sacerdotes chamados Selloí que dormiam no chão e nunca lavavam os pés. Os tabus mostram que o contato direto com a terra lhes era indispensável.

Aquiles não menciona a grande árvore, mas as dicas dos dois poemas homéricos podem ser combinadas. Não é tudo: um fragmento de Hesíodo (*Hes. fr.* 240) e uma antiga moeda também nos informam sobre o oráculo de

Dodona. O fragmento faz referência a pássaros que frequentavam o carvalho sagrado. A moeda, do tempo de Hesíodo, mostra três pombas pousadas numa grande árvore. Bem mais tarde, Heródoto, Estrabão e Plínio falaram de sacerdotizas consagradas ao deus e apelidadas de pombas. Seriam as novas intérpretes do carvalho.

Volto agora ao rito dos tios africanos de que me falou o Ogã Agnelo. Começo declarando meu encantamento: me comove pensar que nesta cidade onde vivo havia homens capazes de ouvir árvores e entender-lhes a linguagem. Estou certo de que eles não eram loucos. Nos terreiros tenho encontrado pessoas muito inteligentes, dotadas de uma rica sensibilidade e de ouvidos musicais invejáveis. Pensando nelas e nos seus ancestrais, vejo-me forçado a uma pequena digressão.

Em diferentes culturas, admite-se que existem outras linguagens além da humana. E se busca música na natureza. Xamãs xinguanos me falaram da atividade que nós chamamos de composição musical descrevendo-a como uma

descoberta: um achado realizável quer em sonhos, quer em momentos de extraordinária lucidez. Então eles ouvem os temas que depois executam com suas flautas, cabaças e percussores. Ou seja, esses viajantes de entre-mundos colhem músicas encontradas em bichos e plantas, águas e céus. Podem recebê-la de seres vivos ou de gente morta, e tanto do fogo como do fumo. Assim apanham conhecimentos que permitem a cura, o encontro, a orientação. O xamanismo amazônico é muito ligado à música. Seus praticantes são mestres no emprego de instrumentos tirados do mato. Sua sabedoria canora me convence: desde menino considero as árvores seres musicais.

Mas volto à revelação do Elemaxó. Não tenho o saber mágico dos velhos tios africanos, não sou capaz de traduzir o que dizem as plantas. Mesmo assim, gosto de suas cantigas e acredito que elas podem ser reveladoras. Já me aconteceu passar da perplexidade à compreensão de assuntos difíceis simplesmente caminhando entre árvores, ouvindo seu murmúrio.

Caminhando pela cidade, entre grosseiros ruídos, por vezes ergo os olhos e vejo uma árvore distante que me comunica seu silêncio. Eu o acolho e me pacifico. Sei que ele pode transformar-se em ideia, vestir-me de um novo sentimento do mundo.

Viajei nesta crônica por lugares e tempos muito distantes uns dos outros. Teimo em associá-los, embora reconheça meu devaneio.

O carvalho de Zeus recebia o rogo de homens aflitos que acolhiam sua mensagem através de intérpretes consagrados (homens, mulheres, pássaros). Os velhos sacerdotes negros que aqui demandavam um oráculo arbóreo eram expoentes de um povo perseguido, explorado, ameaçado. Celebravam seu estranho ritual no começo do ano, escutando uma árvore em busca de conselhos com que guiar sua gente. A música das copas os advertia e iluminava. Eram poetas que procuravam comunicação com as raízes do mundo a fim de olhar para além do momento. Sua lembrança me inspira. Alegria-me

compartilhar o delírio de nagôs e pelasgos. Sim, eu acredito em árvores proféticas.

SONATA ARBÓREA NÚMERO 5

Para Lorena Volpini

Árvores que amo se fizeram anunciar pelo encanto de uma dádiva — e só depois me apareceram. O perfume da canela tocou-me cedo, porém demorei a encontrar-me com esta planta de pele sedutora. A mesma coisa se passou com o cravo. E um belo dia, por obra e feitiço de Jorge Amado, essas árvores cheirosas tomaram forma de mulher na minha imaginação. Hoje elas me impressionam com uma graça erótica.

Do mesmo jeito que cravo e canela, foi também nos pratos que descobri outra criatura viçosa. Algum tempo depois, seu sinal de beleza floriu para mim nos prados intangíveis da lírica. Só mais tarde deparei inteiro o vegetal de que me vinham sabores sábios, ricos de muitas associações.

Em minha experiência de

menino do Recôncavo, as folhas submersas na feijoada, em deliciosa escuridão, eram o único indício da planta nunca vista nos quintais, nas hortas, no mato de meu conhecimento. Intrigou-me seu nome por causa de uma coincidência: tal como os papagaios — que a gente também chamava assim — eram verdes as folhas de louro.

Para complicar, ainda havia “o verde louro desta flâmula” na selva barroca do hino nacional. (No meu entendimento de criança, tratava-se mesmo do pássaro falador: o hino lhe pede que diga coisas bonitas: paz no futuro e glória no passado). Estranho jogo de signos enleava assim as palavras e as coisas, dourando as folhas da planta longínqua.

Na época, a referência básica que eu tinha para a compreensão do termo “louro” eram cabelos de pouca gente. Na minha negra cidade natal, pessoas com esta dourada característica compunham exígua minoria. Eram chamadas de alemãs. Na minha infância, conheci alemães paulistas, espanhóis, franceses e até mesmo baianos, além de

alguns germânicos. Na velha Bahia de então, os nativos da Alemanha eram poucos e só faziam jus ao nome se fossem louros. Se tivessem cabelos negros, ou castanhos, seriam apenas gringos.

Aos poucos, isso mudou. O cinema consagrou o feitiço das louras ao tempo em que arrasava os alemães: este nome gentílico passou a sinônimo de “inimigo”, sempre derrotado pelos artistas de Hollywood. Complicação: uns e outros podiam ter cabelos de milho.

Na escola, vi desenhos que festejavam um ilustre caolho enfeitando-lhe a cabeça com as folhas do tempero. Achei graça do laurel.

Antes ainda de me aparecer em pessoa (digo, em planta completa), o loureiro se fez anunciar por uma rica folhagem de versos. Brotava de um mito. Tinha nome de moça fugitiva. Por arte de um amigo de metamorfoses cujas poemas ganharam o mundo, a fuga de Dafne fez-se ubíqua: Ovídio teve milhares de repetidores e inúmeros ventríloquos. Alguns deles falavam com as mãos.

Em azulejos do único

palácio que frequento — a reitoria de minha universidade — pode-se contemplar a bela ninfa perseguida pelo deus e já quase virando árvore. Redesenho a cena com um delírio infantil: imagino uma loura entusiasmada perseguindo o glorioso Apolo. O deus foge. Louras em transe são um perigo, principalmente na Bahia.

Outro poeta conferiu ao loureiro um encanto novo, associando sua folhagem mística com a beleza da namorada inalcançável. Por causa dele, a planta de olhos verdes ainda nos deixa tontos. Depois da Canzone VI, Laura e il lauro eu nunca mais separo. Mas fiquei estarecido quando soube que a amada do poeta, Laura de Noves, teve onze filhos de um homem chamado Sade. As Lauras que conheço (por acaso, todas morenas) são muito mais comedidas.

SONATA ARBÓREA NÚMERO 6

Para o Poeta Cajazeira

Esta sonata vai desenvolver um tema capturado por minha

memória em rica fonte: seguirá o rastro de uma melodia teórica nascida no horto de um poeta e recriada, num concerto suntuoso, por um filósofo em transe dialético. Acompanhando seu único movimento, comentarei um pequeno trecho de um ensaio de Hegel sobre a Filosofia da Natureza.

Declaro logo o que me interessa nessa estranha obra: a fantasia. Dificilmente se achará em suas páginas um esclarecimento efetivo dos domínios científicos que o pensador pretendeu incorporar a seu sistema. Aí a pura especulação cavalga, à rédea solta, noções da ciência da época, injetando no mundo físico uma torrente de conceitos com que o filósofo busca descrever a viagem do Espírito rumo a si mesmo, com o ponto de partida nessa travessia.

O resultado me parece bizarro. Não menosprezo a poderosa imaginação teórica do pensador de Jena. Aprecio sua verve fantástica. Mas confesso que leio sua Naturphilosophie com interesse poético. Como bárbaro que sou, nas criações da dialética hegeliana saboreio um romance, uma espécie

de novela metafísica, por vezes marcada por deliciosa extravagância.

O texto a que me reporto integra a Filosofia Real e deriva de um manuscrito com os apontamentos do pensador para um curso oferecido em Jena, em 1806. O texto é esquemático, sumário, com jeito de anotação para desenvolvimento ulterior. Tem lacunas e pontos obscuros. As sentenças rápidas, ansiosas por alçar voo, não raro estacam antes do termo, como que preparando o pulo. Muitas incorporam secretas reticências. Por vezes, palavras importantes precisam de ser conjeturadas, adivinhadas. Os editores se esforçam por preencher os vazios e dirimir dúvidas com recurso a glosas filológicas. Alinham no pé de página comentários breves, envolvendo, aqui e ali, notas do próprio Hegel, ou de seus alunos.

Dica para meus leitores eruditos: os ensaios da Filosofia Real se incluem no oitavo tomo da edição crítica das obras completas de Hegel (G. W. F. Hegel. *Gesammelte Werke*, 1968), geralmente indicada pela sigla HGW e dada a lume em Hamburgo pela Rheinische-Westfallische

Akademie der Wissenschaften. Há pouco revisei esse estudo na celebrada tradução espanhola de José Maria Ripalda (México, Fondo de Cultura Económica, 1984). Ripalda, um dos mais destacados especialistas em Hegel, além da tradução brilhante fez verdadeiro trabalho de editor, com erudição impecável.

A Filosofia Real encerra duas partes: I. Filosofia da Natureza e II. Filosofia do Espírito. No terceiro capítulo (dedicado ao Orgânico) do ensaio intitulado Naturphilosophie, depois de ter discorrido sobre o que chamou de “organismo mineralógico”, Hegel aborda o vegetal. Caracteriza a planta como “individualidade orgânica imediata” em que prevalece a espécie (pois nela “o individual não volve a seu próprio ser, não se sente a si mesmo”). Daí passa ao exame do processo de constituição da planta: começa pela semente, avança por raiz e tronco, considera a folhagem e os brotos, até que chega a flor e fruto. O trecho que destaquei concerne às folhas. Mas começo um pouco antes. Anoto (HGW 8.131):

“A semente, dada a imediatez

de sua individualidade, é uma coisa neutra; cai na terra; a terra, em si, nada mais é para ela que a força em geral; a semente não extrai alimento da terra enquanto terra, nutre-se apenas de ar e água”.

Segue-se a esta curiosa afirmativa um vislumbre do todo vegetal: “A planta é, pois, processo dúplice: transforma o ar em água. Aqui, de nada servem as opiniões químicas para a explicação da passagem do nitrogênio ao hidrogênio, pois para a planta ambos são matérias insuscetíveis de transformação; a mediação se dá pela negativa ipseidade que é o gás oxigênio. Mas com isso não finda o processo, que volve ao carbono, ao subjetivo, real, químico”.

Depois de tamanha informação, o pensador retoma a análise por partes. Na raiz, ele vê “a força hermética, a pura ipseidade, que justamente por sua imediata simplicidade recai no inorgânico, é a fibra em geral”.

Está claro? Veja o leitor esta explicação:

“Quimicamente considerada, [a raiz] é carbono, sujeito abstrato;

mas segundo seu conceito é a mera força, enquanto tal; é semente que permanece na terra, sua simples treva, pura madeira sem casca nem medula.”

Vamos logo ao topo: a folhagem é “processo vivo da luz, que vem a ser processo do fogo, dissolve a figura e a produz enquanto ser-para-outro”. Aos olhos do filósofo, a aparição das folhas representa um desdobramento que vem a ser (para a árvore) “o extremo da externalidade, da dissolução, da singularidade superada, processo enquanto tal”.

Já chega? Calma, é preciso avançar. No arremate, o filósofo aponta “a esfera do genérico, de que a planta não sai” pois “é o simples, que em sua articulação da singularidade não vai além de sua substância geral”.

As citações acima bastam para para mostrar o devaneio especulativo do texto. Com elas me justifico: diga o leitor se exagero quando chamo de bizarro o famoso tratado. Mas repito que lhe atribuo um valor lírico. Hegel não gostaria dessa apreciação, mas não posso

evitá-la. Sou bárbaro.

Agora vou ao ponto que me interessa comentar. Numa parágrafo sucinto (HGW 8.137), o filósofo afirma que “cada parte é a força de toda a planta e pode representá-la”. Dá como prova dessa tese o fato de que “caso se revire uma árvore, plantando seus ramos na terra, brotos despontam e as raízes se transformam em ramos perfeitos; da casca também rompem rebentos e os ramos voltam à raiz”.

Intrigado com este argumento, eu cheguei a supor que ele tem fundo mítico. Mantenho a hipótese, mesmo depois de ter encontrado melhor explicação. Justifico: tenho para mim que a mítica continua a ser o incontrolável substrato da filosofia e de vez em quando irrompe dessa profunda camada subterrânea um jorro vulcânico originador de novas formações de relevo no espaço teórico. A o reler o trecho evocado, primeiro me veio à mente a Asvartha, a árvore cósmica que tem suas raízes no céu, de acordo com o Bhagavad Gita. Mas não presumo que Hegel tenha pensado nessa poética figura do

pensamento hindu. (De resto, etnólogos têm mostrado a recorrência desse Weltbild em diferentes culturas, pelo mundo afora). Outra lembrança, mais razoável, me dirigiu a uma das fontes do pensamento de Hegel: lembrei-me de uma curiosa metáfora de Platão, empregada no Timeu (90a-b) para caracterizar o homem, figurado à imagem de uma árvore, de origem não terrena, mas celeste, cuja raiz corresponde, no corpo humano, à cabeça, por onde a divindade nos comunica o intelecto, a alma. Achei que esta imagem platônica (de inspiração talvez órfica) pode ter influenciado a reflexão hegeliana sobre a planta, emergindo das profundezas do inconsciente do criador da nova dialética.

A melhor explicação do trecho encontrei depois de lembrar-me de que a Naturphilosophie teve outra redação, muito mais clara e sólida, com maior apoio na ciência da época (o próprio Hegel admitiu que o texto de Jena era um esboço de principiante). No segundo volume da Enciclopédia das Ciências Filosóficas (ECC) [= Enzyklopädie der Philosophische

Wissenschaften, EWP], que data de 1830, recapitula-se a Naturphilosophie. Antes de recorrer a esse texto maduro, peço vênia para uma digressão.

Minha primeira leitura da Filosofia Real hegeliana se concentrou na última parte. Suspeito que a maioria dos cientistas sociais procede assim: é a Filosofia do Espírito que mais nos interessa, pois encerra uma poderosa reflexão sobre a sociedade, o direito, os mores, o Estado e temas conexos. Passei quase por alto a Naturphilosophie, que, repito, me pareceu um ensaio bizarro. Isso não me impediu de admirar o ambicioso projeto de Hegel, fruto de uma potente fé filosófica (para falar como Jaspers). O symbolon, o credo que lhe corresponde, pode exprimir-se numa bela sentença: no lema heracliteano que o jovem Hegel e seu amigo Hölderlin usavam como epígrafe em seus cadernos escolares, quando ambos eram estudantes no Seminário de Tübingen: hén pánta (“tudo (é) um”). Na chamada Filosofia Real, Hegel considera a passagem do inorgânico ao orgânico a fim de

re-unir essas dimensões e, progredindo, ligar o mundo físico ao espaço da vida inteligente descortinada no horizonte da sociedade, da cultura, do Estado: um enlace visto por ele como indispensável, desde quando tudo é história a seus olhos sequiosos de Espírito.

Sua ousadia me impressiona. Devo confessar que me encantam as “grandes narrativas” hoje em descrédito, olhadas com forte suspeita. Será justa a suspeita, mas o desdém que por vezes a acompanha me parece injusto. No ressequido nicho pós-moderno, tem dado pretexto a uma atitude desanimada e ressentida, de auto-limitação, de adesão à miudeza, com tempero de acídia. Porém não escondo que aprecio a “grande narrativa” hegeliana com prazer principalmente estético. Talvez ela seja a última das cosmogonias em linguagem filosófica, um grande mito a que não falta beleza — e que ainda guarda força elucidativa.

Torno agora ao trecho que me intrigou. Nas páginas 386-7 da ECC Hegel revela a fonte real de sua tese e torna mais clara a prova que

aduziu. A fonte vem a ser a obra de Goethe intitulada *Metamorphose der Pflanzen* (Metamorfose das plantas). Hegel lamenta que os botânicos não lhe tenham dado atenção e procura fundamentar a intuição do poeta pensador, para quem o crescimento das plantas corresponde a metamorfoses de uma só, idêntica formação. Essa totalidade se projeta em muitos indivíduos em que realiza sua ek-stase (seu *Aus-sich-gehen*). Digo melhor: em que seu todo se extasia, na floração da diversidade. “As partes da planta chegam à existência como iguais, de modo que no vegetal cada membro pode facilmente transformar-se em outro”.

Hegel procura fundamentar essa tese evocando uma experiência: lembra que se têm invertido árvores, virando as raízes para o ar de modo que galhos e ramos mergulhem no solo — e o resultado é brotarem ramos, folhas, flores e frutos das raízes tornadas aéreas, enquanto os ramos se voltam raízes. Botânicos dirão que essa experiência, possível só com alguns vegetais (Hegel cita exemplos em outro trecho), não

justifica a tese goetheana. Pouco me importa. Na passagem da Filosofia Real que acima citei, encabulou-me a descrição esquemática do processo porque Hegel, entusiasmado, sugeriu uma “ramificação” profusa da planta: uma irradiação tão intensa e completa que a bendita árvore compôs um grande círculo em minha mente.

A imagem subsiste. Como-vido por sua força (mais emocionante que razoável), dou razão a Hegel. Em processo desde sempre, a árvore circula. É seu próprio ciclo. As folhas o mostram na sua expressão luminosa. Os galhos que deitam flor e fruto assim mesmo carregam as sementes — e quando estas se aninham no solo, pode-se dizer que a renda frutífera donde procedem suscita o vir a ser da raiz, onde sua trama se recapitula. Verifico: a planta inteira está em cada uma de suas partes, agora repostas em um núcleo vivo — e assim se irradia. A escuridão da raiz e a cobertura solar da folhagem se correspondem. A luz que as folhas bebem desce à profundidade da terra, a treva radical ascende à copa que gera sombra. Ao

se erguer num jato firme, o tronco liga os extremos que opõe e ao mesmo tempo comunica.

Penso em Goethe na Sicília, arrebatado por sua visão da Urpflanz. Fascinado pela verde intuição do poeta, contemplo uma árvore através da minha janela. Percebo que ela traz em seu corpo inúmeras outras de que veio, sem as quais não existiria, e muitas ainda que nela se insinuam como virtuais descendentes, enriquecendo-lhe a presença com sua possibilidade. Vejo que há um bando de irmãs à sua volta e todas fazem vir à tona da existência idêntico impulso, repetem de diferentes modos o mesmo gesto existencial, como um canto que juntas entoam, vestidas de suas espécies. Cresce meu delírio dialético: no grande coro assim formado, já não distingo das presentes as árvores que elas convocam e fazem cantar desde a origem, ou desde o futuro. Sua música me toma: sinto-a jorrando na minha cabeça (minha celeste raiz), donde flui por meu corpo todo.

E então floresço.

SONATA ARBÓREA NÚMERO 7

Para Niara Jost

Sei que eles existem no Brasil. É possível encontrá-los aqui perto, em Minas Gerais. Florescem no sudeste e no sul do país, transplantados por mãos saudosas. São poucos, porém ricos de sereno vigor. Projetam sombras de nostalgia. Saúdo com carinho esses belos migrantes, mas foi na Europa que conheci a esplêndida raça dos carvalhos. Aprendi logo que este nome se aplica a mais de uma centena de espécies e que delas outrora havia densas florestas no continente europeu. Seu número continua grande por lá e sua beleza impõe respeito, garante-lhes proteção. Não são menos pujantes os seus irmãos norte-americanos.

Ainda me lembro de meu primeiro encontro com um majestoso roble, na França. Era alto que nem uma torre, com uma bela copa onde tons castanhos e rubros se misturavam ao verde. Três homens mal poderiam abarcar-lhe o tronco. Um amigo me explicou que aquele

príncipe tinha mais de quinhentos anos. Nada de incomum ou excessivo na sua família: carvalhos há que chegam a um milênio, ou mais. Não demorei a lembrar-me do nome latino da sua espécie, que os cientistas ainda chamam de *Quercus robur*. A imponência do venerável gigante logo me fez recordar que da palavra *robur* derivam não só os nomes vernáculos *roble*, *robor*, como o adjetivo *robusto*.

Drys, o nome helênico do carvalho, também me acudiu imediatamente. Veio junto com lembranças do tempo em que me dediquei à filologia clássica na Universidade de Brasília. Foi lá que comecei minha carreira de professor, dando aulas de grego antigo. Como todo helenista sabe, a palavra *drys*, de raiz indo-europeia, a princípio tinha o amplo significado de árvore. Os helenos só se familiarizaram com os carvalhos no território a que deram nome. Segundo os especialistas na língua e na protohistória dos indoeuropeus, não havia carvalhos na região de onde se conjectura que eles partiram na sua espantosa diáspora. (Em todo o

caso, os futuros helenos certamente admiraram carvalhais na passagem pela centro da Europa, rumo a seu nicho mediterrâneo). À falta de outro termo, os povos que viríamos a chamar de gregos fizeram do soberbo vegetal a árvore por excelência. Tiveram logo de recorrer a outro substantivo, *déndron*, para a designação genérica, mas por longo tempo usaram *drys* com os dois significados.

Graças não só a gregos e latinos como a escritores de toda a Europa (antigos, modernos, contemporâneos), sem esquecer alguns da América, quando me deparei pela primeira vez com um carvalho reconheci um velho amigo. Já lhe tinha colhido inúmeras folhas de prosa, de versos, de música. Frutíferas imagens, verdes melodias de sua beleza vicejavam em minha memória. O sabor de sua carne eucarística já me havia acariciado a língua (não poucas vezes, confesso), na amável companhia do uísque, de bons vinhos, até de cachaça. Esse primeiro encontro foi, portanto, antecipado pela memória, que o encheu de tempo, de modo

que até hoje seu dia transborda.

Embora me aparecesse rodeado de lembranças, o belo roble mostrou novidade. Em seu invisível espelho contemplei multidão de árvores — todas juntas no seu corpo, até mesmo as desconhecidas. Peço licença à coorte: quero falar agora do carvalho que não vi, que nenhum ser humano contemplou. Olhos efêmeros jamais o enxergaram. Para aproximar-me dele, sigo os passos remotos do misterioso pensador a que se manifestou seu ser encoberto.

Quem era mesmo esse homem? Pouco se sabe a seu respeito. Seria um natural da ilha de Siro, chamado Ferécides, cuja vida transcorreu no século sexto antes de nossa era. Trata-se de um dos patriarcas da filosofia. Autores antigos o diziam mestre de Pitágoras. Seu vulto se confunde com o do suposto discípulo: às vezes é difícil saber qual dos dois seria o autor de certas proezas legendárias. Os gregos viram em Ferécides um profeta, um mago, um sábio inovador, um filósofo. Na *Metafísica*, Aristóteles o classifica entre os “teólogos”, mas

adverte que ele não empregou só a linguagem mítica: já teorizava. Outra inovação: de acordo com uma glosa do Suda, o sábio de Siro teria sido o primeiro a escrever em prosa.

Na sua singular *Teogonia*, Ferécides afirma a existência de uma trindade divina a que atribui a criação de todas as coisas: *Zas*, *Ctônia* e *Khrónos*. O nome *Zas* pode entender-se como “Portador da Vida, Vivificador”. O deus que ele designa assimila-se a Zeus. Uma cita de Laurêncio Lídio o identifica com Hélios, o divino Sol. (Essa teocracia era comum entre os órficos). *Khrónos* vem a ser o nome grego para o tempo. (Na obra de Ferécides, a figura do Tempo divino se funde à pessoa mítica de Krónos. Isso também ocorre nas teogonias órficas). O nome de *Ctônia* deriva de *khthón*, termo que em grego designa o solo e as profundezas subterrâneas.

Não cabe numa pequena sonata a discussão dessa complicada teogonia de que só restam fragmentos. Vou destacar apenas uma passagem.

Reporto-me, primeiro, ao chamado Papiro Grenfell, onde se lê um trecho da narrativa fantástica das bodas primordiais, as núpcias de Zas e Ctônia. No terceiro dia da festa, ao erguer pela primeira vez o véu da noiva, Zas lhe deu um presente. Assim ele inaugurou o rito das anacaliptérias. O presente oferecido pelo deus amoroso à noiva foi um belo manto em que ele bordou, em cores variadas, “Gê e Ogeno e as moradas de Ogeno...” Ou seja, a Terra e o Oceano, que no imaginário dos gregos a circunda com seus abismos fecundos. Acho muito simpático esse deus masculino que tece e borda a roupa de sua noiva. Mas nesse ponto se interrompe o fragmento.

Daqui salto para duas citações de Clemente de Alexandria, salpicadas no tapete de suas Miscelâneas (Strom. VI, 9 e VI, 53). Na breve referência que faz ao texto de Ferécides de Siro, o padre apostólico evoca o esplêndido manto confeccionado pelo criador e acrescenta que esse phâros foi deposto sobre um carvalho alado. De modo ainda mais sucinto, Máximo de

Tiro (IV, 4) evoca “árvore e peplo” ao mencionar a obra do misterioso pensador.

A ideia de um carvalho alado tem intrigado, ao longo de séculos, os historiadores da filosofia. Sugere uma fantasia descontrolada, irracional. Voltarei a isso daqui a pouco. Uma questão preliminar se coloca: donde vem o estranho carvalho?

No momento da história ferecidiana em que Zas presenteia a noiva divina, ainda inexistente o mundo que o manto compõe. A árvore sobre qual o amoroso criador o estende não é, pois, nenhuma das plantas que ora existem: naquele tempo elas ainda estavam por ser.

Avancemos. Ferécides afirma que depois das núpcias Ctônia tornou-se Gê, a Terra. Seu primeiro nome faz pensar em profundezas abissais.

Neste ponto, nos acode a lembrança de Hesíodo, que fala das “raízes da Terra” mergulhadas no Tártaro. Hesíodo por certo se reportava à imagem tradicional de uma árvore-mundo, ou seja a uma figura do mundo em feição

de árvore, símbolo encontrável em diferentes mitologias e ainda vivo, por certo, na imaginação mitopoeítica dos gregos da época.

É a esse Weltbild que remete o carvalho de Ferécides.

O manto sobre a árvore completa a transformação de Ctônia, constitui a superfície onde em vêm à existência os seres efêmeros: plantas e bichos, todos os viventes. O que precede essa aparição só pode ser perene. Logo, a entidade misteriosa que se vela e revela nas núpcias divinas deve ser eterna.

Concluo: pertence à eterna essência de Ctônia a árvore secreta que Zas reveste. Na teogonia ferecidiana, informa Diógenes Laércio, Ctônia torna-se Gê (a Mãe Terra que conhecemos) quando o deus a cobre e fecunda. Ou seja, o carvalho alado é a própria Ctônia, sujeita a erótica transformação. A bela planta que traz o mundo na sua copa compõe sua imagem nupcial.

Não falo gratuitamente em transformação erótica: Máximo de Tiro resume o lance das primeiras bodas referindo as divindades que o protagonizam. São três, não

duas, embora o ato consumado seja o enlace de um casal. Formam a trindade nova “Zas e Ctônia, e Eros neles”.

Entendo que a árvore-mundo só se completa quando o deus nela estende o manto; vale dizer, quando o Vivificador se estende sobre a deusa amada.

Como sempre disseram os gregos, o carvalho pertence ao Pai celeste, divino esposo da Terra, a quem eles rogavam: “Chove, fecunda, querido Zeus!”

É que os helenos entendiam a chuva como fecundação da Terra pelo Céu.

O carvalho com seu manto vivo representa, ao mesmo tempo, a união criadora e o mundo que ela faz surgir.

Não me desconcerta a imagem de um carvalho alado. Certo é que o povo das árvores comunga pássaros. As folhas do arvoredado são uma espécie de plumagem. E já muitas vezes senti impressão de voo admirando contra o céu a copa de uma grande árvore, quando o vento faz deslizar as nuvens no alto. Então é a árvore que parece mover-se. Sua

copa flutua no azul celeste.

Gosto muito de contemplar essa aérea navegação, que às vezes me embriaga. Confesso, também, meu doido amor às tempestades que levam os gigantes verdes ao desvario. Quando a ventania os agita, os ramos são asas frenéticas. Seu inútil apelo traduz a loucura da existência, mostra-me o véu oscilante da vida.

O carvalho alado, que nunca vejo, é bem real para mim.

SONATA ARBÓREA NÚMERO 8

Para Marina Martinelli

Amendoeira na
esquina de casa

Dava toda sorte de
comida de mentira

Menos o arroz da
Maria-fecha-a-porta

Ali defronte minha
irmã quebrou o braço

Mangueira no quin-
tal de meu avô

No galho a gente fez
um balanço

Ia trocar gamelas e
buscar ovos

E no outro canto
um cajueiro que não sinto
saudades

Mas lembro da
fumaça da torra da casta-
nha com Suely, de quem
nunca mais tive notícia

A água gelada nas
pedras âmbar

Do rio de trás da
casa de tio Antônio

Que nem sei se
passa lá mesmo

Ou só no mapa da
saudade

A inigualável casa de
tio Antônio!

Saudade de todas as
árvores!

Saudade da goia-
beira do Posto Leonardo

Saudade das sete
macieiras perfiladas que
via certa época da janela
de casa

Saudade pré-datada
desta bétula contorcida

– tronco acanelado
–
Que um vizinho
sem coração
Marcou pra ser
derrubada
Que ele prefere ver
a rua...

O poema em epígrafe não é meu. Foi escrito por Marina Martinnelli e publicado em seu blog (litteraturista.wordpress.com). Ele não apenas introduz esta crônica: é sua semente. Cria-lhe o tema, dita a melodia que dá corpo a sua música. Chama-se Saudade de Árvores o coração lírico da sonata que iniciou. Marina o pôs a pulsar quando morava na Noruega. Seus versos percorrem diferentes lugares, que terminam entrelaçados numa rede utópica, tecida com folhas.

A amendoeira rica em sabores insuspeitos é baiana, de Salvador, assim como a Maria fecha a porta, que — aprendam os leitores — oferece às meninas o verdadeiro arroz de mentira. A árvore se agita, chora ao lembrar-se da criança com

o braço quebrado que ela tentou em vão consolar. Todo os bêbados do bar do Chico, que fica pertinho, escutaram o gemido de suas folhas, seu apelo aflito.

O quintal com mangueira fica em Brumado, a cidade do sudoeste baiano em que o avô dorme para sempre. A mangueira com seu braço vigoroso sustenta ainda, em campo lírico, o ritmo do balanço que atravessa o tempo. O cajueiro à margem da saudade deixa correr uma fonte aromática. Sua lembrança se impõe, revelando a força de um gênio manhoso. A fumaça das castanhas desenha-lhe a sombra viva e incensa o lugar com seu enigma. Em seus arabescos tento ler as notícias perdidas de Suely.

Mas rapidamente a cena muda. Estou agora à beira de um rio que contorna pedras de âmbar. Eu o reconheço. É o Rio Brumado, que atravessa a cidade de Rio de Contas (e passa nos fundos do quintal de Tio Antônio), assim como o Rio do Antônio percorre Brumado. Já o Rio de Contas passa por vinte municípios, de Abaíra a Itacaré, sem tocar a terra a que dá o nome. Quem

se acostumou a essa geografia de transferências não se espantará ao ser lançado cada vez mais longe através de espelhos corredios onde se reflete, melodicamente, a dança de árvores longínquas.

Eu me deixo levar.

Com a saudade que me contagia, vejo-me agora no Leonardo, à beira do Twatwari. E sigo pela veia do Kuluene, rumo à corrente mágica do Xingu. Embarco na lembrança de Marina a me contar, já moça, que ainda sonhava com a mata xinguana onde estive em criança. Recupero seu entusiasmo infantil com a beleza dos jacarés que viu flutuando no grande rio, sutilmente precedidos por buquês de borboletas. Resgato a cena em minha memória: as pétalas voadoras dançam pouco acima das ventas emersas do bicho, cujas mandíbulas tremendas se escondem discretamente sob o véu deslizante da correnteza.

Perdoem-me o desvio: foi o poema que me levou para a água. Balbucio minha frágil desculpa: quem vê um jacaré nadando em rio ou lago, bem o pode confundir com

um tronco deslizante — se ele não estiver, é claro, devidamente borboletizado. E na mitologia xinguana um jacaré sedutor está associado ao pequizeiro, árvore muito prestigiada por Tio Antônio e por todo o povo de Rio de Contas. Por incrível que pareça, trata-se mesmo de um bicho arbóreo.

De volta aos versos de Marina, me intrigo um pouco. Sei que a autora não esquece a visão fantástica da floresta de galeria rompendo a savana, mas a goiabeira do Posto Leonardo — de que eu não consigo lembrar-me — ganha em seu poema um fantástico privilégio: toma o espaço lírico da poderosa floresta, que diante dela se retrai. Trato de plantar em minha imaginação a dama das goiabas. Esta suave canibal me assusta um pouco: só me parece que ela guarda em seu ventre esguio todo o universo xinguano. De longe, eu lhe faço uma reverência.

Mas a viagem florescente ainda não se completou. O volátil mapa da saudade, que aproximou do Xingu a casa riocontense de Tio Antônio, põe agora a árvore

misteriosa do Leonardo a dialogar com sete macieiras de Oslo. E o tema da conversa é o anunciado sacrifício de uma bétula. Escuto: elas caem de pau no vizinho sem coração. Lembro-me, em seguida, de uma bétula que me hipnotizou com o olho único, irresistível, aberto para sempre em seu tronco, por obra e capricho de deuses vikings. (Lembrou-me logo Odin). Rezo generosamente a todos os bravos da corte de Freia para que sequem o ímpio. Reza forte: garanto que o miserável está lenhado. As amáveis ruas de Oslo não o querem ver.

Volto ao começo do poema pensando nas belas amendoeiras hoje perseguidas em Salvador por gente estúpida com alma de cimento. Logo esta árvore, a mais feminina de todas, a planta que desde a antiguidade é símbolo das mulheres, que o povo da Idade Média europeia associava a Nossa Senhora, querem banir da nossa orla. Malditos sejam os estupradores da cidade, os anti-arbóreos.

Mas a saudade tem força nas suas asas fluorescentes que o poema desvela. Dessa força a esperança

ressurge. Celebremos seu manto verde. E com o alento da poesia, esconjuremos a estupidez, rezando por todas as árvores.

Salve Marina, cheia de graça.

SONATA ARBÓREA
NÚMERO 9

Para Lete Misteriosa

A baraúna surpreende que nem um beijo inesperado, com um belo verdor que rasga a secura. Impõe profundo respeito no campo raso da caatinga. Tem jeito de capela erguida no ermo, muito à vontade no tabuleiro. No centro de uma clareira, faz com que o mato humilde a seu redor pareça recém-chegado. Arbustos reverentes então se inclinam para a saudar. Mas ela gosta de solidão. Prefere o descampado. Embora nem sempre abrigue a ave sábia, tem com sua raça um parentesco secreto: de espírito glauco, sem garras nem olhos visíveis, forma sua própria coruja, toda grave, meditativa. E plácida.

A ataraxia da baraúna contrasta fortemente com a paixão da

umburana. Esta senhora, quando moça, insinua danças caprichosas com os galhos esguios e usa de modo sedutor o véu da folhagem; mas toda se despe e retorce em sua velhice trágica. É uma atriz inspirada. Os escultores do sertão tiram de sua carne imagens estranhamente serenas, ex-votos impassíveis.

Sim, ela também ama-menta implacáveis marimbondos. É benévola com todos. Sertanejo sabe: Umburana de Cheiro, bela dama perfumada, acode com sua farmácia os pobres das terras secas. Suas sementes caridosas prodigam xarope santo, oferecem chá milagroso, tiram febre, aquietam dores humanas, curam moléstias de muitos bichos. Destaca-se a vermelha, com o rubor discreto de sua pele e os frutos sanguíneos que comunicam energia, irrigam as veias dos enfermos.

Também médica é a aroeira de flamantes frutos, sagrada casca de jacaré.

A catingueira, em geral loura de flores, mas às vezes roxa, fornece o feijão das cabras. Guarda-o com carinho em suas vagens

pastoris.

Inclino-me diante do soberrano jatobá. Eu o conheci no sertão baiano, onde sua altura me espantou. Depois o vi em terras amazônicas, três vezes maior, um soberbo rompe-nuven. Mas como o sertanejo marcou minha primeira admiração, ficou sendo, para mim, o pai de todos, o máximo. É que ainda o vejo com os olhos da infância. Dou-lhe o título merecido: Doutor Jatobá. Aprendi com os cientistas matutos que ele dá remédio à anemia. Os marceneiros o veneram, dele retiram farta mobília.

Os jatobás e as baraúnas são parmenídeos, assim como a linda mangueira que conheci em menino e a cada encontro me afirmava estar ali desde o princípio do mundo. Já o luminoso canjoão que eu gostava de ver no mato do Jequi sempre me parecia recente, vindo para ilustrar o puro momento em que eu o contemplava: declarava-se, a cada manhã, nascido com o dia, feito uma aurora vegetal, de louras tranças. Com artes secretas, tomava o lugar do irmão gêmeo que a sombra escondera. Pois é feiticeiro, o

canjoão. A gente acaba acreditando no seu discurso.

Por isso torno ao jatobá. A imagem de firmeza essencial que ele comunica hoje me traz à lembrança — não sei por que estranhas verdades — versos de um poeta de muito longe. À luz das palavras de que me apropriado, mostro o firme tronco e a mim mesmo dou certeza: Veja, as árvores são.

Na língua do poeta, a frase tem um áureo zunido: — Sie, die Bäume sind — e por conta do belo zunir já a imagino pronunciada por uma abelha experta em zês. Mas cismo: troco o som de ouro besouro por um cicio, na nova tradução que me ocorre. Ela distorce um pouco o sentido literal da sentença, mas lhe acrescenta o vento na folhagem: Sim, as árvores são. Daí volto à fonte alemã e no som que o trema impõe a Bäume enxergo um galho recurvo.

Bendito seja Rilke por sua Segunda Elegia, em que plantei um jatobá. (Às margens do Duíno, vejam que loucura! Mas creio que ele gostaria do intruso).

Torno ao sertão, recorro a letras brasileiras. Euclides da Cunha

prestou grande atenção às árvores da caatinga. Fez uma espécie de ode em prosa aos juazeiros, assim no plural. Celebrou o esplendor que ostentam em meio ao “depau-peramento geral da vida”, na dura agrura das terras áridas. É que eles ignoram a canícula, desafiam a seca com suas ramagens virentes em plena soalheira, “salpintando o deserto com as flores cor de ouro, álacres, esbatidas no pardo dos restolhos”. Na caatinga, diz Euclides, juazeiros figuram “oásis verdejantes e festivos”.

O grande escritor não foi menos justo com o umbuzeiro, “a árvore sagrada do sertão”: evocou suas dádivas generosas, os ricos momentos de alegria que dispensa ao sertanejo preso à labuta em meio a terrível secura. O cronista de Canudos retratou ainda outras belas plantas do deserto e descreveu com maestria o milagre da caatinga, sua espantosa ressurreição à primeira chuva. Confirmo: quem já contemplou essa primavera instantânea nunca mais a pode esquecer. Vai apaixonar-se para sempre por uma flora rude e fantástica.

Enquanto me disponho a acompanhar o mestre Euclides na reverência ao mandacaru, uma lembrança irresistível me assalta: vejo o cacto de Manuel Bandeira, “belo, áspero, intratável”. Cidadino embora, ele me lembra magníficos guerreiros de sua espécie que encontrei no sertão calcinado, desafiando o sol com seus verdes candelabros, ferozmente ouriçados. Confesso: todos os cactos me encantam. Guardo na memória o sabor do cortado de palmas, a graça dos quipás de coroa festiva, a religiosa admiração que sempre me comunica o rubro fervor das cabeças-de-frade, capazes de aninhar-se angelicamente até em côncavos de lajedo. Ainda na trilha euclidiana, homenagem tremendos arbustos: unhas-de-gato, favelas, xiquexiques. Saúdo a falange bravia, armada de garras agudas que prendem e laceram. Feito o louvor, afasto-me prudentemente das feras em rede. Volto-me para os mulungus generosos, de cujo feijão vermelho também já me alimentei. Invoco em seguida as touças amáveis da bela Jurema, sempre fascinante, na forma branca, na

forma preta, na forma mimosa. Ela responde a meu apelo com o ritmo forte do toré, abrindo as veias de que escorre o mel de celestes abelhas. Bela rainha de seios floridos, é o Espírito Santo do sertão.

SONATA ARBÓREA NÚMERO 10

Para Tom Correia

Árvores de Natal nunca me atraíram muito. No Recôncavo, no grande sertão, na Chapada Diamantina, nos lugares encantados de minha infância, elas não eram comuns. Demoraram a impor-se. Tiveram de competir com magníficos presepes, cada qual mais bonito. O de minha mãe tomava metade da sala. A cada ano se fazia diferente, embora sem fugir ao cânon. Destacava-se entre todos por sua singular beleza: nascia das mãos de uma artista.

Sim, eram inesquecíveis os presepes de Dona Ester. Móveis articulados de forma insólita, caixas, escadas, tábuas, cestos, todo tipo de treco improvável compunha a bricolagem de seu esqueleto, logo

recoberto de papéis pintados, com panos e gomas de recheio. Sobrepunham-se musgos, cascas, orelhas de pau, barbas de macaco, seixos, flores, folhas e búzios. Jarros embutidos fingiam arvoredos espessos. Espelhos viravam lagos, praias de areia fulgurante surgiam no meio de brenhas. Pedras formavam seranias de rico relevo, entre florestas que abrigavam animais líricos, bonecos engraçados, pássaros multicores. Zebras e leopardos, girafas e leões conviviam fraternos. Anjos com seus alaúdes se misturavam às feras, cidades inteiras apareciam de surpresa. Uma árvore de natal podia ser incorporada a esse pequeno cosmo, em que ganhava dignidade máxima. Na gruta reinava o Menino Jesus: um risonho bebê junto a seus pais, recebendo a suave adoração do boi, do burro, dos pastores com suas ovelhas, de reis e camelos.

Hoje, o Menino perdeu a festa. Roubaram-lhe o aniversário. Quase ninguém se lembra dele. Em seu lugar reina um palhaço balofo, com um ho ho ho estúpido, um propagandista desonesto que chama ao consumo desbragado, um sacerdote

da hipocrisia. Me dá nojo sua pieguice. Celebro a argúcia dos ingleses que deram ao diabo seu apelido tradicional de “Old Nick”. A minhas filhas, desde cedo eu denunciei o pilantra: sempre o tratei de bundão pra baixo. Com ele não quero acordo. Mas acolhi com deleite as imagens de membros esquecidos de sua família arcaica: os noéis islandeses que minha filha Marina me apresentou num lindo calendário. Festejo esses alegres demônios natalinos que pintam o sete, pregam peças, entornam o caldo da festa, se emborracham com os licores da casa e roubam a comida, mas nunca se fazem de santos, nem enganam crianças. Às gargalhadas, eles perturbam, mas também animam os humanos, feito uns macunaímas do gelo, maravilhosos exus do polo norte. O Papai Noel que triunfou no mundo burguês e fez dos shoppings seu santuário traiu o clã. Não tem vergonha na barba.

Deixa pra lá, não quero desviar-me do assunto. Volto às árvores de natal. Conheci algumas dignas, sinceras. Ao abrigo de sua copa florescem os presentes trocados em

família, numa noite em que todos se beijam antes de encher a pança para a maior glória de Deus. Então elas se enfeitam de risos, ficam bonitas, seus frutos multicores parecem vivos. Têm o sabor do vinho, do peru alcoolizado, da cerveja fraterna, a que às vezes se misturam nossas lágrimas de saudade. Embirro, porém, com as imensas árvores dos shoppings, rodeadas por figuras piegas de equívoca mitologia. Espero que os heroicos sequestradores de anões de jardim se lembrem de atacar esses redutos. Fica a sugestão.

Está bem, não quero ser enjoado. Reconheço que os decoradores às vezes fazem belos arranjos. Talvez o mau humor que me ataca nos santuários do natal moderno seja efeito do ar empestado por musiquinhas chatas nesses templos do consumo, no período das Boas Festas.

Agora vou me contradizer. Confesso que me lembro com amor de arvoretinhas desengonçadas, pequeninas: pinheiros nanicos, artificiais, com algodão nos ramos, sugerindo uma impossível nevasca

no calor dos dezembros sertanejos. Seus escassos enfeites são meia dúzia de bolas coloridas. Foi assim que o novo símbolo natalino chegou a casas pobres do sertão, do recôncavo. Podem dizer: mais kitsch que isso, impossível. Não importa. Declaro francamente que coisas cafonas às vezes me tocam.

As penteadeiras de puta, por exemplo. Elas se tornaram símbolo do kitsch arquitetônico: costuma-se dar esse apelido a edifícios bisonhos, decorados com excesso, sarapintados de extravagância. Mas as autênticas penteadeiras de puta que vi me comoveram. Tento na minha memória fazer o inventário de seu curioso acervo, misturando lembranças de forma confusa. Vejo espelhos enfeitados com penduricalhos, adesivos multicores, fitas do Senhor do Bonfim. Anoto no móvel que os incorpora os porta-retratos de moldura metálica meio rococó protegendo a figura do ídolo, ou do namorado, marcada a batom. Ao lado, a foto de um bebê e a infalível imagem de Santo Antônio, em meio à bijuteria espalhada na pequena mesa, perto da bailarina de louça

cujas danças se perde entre escovas, pentes, trens de maquiagem, frascos de perfume barato, bibelôs, flores de papel e uma caixinha misteriosa enlaçada com fita vermelha. À volta, colares, patuás, berloques, argolas, pulseiras. Não, minha gente: nenhum kitsch arquitetônico chega a ser tão lírico. Uma árvore de natal atrofiada junto a uma penteadeira de puta num randevu do interior já é um poema completo.

Mas arre, estou de novo a desviar-me do assunto. Toda essa conversa era pra falar de pinheiros, o tema da sonata. Entendam minha dificuldade: dá-se que praticamente não há coníferas em minha terra. As que conheci na infância eram compradas em lojas. Me pareciam — e em parte eram — artificiais. Seus frutos — metálicas bolas coloridas e lâmpadas piscantes — sempre achei bonitos. Dona Ester os pendurava em arbustos da manga vizinha, ou do mato próximo, em cujos ramos desordenados eles me pareciam mais vivos, com uma graça inesperada. Essas agrestes árvores de natal continuam sendo, para mim, as mais belas de todas.

Perdoem-me as senhoras coníferas. Não vou regatear a homenagem que lhes devo. Apenas registro a demora de nosso encontro decisivo.

Começo pelas araucárias, que só adulto conheci, no sul do país. Me impressionaram por sua altivez e por seu desenho extravagante. São bonitas essas magrelas, de uma graça austera. Quase todas estudam para candelabro. Gostei de seu cabelo black-power.

Muito me impressionou o pinheiro de Cézanne por sua corajosa angústia, sua brava agonia numa tempestade imóvel, eterna. O vento que a pintura captou (sei lá como) tem um sibilo ameaçador, terrivelmente silencioso, e provoca um frio danado, embora irreal. Recomendo a quem visita esse pinheiro no MASP que vá de casaco.

Ao vê-lo, eu me lembrei de outro: um seu irmão italiano que a poesia de Salvatore Quasimodo consagrou. Torto, com o feitio de uma arma rigorosa — o arco férreo que lança flechas com tremendo impacto — ele ausculta o abismo:

In alto c'è un
pino distorto
sta intento
ed ascolta l'abisso
col fusto pie-
gado a balestra.

Ele é refúgio de aves noturnas. Já o proclama o título do poema, repetido no primeiro verso do segundo terceto: *rifuggio d' ucceli noturni*. Note-se a sonoridade que a nossa língua não reproduz: o fonema /u/ ecoa três vezes de modo sombrio e o câmbio rítmico produzido pela vogal aberta no meio do verso suscita um rápido adejo, com a sábia contribuição das palatais que se abrandam em sequência, em contraste discreto com os pontiagudos /i/. Vale a pena contemplar o terceto inteiro:

rifuggio d'
ucceli noturni
nell'ora piú
alta risuona
d'un batere
d'alli veloce.

No terceto final, espelha-se o tronco recurvo num inesperado análogo: uma associação incorpora ao poema o enunciador. O som das asas que a árvore abriga repercute no coração aninhado noutra espécie de tronco, a saber, no peito do poeta:

Ha pure un
suo nido il mio cuore
sospeso nel
buio, una voce;
sta pure in
ascolto, la notte.

Chamo a atenção para um jogo subliminar: segundo nos revela, tanto no italiano quanto no português, a etimologia do verbo apenas sugerido, silente mas incontornável, o pinho dos pássaros recorda. Também nisso é igual ao peito. Sente-se o tácito ricorda na descrição da árvore que risuona e no cuore que lhe corresponde... com una voce. Suo nido se aproxima veladamente de suono e implica a voz atenta, que misteriosamente

escuta (está in ascolto) na escuridão (nel buio). E a treva em que o ninho/coração se acha suspenso equivale ao abismo que o pino distorto ausculta. De modo retroativo, sente-se pulsar a árvore curvada entre noite e abismo. A imagem devém inesquecível.

Dois grandes artistas me revelaram nos pinheiros um soturno sentimento do mundo. Mas neles também encontrei alegria. Festejo ainda a pujança da vida que comunicam estas árvores no inverno da Noruega. A taiga verde em campo de neve me deslumbrou. A fria noite entre Oslo e Elverum mostrou-me os gigantes desafiadores suportando, com soberana indiferença, capas de neve nos ramos soberbos — com jeito de quem leva nos ombros um xale branco, por pura e irônica elegância. Ao contrário dos pinheiros patéticos dos artistas que evoquei, aqueles eram palácios vivos de uma riqueza deslumbrante. Incorporei sua visão ao presepe de minha memória.

SONATA ARBÓREA NÚMERO 11

Para Lima Trindade

A poesia de William Carlos Williams reconduziu minha atenção para as árvores de Boticelli. Foi uma segunda revelação. Eu já tinha apreciado a beleza delas em diferentes momentos. É evidente sua importância na composição pictórica de muitos quadros do florentino. Na famosa *Madonna Bardi*, por exemplo, o arvoredo que se descortina ao fundo delineia nichos de folhagem cuja forma quase arquitetônica “acolhe” — emoldura, do busto para cima — a imagem da Virgem e as dos santos que a “ladeiam”. (São necessárias as asas: muito embora os dois beatos se situem em plano anterior ao da *Madonna*, parecem mesmo flanqueá-la).

Na configuração desse templo-jardim lê-se com clareza a correspondência entre os planos do espaço pictórico e passagens de ordem temporal: as figuras em perspectiva evocam distintos tempos da

narrativa evangélica. No primeiro plano, onde se acham o Batista e o Evangelista, há mais um signo indicativo, um lembrete patético: um pequeno quadro, protegido por uma espécie de zimbório minúsculo, mostra a figura do Crucificado, pouco à frente do piso marmóreo calcado pelos dois santos. Atrás dos beatos (no segundo plano), entronizada e quase aninhada em seu hortus conclusus — todavia distante —, a Virgem se prepara para amamentar o Menino. Ao fundo, as árvores fazem a teológica sincronia dos momentos destacados. Remetem à eternidade, “recolhendo” as imagens de Maria e dos santos, que assinalam momentos sucessivos: a primeira evoca a infância, as outras lembram a vida adulta de Cristo.

As plantas não se limitam a esse papel. Participam do discurso. Os vegetais representados nesse quadro não foram eleitos de forma aleatória: guiou sua escolha um código simbólico preciso. Não por acaso, no “nicho” vegetal da Virgem destacam-se os castos lírios e o mirto que ela herdou de Vênus.

É rica de sentido a flora boticelliana. Recorde-se a pintura conhecida pelo nome de *Provações de Moisés*, uma das joias da Capela Sistina: as árvores reúnem as diferentes cenas, organizam o conjunto. Cedo aprendi a observar esses elementos de composição, que nada têm de “pormenor”: tive bons mestres e sou filho de pintora. Mas o poema de William Carlos Williams intitulado *The boticellian trees*, que li bem mais tarde, mostrou-me essas criaturas sob nova luz.

Espaçados, os dísticos lançam seus brotos que se hasteiam com ímpeto musical e fazem crescer o enunciado. O curso lírico evolui de inverno a verão. O poema se arvora e as árvores se assimilam ao canto: moldam-lhe a escrita (quase digo a partitura) e dela se vestem. Vemos / ouvimos o alfabeto das árvores, percebemos seu desmaio sutil na sonata das folhas, encontramos as hastes das finas letras, que há pouco disseram inverno e frio, agora iluminadas, graças a chuva e sol, por acentos de pontiagudo verde. Acompanhamos o câmbio

— provocado por cismas de cor — das simples, mas rigorosas réguas dos ramos. Seus possíveis pinçados por cláusulas devotas dão lugar a sorrisos de amor, destacados, via uma barra, de pontos/gestos reticentes, uns respingos de pincel. Chegamos assim ao momento em que as frases nuas deslizam feito pernas de mulher debaixo da roupa, no tom de súbito, secreto, louvor do desejo, celebração do erótico império — e vamos logo verificar o verão, em que a cantiga se canta a si mesma (por sua conta, mas já na concha de nossas orelhas). O canto poderoso floresce sobrepondo-se ao marasmo das palavras murchas.

Como vêem, parafraseei o famoso poema de modo livre, com infiel apreço, ultrapassando alegremente os limites literais. Se o fosse traduzir do modo usual, teria de acompanhar-lhe o ritmo caprichoso com atenção para as delicadas sínopes, imitando a expressiva distribuição dos signos tanto no campo sonoro quanto no espaço da página. Não me apartaria tanto como agora do senso comum transliterário. Mas não estaria livre de perdas,

semânticas e musicais. Sabendo que tento o impossível, preferi outro caminho, menos convencional: procurei aproximar-me do texto como quem segue acenos de folhas, ramagens de gestos, pétalas de cor, em busca da senda arbórea que leva dele a Boticelli. A caminhada foi mesmo errante, mas não infrutífera: assim eu chego à Primavera.

Reparem, estamos num laranjal. Duas figuras masculinas fazem gestos de colheita. Mercúrio pega uma fruta, Zéfiro colhe a bela Clóris, que soergue enquanto lhe sopra seu aéreo desejo. Ao lado, Flora é toda flor. Têm beleza de plantas delicadas as Graças / Horas dançarinas: são grandes lírios a mover-se com um ritmo misterioso. E a majestade de Vênus, a figura central — que o terrível filho sobrevoa feito uma abelha — é acentuada pelas árvores que a aureolam.

Confesso: tenho muita saudade da formosa Simonetta Vespucci, modelo de Vênus, musa diletta de Boticelli. O tempo que nos separa não impede a nostalgia. Chego a crer que tenho com ela um remoto parentesco. Simonetta

era prima distante do Américo que andou por aqui, um dos primeiros europeus a trilhar o grande golfo a cujas margens eu vivo. Sou grato ao equívoco do comandante Gaspar de Lemos e do seu ilustre cartógrafo: se eles não se enganassem quanto à dimensão de nosso nicho geográfico, nós, filhos da Bahia, seríamos hoje golfinhos. Gosto do bicho, que é muito simpático, mas acho que o nome baiano fica melhor na gente.

Minha hipótese: ao chegar aqui, o grande navegador, talvez por obra da mesma saudade que ainda sinto, julgou ver um sorriso da prima na aurora tropical — e graças a Vênus, sua indiscutível Rainha, teve o devaneio que mais tarde nos deu nome: distraiu-se e nos tornou baianos na grande pia batismal de Todos os Santos.

Boticelli retratou muitas vezes a bela Simonetta, que historiadores apaixonados indentificam alegremente em várias telas, enquanto outros peritos os acusam de exagero. Com franqueza, prefiro os exagerados. Sou o pior de todos: creio até que já vi a moça passeando na Barra. Neste caso, admito que

posso ter-me enganado. Mas digam vocês: como não reconhecer a linda modelo de pé na concha do Nascimento de Vênus? Ou na Madonna do Magnificat? Apesar dos críticos severos, eu a vejo até na Anunciação do Retábulo Cestello, em que a Virgem responde com uma dança graciosa ao gesto reverente do anjo, enquanto uma árvore, ao longe, aponta o céu.

Mas agora chamo a atenção para os retratos que fez da linda Vespucci outro mestre. Embora eu não compartilhe a admiração de W. H. Auden pelos bosques brutais de Piero di Cosimo, acho que ele merece o paraíso por outras obras, em particular por dois retratos de sua lavra da “mais bela mulher da Renascença”. Um desses retratos se acha, creio eu, em Florença mesmo, na Galleria degli Uffizi. No Museu Condé, em Chantilly, vê-se a tela em que Simonetta empresta sua formosura a Cleópatra. A bela mulher tem o seios nus e uma víbora envolve seu pescoço, entrelaçando-se a um colar dourado. Seu perfil se recorta contra uma mancha tenebrosa, escuro fumo a destacar-se das nuvens, feito

um signo agourento. Ao fundo, vêem-se alguns pinheiros. Uma árvore seca se ergue à direita. O chão é árido. O pintor selvagem, como o chamavam os seus conterrâneos, mostra estranha delicadeza no desenho da expressão da grande rainha, melancólica mas serena.

Terá Simonetta posado assim? Imobilizada pela eternidade neste quadro de acentos trágicos, a linda mulher tem jeito de árvore majestosa, afrontando com suave firmeza a secura do mundo à volta. Parece uma ninfa perdida, saudosa das boticcellian trees.

SONATA ARBÓREA

NÚMERO 12

Para Helena, minha filha
querida

Na minha lembrança nasceu um plátano. Sua primeira aparição se deu na Europa. Como pouco sei de botânica e esta árvore não é comum no meu país (muito menos em meu Estado), precisei da dica de um conhecedor para saber que se tratava de um *Platanus orientalis*.

Não me recordo mais de quem me deu a informação, porém a árvore mostrou-se decidida: criou raízes profundas em minha memória. Tanto que nasceu de novo na sua leira mais recôndita: no corpo de um sonho. Tentarei resumir:

Eu caminhava por uma estrada campestre, num relvado à beira de um rio adolescente. Contemplei com alegria seu espelho. De súbito, não sei como, o plátano rompeu caminho no improvável espaço, como se nascesse das areias úmidas, já altivo e florido.

Fantasia, por certo, mas cheia de vigor. Logo intuí que ela brotava de uma lembrança. Ainda assim, trazia supresa: a árvore inesperada também sonhava. Sei disso porque ela sorriu. Tomou a forma de uma bela mulher, majestosa, de uma imponência sublime. Sua imagem deixou-se ver por um instante e logo desapareceu. Mal tive tempo de saudar sua beleza com uma reverência prudente. O arrepio que senti na espinha não permitia engano: foi o toque da divindade.

(Amigos, guardem esta dica: quando a gente se arrepiava em

sonhos, é sinal certíssimo de que passou por nós um sopro divino. É o alerta de um belo perigo, de um encanto poderoso. O sinal de um numen, como diziam os romanos. Outra dica valiosa: quando uma árvore sorri, é que tem natureza de mulher. De moça bonita. Podem crer).

Despertei no mesmo instante. Reconheci sem a menor hesitação a beleza eterna que me aparecia pela segunda vez em corpo de árvore. Sim, repito: pela segunda vez. Mas de forma inaugural. Pois só nessa ocasião, em seio de sonho, ela me veio a ser manifesta.

Meus leitores por certo se lembram do que Proust mostrou na famosa narrativa de sua descoberta — feita em clave de retorno — da Sonata de Vinteuil. Se tiverem na memória a revelação proustiana, não vão estranhar o que digo: foi mesmo em sua segunda aparição que enxerguei o divino plátano. Eu o vi, portanto, de olhos fechados. Mas como Proust também indica, se no primeiro momento eu não tivesse de algum modo acolhido a visão maravilhosa — mesmo sem a

conscientizar — nunca a alcançaria em outro momento. Se não a tivesse pré-visto, eu não poderia sonhá-la.

A imagem que descortinei no campo da noite veio a ser a original. Ela me abriu o conhecimento da primeira visão, ou seja, da que foi lograda na face diurna do tempo. Mostrou a novidade ainda oculta na aparição anterior, tornou patente a epifania. Conclusão perturbadora, (sobretudo para quem se recorda de uma árdua questão kantiana): o sonho pode, sim, ser mais real do que a vigília.

Quando despertei com a lembrança do plátano, versos de Homero ressoaram no meu coração. Pouco depois, eles deram lugar a outra música, que vestia palavras da mesma língua. A nova melodia vinha de um tempo diferente, já muito longe da sonora luz homérica: chegava de uma época em que o esplendor da Grécia soberana parecia um sonho aos olhos dos próprios gregos. Era um tempo em que eles sonhavam a antiga Hélade com criativa saudade. Só então, iluminado de poesia, reconheci a árvore de Helena.

Explico de novo: quando encontrei aquele plátano em provável terra europeia, não percebi o que tinha de único. Há coisas que só a memória enxerga. Um dos recursos mais poderosos que ela emprega para fazer-nos ver é o jogo com seu oposto: o esquecimento. Apagaram-se em mim o lugar, o dia, a circunstância do plátano, de meu encontro direto com ele. (Para falar a verdade, não tenho certeza de que o vi na Europa. Pensando bem, pode ter sido em São Paulo, ou no Rio Grande do Sul. Mas minha memória deseja que o encontro encantador tenha ocorrido na Grécia). No seio do esquecimento, banhada em sonho, a imagem da árvore imponente retornou purificada, pronta para mostrar-me sua divina beleza, sua luminosa forma de mulher.

Existe, sim, um esquecimento memorioso.

Devo aclarar a evocação que me confirmou a identidade do plátano. Já não me lembro de quantas vezes li, reli e estudei, com paixão sempre renovada, tanto a *Ilíada* quanto a *Odisseia*: esses poemas nunca ficam longe de minha

cabeceira. Foi neles que conheci Helena. Estudando o tesouro dos mitos gregos, não demorei a vencer-me de uma tese que o sábio sueco Martin Nilsson foi o primeiro a enunciar e hoje é avalizada por outros eruditos notáveis, a exemplo de Martin L. West e Linda Clader: antes de tornar-se a heroína que gregos e troianos disputaram numa guerra terrível, Helena foi uma deusa.

Sinais disso já se veem em Homero. Na *Ilíada*, ela é um espelho de Afrodite. Na *Odisseia*, ela manipula o miraculoso nepentes, que suprime as dores todas. Mas sua ligação com o plátano eu a descobri em Teócrito.

O poema do mestre de Cós que me veio à lembrança na madrugada do sonho foi o *Idílio XVIII*, que imita / imagina um epitalâmio, ou seja, um canto nupcial. O poeta se reporta ao modelo dos líricos arcaicos (em particular Safo, *Álcman*, *Estesícoro*).

Teócrito nos faz crer que o epitalâmio de sua lavra é cantado por um coro de meninas-moças, companheiras de Helena, durante

o casamento da filha de Zeus com Menelau. As jovens falam do noivo em tom jocoso e o felicitam, mas dedicam quase o canto inteiro a celebrar Helena, que está deixando sua classe de idade. Confessam sinceramente que nenhuma delas se compara à noiva na beleza, na graça, nas artes femininas. Concluem com votos de felicidade dirigidos aos noivos e com a promessa de retornar na alvorada para despertá-los cantando o himeneu.

Em outro espaço pretendo dedicar-me à análise desse *idílio*. Aqui vou limitar-me a assinalar dois elementos da sua trama poética. O primeiro deles corresponde ao enunciado dos versos 32-3. Aí as jovens cantoras falam de uma corrida para a qual se preparam unguindo-se com óleo à maneira dos homens, às margens do Eurotas. O segundo elemento corresponde ao trecho entre os versos 39 e 48. Aí elas anunciam sua intenção de ser as primeiras a trançar, em honra da noiva, um guirlanda de trevos, e dedicá-la em seguida — vertendo óleo puro — aos pés de um umbroso plátano em cuja casca se

lia a inscrição: Venera-me, eu sou a árvore de Helena.

Ambos os elementos que destaquei correspondem a liturgias do culto da filha de Zeus: o poeta faz de conta que esses ritos foram inaugurados por ocasião das bodas da toda formosa. A referência ao plátano de Helena, que deve ser venerado, mostra a profunda ligação da rainha divina com a planta.

Advirto: reconhecer essa ligação não implica em corroborar a ideia de que Helena seria uma deusa dendrite, como propuseram alguns estudiosos. A categoria “deusa dendrite” foi apressada criação de mitólogos: muitos nunes têm epifanias arbóreas, mas divindade nenhuma se limita a essa condição.

Calma, não vou discutir o assunto nesta pequena crônica. Apenas verifico que a fascinante Senhora tinha misteriosa ligação com uma árvore: não por acaso uma planta especial lhe foi consagrada. Talvez por isso (e graças ao poeta) um remoto plátano, escondido em minha memória, me fez sonhar com a bela rainha. Depois, a coisa se agravou: como sou brasileiro,

baiano e nada ortodoxo, passei a vê-la em pitangueiras e ipês.

Certas árvores têm jeito másculo, a exemplo de um coqueiro da minha infância que apelidei de Júlio César, ou do mandacaru florido que batizei em Tucano, no sertão da Bahia, com o nome de Graciliano Ramos, depois fazer-lhe um brinde com a mais pura cachaça. São maioria, porém, as plantas que me fazem pensar em damas.

(O contrário também acontece. Certa vez eu me deparei, em Lyon, com uma senhora idosa, risonha e elegante, que alegrava a paisagem com seus cabelos pintados de roxo. Era uma típica sapucaia. Quase escrevo uma louvação à sapucaia francesa).

Mas chega de digressões. Quero encerrar minhas sonatas arbóreas com a lembrança grega da mulher fascinante, a uma vez deusa e heroína, que deslumbrou povos e gerações sem conto: um símbolo da Hélade que tanto amo e a primeira xará de minha filha Helena.

**07 DE OUTUBRO - 19H
AL JANIAH**

FESTA SOLIDÁRIA EMANCIPA MALÊS



SOLIDARIEDADE BRASIL - GUINÉ

rede **emancipa**
movimento social
de educação popular

R. Rui Barbosa, 269 - Bela Vista, São Paulo - 19 horas

A portaria será revertida para campanha solidária do emancipa Malês

ISRAEL
ATAACA A
PALESTINA

SILENCIO

LA GOMUNIDAD
INTERNACIONAL
CONDENA EL
'TERRORISMO'

PALESTINA
SE DEFIENDE

PALESTINA
PIDE AYUDA
INTERNACIONAL

SILENCIO

A ARTE COMO FAZER COLETIVO

MÚSICA, DANZA, PINUTRA, LITERATURA

EDUARDO PELLEJERO

Tal como para Júlio Cortázar, tal como para Maurice Blanchot, tal como para María Zambrano, o meu credo sempre foi o credo da solidão, uma defesa radical da distância que, resguardando-me dos outros, devolve-me o mundo em imagem — renovado. Nesse “isolamento comunicável, no que precisamente pela lonjura de qualquer coisa concreta faz-se possível uma descoberta de relações entre elas” (Zambrano, 1934, p. 318), radicou sempre para mim o segredo da escrita, e por extensão o das artes sob todas as suas formas. Não uma família, mas a humanidade. Não uma casa com vista, mas uma forma absoluta de ver as coisas, à intempérie. Não a moeda gasta da linguagem, mas as vozes do silêncio. E a essa complexa articulação das minhas neuroses com a realidade eu a chamava: a experiência.

Não pretendo vir agora desdizer-me e negar o valor dessa singular configuração do desejo que nos deu Kafka, que nos deu

Cezánne, que nos deu Wolf e Pizarnik e Duras. Mas recentemente algumas coisas puseram-me a pensar nos limites da minha perspectiva e moveram-me a explorar figuras incomensuráveis da criação artística.

Primeiro, o último filme de Martin McDonagh — *The Banshees of Inisherin* (2022) —, no qual um músico — Colm Doherty (Brendan Gleeson) — põe fim a uma amizade de anos com um agricultor local para poder dedicar-se plenamente à sua arte. Desorientado, o seu amigo — Pádraic Súilleabháin (Colin Farrell) — questiona a decisão e vai repetidas vezes ao seu encontro. Mas Colm Doherty está disposto a tudo para preservar a sua solidão — até à auto-mutilação. Resumindo o argumento para uma amiga que não a viu, Julieta, a minha amiga, interrompeu-me antes de que chegara a entrar no tema e concluiu: típico caso de depressão. E no final vê-se que Colm Doherty na verdade está deprimido, que a música só era uma desculpa, que a paixão mais triste, a mais obscura de todas, o comia por dentro. Como escreveu Sara

Gallardo (2000, p. 53): “Um animal demasiado solitário devora-se a si mesmo”. Só que eu não o vi tão rápido. Para mim as premissas eram corretas, não admitiam refutação.

Depois, dois de cada três artistas que entrevisto dizem nunca terem sido tentados pelo alibi da solidão. Um diretor coral que renuncia a uma carreira como solista porque não imagina uma vida não partilhada; uma artista plástica que sempre trabalhou junto a uma amiga, inclusive em pintura; dois irmãos que conceberam a música juntos; uma prima afastada que encontrou a arte no ativismo, isto é, na comunidade, no povo.

Em seguida, o reconhecimento inevitável, com os anos, de que os encontros promovem o acontecimento, que os encontros são o acontecimento — tanto na ordem da vida, da existência, como nas ordens da arte ou da política. Agnès Varda (2000): “Represento o papel de uma idosa, gordinha e faladora, que conta a sua vida. Porém, são os outros que me interessam e aos que quero filmar. Os outros, que me intrigam, me motivam, me fazem

questionar-me, me desconcertam, me apaixonam”. Trata-se de uma verdade que não nasce do círculo solipsista da consciência, mas do trato, da fricção, inclusive da confrontação com os outros. No cinema isso é fatal, tratando-se de uma arte coletiva. Também é, em geral, o caso das artes de palco: do teatro, da música, da dança. Mais longe de nós, as artes plásticas também souberam ser fundamentalmente artes coletivas. Me inspirarei em todas elas para tentar aprofundar o que está em jogo nessas formas de encarar o ato de criação, mas não perderei de vista que, assim como essas artes não escapam à tentação do génio solitário, a escrita, que na tradição romântica é o reduto desses pactos demoníacos, também conhece alternativas coletivas instigantes que merecem a nossa atenção.

Por fim, pergunto-me se tudo isto terá alguma relação com o problema da função social (perdida) da arte na nossa época, com esse problema que levou Ingmar Bergman a colocar em causa a sua própria individualidade privilegiada e,

equiparando-se aos seres anónimos que reergueram a catedral de Chartres, escrever: “O artista considera o seu isolamento, a sua subjetividade, o seu individualismo, como se fossem quase sagrados. Assim, finalmente, nos reunimos num curral grande onde ficamos a balir sobre a nossa solidão sem ouvir-nos uns aos outros, e sem advertir que nos estamos asfixiando uns aos outros até matar-nos. (...) Por conseguinte, se me perguntam qual desejaria que fosse o propósito geral dos meus filmes, contestaria que quero ser um dos artistas na catedral, na planura” (Bergman, 1969, p. 22). Seguramente podemos pensar as grandes obras cinematográficas da nossa época como catedrais (não já levantadas espontaneamente pelo povo depois da tempestade, mas pelos empregados assalariados da indústria cinematográfica), mas também (e talvez melhor) podemos pensar na utopia benjaminiana inspirada pelos diários murais das fábricas de começos do século XX (essa utopia, para Benjamin, era o correlato da crítica das categorias clássicas da estética: a eternidade, a beleza... o

génio). Não me importaria avançar em algum momento por esse caminho.

* * *

Se é certo que a apreensão de certas realidades, de certas coisas fundamentais, não se dá em companhia, também é certo que há verdades que só se revelam no contacto estreito e continuado com os outros. Para isso é importante que o acontecimento do comum não esteja calcado sobre modelo algum, mas que tenha a forma de um encontro, que não esteja sobredeterminado sob o esquema de um projeto predefinido, mas que se abra ao inesperado e ao desconhecido. Utopia de uma comunidade descentralizada na qual cada um trabalhe — junto aos outros — conforme as suas paixões e necessidades, a sua vocação e o seu desejo, como a que sonhara Roland Barthes.

Acaso a forma mais próxima dessa utopia seja a improvisação no jazz. Durante os seis anos em que colaboram, as personalidades artísticas de Miles Davis e John

Coltrane se transformam (devêm) e se definem (amadurecem) de uma maneira assombrosa, preservando as suas singularidades ao mesmo tempo que criam e desenvolvem toda uma nova forma de entender e praticar a música (de fato, farão isso mais de uma vez ao longo das suas carreiras). Nessa aventura estarão acompanhados fundamentalmente por Red Garland (piano), Paul Chambers (baixo) e Philly Joe Jones (bateria). Juntos, puxados por essa portentosa base rítmica, experimentarão e evolucionarão, se desafiarão e animarão um ao outro, até definir as novas bases da música moderna.

Embora Coltrane procurasse a princípio um mestre em Davis (quem evita, dentro do possível, colocar-se nesse lugar, limitando-se apenas a apontar-lhe que esteja atento ao tempo ou que em vez de improvisar por vinte e oito coros seguidos o faça apenas por vinte e sete), a relação enriquece a ambos, produzindo uma rara sinergia. Mantendo as suas claras diferenças estilísticas, formam um combo arrebatador, cuja potência se manifesta de maneira privilegiada sobre

as progressões modais que darão o tom a *Milestones*, onde o lirismo de Davis e o compacto tecido de som de Coltrane expandem as fronteiras da improvisação e abrem um novo horizonte de investigações para a música.

Nem Davis nem Coltrane eram grandes conversadores (no princípio da sua colaboração, perante a curiosidade de Coltrane, Davis colocou sumariamente um fim à possibilidade de que a deles fosse uma relação desse tipo). Por outro lado, na medida em que a música que tocavam estava em vias de fazer-se, tampouco partilhavam a priori uma língua comum (essa língua, se é que existia, como, por outra parte, em toda a arte moderna, estava por construir). Contudo, a comunicação entre eles parece ter lugar de maneira constante e natural.

Na versão de “Oleo”, o standard de Sonny Rollins incluído em *Relaxin* (1958), depois de apresentada a melodia sucessivamente pelo trompete, o piano e o saxo, Davis encara o primeiro solo de maneira lacônica, acompanhado apenas pelo

baixo, soltando-se com a entrada do resto da secção rítmica na primeira ponte, mantendo a intensidade durante o segundo coro. Então, apenas começado o terceiro coro, Davis deixa o seu solo em suspense numa frase sem resolução, que Coltrane pega no ar e resolve de modo impecável antes de passar a propor as suas próprias ideias—dúzias de ideias, a uma velocidade estonteante! *Relaxin* foi um dos cinco discos que o quinteto gravou em dois dias para cumprir com o contrato que assinara com Prestige antes de começar a trabalhar para Columbia. É, como os outros quatro, um disco improvisado, assente apenas sobre o entendimento que o grupo desenvolvera durante as numerosas apresentações ao vivo. Além dos arranjos elaborados por Davis, o que ouvimos é o correlato de uma forma de inspiração comum que, por momentos, cria uma verdadeira ilusão de telepatia—como quando, durante o solo de Garland, Jones assume com o hi hat a chamada com o que até então Garland marcara o fim de cada coro.

Ainda que lançado no mesmo

ano, *Milestones* (1958) é dois anos posterior a *Relaxin*, que fora gravado em 1956. Separação mediante, Davis e Coltrane retomam então o diálogo interrompido, adentrando-se em territórios não explorados. Ambos cresceram notavelmente como músicos, mas não é necessário ir além da primeira faixa do disco—“Dr. Jackel”—para perceber o modo em que, indo um ao encontro do outro, os estilos de ambos parecem fundir-se numa ideia comum, que a ensablagem perfeita com a secção rítmica da banda converte numa autêntica parede de som. A inclusão de Cannonball Adderley, por outra parte, parece desafiar Coltrane a deitar mão a todos os seus recursos—porém, mais do que a impressão de uma batalha, ficamos com a ideia de um esforço mútuo para ir (juntos) tão longe quanto possível (como numa corrida de estafetas). De resto, a supressão dos ciclos harmónicos no tema que dá título ao disco, que parece estabelecer um tempo flutuante sobre o qual os solos se desenvolvem sem a urgência de quem tenta acompanhar os changes, força a banda a

ser melodicamente criativa sem a guia de uma progressão. O resultado é surpreendente: as transições de um solo a outro tornam-se, se é possível, ainda mais orgânicas que nos discos anteriores, as citações de um ao outro multiplicam-se, e, em geral, envolvidos pelo movimento continuo da secção rítmica, os motivos convertem-se em ideias comuns, passando com um máximo de diferença e um mínimo de alteração de boca em boca, como se estivesse a desenvolver-se um teorema ou, melhor, a sua demonstração—sendo que, quando a melodia volte a ser tocada em uníssono, já no final, temos a sensação de que, com efeito, se trata de uma tese provada, sem refutação possível.

Sobre estes discos, como sobre os grandes discos que Coltrane gravaria a solo alguns anos mais tarde, projetou-se muitas vezes uma aura de misticismo. Mas na verdade só se trata de música—de alguma da melhor música produzida no século XX, é certo, mas de música afinal, sem mais. Sem dúvida, há algo de transcendente nas formas de criação coletiva, algo que nos fala de

maneira direta sobre o que é e significa estar juntos e pôr em comum, algo que, excedendo as formas ordinárias de estar no mundo, pode levar-nos a mistificar a sua singela origem humana. Mas de que se trata? Talvez só da enorme energia que emana do diálogo balbuciente entre os instrumentos, dessa energia que atinge sempre, também, os seus ouvintes, e os envolve na sua rarefeita atmosfera, levando-os a sentir que comungam com uma forma não racionalizada do real.

Mais de setenta anos depois daquelas sessões, a música de Davis e Coltrane pode ter-se tornado familiar para alguns de nós e, nesse sentido, mais acessível, como uma língua conhecida, mas aqueles que a ouviram pela primeira vez nos começos dos anos sessenta foram obrigados a esforçar-se ao máximo para acompanhar as mudanças, as sobreposições, os acentos, e, muitas vezes, como os próprios músicos, agarrar no ar as coisas que eram propostas.

De resto, acaso seja inevitável julgar numa primeira aproximação que o impacto da música de Davis

e Coltrane é o produto do contraste de duas individualidades fortes, de duas vozes únicas e idiossincráticas — tão profunda é a nossa ascensão romântica. Mas dar isso por assente é passar por alto que muito provavelmente nem um nem outro teriam chegado a fazer as descobertas que fizeram sem estabelecer uma intensa colaboração sem pressupostos. Colaboração que, certamente, se estendia ao resto dos músicos. De fato, as alterações produzidas na base rítmica ao longo do tempo, ou a incorporação de Cannonball no saxo alto, transparecem de modo notável nas mudanças que se vão dando em cada uma das suas performances individuais. A música que entreveram e executaram foi uma invenção coletiva desde o início, ainda que a solidão possa ter marcado as longas horas de prática e de estudo, de composição e arranjo. Se, acompanhando as gravações existentes, assistimos a um verdadeiro processo de individuação, devemos aclarar que se trata da individuação da própria música embrionária que compuseram e improvisaram juntos e, a seguir, como um correlato, da

individuação das suas próprias pessoas musicais — já não princípio, mas efeito, produto, resultado.

Não se trata, evidentemente, de uma génese absoluta (evitemos mais uma vez o fantasma da mistificação). O hard-bop alimentava-se do jazz que se tocara até então, dessa história que Davis considerava poder resumir em quatro palavras: “Louis Armstrong, Charlie Parker” (Davis, apud Griffin-Washington, 2008, p. 11.29). Em última instância, Coltrane reconhecera um mentor em Thelonius Monk, assim como Davis o reconheceu em Bird, como parte de uma aprendizagem particular que não podemos menosprezar. Mas o modo em que se manifestam esse saber adquirido e as qualidades latentes de cada um, durante os anos em que tocam juntos, constitui um acontecimento do comum, uma revelação coletiva, um autêntico encontro criativo, que, apesar de que carecemos de registos de qualquer conversa entre ambos, podemos inferir sem dificuldade da música que nos deixaram e ouvimos.

* * *

Entre outras alcunhas, Miles Davis era conhecido como “the chief”. A figura do líder ou diretor não é alheia às artes coletivas. Perante uma orquestra ou um coro, detrás de um balé ou de uma companhia de teatro, há muitas vezes, se não a maior parte das vezes, uma instância articuladora desse tipo. Agora, qual é a sua função? Isto é: de que modo pode operar dentro de grupos que não são apenas intérpretes das obras de um autor, mas co-criadores (sendo que aqui, por hipótese, esse é sempre o caso)?

Embora seja a sua diretora e, de fato, leve o seu nome, o Tanztheater Wuppertal Pina Bausch não é uma mera extensão da pessoa de Pina Bausch, nem das suas ideias como bailarina e coreógrafa. Aproximar-se da atividade dessa companhia excepcional, que problematizou as fronteiras entre a dança e o teatro, exige que deixemos atrás as distinções clássicas entre forma e matéria. Se a criatividade de Bausch nos traz algo de novo, fá-lo através de uma relação estreita e constante

com os seus bailarinos e bailarinas. As revelações e as descobertas não são da sua exclusiva responsabilidade, nem o balé está aí simplesmente para encarná-las. Não se trata de um teatro de ideias, ainda que dê muito que pensar. E os corpos não entram em jogo apenas em virtude das suas competências técnicas ou da sua destreza física, mas se oferecem constantemente com toda a sua carga de experiência e imaginação.

Graças a Lissabon/Wuppertal/Lisboa (1998), o documentário de Fernando Lopes que acompanha a construção de Masurca Fogo (1997), durante uma residência de três semanas em Lisboa, podemos apreciar que todo o processo de montagem do espetáculo comporta uma elaboração coletiva. Bausch se instala detrás de uma mesa no meio da sala de ensaio e dirige a cada um dos bailarinos uma questão, que pode adotar a forma de uma pergunta — “O que fazes quando sentes ternura por alguém?” — ou uma espécie de desafio — “Faz algo que te envergonhe”. As respostas, que frequentemente traduzem uma experiência pessoal, são elaboradas de

maneira individual por cada um dos bailarinos e adotam a forma de um gesto, de um movimento, de uma frase-movimento ou de uma pequena história dançada — serão os building-blocks da encenação. Isso quer dizer que as variações individuais sobre um tema não têm lugar apenas como parte da performance ou da execução da peça (improvisação), mas desempenham um papel fundamental na sua composição (são parte de uma investigação coletiva).

Essa maneira de trabalhar, que por outra parte prescinde de imagens de um objeto ou um fim a alcançar, constitui a pedra de toque do processo criativo de Bausch, que avança, não propondo movimentos nem convidando à improvisação, mas colocando questões aos bailarinos — questões que já se colocara a si mesma: “Dou-lhes algo para pensar e lhes peço que me respondam fazendo algo. Posso perguntar-lhes coisas sobre as suas vidas ou as suas fantasias, ou sobre algo que experimentaram em criança. Procuro respostas que digam algo, mas que não seja possível explicar bem de que se

trata. Isso é muito importante para mim — quando somos tocados sem conseguir explicar a razão com a nossa cabeça” (Bausch apud Sterrit, 1985).

É importante compreender que a ideia de fundo não é que os bailarinos contribuam com as suas ideias para o projeto que Bausch desenvolve — por exemplo, a partir de “peças como A consagração da primavera, que já tem uma história e a música completa” (Bausch apud Tu, 2008) —, mas que se deem a ver, que se mostrem: “Acho lindo quando, no final de uma performance, sinto-me um pouco mais perto deles porque revelaram algo de si mesmos” (ibidem).

Ao mesmo tempo, as questões são parte de um método para aproximar-se de um tópico sensível com muito cuidado. Um método não; um protocolo de experiência. O roteiro é substituído por um intenso e prolongado trabalho coletivo de elaboração de experiências humanas fundamentais. Procurando uma linguagem para a vida, Bausch dirige assim um processo muito aberto e ao mesmo tempo

muito preciso, que “conduz a muitas coisas nas quais, sozinha, não teria pensado jamais” (Bausch, 2007).

Por exemplo, durante a preparação de *Mazurca fogo*, Bausch interroga uma das suas bailarinas —Regina Advento—sobre algumas das suas experiências. A modo de resposta, ela esboça a história de um grupo de mulheres que vende peixe na rua e deve ocultar as suas coisas com pressa perante a chegada da polícia. Primeiro vemos os seus deslocamentos cénicos, uma série de graciosos movimentos equilibrando um bacia de água sobre a cabeça, ao mesmo tempo que agita outras mais, várias em cada mão (Bausch toma notas enquanto observa com atenção). A seguir, ouvimos uma interpretação da própria bailarina, que volta sobre os seus movimentos para tentar dar conta do seu significado (Bausch escuta em silêncio, sem emitir juízo algum). Esse processo nem sempre é fácil, nem sempre é feliz —um movimento pode resultar malogrado, os bailarinos podem sentir-se frustrados (nesses casos Bausch conversa com eles, sugere-lhes alguma coisa ou os

incita a tentar tudo mais uma vez).

A partir daí, e depois de uma seleção na que Bausch tem seguramente a última palavra (“escolho as partes que de alguma maneira me tocam” (Bausch apud Sterrit, 1985)), mas da qual todos participam, tem lugar um intenso processo de elaboração e estilização de cada um dos movimentos (durante o qual alguns, ainda, serão descartados). Por fim, os movimentos começarão a ser conjugados e, em ocasiões, reelaborados para tal. É hora de pôr todas essas coisas juntas: “gradualmente começamos a armar breves sequências de dança que memorizamos” (Bausch apud Mulrooney, 2015); “preocupo-me muito pela forma, apesar de não ser uma forma que tenha sido aprendida; a forma manifesta-se à medida que a obra cresce” (ibidem).

Seguramente, Bausch também tem as suas ideias —tem-nas aos montes! Desde que começou a trabalhar como coreógrafa foi sempre muito claro que para ela “era impossível utilizar o material dos outros, assim como os seus movimentos” para expressar “o que

realmente havia no seu coração” (Bausch, 2007) — não se referia, é claro, aos movimentos dos bailarinos com quem trabalhava, mas aos que já formavam parte da tradição. No começo, em Wuppertal, elaborava as coreografias com o seu próprio corpo, imaginando que seria ela mesma quem as dançaria. No começo, também, planeava tudo meticulosamente. Com o tempo, contudo, compreenderia que, além desse trabalho estritamente pessoal e planeado, estava interessada por coisas diferentes, que já não tinham nada que ver com os seus planos: “Pouco a pouco tive que decidir: seguir um plano ou envolver-me com algo que ignoro onde me levará. Em *Fritz*, a minha primeira obra, ainda estava seguindo um plano. Depois desisti de planear qualquer coisa. Desde então tenho-me envolvido em coisas sem saber onde me conduzirão” (Bausch, 2007).

No pequeno preâmbulo que abre o documentário de Fernando Lopes faz-se referência à “batuta misteriosa do génio de Pina Bausch” (Lopes, 1998). Mas a própria ideia

de direção ganha um significado inédito ao adentrar-nos nos processos de criação do Tanztheater —e em certo sentido é secundária em relação a outros elementos envolvidos nesses processos: desde o caldo de cultivo que representam as cidades onde a companhia se instala para levar adiante os seus projetos, até às soluções criativas que as questões de Bausch suscitam no corpo de dança. Assim, por exemplo, em Lisboa, o acontecimento da criação está marcado pelo encontro entre a cidade “aberta, luminosa e cálida” e as “evocações das próprias vidas” (ibidem) dos membros da companhia —dando lugar a uma das obras menos obscuras de Pina Bausch. No fundo, o acontecimento da criação encontra-se sempre associado a um singular e irrepetível entrelaçamento de sensibilidades e memórias, de cintilações e perfumes, de corpos e afeções. Se o resultado é “uma nova obra de Pina Bausch”, o certo é que, no agenciamento coletivo que constitui o Tanztheater, o seu nome identifica apenas uma função —importante, ou inclusive essencial, mas de maneira

alguma auto-suficiente. Sozinha não poderia.

* * *

Imagino a montagem de uma obra na qual Pina Bausch se dirigisse aos seus bailarinos —e a mim, também, de alguma maneira—perguntando: até onde achas que irias sozinho? Ou quiçá: o que é que fazes quando te sentes condenado a ser irremediavelmente quem és? Sem que seja possível decidir se dança ou apenas se desloca como faz habitualmente, alguém começa a caminhar —em direção ao mundo.

Warhol, Basquiat e Clemente seguramente fizeram-se essas perguntas nos anos oitenta e, instigados por Bruno Bischofberger, dirigiram-se uns aos outros. O encontro, amplificado e distorcido pela publicidade da que foi objeto, deu lugar a inumeráveis equívocos, mas sem dúvidas foi autêntico, arrancando a cada um dos pintores dos seus lugares de conforto e abrindo um diálogo entre eles —em e através da pintura. As regras

eram simples: cada um deles devia iniciar algumas pinturas por conta própria, deixando espaço mental e físico para que os outros pudessem contribuir. As telas inconclusas de cada um eram enviadas por correio ao seguinte artista que, depois de as intervir, as enviava pela sua vez ao último. Ainda que o procedimento não fosse nem original nem inovador, a comunicação que se estabeleceu entre eles, durante o ano em que se estendeu a colaboração, deu lugar a quinze obras, nas quais os empréstimos e as sobreposições, as citações e as piadas impõem um humor comum —cujo efeito libertador se manifesta de maneira mais clara e imediata sobre Warhol. Se é certo que na Factory já imperava uma lógica de trabalho coletivo, onde, apesar de se exercer como uma espécie de diretor, Warhol estava sempre aberto a sugestões de temas e caminhos para a sua obra, o encontro com Basquiat e Clemente o inspira a voltar a pintar livremente, com pincel —pela primeira vez em vinte anos!

De modo mais geral, e apesar da rejeição generalizada da crítica

na época, ante as próprias obras, as diferentes intervenções combinam-se em imagens nas quais as singularidades de cada um se articulam para estabelecer um verdadeiro plano de imanência, sobre o qual não se impõem hierarquias de nenhum tipo. Em *Origin of cotton*, por exemplo, a paleta de cores é utilizada sem solução de continuidade pelos três artistas. Warhol estabelece o tema introduzindo algumas flores serigrafadas (rebentos de hibiscos), enquadradas e parcialmente cobertas por uma série de manchas de acrílico; uma multidão de rostos assombrados ou desesperados, pintada por Clemente, rodeia essa montra ou vitrina, sobre a qual Basquiat inscreveu símbolos que desnudam os intestinos da produção desse espetáculo banal. Apoio a minha interpretação na ordem que parecem definir as diferentes camadas de pintura, mas certamente a obra admite outras interpretações: partindo das inscrições de Basquiat, por exemplo, as flores de Warhol se convertem em algodão, independentemente da sua inadequação taxonômica, e algumas das figuras

de Clemente, as que parecem esmagadas no primeiro plano, abaixo, à direita, revelam-se como rostos negros e enfurecidos.

Não sei se as obras conjuntas de Warhol, Basquiat e Clemente são ou não melhores que as suas obras individuais. O próprio Warhol alimentava essa mesma dúvida. Mas a questão não é essa. A questão é: como é possível encontrar na arte, e nos modos que a arte tem de estar-junto, as forças para escapar à prisão da própria pele (gaiola dourada de Warhol ou porão sombrio de Basquiat)? e como, escapando da prisão da própria pele, dar a ver o que só em conjunto é capaz de tornar-se visível (inclusive se essas visões revelam a inutilidade da tentativa e dão lugar ao desentendimento, à desagregação e ao retorno a si mesmo)?

A experiência de Warhol, Basquiat e Clemente, em todo o caso, nos lembra que o fazer coletivo não se limita às artes performativas. Picasso e Braque trabalharam juntos. Georgia O’Keeffe e Alfred Steiglitz trabalharam juntos. De maneira mais significativa,

no renascimento, as artes plásticas comportavam uma estrutura coletiva: as obras se executavam em grandes oficinas, sob a direção de um mestre que contava com a colaboração de numerosos assistentes e aprendizes. É o caso de Donatello, e também o de Michelozzo di Bartolomeo, que ainda partilhavam um espaço em Pisa e outro em Florença para baratear custos, e também o de Rafael Sanzio, que se formara na oficina de Pietro Perugino antes de estabelecer a sua própria oficina em Florença. Se essa tradição entrou em crise com o romantismo, não é possível afirmar que tenha desaparecido por completo. Significativamente, podemos reconhecer um raro eco dessas confrarias na arte urbana, onde a organização de grupos (*crews*) para pintar grandes peças de *big style* continua em muitos sentidos a mesma lógica das oficinas renascentistas, com as suas funções e hierarquias —por exemplo, *The Cool 5* contava com um presidente, um vice-presidente, um conselho, e também códigos, rituais de iniciação, etc.

Talvez a figura do artista

solitário não seja senão uma invenção moderna, para a qual contribuíram sem dúvidas as biografias de alguns pintores do renascimento em chave de hagiografia. Quero dizer: em certo sentido a solidão é para a arte moderna uma forma de consumir a morte de deus, isto é, uma maneira de ir do mundo ao mundo, através da obra, sem pressupostos, um modo de dirigir-se aos outros de maneira não pautada —e, nesse sentido, a solidão é um momento fundamental da arte moderna, inclusive quando realizada de maneira coletiva. Mas a mistificação do artista, retomando modelos que remetem aos ascetas, aos eremitas e aos anacoretas, constitui uma carga demasiado pesada para a indagação que é própria da criação artística.

Longe de tudo e de todos, encerrado no labirinto da sua pintura, Van Gogh confessava ao seu irmão que sentia dentro de si um grande fogo interior, que todos viam fumar, mas perante o qual ninguém se detinha a aquecer-se (Van Gogh, 1998, p. 41). Não era por acaso que sonhava com uma comunidade de artistas: “Eu

poderia, em rigor, alugar a meias um novo atelier, e bem gostaria. É provável que Gauguin venha ao sul. Ou talvez me entenda com McKnight. Então poder-se-ia cozinhar aqui” (ibid, p. 41). Quando Gauguin finalmente se uniu a ele em Arlés, contudo, encontrou-o tão mal como a si mesmo —isto é, sem força para o ajudar. A criação como acontecimento pode ser um encontro, mas os encontros são raros. Antes do mártir da pintura em que o converteu a história da arte, Van Gogh foi um homem que procurou até ao final torcer o destino que a pobreza e o isolamento pareciam ter-lhe imposto. De novo sozinho, escreve amargamente a Theo: “Não sentimos que estejamos morrendo, mas sentimos que para ser um elo na corrente de artistas, pagamos um alto preço em saúde, juventude e liberdade, nenhuma das quais desfrutamos mais do que o cavalo que puxa por um carro com pessoas que saem a desfrutar da primavera” (ibid, p. 248).

A melancolia de Van Gogh lembra-me sempre a angustiada claudicação de Sylvia Plath, incapaz

sequer de pegar o seu desassossego pelos cornos. Numa carta de outubro de 1956, afirma de maneira taxativa que se há algo do que está segura é que prefere estar sozinha: “evito as pessoas como o veneno; simplesmente não as quero” (Plath, 2014, p. 14). Mas essas palavras estão dirigidas a Ted Hughes, o seu companheiro, a quem não só busca desde a sua solidão, mas a quem pede repetidamente que se encontrem em Londres por um par de dias. Na mesma época também costuma escrever à sua mãe, já de regresso aos Estados Unidos. Como os gestos de Colm Doherty no filme de Martin McDonagh, como o comportamento auto-destrutivo de Van Gogh, as palavras de Plath manifestam uma forma de depressão, mas esse sentimento ainda se abre caminho nas palavras, através das cartas, de poemas, de crônicas e relatos (oito anos depois já não o fará).

É preciso lembrar que, como a pintura, a escrita também admite práticas coletivas, começando pela própria correspondência, que é seguramente uma das suas formas mais intensas e instigantes, mesmo

quando possa permanecer secreta? É preciso, sim. A literatura, essa liturgia da solidão, conhece numerosas formas de colaboração; da pessoa que compunham juntos Borges e Bioy Casares para dar vida ao insofrível H. Bustos Domeq, à cuidadosa leitura que Ezra Pound realiza da obra de T. S. Eliot —The waste land—antes da sua publicação, e dos projetos grupais ou programáticos, como o de Oulipo, ao trabalho com testemunhas, como o de Svetlana Aleksievitch, reservando um espaço muito especial para as relações epistolares, como a que, durante 1997, estabeleceram John Berger e John Christie. Em última instância, a escrita arrisca com frequência tornar-se impossível, em razão da falta de modos de estar e pôr em comum, de conduzir —em companhia—o pensamento em direção à forma. Natalia Guinzburg, por exemplo, confessa que não houvesse chegado a escrever As pequenas virtudes sem as longas conversas mantidas com um amigo íntimo (esse amigo íntimo era Cesare Pavese).

Gilles Deleuze e Félix

Guattari, que também trabalharam juntos em algumas das suas melhores obras, escreveram: “Ao Anti-Edipo o escrevemos em duo. Cada um de nós era vários, em total já éramos muitos. Aqui utilizámos tudo o que nos unia, desde o mais próximo ao mais longínquo. Distribuimos hábeis pseudónimos para que ninguém fosse reconhecível. Por que conservamos os nossos nomes? Por rotina, unicamente por rotina. Para tornar-nos nós também irreconhecíveis. Para tornar impercetível, não a nós, mas tudo aquilo que nos faz atuar, experimentar, pensar. E além disso porque é agradável falar como todo o mundo e dizer que o sol sai, quando todos sabemos que é uma maneira de falar. Não chegar ao ponto de já não querer dizer eu, mas a esse ponto em que já não tem nenhuma importância dizê-lo ou não dizê-lo. Já não somos nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Nos ajudaram, aspiraram, multiplicaram” (Deleuze-Guattari, 1080, p. 9). Se a criatividade aspira à comunhão com o real, como sugere Nikos Papastergiadis em diálogo com John Berger,

deve começar por um processo de colaboração (Papastergiadis, 1995).

Kafka não foi necessariamente o apóstolo da solidão que tantas vezes confundimos com o seu celibato e as suas reticências em relação ao familiar. Benjamin carecia dos meios para ter uma vida social mais rica, mas tinha muitos amigos com os que partilhava o seu trabalho e chegou a considerar, durante a sua viagem a Moscovo, converter-se num intelectual orgânico, incorporando-se ao partido. Se vamos ser metuculosos, até mesmo Thoreau recebia visitas em Walden Pond.

* * *

Também eu — tão tonto—“-necessito dos outros para manter-me de pé” (Lispector, 1998, p. 9). Não é possível abreviar a solidão quando a comunidade está sempre por fazer, por inventar, por vir, mas a ideia de que há coisas que só se articulam em conjunto, a noção de que existem lutas e paixões coletivas, sempre me desvelou —e continua a desvelar-me.

Porém, escrevi estas páginas partindo “do centro do meu ser em recolhimento” (Zambrano, 1934, p. 320), depois de ter recusado convites para jantar, inventando desculpas de último momento para ausentar-me de festas, e evitado a minha companheira cada vez que batia à minha porta para dizer-me que descia para um café, fechado na nave do meu quarto, fazendo a travessia da noite para ler e reler livros por sua vez escritos na mais estrita das solidões, para encontrar as palavras justas e poder dar forma a uma experiência que, insinuando-se nas dobras do mundo e da invenção, sou incapaz de apreender de outra maneira.

Referências

Barthes, Roland. Escrever... Para quê? Para Quem? Lisboa: Edições 70, 1975.

Bausch, Pina. Kyoto Prize Award Speech. Inamori Foundation, 2007. <https://www.pinabausch.org/post/what-moves-me>

Beato, Rick. “The Picasso of Sound- The man who changed modernmusic”. Georgia, 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=7tz0fSMmrUM>

Berger, John; Christie, John. I send you this cadmium red. Barcelona: Actar, 1999.

Bergman, Ingmar. Four Screenplays of Ingmar Bergman. New York: Simon & Schuster, 1969.

Bischofberger, Magnus. “Collaborations – Reflections on the Experiences with Basquiat, Clemente and Warhol” Em: Prehistory to the Future, Highlights from the Bischofberger Collection. Milán: Electa, 2008. <https://www.brunobischofberger.com/collabs-origin>

Budd, Michael. “Autorship as a commodity” Em: Wide Angle, VI/1, 1984.

Chambers, Jack. “Milestones - The Music and Times of Miles Davis.” Em: JazzProfiles, 2020. <https://jazzprofiles.blogspot.com/2020/05/milestones-music-and-times-of-miles.html>

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. Capitalisme et schizophrénie tome 2: Mille plateaux. Paris: Éditions de Minuit, 1980.

Gallardo, Sara. Eisejuaz. Barcelona: Agea, 2000.

Green, Charles. “The second self”. Em: Crawford, Holly. Artistic Bedfellows. Histories, theories, and conversations in collaborative art practices. Maryland: University Press of America, 2008.

Griffin, Farah Jasmine; Washington, Salim. Clawing at the limits of cool. Miles Davis, John Coltrane and the greatest jazz collaboration ever. New York: Thomas Dunne Books, 2008.

Guinzburg, Natalia. As pequenas virtudes. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Kelly, Maura. “Does Artistic Collaboration Ever Work? How creativity is both nurtured and thwarted when people team up” Em:

The Atlantic, 2012. <https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2012/07/does-artistic-collaboration-ever-work/260319/>

Lispector, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Lopes, Fernando. Lissabon/Wuppertal/Lisboa. Lisboa, 1998.

Merleau-Ponty, Maurice. O homem e a comunicação. A prosa do mundo. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1974.

Mulrooney, Deirdre. "The Fine Art of Questioning" En: Orientalism, Orientation, and the Nomadic Work of Pina Bausch. Dublin: Grand Canal Publishing, 2015. Visto em: http://www.deirdremulrooney.com/old_site/thesis_chapters/question.html

Orr, Christophe. "Come and get it!" En: Wide Angle, VI/1, 1984.

Papastergiadis, Nikos. "Berger: Between Permanent Red and the Black Box of the Universe" Quincy, 1995. <https://southasastateofmind.com/article/john-berger-between-permanent-red-and-the-black-box-of-the-universe/>

Pellejero, Eduardo. Justicia Poética (palabras e imágenes fuera

de orden). São Paulo: Carcará, 2019. Pellejero, Eduardo. Perder por perder (e outras apostas intelectuais). Natal: Edufrn, 2017.

Pellejero, Eduardo. "Política de autores y muerte del hombre: Notas para una genealogía de la crítica cinematográfica" Em: Sesión no numerada, v. 2, 2012.

Plath, Sylvia. Desenhos. São Paulo: Editora Globo, 2014.

Reveco, Bastien. "Pina Bausch: La danza como una manera de hablar" Em: L'Officiel Chile. Santiago de Chile, 2022. <https://www.lofficielchile.com/artes-y-cultura/pina-bausch-la-danza-como-una-manera-de-hablar>

Sterritt, David. "For Pina Bausch, homely questions are the stuff of dance" Em: The Christian Science Monitor. New York, 1985. <https://www.csmonitor.com/1985/1106/lbau.html>

TC5; Coupal, Louis. Aevon TC5 Interview. 2009. https://www.graffiti.org/tc5/aevon_5.html

Tu, Jeni. "Face to Face: Pina Bausch". Em: DanceTeacher, 2008. <https://dance-teacher.com/face-to-face-pina-bausch/>

Van Gogh, Vincent. Cartas a Théo. Barcelona: Idea Books, 1998.

Varda, Agnes. Les plages d'Agnès. Cinema Guild, 2008.

Warhol, Andy. The Andy Warhol Diaries. New York: Grand Central Publishing, 2009.

Zambrano, María. "Por qué se escribe?". Em: Revista de Occidente, tomo XLIV, Madrid, 1934.

HISTÓRIA EM DEBATE:

"50 ANOS NÃO SÃO 50 DIAS! O 11 DE SETEMBRO DA AMÉRICA LATINA - 50 ANOS DO GOLPE DO CHILE"



Profa. Dra. Rejane Carolina Hoeveler

João Victor Santos Dias

Prof. Dr. Jorge Olguín Olate

Data:

17/10/2023 às

19h

Local: remoto

transmitido

via Meet pelo

CAHIS e

através do

Canal do

Museu

Pedagógico



O NOVO E A BUSCA DE MILAGRES

DALVA GARCIA

O Novo e a busca de milagres. Tenho a estranha mania de ler. Entre letras escritas com uma certa distância temporal consigo traçar algumas relações oportunamente não muito precisas. Digo, oportunamente, porque confesso que a pretensa precisão de alguns argumentos, que estão estampados nos debates sobre educação, não só me cansa, mas chegam a me assustar. Não me refiro, obviamente, ao que se costuma denominar “artigo de opinião” sobre juro, violência, desenvolvimento e até religiosidade. Mas quando o tema é educação os debates florescem mais que do que as disputas por algum conhecimento de estratégia futebolística em ano de Copa de Mundo.

Recentemente um artigo publicado no jornal “O Estado de São Paulo” cujo título foi “Bagunça na educação” não só me surpreendeu como me irritou. Leio: “Ao suspender processo de implantação do novo ensino médio, o governo petista cede ao espereiteiro dos inconformados e amplia a confusão num setor crucial para o desenvolvimento do país”. Segundo

a opinião do autor do artigo a suspensão não passa de um artifício para adiar a necessidade de Novo Ensino Médio que, “ninguém pode dizer que fracassou, pois nem sequer está plenamente em vigor”. Por certo, os indícios que apontam para a evasão escolar, desesperança de jovens tanto da perspectiva de conseguir dar continuidade aos estudos no Ensino Superior quanto no conhecimento técnico para profissionalização se coloca na conjuntura desses “ninguéns” que sequer podem dizer sobre o que não está “plenamente” em vigor mas que, em última instância, termina em 2023 em uma geração de alguns milhares de jovens brasileiros que entraram há 3 anos no Ensino Médio e estão saindo das escolas e, principalmente, as escolas de redes públicas sem entender nada dessa iniciativa que de tão “ordenada” que foi, e continua sendo, sequer se pode falar ou apontar erros e desvios.

A revogação do NEM é vista como absurdo com o argumento que “a educação estava ainda submetida à realidade do século passado, num modelo condenado por

quase todos os especialistas como atrasado e insatisfatório”. Me pergunto: não foi no século passado que o vimos o avanço vertiginoso da tecnologia e da comunicação alargar fronteiras e criar tantas outras? Perguntar o que o século passado nos ensina me parece bem mais prudente para pensar o que queremos para a segunda ou terceira, ou ainda, quarta década desse “novo século”.

Até porque há avanços e retrocessos como em qualquer curso da história da humanidade. A volta da poliomielite e de doenças já erradicadas no século passado é apenas um exemplo simples e imediato. Mas podemos estender os exemplos para o renascer de toda espécie de fundamentalismos de ordem política ou religiosa ou para o avanço avassalador de tendências nazifascistas que tomam de assalto o desejo de jovens dispostos a matar ou morrer para participar de um jogo de conquistas típicas do afã do homem que faz, atento ao novo. O século passado deve ser apagado, cancelado seria o termo mais apropriado para o novo jargão.

Com ele a memória dos mortos, da poesia, da arte, da literatura, da música, das ciências sociais e, mais especialmente, da filosofia. Apresentaremos itinerários para o novo, jogando a tradição com os entulhos de construtoras ou embalagens de fones de ouvido sem fio. Mas, por hora, quero me deter a afirmação de um “modelo de educação totalmente atrasado e insatisfatório” e condenado por especialistas. Condenar os processos educacionais a modelos ultrapassados ou novos me parece reducionismo simplista. Dois pensadores podem servir de exemplo aqui, e por incrível que pareça, ambos do século passado.

1-John Dewey, filósofo e educador norte americano, escreveu um texto denominado “Interesse e esforço” em que discute a importância do interesse e da experiência do aluno como ponto de partida para a imersão do aluno no universo do conhecimento seja ele científico, histórico ou artístico. Escreve Dewey: “os interesses não são nada senão atitudes a respeito de possíveis experiências; não são

conquistas; seu valor reside na força que proporcionam, não no sucesso que representam”.

2-Hannah Arendt, filósofa alemã escreveu uma coletânea de artigos publicado pela Editora Perspectiva denominado “Entre o passado e o Futuro”. Um desses artigos é “A Crise da Educação”. Escreve Hannah Arendt: “O papel desempenhado pela educação em todas as utopias políticas, mostra o quanto parece natural iniciar um novo mundo com aqueles que são por nascimento e por natureza novos. No que toca a política, isso implica novamente em grave equívoco: ao invés de juntar-se a seus iguais, assumindo o risco de persuasão e correndo o risco do fracasso, há a intervenção ditatorial, baseada na superioridade do adulto e a tentativa de produzir o novo como se o novo já existisse... O que há é um simulacro de educação, enquanto o objetivo real é a coerção sem o uso da força.”

Não é possível discorrer sobre os dois textos num artigo como esse sem reduzir a importância e complexidade de ambos. Fica o convite

para a leitura atenta deles. Mas o que vale ressaltar é que dois autores de diferentes tradições e escolas filosóficas já alertaram sobre o perigo de reducionismos de argumentos de artigos de opinião se não suficientemente embasados ao discutir a crise da educação que, infelizmente, não é nova. Afirma Hannah Arendt no artigo escrito em meados da década de 50 do século passado sobre a educação americana. “Por que Joãzinho não sabe ler? Por que os níveis escolares da escola americana média se acham atrasados em relação aos padrões médios na totalidade dos países da Europa? Não é por ser este um país jovem que não alcançou ainda os padrões do velho mundo, mas, ao contrário, é pelo o fato de ser o país mais avançado e moderno do mundo. E isso verdadeiro em duplo sentido: em parte os problemas educacionais de uma sociedade de massas são tão agudos, e em nenhum outro lugar as teorias mais modernas no campo da pedagogia foram aceitas tão servil e indiscriminadamente. Desse modo, a crise na educação americana de um lado anuncia a

bancarota da educação progressiva e, de outro, apresenta um problema imensamente difícil por ter surgido sob condições de uma sociedade de massas e em respostas de suas exigências” Enfim, por que nossos alunos não sabem ler? Uma modernização de inovações e métodos daria conta de operar essemilagre???

Mas ainda, analisando o artigo do Estadão, para o autor a pandemia e a negligência do governo anterior no campo da educação impedem as pessoas de vislumbrar o mérito do Novo Ensino Médio. “Terra arrasada não é uma boa maneira de fazer política pública”. Aí, sou obrigada a concordar e afirmar que o decreto que instituiu o Novo Ensino Médio bem como a bagunça de sua implantação confirma a tese do autor, política pública em plena instabilidade política e econômica pós impeachment da presidente Dilma Roussef e, mediante o anúncio de Estado de Sítio em várias capitais do país, como Rio de Janeiro, é mais do que terra arrasada. Mas completa o autor: “ Se há lei

que se cumpra, sem o prejuízo de ajustes e aprimoramentos posteriores”. Daí, eu diria, só mesmo um milagre. Ou mesmo um decreto. Desses que encontrei em um dos escritos de Graciliano Ramos: “De qualquer modo desejamos um milagre de oito milhões de quilômetros para o Brasil e outro maior para o resto do mundo. Democrático ou aristocrático? Quem sabe lá? Uns querem um governo popular, outros apelam para os figurões. Milagre de natureza parlamentar ou de ordem técnica? ... E a instrução, é bom não esquecer da instrução. Como estamos longe do tempo, em que pela graça divina, sem professores, dicionários e outras maçadas, um sujeito aprendia de um pé para a mão as línguas do mundo inteiro! A verdade é que hoje seria muito bem recebido um milagre ou um decreto, que nos armasse depressa, não apenas com as línguas, mas com todos os conhecimentos...” (Graciliano Ramos – Linhas Tortas). Mas como diz o próprio Graciliano Ramos, o milagre gorou. E aguardemos gorar não apenas a suspensão,

mas a revogação do NEM porque em terra arrasada se conserva o destroço antes que seja tarde e não se faz política pública...

ATO EM SOLIDARIEDADE AO POVO PALESTINO



11.10 | 18h

GALPÃO DA ALAMEDA EDUARDO PRADO, 474 - SÃO PAULO

I COLÓQUIO INTERNACIONAL E III COLÓQUIO DE PESQUISA CRÍTICO- DIALÉTICA EM SERVIÇO SOCIAL

17, 18 e 19 de
outubro

ÚLTIMA CHAMADA!

www.coloquio2023critico-dialetica.com

MANHÃ

Ivo Tonet



"Conhecer para transformar ou
conhecer para reproduzir?"

<https://meet.google.com/diu-eybb-njf>

TARDE

Apresentação de
pesquisas

Bloco I
Sala do Mestrado

NOITE

Manuel Mallardi

"Pesquisa e Serviço Social
Crítico - Fundamentos e
possibilidades no processo
de intervenção"

<https://meet.google.com/iaw-dppe-rqx>

FAÇA SUA INSCRIÇÃO

<https://forms.gle/vtbFvVNq9vNdRM1A6>

CONFISSÃO DE UM TERRORISTA

Ocuparam minha pátria,
Expulsaram meu povo,
Anularam minha identidade,
E me chamaram de terrorista.

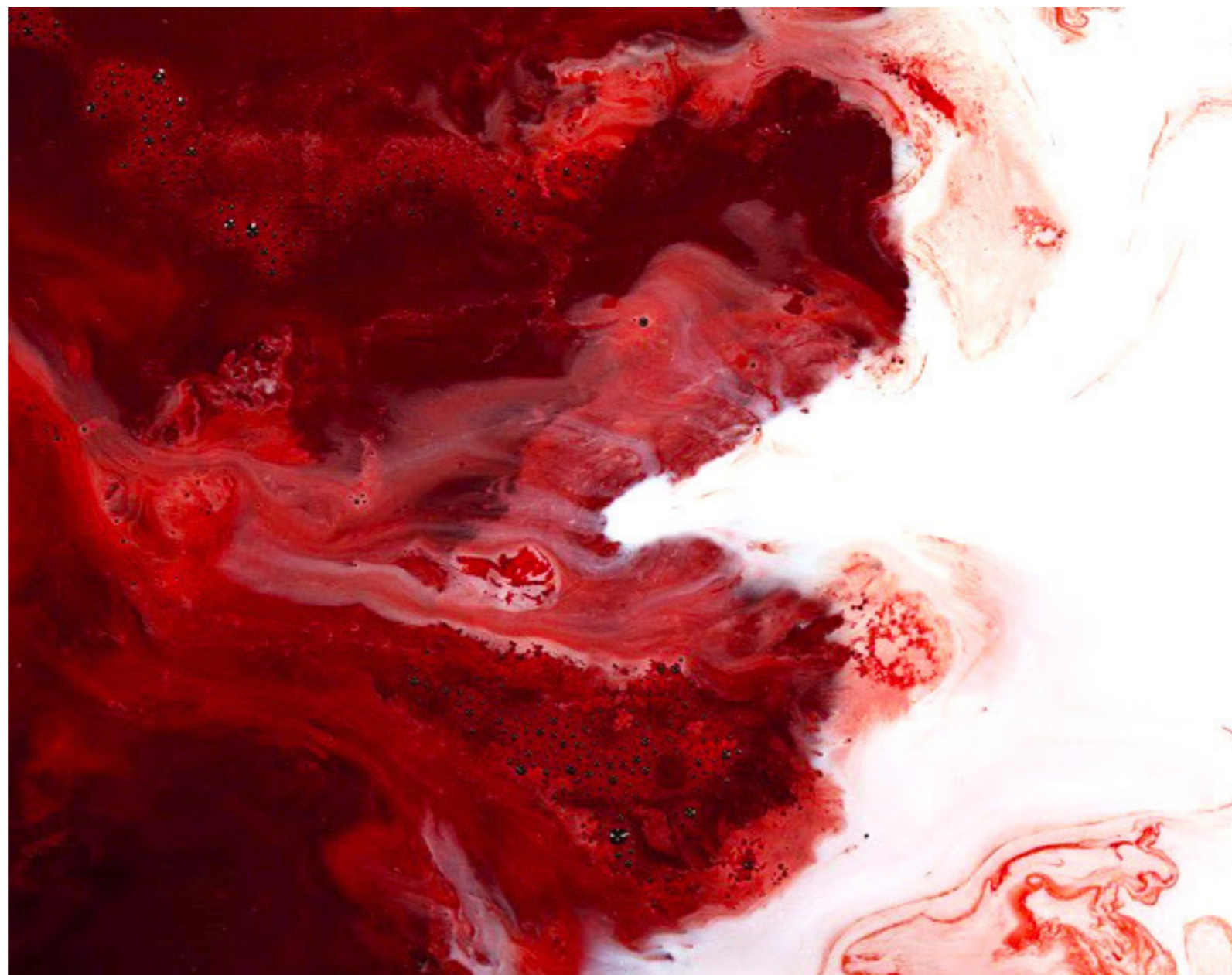
Confiscaram minha propriedade,
Arrancaram meu pomar,
Demoliram minha casa,
E me chamaram de terrorista.

Legislaram leis fascistas,
Praticaram odiada apartheid,
Destruíram, dividiram, humilharam,
E me chamaram de terrorista.

Assassinaram minhas alegrias,
Sequestraram minhas esperanças,
Algemaram meus sonhos,
Quando recusei todas as barbáries,
Eles... mataram um terrorista!

Mahmoud Darwish, poeta palestino

LEITE AMARGO



Leite amargo

Abra a boca um pouco...
assim
a noite é como a noite,
cinzel que esculpe o desejo num corpo,
desejo que esculpe o vazio num rosto,
vazio que esculpe as paredes da aflição.
Meu Deus!
Meu ventre incha e se arredonda.
Carrego no corpo um míssil de guerra.
Ao que parece esse míssil se alojou durante as núpcias dos cadáveres atrás do rio.
Minha mãe me espera nos ombros da noite.
Domina-a o demônio do medo e ela grita.
O nada me belisca na parte abaixo da cintura e entra em mim num armário abandonado.
Sussurro:
O Senhor me fez estéril,
não darei à luz a existência.
Ele sussurra:
Não creio no Senhor como creio no coito da guerra após cada derrota,
não vejo o Senhor, vejo os cadáveres, sempre.
–

E você volta.
Criança que esqueceu na boca o mamilo da mãe e fugiu.
Ainda se delicia com o gosto do leite seco.
–
Você entende o que significa crescer em seu corpo o legado da derrota, do medo e da fraqueza e a amargura do leite materno? Para a morte.
Quando a morte virou símbolo nesta cidade? Os cigarros da hora se acabaram enquanto o homem traga o tempo irritado

entre os lábios,
esmaga a cinza do pecado e enterra milhares de mulheres nos dedos.
Deus pendura as plaquinhas desta vida no corpo dos mortos,
e os fios emaranhados choram abraçados pelo sangue e se estendem entre os túmulos dos vivos para puxar o coração dos coveiros.
Morre a vida da areia,
morrem as trepadeiras em cima dos corpos nos muros destruídos que não

conservam as lágrimas dos perdedores.
Tudo aqui morre, tudo menos os mortos.
A morte aqui é eternidade,
a morte aqui é aquele bêbado que escreve um poema na rocha usando o cinzel de seu eu, sem se dar conta.
Não sabe que há uma fenda na pedra da existência, vazia de sentido.

–
A morte aqui é a luta,
luta entre as coisas esvaziadas de sua realidade

e uma mulher que, como eu, esfrega o corpo com o sal do nada.
Nenhuma morte cola no vestido das noivas quando gritam nas primeiras núpcias.
Nenhuma luz nasce do ventre da estéril que carrega dentro dela um poema.
Não tem sentido o vazio,
não tem outro sentido a realidade que este: nascer, sempre, do amanhecer do sétimo céu.
AMAL ABUQAMAR

BRECHT NO BRASIL E OS TRIBUNAIS DE EXCEÇÃO PREVENTIVA

Para Gaspar Paz e aos imprescindíveis atores da Companhia Ensaio Aberto.

“Como poderá alguém dizer a verdade sobre o fascismo ao qual é contrário, sem querer falar do capitalismo que o produz?”

Que aspecto prático poderá ter esta ‘verdade?’”
Bertolt Brecht



Bertolt Brecht nos convoca às despregas, nos lança um punhado de areia na cava dos olhos para evitar que a vista

se acomode aos fatos - ao seu encaideamento corriqueiro que ilusiona; a sua repetição em moto-contínuo que o habilita e legitima; ao assentamento acríptico de suas contradições e arbítrios à semântica jurídica que o conforma e regulamenta. É

que, inúmeras vezes, os fatos nos chegam travestidos em hábitos comezinhos, rasteiros, discretos e pudicos, ou envoltos em manto diáfano, translúcidos e transparentes, supostamente desvelados e inteiriços, portando consigo o salvo

conduto de sua fatualidade inquestionada. Como se estivessem a atender ao regramento da natureza, ou aos antiquíssimos cálculos dos costumes de entre os homens; seja sob o regime da temperança e da conformação ótima dos acordos, seja

pela condição neutral e técnica dos contratos que, suposto, avilzariam, de forma equânime, o interesse de todos, e isto sob justa medida, a fim de garantir a estabilidade da ordenação social. Toda e quaisquer. Mas quem deposita um tostão furado de crença a isto - a esta neutralidade do contrato social e das cismas do Estado que o alinhava desde a sua burocracia institucionalizada e classista?! Tantos, a multidão que se plasma por interesses vários, não poucos, e Brecht nos incita a rejeitar tais postulados, tal dogmatismo, e a recolocar os fatos na trama material e concreta da história, sob o regime complexo e contraditório das forças dispostas à luta de classes.

Bertolt Brecht nos grita às cavidades dos sentidos a urgência do rechaço, dos destemperos da desconfiança, do recuo crítico, da gravidade insurgente do distanciamiento, da assunção devotada às lentes metodológicas da dialética. É que no que costuma nos ser apresentado como natural e objetivo, sob forma fragmentada

ou dispersa, se disfarça e escamoteia o tanto que há de arbítrio e opressão; signos inequívocos da dominação de classe. Brecht nos interpela a escrutinar o tanto de abuso e expropriação se equilibra ao monocórdio da regra e das leis, aos corrimãos e labirintos da burocracia e das instituições do Estado burguês, e a revelar, de forma corajosa e insistente, a verdade que auxilie a desopilar o torpor dos sentidos, e que, como instrumento de corte, sirva de aporte à emancipação da classe trabalhadora¹.

2

Estamos a uma peça de Brecht – A exceção e a regra, escrita entre os anos de 1929/30²

Não trataremos de contá-la de cabo a rabo. Pelo contrário, de brusco, apresentamos a antessala de seu desfecho, o comerciante acabou de assassinar ao seu carregador (cule) em meio à travessia do deserto de Jahi. Sob os fantasmas da desconfiança, o comerciante não titubeou em disparar uma rajada de balas contra o corpo do homem que



trabalha. Pareceu a ele que o carregador portava consigo uma pedra às mãos, e que iria golpeá-lo para saquear tudo o que lhe pertencia, de direito e de fato. De forma preventiva, sacou da arma e encerrou o caso. Um, dois, três tiros. Brecht não deixa claro a quantidade de disparos, mas ao fôlego do comerciante, tomado em fúria e susto, o melhor

a fazer seria a saraivada, o balaço, a repetição, até que o corpo do Cule se mostrasse inerte, em definitivo, e ele o fez, ele o faria, e uma outra vez ainda. Não há tempo-espço a remorsos, remordimentos, feridas ulceradas na consciência moral do comerciante. Ele é tão somente a síntese de um projeto de dominação, ele é a expressão nua e crua

de uma opressão corriqueira que se atualiza a toda hora e em tantos quadrantes. Ele são muitos, inúmeros, se multiplicam aos borbotões, eles atendem pelo nome infausto de legião³. Mas, a um só tempo, síntese que é, ele se faz preciso, pontual, econômico, certo e pragmático. Afinal, nos seus termos, ele dirá: Como não dormi no ponto, levei

vantagem. Como não desanimei, vim mais ligeiro. Para trás ficam os fracos, o forte chega primeiro. (...) Quem morre é o homem doente. O homem forte vai na frente⁴

Agora, a jornada terá que ser desfeita, e todo o capital empregado por Karl Langmann, o comerciante, está irremediavelmente comprometido. Ele, um homem rico, de lastro

e sobrenome, com propriedades e perspectivas; estudado nos bancos da academia e com íntimas relações nos altos escalões da sociedade – magistrados, financistas, banqueiros, agentes comerciais, generais da guarda e das fronteiras, homens dos parlamentos e ministérios; ele, este homem distinto, que mapeava os acordos às instituições parceiras, aos contatos no estrangeiro; ele, o agenciador de mancheia, com mapa-múndi às córneas e em alto relevo; ele com tanto investimento e afinco em jogo – força nas pernas e no tronco, disposto ao arrendamento de postos desérticos e aportes de capitais uteis e voláteis. Ele que, por seu olhar prospectivo, divisava os longes de que a condição amesquinhada do Cule jamais seria capaz de alcançar. Ele que sabia separar o joio do trigo – e que não se furtava de, em separando a praga da plantação, nomear àqueles que deveriam ser constantemente observados, os perigosos, os purulentos, os que cedo ou tarde, mas inevitavelmente, serão os que um dia irão constar à condição de abatidos, os cálculos mórbidos no

saldo da seção de segurança pública; os que são mortos nas mortes sob encomenda, as mortes severinas, as mortes amareladas, as mortes à beira da estrada, as mortes às vielas da periferia, as mortes da cova rala e da metade da vela nas extremidades do corpo dilacerado; estes que em nada tendo de seu, nada é que teriam a perder no caldo entornado das horas; estes que em nada tendo a perder, apenas poderiam vir a ganhar – na roleta russa das transações, pouco, sempre pouco, é claro, mas nada que isto lhes salva ou faz render tributo, pelo contrário, estes os que deveriam estar sob a mira permanente dos parlatórios da imprensa e das academias de polícia; estes os que seriam capazes de quaisquer atos, de quaisquer atendidos, estes os ‘joãos ninguéns’, os ‘juan perez’ que foram acostumados ao cálculo aziago das horas magras e que estando condenados a nada serem senão os atores assujeitados de um ganha-pouco, no varejo e na xepa⁵, seriam e sempre hão de ser os mais perigosos – Karl Langmann bem o sabe, e ele não irá perder a chance de se revelar quando da hora

do lobo; ele estará com a arma e a alma engatilhada, ele terá cinco, seis balas no coldre e na vontade, ele não tardará nem um minuto, um dois três, Brecht não conta quantos tiros foram, mas Brecht descreve um corpo no chão (ou dois ou três – como na fotografia mais acima), mas e agora? Agora, o comerciante terá que voltar.

Ele que prefigurava o desenvolvimento de toda a região com a construção das ferrovias a varar aquelas zonas sem gentes; ele que vislumbrava as fábricas soltando pelas ventas as fumaças do progresso – Karl Langmann teria que recuar, que voltar a estaca zero. Logo ele que havia se adiantado aos outros comerciantes; logo ele que havia imposto aos seus comandados o repertório variegado de humilhações e suplícios – a arma nas costas à altura do pescoço para fazer parar o medo dos que tem medo; logo ele que, às custas da superexploração da força de trabalho do carregador, havia conseguido se adiantar em vinte quatro horas com relação aos seus oponentes... É que ele queria chegar à frente das

outras caravanas, queria ter acesso aos poços de petróleo cuja concessão de exploração seria entregue ao primeiro dos investidores que se apresentassem. Ele que tivera a coragem de dispensar o guia, contratado, sindicalizado, por receio de que ele pusesse minhocas na cabeça vazia do carregador. Ele que tivera a altivez de abandonar o guia em meio ao deserto porque sabia com os seus botões de que os dois, guia e cule, teriam razões de sobra para atentar contra ele, Karl Langmann; e que de hora a outra, eles teriam as suas razões acumuladas, um tonel de motivos ferventes, eles teriam um saco de penúrias para sacudirem e se rebelarem, para se insurgirem, e romper com os grillhões de sua condição escrava, com a ordem do dia dos trabalhos odiosos, as feridas e cascas na cabeça e no lombo; eles poderiam toma-lo de assalto à calada da noite e deixa-lo entregue a sua própria sorte. E o comerciante se orquestrou aos modos de uma ação preventiva. Abandonou o guia como quem espanta com um pedaço de pano um punhado de moscas varejeiras, o dispensou

sem aviso prévio, sem garantias de qualquer monta, e ponto.

E eis que Karl Langmann, homem forte, divisor de água, timoneiro (mas não guia), afrontou as obviedades de uma condição imprópria e decidiu seguir adiante, dispensando o guia, tosquiando o carregador, fazendo com que os dias se esticassem ao seu plano de voo e de metas a cumprir, eles seguiram. Voraz este Langmann; servil o cule adestrado. Juntos eles seguiram – ainda que não de todo junto, porque o cule sabia o que ele descrevia sob a forma de canção:

Cá está o rio. Atravessá-lo a nado é perigoso. Na beira de estrada estão dois homens.

Um faz a travessia a nado, o outro hesita.

Será corajoso um deles? Será covarde o outro?

Na outra margem do rio, um tem um negócio a fazer.

Do perigo sai um respirando aliviado na

margem alcançada.

Vai pisar no que é seu. Vai ter comida fresca.

Já o outro sai do perigo a arquejar para o nada.

Esperam por ele, o debilitado, perigos novos.

Serão ambos valentes? Serão ambos prudentes?

Ah, do rio que os dois venceram juntos

Não saem dois vencedores.

Nós e: eu e você

Não tivemos a vitória

Mas a mim você venceu⁶

Era do inóspito da travessia o de que se tratava – ser capaz de superar os caminhos tortuosos tomados pela aridez do solo, pelos bandos de assaltantes que pilhavam as caravanas, pela ausência de postos de paragens e repouso, pela força da correnteza e profundidade das águas do Rio Mir quando das enchentes, pelos fantasmas que

gritam palavras de agonia e que não deixam que o sono dos justos faça morada na cabeça do investidor.

Era do inóspito da travessia o de que se tratava – ser capaz de superar as agressões de todas as horas, os xingamentos e provações da boca maldizente do comerciante, e sua ira furibunda sempre que o cule titubeasse – se de medo, se de incerteza, se de cansaço, se de braço quebrado segurado em tipoia, se do pavor do afogamento no rio caudaloso e profundo. E seria sempre a tenda que se arma para evitar os animais selvagens, e seria sempre a coberta rota como espantalho das pneumonias que a friagem traz consigo à algibeira. E seria sempre da sorte dos dados lançados, se eles se fazem capazes da repetição dos números em sorteio, seria da aposta, da ousadia da aposta, dos riscos do perder e do ganhar, não seria da inércia o padrão dos ajustes, seria do lance, a voz que se sobreleva quando do inóspito do tráfego, a travessia...

Todavia seria o tiro, o balaço, a interrupção da comunidade imaginária entre Karl Langmann e o

carregador o que, de fato, se faria, o que se fez, a interrupção abrupta, embora anunciada, a justa a um duelo desigual. Na mão do comerciante, a arma de fogo. No corpo do cule, o rastilho de pólvora, as perfurações.

Agora será o tribunal o que restará ao homem que chegaria em primeiro, o empreendedor contumaz e seu chicote de estalar a preguiça no corpo dos que trabalham. Falaremos do tribunal. Entretanto, comecemos por outro ajuntamento de consciências judicantes, um outro tribunal da razão ordeira a repor as coisas dispersas ao seu lugar de vigência habitual. Tribunal distinto e semelhante nas suas funções e fazimentos. Sobretudo no que tange a este emaranhado dialético entre a exceção e a regra.

Nos cabe o anúncio: Brecht virá ao Brasil.

3.

Estamos dentro de um livro – e no livro, dentro da 46ª. Reunião mensal da Congregação, órgão supremo do Instituto de Química, da Universidade de São Paulo. Bernardo Kucinski nos fornece



detalhes sobre o recém-inaugurado Instituto àquela data, 23 de outubro de 1975. São palavras de Kucinski:

Em torno da mesa de mogno, longa, pesada, de bordas entalhadas,

como deve ser a mobília de uma universidade, sentam-se oito ilustres professores do Instituto de Química, chefes de departamento, cientistas

de renome, entre eles Ivo Jordan, especialista na separação isotópica do urânio; Newton Bernardes, conhecido na física dos materiais e Metry

Bacila, pioneiro da Biologia Marinha. O Instituto de Química notabilizou-se pelo rigor científico, influência dos alemães Heinrich Hauptmann e Heinrich Rheinboldt, fundadores da Química no Brasil, para onde vieram fugindo do nazismo. No momento desta reunião, o Instituto tem apenas cinco anos de existência. Giuseppe Cilento, que coordenou sua criação juntando departamentos e pesquisadores dispersos em diferentes unidades da Universidade de São Paulo, também está na reunião. Construído com dinheiro da Fundação Ford, o imponente Conjunto das Químicas, como é mais conhecido, ocupa toda a colina leste do campus⁷

· Talvez pudéssemos afirmar que tal reunião em praticamente nada se distinguiria de tantas outras que ocupam o calendário

acadêmico das universidades brasileiras – as de ontem, àquela época, e as de agora, no que beira e acena ao porvir. Na condução dela, algum professor a ocupar o cargo de Diretor do Instituto – cargo que pressupõe um sem-número de tarefas desde as mais corriqueiras e protocolares, àquelas que demandam uma sagacidade típica de fina flor estratégica. Como quando se trata de costurar parcerias para investimentos de infraestrutura imprescindíveis ao ótimo funcionamento da instituição e do perfeito desenrolar das atividades científicas desenvolvidas pelos profissionais nela alocados – respeitando e referendando, claro está, a tripla hélice do Ensino, Pesquisa e Extensão⁸. Outros tantos colegas professores, chefes de departamentos diversos, coordenadores dos cursos que compõem um Instituto costumam estar presentes e somar ao quórum de tais atividades. Imprescindível não esquecermos dos funcionários, em geral um único, encarregado, entre outras funções, de alinhar sob o formalismo das atas, tudo o que fora tratado ao longo da reunião, desde a seção dos informes,

os pontos de pauta, as deliberações quando de matéria disposta ao escrutínio do fórum, a síntese dos debates e discussões – procurando, sempre, o equilíbrio entre a mera transcrição das falas e o aprumado fidedigno das ideias postas em jogo por cada um dos participantes. A tais instâncias, é comum também, que se tenha a presença de algum membro da comunidade discente. No quando da reunião referida por Kucinski, foi listada tal presença e participação. Bernardo Kucinski conta que na ordem do dia daquela reunião constava o processo 174899/74 – no qual a reitoria solicitava a rescisão do contrato de uma professora ‘por abandono de função’, conforme o inciso IV do artigo 254 do Regimento.

Sugerimos um pequenino salto – sabe-se lá se para além da zona turva na que os limites entre a escritura ficcional e a de não-ficção se bifurcam, se tangenciam, ou se no quando de seu ‘borramento’ em uma espécie de arquivística documental a servir de dispositivo desde o qual o homem que escreve, ventríloquo não autorizado dos ensejos de

Bertolt Brecht, exercita a sua tarefa de enunciação e distanciamento, elementos incontornáveis a coragem da verdade que visa elucidar o arbítrio acoitado nos ditames regulamentares da ordenação jurídica. Toda e qualquer.

Agora, estamos dentro do processo iniciado em 11 de junho de 1974 por um ofício assinado por Ernesto Giesbrecht, então Diretor do Instituto de Química, da Universidade de São Paulo, e encaminhado ao Reitor Dr. Orlando Marques de Paiva⁹

Eis os termos deste ofício¹⁰:
São Paulo, 11 de junho de 1974

Magnífico Reitor:
Dirijo-me a Vossa Magnificência com a finalidade de solicitar pronunciamento da digna Consultoria Jurídica a respeito de procedimento a ser adotado por este Instituto em relação à Professora Doutora ANA ROSA KUCINSKI, contratada em RDIDP, com salários fixados na referência “MS-3”, e que

desde o dia 22/4/74, conforme constou do boletim de frequência, não comparece a este Instituto, sem que se registre anteriormente qualquer anotação de caráter disciplinar em seus assentamentos.

Tratando-se de docente, o que, a nosso ver empresta ao caso um caráter delicado, e de situação ainda não enfrentada por este Instituto, gostaríamos de contar com o assessoramento da Consultoria Jurídica a fim de evitar vícios no procedimento a ser adotado.

Apresentando a Vossa Magnificência os mais altos protestos de consideração, subescrevo-me,

Atenciosamente, Ernesto Giesbrecht

Diretor

PS: Consta que a tal ofício se deu entrada na Reitoria no dia 12/06/1974.

Somos tomados de assalto pela tarefa didática exigida quando da encenação brechteana – afinal é imprescindível o esclarecimento das partes à compreensão do todo. Mister nos colocarmos a este lugar e modo, eivado de um filete de ironia,

na obrigação de elencar algumas hipóteses plausíveis advindas de situações como a referida. E heinos a esta missão no que discorre o parágrafo seguinte:

Na certa que haveria de se pontuar a situação na que estariam os estudantes privados da carga horária efetivamente cumprida, seja no que tange à apresentação de conteúdos imprescindíveis a sua formação, seja no que diz respeito às atividades complementares de fixação dos mesmos conteúdos tais como trabalhos extracurriculares e exames de avaliação de aprendizagem – funções estas prescritas na regulamentação contratual do profissional docente. Claro está que a irregularidade atestada no exercício profissional não poderia se estender por tempo indefinido acarretando, sem sombra de dúvida, perda inestimável à comunidade discente. Talvez fosse ainda caso de tomar a si a letra fria cega e justíssima da legislação trabalhista no que esta versa sobre a qualificação de abandono de emprego uma vez a ausência injustificada do funcionário na forma sequenciada de 30 dias úteis. Mister

ainda a referência ao desconforto que tal situação poderia vir a gerar no quadro de docentes do departamento em que estaria alocada a faltosa professora. É que, por vezes, nos intentos de minimizar as perdas acima dispostas, os colegas poderiam vir a ser escalonados em condição de suplência temporária – o que, certamente, acabaria por gerar uma sobrecarga de trabalho desnecessária se a docente não estivesse incorrendo em falha grave e, inédita até então a estas plagas. Outro mais, importante mencionaque a situação irregular apresentada configura estado de vacância no que sequer se poderia pleitear a conformação de um novo concurso público para a ocupação da vaga de professor – o que, pela temporalidade própria às tramitações necessárias para tal, exigiria algo em torno de seis meses. Isto posto, sigamos alguns dos andaimes preliminares até que se esteja suficientemente referenciado os elementos necessários ao acórdão final. E então, eis que.

No dia 20 de junho de 1974, segundo o parecer n. 132/74, a Divisão Técnica de Pessoal atestará

a veracidade dos fatos, dos dados contratuais e a legitimidade do pleito processual encaminhando o processo a Assessoria Jurídica da Universidade. A esta instância, em seguimento à consagrada tradição de minuciosa consulta à literatura específica que se debruça sobre se tal infração se configuraria como falta disciplinar ou como crime, ou se o conceito de abandono estaria subordinado à probabilidade de dano ou prejuízo conforme as posições contrárias e/ou complementares dos juristas Nelson Hungria e Magalhães Noronha; assim como à jurisprudência na que se fundamenta estadaoutrina, tal como se mostra referida na Revista dos Tribunais, volume tal, volume tal e volume tal, assim como na Revista de Direito Administrativo volume y e volume x, sem todavia deixar de mencionar que a segunda das teses dispostas pelos magistrados é defendida pelo Venerando acórdão do Tribunal de Justiça de São Paulo e pelo Consultor Geral da República, Dr. Romeo de Almeida Ramos; se conclui:

Opera-se o abandono de

funções, na esfera administrativa, pela verificação, em processo administrativo, da vigência do prazo de mais de 30 dias, ao passo que, nos termos do art. 323, do Código Penal, o crime de abandono de função pública é de natureza dolosa; só se caracteriza ou integra com a existência do dolo, ou seja, a vontade deliberada do servidor de abandonar o cargo fora dos casos permitidos em lei.

Propomos, pois, que o caso seja submetido à alta apreciação da Douta Congregação do Instituto de Física, para manifestar-se sobre a aplicação da pena de dispensa (art. 254, inciso IV, do Regimento Geral) e informar se as faltas dadas pelo docente acarretaram, ou não, prejuízo para o Instituto.

É nosso parecer, s.m.j..

São Paulo, 15 junho 1974

VERCINGETORIX DE CASTRO GARMS

Assistente Jurídico¹¹

E isto seguirá...

4

Bertolt Brecht, debruçado sobre suas primeiras peças, lhes dispara petardos críticos como se buscasse enxergar nelas as suas falhanças, suas incompletudes, seus equívocos, os avanços de que fora capaz na direção de acertos futuros. Exercício fundamental de autocrítica aos modos da pesquisa dialética que ele impunha a sua função de homem de teatro e militante político revolucionário. Sobre o texto de Na Selva das cidades, Brecht destaca algo que, em particular, parece servir a estes intentos de flagrá-los em terras brasileiras.

São palavras de Brecht: Preciso acrescentar que naquela época [1921-23] eu tinha uma concepção histórica singular, que consistia em uma história da humanidade em processos de massa com significados definidos, históricos; uma história cujas maneiras de apresentação eram sempre diferentes e novas, as quais poderiam ser notadas em vários lugares da terra. Na minha peça deveria ser notada a pura satisfação pela luta. Durante o esboço eu já notei que era singularmente difícil causar e manter viva uma

luta que tivesse um significado, isto é, segundo as minhas concepções daquela época, uma luta que provasse alguma coisa. Ela tornou-se cada vez mais uma peça sobre a dificuldade de realizar uma luta desta espécie. (...) Nebulosamente chega-se a compreender que o prazer pela luta na fase superior do capitalismo torna-se uma deformação selvagem do prazer de uma luta competitiva¹².

Tomamos de empréstimo a Brecht o diagnóstico final atribuído à fase superior do capitalismo, sua faceta monopolista, a voracidade de saqueio mundializada, a dinâmica imperialista da opressão sem limites imposta pelas grandes corporações e seus tentáculos diversos na maquinaria de opressão estatal – da que o aparato jurídico-penal é um dos seus braços modulantes. Sua faceta ordenada como simulacro na que engolfa tudo o que se lhe contrapõe. Tribunal de exceção em que a regra barganha acordos de coxia. Tribunal preventivo ‘contra insurgente’ a se hipertrofiar pelo ecúmeno desde as bordas. Afinal, ao calor da hora que esquentava, se trata de avançar

em direção às periferias, cerzindo-as ao sabor dos ritmos e dividendos exigidos pela voracidade acionista-empresarial; está-se aos modos da rapinagem e há de se conter os inevitáveis tensionamentos sociais que pulularão aos arrabaldes do Sistema-mundo.

Brecht nos descreve a hora dos chacais, à selva das cidades, a deformação selvagem do prazer, e há de se utilizar tudo o que se dispuser, sem qualquer prurido ou compostura. E eis o que o arsenal de instrumentos, a caixa de ferramentas, se destampa: coopta-se lideranças e sindicatos com bolsas de estudo e ativos de toda ordem. Investe-se no turbilhonar de campanhas midiáticas numa espécie de bomba publicitária voraz e ininterrupta. Custeia-se profissionais da política parlamentar para o arremedo de legislações funcionais a tais interesses; dissemina-se sob o formato de Fundações e Organizações Não Governamentais a usina de conceitos, epistemologias e efemérides, numa ação massiva e tentacular, capilarizada; investe-se nas corporações militares e policiais

e palacianas, seja sob a forma dos acordos de renovação de arsenais, seja nos pacotes curriculares despejados nas academias de formação. Afinal se trata de conter, perseguir, aterrorizar qualquer aquele que se coloque em contra, na evitação de que se multipliquem, e que se organizem em mobilizações; trata-se de evitar que guias e cules tramem motins ao oficialato, que atentem contra o perfeito funcionamento do estado de coisas, e se necessário for, usa-se do expediente de ferro e fogo das legislações de exceção; aciona-se, se preciso, infames tribunais nos que o arbítrio seja moeda corrente em fluxo contínuo. Em qualquer que seja a instância. Sob qualquer que seja o pretexto. O enredo é por conta da hora, seus tracejados atendem a gravidade do que está em jogo. Do que se tem a ganhar. Não importando os tantos que terão que perder.

São palavras de Bertolt Brecht: Olhem: é um voo de abutres! Aonde vão? Do deserto, onde não há nada mais, fogem para comer nos tribunais. Os assassinos lá estão. Os perseguidores em segurança lá

estão. E os que roubam vão lá esconder seus roubos, enrolados num papel onde há uma lei lavrada¹³

Voltemos então para dentro do tribunal armado à defesa dos interesses de Karl Langmann; o especulador quer seguir seu curso em busca do direito de exploração monopólica de poços petrolíferos na peça A Exceção e a regra.

Adiantamos apenas que o comerciante achou por bem escamotear a gravidade de suas ações, diminuir-lhes a força, utilizar de eufemismos, evitar fornecer pistas que se constituíssem em provas anexas ao auto do processo e atuassem em contra aos seus interesses; Karl Langmann silenciou o relato da superexploração imposta ao carregador. Afinal o que ele ganharia com isto? Afinal o que poderia vir à tona se ele mencionasse diante de todos do júri que – face ao pavor do cule às margens do rio caudaloso e

profundo, ele, Karl Langmann, sacara da arma e lhe pusera à cabeça, que ele incitara a que o cule, que não sabia nadar, se jogasse na correnteza com o peso de suas

encomendas às costas. Imaginemos que sequer que o cule se negara a este ofício. É que o cule sabia ser sua a função de transporte, fora contratado para tal. Ele, o cule, sabia que as agruras da travessia constam, subliminares, sob as letras do contrato. Ele, o cule, não dissera que não atravessaria o rio de sua tormenta; apenas solicitara a Langmann os cuidados da temperança: aguardar que o nível das águas baixasse, que a correnteza aprumasse a sua agitação. Mas não, nada. Não há, nunca houve tempo a perder, e fora a arma apontada na cabeça, e fora o solado das botas a empurrar o cule para dentro do rio. Para quê Langmann reportaria este fato aos

ouvintes? Por que ele contaria que ameaçara o cule quando ele não se lhe fez ótimo guia – quando sequer que o contrato versava sobre tal atributo? Para que ele contaria aos do júri que ele sonegara o gole de água ao cule quando do deserto e da sede? Para que ele diria a todos

que, quando dos golpes e das surras que ele não poupava ao cule, sequer que ele, Karl Langmann, evitara que a tira de couro do chicote espocasse no braço quebrado do cule? Nos cálculos do comerciante, haveria de se evitar palavras e confissões que pudessem abalar a sensibilidade e

humores dos homens que julgam. Mas qual? O que vemos é o juiz contar aos seus ouvidos das artimanhas quando a um tribunal. Será não percebe Langmann as regras dispostas ao tabuleiro? Será que o comerciante não desconfia de que tecido é costurada a toga do magistrado?

Todavia, o que lhe diz o prezado representante da lei?

Juiz – Ouça: o senhor não deve fazer-se de mais inocente do que é. Assim não vai arranjar nada, homem. Se tratava o seu cule com luvas de pelica, como explicar o ódio que ele tinha do senhor? É

veredicto. É inadiável se colocar à dianteira, meio corpo, um passo a frente, os pés sobre a linha se partida e encetar o movimento; ajuntar o corpo inteiro ao sabor do gesto, disponibilizar-se sutil; orelhas em pé, a coluna ereta, o passo capoeira,

somente tornando esse ódio justificável, que o senhor poderá justificar também que agiu em legítima defesa. Pense bem!¹⁴

A pista está dada. É mister saber ler às entrelinhas. É imprescindível saber se antecipar, em artimanhas e firulas, à cegueira neutral do





Alexandre Vanucchi Leme



Ana Rosa Kucinski



Antonio Nogueira Cabral



Antonio Benetazzo



Frei Tito Alencar



Gelson Reicher



Helenira Rezende



Heleny Guariba



Jeová Assis Gomes



José Arantes



Ligia Salgado Nóbrega



Lauriberto Reys

**ANA ROSA KUCINSKI
WILSON SILVA**

Estão desaparecidos desde o dia 22 de abril de 1974 ANA ROSA KUCINSKI, 32 anos, Bacharel em Química e Doutora em Filosofia, funcionária do Instituto de Química da Universidade de São Paulo e seu marido, Wilson Silva, Bacharel em Física pela mesma Universidade. Todas as indagações sobre a sorte de ANA ROSA KUCINSKI e WILSON SILVA junto a hospitais, necrotérios e autoridades policiais e militares, inclusive através de pedido de Habeas Corpus ao TSM foram inúteis e a família de ANA ROSA KUCINSKI desesperada, apela a quem souber informar de sua sorte e de seu marido WILSON SILVA. Informações à Rua Viveiros de Castro 352, Santana, ou pelo telefone 298-6706, em São Paulo.

São Paulo, 10 de janeiro de 1974

(a) Major Kucinski

Menezes não aparece no cartório na hora de vender o cotonificio

Mão-de-obra precisa ser paga

**ANA ROSA KUCINSKI
WILSON SILVA**

BAICO CENTRAL DO BRASIL

ANUNCIOS

o grito de 'lá vai, lá vou', Karl Langmann carrega consigo o mérito da escuta - ele sabe escutar, ele tem os carretéis da audição limpos o bastante, ele tem os atravessadores da ordem unidos a sua causa, ele saberá o 'como' do fazer, ele sabe, ele perscruta, ele tem que chegar na frente de todos. E será de quem chegar primeiro, as benesses do contrato. Karl Langmann sairá na frente. O petróleo -nosso - acabará por ser dele.

5

C o m u n i c a d o d e esclarecimento.

A professora Ana Rosa Kucinski é um destes rostos. Mais precisamente, é o segundo da primeira fileira. Era militante da Ação Libertadora Nacional (ALN). A última vez que fora vista com vida estava com seu companheiro Wilson Silva, nas proximidades da Praça da República, em São Paulo, no dia 22 de abril de 1974. O fato era público e notório, apesar da censura imposta pelas forças repressivas da ditadura militar e de seus capachos

vende-pátrias. Tal fato está em conformidade ao que atesta o comunicado publicado em jornais de circulação nacional àquela época. Mas voltemos ao Processo N. 17.499/74, inaugurado nos corredores do Instituto de Química, e que versa sobre o abandono de função na esfera administrativa por um período superior a 30 dias seguidos. O processo está tramitando aos corredores da burocracia institucional. A cada seção, novos referendos, devotados estes à expertise dos especialistas nas áreas de consulta, e avança-se uma quadra no funesto jogo de amarelinhas, e avança-se um peão ao xadrez das instâncias protocolares. Talvez que na direção da ignomínia, quem o poderia negar? Entretanto, está-se a operar aos liames do instituído - o que, supõe, é o que se costuma dizer, o direito ao contraditório e ao esgotamento de todas os recursos de defesa, assim como o de acesso a todas as peças dispostas nos autos processuais. Claro está que, de algum modo, a tramitação se dá à revelia do 'interessado'; é que Ana Rosa Kucinski não esteve podendo comparecer

nos 'quandos' de sua convocação. Não há registro de que, sequer em uma destas ocasiões, tenha dado às caras, tenha se prestado ao gesto de acorde do comparecimento. Seria este seu 'não comparecimento' uma peça em contra a lhe ser imputada, algo a assomar à falta já grave configurada pelo seu descumprimento contratual? Será que a literatura jurídica lhe aferirá a pecha de crime, ou a de falta disciplinar, ou a de dolo uma vez constatado o prejuízo ao erário público - tal como pudemos acessar no que o Assistente Jurídico que atendia pelo exótico nome de Vercingetorix de Castro Garms, no dia 15 de junho de 1974, se referia às minúcias técnicas dispostas ao debate hermenêutico traçado pelos juristas Nelson Hungria e Magalhães Noronha, autoridades referenciadas para a legitimação de seu parecer.

Sigamos um pouco mais esta tramitação processual.

Estávamos ao despacho da Assessoria Jurídica. Era o dia 15 do mês de junho daquele ano de 1974. Seis dias depois, em despacho com timbre da Reitoria, Fausto Haroldo

Ribeito, coordenador, acrescentou a título de Infomação o seguinte:

(...) o Regimento Geral prevê em seu art. 253, parágrafo 4º, situações em que caberá a aplicação da pena de demissão aos integrantes do corpo docente da USP, cabendo ser indagado sobre as implicações de tais normas - que defluem da regra geral inserida no arfti. 116 do Estatuto da USP - relativamente àquelas do SEU, as quais, 'naquilo que couber', aplicam-se aos docentes contratados (como a interessada no presente processo) sob aquele regime. É oportuno lembrar que o Estatuto, pelo parágrafo único do mesmo art. 116, previu expressamente que o 'corpo administrativo' ficaria sujeito ao regime disciplinar estabelecido no Estatuto dos Funcionários Públicos e no Estatuto dos Servidores da Universidade (v. também art. 255 do Regimento Geral), confirmando a norma do 'caput' referente a disposições específicas de natureza disciplinar para o corpo docente...¹⁵

E nove fora zero, o processo segue a sua tramitação cifrada e hermeticamente referenciada. Ao

dia 23 de outubro de 1974, o Magnífico Reitor Orlando Marques de Paiva emitirá o seguinte despacho:

Senhor Diretor

Em atenção ao seu ofício n.763/74, solicitando escolha de um bacharel em Direito para integrar a Comissão designada a fim de realizar sindicância e processo administrativo em relação à docente Dra. Ana Rosa Kucinski, tenho o prazer de indicar-lhe o nome do Dr. Cássio Raposo do Amaral.

Aproveito a oportunidade para renovar-lhe protestos da mais alta estima e distinta consideração.

E seguirá avante, na engorda de documentações e despachos o processo administrativo.

Já estamos no ano de 1975, mais especificamente, no dia 10 de janeiro. Está-se ao relatório encaminhado ao Senhor Presidente da Comissão Processante pelo Secretário José Vito Netto, que atende como Secretário desta mesma Comissão. Neste relatório, ele descreve a sua execução de missão a que fora incumbido. Segue nas suas

palavras:

(...) Estive hoje, pelas 9:00 horas, no prédio da Av. Rio Branco, nº 1661, aptº 125, para entregar a citação.

Como não havia ninguém no apartamento, procurei informar-me junto ao ocupante do apartamento nº 126, vizinho, e então soube que a referida senhora deixou o apartamento há cerca de 5 anos (...).

Então, dirigi-me à Rua Viveiros de Castro, nº 352, antigo, Jardim São Paulo, onde vim a saber que aí residem o pai e a madrastra da senhora Ana Rosa Kucinski, sendo, então, informado pela madrastra que seu marido, senhor Mejer Icchok Kucinski, progenitor da senhora Ana Rosa Kucinski, no momento em seu escritório, à Av. Cantareira, nº 281, Tucuruvi, poderia prestar informações a respeito.

Então, dirigi-me a esse local e fui atendido pelo senhor Mejer Icchok Kucinski, o qual se declarou pai da Doutora Ana Rosa Kucinski, informando-me que ela se encontra desaparecida desde abril de 1974, em local incerto e não sabido.

Outrossim, informou-me o

progenitor da Doutora Ana Rosa Kucinski, que ela desapareceu na companhia de seu marido, cujo nome não me forneceu, levando o veículo de sua propriedade, e até hoje não deu nenhuma notícia do seu paradeiro.

Adiantou-me ainda o referido senhor que já tomou providências junto as autoridades policiais e até mesmo junto a Presidência da República, mas até o momento, nenhuma informação lhe foi prestada sobre o paradeiro de sua filha.

Diante disso entreguei a citação ao senhor Mejer Icchok Kucinski depois de ler os seus termos para que ele ficasse bem esclarecido, tendo ele lançado o correspondente recibo na cópia a carbono.

Respeitosamente,
São Paulo, 10 de janeiro de 1975¹⁶

6

Estivéssemos a uma peça teatral de Bertolt Brecht, talvez que fosse a hora na que se britaria a quarta parede, na que se faria espatifar quem sabe a empatia



mergulhada do público para com os efeitos hipnóticos da dramaturgia encenada. Talvez que fosse a hora de lançar uma chispa, uma centelha, uma fagulha ao torpor da plateia embevecida pela retórica e desempenho ótimos dos atores ao palco. Talvez, fosse o caso nos

remetermos ao cineasta Ingmar Bergman, era, seria a hora em que se traria às mãos os instrumentos de corte e perfuração, ou a caixa de ferramentas do mestre de obras, o martelo de cabeça alargada e rija no pendor de penetrar, incisivo, um par de pregos na passividade das gentes.

É certo que o encarregado cumpria a função a que lhe coube. Ele, o estafeta das horas aziagas (quem o saberia dizer se ele assim estava à incumbência, mas o que importa isto?), teria de fazer jus ao seu papel, à missão que lhe fora confiada. Ele teria que atravessar as ruas da cidade de São Paulo, teria que atentar aos endereços, a plaqueta estampada na amurada deles (não havia os aplicativos facilitadores àquela época, importante lembrar...), anunciar-se à portaria, tomar do elevador, apertar os botões que acenam em direção aos pisos correspondentes, dobrar a esquerda ou

a direita dos corredores, acercar-se das portas, dispor o indicador ao botão das campainhas, e esperar. Se fosse o caso um abrir de portas, dar o seu 'bom dia' protocolar, e ensinar o de que se tratava. Ele o fizera. Talvez alguém parta em sua defesa, fazendo lembrar que o estafeta fora

capaz de um gesto de improviso, afinal acessara à vizinhança, tão logo se certificara da ausência do destinatário do comunicado que ele portara consigo. De fato, o estafeta superou-se a esta hora. Fora capaz de uma gira, em rodopio, e acertara algo que não lhe estava previamente recomendado às partituras de seus gestos.

Certo que o encarregado tomara conduções para deslocar-se de bairro a outro. Ele estivera empenhado em cumprir a contento com as tarefas prescritas ao seu contrato de trabalho e àquela ordem do dia – diferentemente daquela destinatária que sequer se prestara à justificação de suas faltas que, de há muito, ultrapassavam os 30 dias corridos tal como estão regulamentados pelo Estatuto do Servidor Público e pelo

Estatuto interno do regimento universitário; talvez que, por estas e outras, o encarregado não tenha contra si um pululante processo na que um estafeta bem intencionado busca cumprir de forma precisa e pontual o que lhe fosse demandado.

Ainda que tenhamos estes pontos em vista, seria interessante

interpelar ao leitor sobre o que você pensaria deste estafeta que, ao ser comunicado do desaparecimento da professora Ana Rosa Kucinski pelo senhor Mejer Icchok Kucinski, seu progenitor, que inclusive lhe confienciara das diversas medidas tomadas até então, tais como as que lhe fizera recorrer às instâncias policiais e, até mesmo, a Presidência da República, e tudo o mais que talvez o estafeta não tenha se recordado no ato de dispor em seu relatório de serviço as execuções do dia; tudo somado e ainda assim, o referido entregador de encomendas fez chegar às mãos do pai de Ana Rosa Kucinski a comunicação do processo que era movido contra ela pelas razões do abandono de trabalho.

O que pensa você, leitor, de um ato como este?

7

Ainda ao processo, mas já aos saltos, adiantamos que no dia 13 de janeiro de 1975, Bernardo Kucinski passará a constar no processo na condição de Procurador de Ana Rosa Kucinski. Ao dia 14, será aditado ao processo as páginas do

Jornal O Estado de São Paulo relativo à edição do domingo anterior (12 de janeiro), no que se comunica o desaparecimento de Ana Rosa Kucinski. Se consultado no link disposto em nota a este ensaio, se poderá notar que as páginas de número 36 a 45, todas estão relacionadas a este fato e confirmações de amplo cunho público, do desaparecimento forçado da professora. Todavia, nas páginas 46, 47 e 48 do referido processo, constará a publicação em Diário Oficial, ao dia 21 de janeiro de 1975 da seguinte notificação voltada a ninguém menos do que Ana Rosa Kucinski. Eis o que versa a nota publicada:

Instituto de Química
Citação

. O Presidente da Comissão Processante designada pelo Diretor do Instituto de Química da Universidade de São Paulo, no uso de suas atribuições legais, faz saber à Professora Ana Rosa Kucinski, contratada em RDIDP, com sede de exercício na repartição, Brasileira,

filha de Majer Icchok Kucinski e Ester Kucinski, natural de São Paulo, Carteira de Identidade n

R.G. 2.528.562, Título de Eleitor n. 209.644, residente à Av. Rio Branco, n. 1661, apto. 125 ou à Rua Viveiros de Castro, n. 352, nesta Capital, atualmente em lugar incerto e não sabido, segundo certidão no Processo que foi instaurado processo administrativo disciplinar, por abandono de função, para os efeitos previstos no artigo 180, Inciso II, e seu parágrafo único do Estatuto dos Servidores da Universidade de São Paulo, ou seja, imposição de pena de dispensa por abandono de função, em decorrência do seu não comparecimento ao serviço por mais de trinta dias consecutivos, a partir de 22 de abril de 1974.

Fica assim, a referida professora



citada e, ao mesmo tempo, ciente de que foi designado o dia 10 de fevereiro próximo futuro às 9:00 horas, para o seu comparecimento perante a Comissão Processante na Consultoria Jurídica da Reitoria da Universidade de São Paulo, Bloco L, 5º. Andar, Sala 506, na Cidade Universitária “Armando de Salles Oliveira”, sob pena de revelia, a fim de prestar declarações sobre o fato que lhe é atribuído e apresentar a defesa que lhe tiver pessoalmente ou por intermédio de advogado constituído.

O presente edital será publicado no Diário Oficial três vezes e afixado no lugar de costume para ciência da servidora e demais interessados.

São Paulo, 16 de janeiro de 1975¹⁷

Tais recortes, anexos ao processo, serão encaminhados, para ciência, aos senhores Mejer Icchor Kucinski e Bernardo Kucinski. Não temos notícias se o estafeta encarregado era o mesmo de ainda há pouco. O que pouco importa, sabemos. O que estará sempre em questão é se a missão fora conduzida a contento.

Importante destacar o documento de conteúdo bastante elucidativo e esclarecedor que será acrescido ao processo, formulado e assinado pelo advogado constituído para a representação dos interesses da imputada, Dr. Aldo Lins e Silva. Neste consta, sob a forma de um histórico do caso, as condições na que se encontrara a ré, assim como a descrição dos passos tomados pela sua família, e mais especificamente pelo pai Mejer Icchok, descrito como jornalista e escritor em língua iddishe, com mais de 70 anos de idade àquela feita.

Aldo Lins e Silva conta que Mejer, ciente das atividades políticas de sua filha – atividades estas

consideradas 'de natureza subversivas por algumas pessoas,' acionou as autoridades competentes, requisitando Habeas Corpus junto ao STM, e seguindo um longo périplo desde a Seção Americana do Congresso Mundial Judaico, passando pela Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, pela Embaixada do Brasil nos Estados Unidos. Das informações solicitadas por intermédio das referidas representações, se obtiveram as seguintes informações:

Que Ana Rosa Kucinski está viva mas ainda encarcerada no Brasil numa prisão que não nos foi dado saber, que atualmente ela não está sendo torturada ou submetida a outras brutalidades físicas, mas que por outro lado não há nenhum sinal de que ela seja libertada em breve¹⁸.

Logo a seguir, Aldo Lins e Silva acrescentará que a Seção Britânica da 'Anistia Internacional', órgão consultivo da ONU informou em 16 de novembro de 1975: Que acabava de receber uma nota de nosso escritório central com a informação de que o casal Silva não está preso, como se acreditava, no Asilo de Juquerí, mas sim no Departamento

de Operações Integradas, e que o caso é mais urgente do que havia sido suposto inicialmente. Acrescentava a informação: Tudo o que se pode fazer por enquanto é tentar obter confirmação do paradeiro do casal (temos endereços de diversas autoridades brasileiras às quais escreveremos) e tentar exercer discreta pressão sobre as autoridades de São Paulo, tanto civis como militares...¹⁹.

No que segue o documento de Aldo Lins e Silva é mencionada a intervenção do Cardeal D. Paulo Evaristo Arns, o pleno conhecimento do caso por parte do General Golbery do Couto e Silva, Ministro Chefe da Casa Civil da Presidência da República. Assoma-se à descrição do referido périplo, os antecedentes profissionais de Ana Rosa Kucinski, sua assiduidade, suas pesquisas no campo da física-química, de seu entusiasmo científico. Sugere-se ainda um corpo de nomes a serem convocados na condição de testemunhas. Tal documento é assinado em 24 de janeiro de 1975.

8

E o Juiz de Brecht proferirá a sentença. O guia que fora testemunho do infortúnio daquela viagem adverte: Feche os olhos bem depressa, tapem os ouvidos, no regime que criaram humanidade é exceção. Ele sabe, todos sabemos, o que conta, de fato, não são os feitos que mal versarem a regra e o erário. Seja este público ou privado – o que, nos tempos e termos do capitalismo monopolista, pouco ou nada se distanciam ou sedistinguem. O que conta é a regra, eis o imperativo categórico. Sobretudo se soubermos ler às filigranas. É que a regra costuma ser gestada aos baixios, na zona turbulenta e intestina, dos interesses de classe, onde se diz que conspiram um Concílio de Bispos e certa penca de homens togados. E eis que da regra formulada, se configura a tradição a cátedra os escaninhos quattrocentões, seus vícios, artifícios, artimanhas, segredos sussurrados às coxias,



o toma-lá-dá-cá das feiras de alta monta. Necessário dizer, ainda, que o cule, o carregador será responsabilizado por ter sido vítima de assassinato? Afinal, de gente como esta o que se pode esperar, não é mesmo?

Na certa que seus gestos, todo e qualquer, haveria de ser temerário aos olhos de um Karl Langmann²⁰

No caso de Ana Rosa Kucinski, tantas seriam as voltas e meses ao labirinto embolado do processo administrativo. A este seriam ainda arrolados depoimentos dorepresentantes de inúmeras instituições, assim como de organismos de defesa dos direitos humanos de proveniências distintas e em idiomas diversos. O que tornou necessário que também se fizessem arrolados ao mencionado calhamaço judiciário administrativo, os documentos de comprovação da competência de tradutores juramentados em inglês e iddishe, assim como de tradutores públicos e intérpretes comerciais, sem, é claro, deixar aqui de mencionar,

o objeto de seu ofício, qual seja, os textos relativos às estas trocas de comunicações versados ao nosso idioma, o português.

Até que aos dezesseis dias de junho de 1975:

Na sala da Consultoria Jurídica da Reitoria, Edifício da Reitoria, 5º andar, sala 506, às 9:00 horas, reuniu-se a Comissão Processante constituída no processo marginado, presente os seus membros, para dar prosseguimento aos trabalhos, com a apreciação e discussão das provas recolhidas, em face do ilícito administrativo-disciplinar atribuído à indiciada, bem como da defesa escrita apresentada pelo advogado dela encarregado.

Abertos os trabalhos, o Presidente disse dos motivos da reunião e passou a examinar as provas, juntamente com os demais membros da Comissão Processante, chegando, afinal, à conclusão de que, efetivamente, a indiciada incorreu na falta disciplinar que lhe foi atribuída, estando, assim, sujeita à respectiva penalidade, ou seja, dispensa, por abandono do cargo, com a rescisão do contrato a partir da data em que

se iniciou a sua ausência ao serviço. (...)²¹.

O ato final se deu no quando da já mencionada 46ª sessão da Congregação do Instituto de Química da Universidade de São Paulo. Era o dia 23 de outubro de 1975. Estavam presentes na reunião, ocorrida na sala de reuniões do pavimento superior do bloco três do Instituto de Química, os seguintes professores doutores: Otto Richard Gottlieb, Yukino Miyata, Luiz Roberto de Moraes Pitombo, José Manuel Riveiros Nigra, José Ferreira Fernandes, Ivo Jordan, Blanka Wladislaw, Metry Bacila, Francisco Jerônimo Salles Lara, Newton Bernardes, Giuseppe Cilento, Gilberto Rubens Biancalana, Lyrio Sartório e, presidindo a sessão o professor doutor Ernesto Giesbrecht, além do representante do corpo discente, Roberto Nascimento.

Depois do protocolar esclarecimento da plenária pelo Dr. Giesbrecht, **passou-se à votação secreta do relatório acima citado que foi aprovado diante do resultado apurado: 13 votos favoráveis e 2 votos em branco**²²

9

Qual seria a palavra definitiva a encerrar tal sessão? Qual a palavra que, uma vez dita, esgotasse com ela, sob a forma e a força da síntese, os diversos sentidos da revolta, da vergonha e da indignação?

Por vezes, o silêncio traz consigo os rumores e espectros desta palavra que (nos) falta.

notas:

1 São palavras de Brecht: “Quem, nos dias de hoje, quiser lutar contra a mentira e a ignorância e escrever a verdade tem de superar ao menos cinco dificuldades. Deve ter a coragem de escrever a verdade, embora ela se encontre escamoteada em toda parte; deve ter a inteligência de reconhecê-la, embora ela se mostre permanentemente disfarçada; deve entender da arte de manejá-la como arma; deve ter a capacidade de escolher em que mãos será eficiente; deve ter a astúcia de divulgá-la entre os escolhidos”. BRECHT, B.: “Cinco dificuldades no escrever a verdade (1934)”. IN: TEATRO DIALÉTICO:

ENSAIOS. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967 (p.19).

2 A fotografia remete à magistral montagem de Luiz Fernando Lobo e seus atadores fantásticos da Companhia Ensaio Aberto, neste ano de 2023. Sem titubeios, remeto ao choque que senti numa sexta-feira de abril, a razão de ser deste ensaio.

3 Na referida montagem de Luiz Fernando Lobo, na cena do assassinio do cule pelo comerciante, em simultâneo, como que a um evento de multiplicação, disseminação, espraiamento, os personagens se duplicam, o comerciante que mata são dois e é o mesmo; o cule que morre são três e é o mesmo. Sagaz o artifício de ocupação do palco, em fazer a cena se estilhaçar como que num efeito de tormenta e povoação. Luiz Fernando Lobo parece ter querido dizer do povo de trabalhadores no que cindiu o cule, parece ter querido dizer do opróbrio da opressão, no que espalhou a opressão nos quadrantes opostos da cena expressa no palco.

4 BRECHT, B. A Exceção e a regra. IN: TEATRO COMPLETO

4. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994 (p.134 e 140).

5 Atentemos este trecho da fala do personagem George Garga na peça Na Selva das cidades (1921-23):

“Nós não somos livres. Tudo começa com o café da manhã. Com a surra que você leva quando tem a desgraça de ser um pobre macaco. E as lágrimas da mãe salgam a sopa das crianças e o suor da mãe lava as camisas e você está garantido até chegar à idade do gelo e a raiz fica no coração. E quando você fica adulto e quer fazer alguma coisa, se jogar inteiro nisso, então você descobre que já estava pago, carimbado, selado, vendido a preço alto. E você não tem nem mais liberdade para morrer”. Garga é filho de uma família de trabalhadores vivendo o drama da fome e do desalojo na Chicago assaltada pelas febres da crise econômica que assola o país”. IN: BRECHT, B. TEATRO COMPLETO 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 (p.31).

6 BRECHT, B. “A Exceção e a regra”. Op.cit. (p.143-4). Voltemos ao testemunho de George Garga, em

Na Selva das cidades, e notemos que há certa proximidade de motivações e certezas com relação ao que canta o Cule. Aqui são as palavras do personagem de Brecht: “Ah. Toda essa gente. Toda essa gente boa.

Toda essa massa de gente boa e valente que fica de pé nos tornos mecânicos das usinas pra ganhar o bom pão de cada dia, fabricando montes de mesas boas para os bons comedores de pão. Todos esses bons fazedores de mesas e comedores de pão com suas boas famílias, que são tantas que já viraram multidão, e não aparece ninguém para dar um cuspidinha na sopa deles, e ninguém para mandar todos para o outro mundo com um bom pontapé no rabo: e nenhum dilúvio universal cai por cima deles ao som de ‘Noites de Tempestade, Oceano Irado’” (p. 32).

7 KUCINSKI, B.; K. São Paulo: Expressão Popular, 2012 (p.147). O grifo é nosso.

8 Com o tempo, e no que foi se aprofundando os cortes de investimentos públicos nas Universidades Públicas Federais e Estaduais no Brasil, tal hélice ganhou uma quarta

lâmina, a das tarefas de administração, assim como as demandas por certa expertise empreendedora da parte do corpo docente – encarregado também ele de agenciar recursos públicos e/ou privados, sob a forma de projetos elaborados, para investimento infra estrutural nos Campus. Na mesma medida dos cortes, e em escala diretamente proporcional, foi se avolumando os projetos de pesquisa custeados pelas chamadas Fundações estrangeiras – aportando capitais forâneos, que sob o pretexto da internacionalização da pesquisa científica nas universidades brasileiras, acabaria por acentuar a sua histórica condição colonizada e dependente, fundada em pacotes curriculares e bibliográficos; linhas de pesquisa em concomitância com as temáticas exóticas à realidade nacional e continental; programas de bolsas de estudos docente e discente em agências de pesquisa nos países centrais, demandas imbricadas entre mercado e formação de mão de obra especializada; regulações de produção atreladas às lógicas e critérios quantitativos impressos

por um regramento claramente produtivista; tudo isto, a contribuir no distanciamento contumaz de sua função estratégica para o aporte de conhecimentos específicos e fundamentais para a superação das grandes mazelas de nosso país e do continente latino-americano.

9 Link do processo: <https://sites.usp.br/comissao-daverdade/wpcontent/uploads/sites/59/2015/05/Processo-Ana-Rosa-Kucinski.pdf>

10 Cf. Processo acima indicado no link (p. 2)

11 Cf. Processo acima indicado no link da nota 9 (p. 09-10).

12 BRECHT, B. “Revendo as minhas peças” (1954). IN: TEATRO DIALÉTICO: ENSAIOS. Op.cit. (p.275-6).

13 _____. A Exceção e a regra. IN: TEATRO COMPLETO 4 (p. 150).

14 Idem, ibidem (p. 154).

15 Cf. Processo acima indicado no link 9 (p.15).

16 Idem (p.35).

17 Idem (p.46-8). O grifo é nosso.

18 Cf. idem, p.59-60.

19 Idem, p.60. Seguirá anexado, aos autos do processo, diversos documentos mencionados tais como os telegramas da Embaixada dos Estados Unidos, do Congresso Mundial Judaico, ou da documentação encaminhada a Presidência do Congresso dos Estados Unidos e sua contestação, assim como da Anistia Internacional (p. 65-72).

20 Eis um trecho da sentença do Juiz de A Exceção e a Regra: “O Tribunal considera provado que o carregador se aproximou do patrão, não com uma pedra, e sim com um cantil d’água. Ainda partindo dessa premissa, porém, era muito mais provável que ele estivesse pensando em matar o patrão, com o cantil, do que em lhe dar de beber. O carregador pertencia a uma classe que tem, efetivamente, razões para se sentir prejudicada. Para pessoas da classe do carregador, defender-se contra um abuso que o deixasse lesado na partilha da água era uma simples questão de bom senso. Para pessoas desse tipo, com seus pontos de vista limitados e unilaterais, aferidos a um único aspecto da realidade, pareceria até bastante justo se

vingar dos que as maltrataram: no dia do ajuste de contas só teriam a ganhar. O comerciante não pertencia à mesma classe do carregador, de quem só poderia esperar o pior. O comerciante jamais poderia acreditar em qualquer gesto de camaradagem por parte do carregador. (...)

A ausência de polícia e de juízes possibilitava ao empregado arrancar-lhe à força a sua ração de água, e o encorajava mesmo a fazer isso. O acusado, portanto, agiu em legítima defesa tanto no caso de ter sido realmente ameaçado quanto no caso de apenas se sentir ameaçado. Dadas as circunstâncias, tinha razões para se sentir ameaçado. Isto posto, absolve-se o acusado, e não se toma conhecimento da queixa da mulher do morto. BRECHT, B. A Exceção e a regra. IN: TEATRO COMPLETO 4, op.cit. (p. 159-60). Grifo nosso.

21 Cf. Processo acima indicado no link da nota 9 (p.142). Sugiro a leitura da ata final da 46ª. Sessão da Congregação do Instituto de Química da Universidade de São Paulo, datada do dia 23 de outubro de 1975 (p. 200-07).

22 Idem, p.204. Grifo nosso.

.

.

NIILISMO E A GENEALOGIA DA MORAL

RENATA CORDEIRO NAVARRO¹

formada em Filosofia na Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo.
E-mail: renatanavaz@gmail.com]

Resumo:

O problema central deste trabalho é referente ao aprisionamento ocidental, com objetivo de introduzir aspectos da tradição linguística, cristã e capitalista, a qual circunscreve as vontades sociais por uma subjetividade consciente de poder, que por consequência ocasiona traços niilistas na civilização como um todo. Este questionamento será desenvolvido ao longo do texto com referências ao filósofo Friedrich Nietzsche sendo o intelectual principal no desencadeamento das ideias aqui envolvidas, o autor irá nos mediar a pensar sobre a capacidade que o niilismo tem de produzir negação na vida do referido ser humano, principalmente explicitando suas formas de aparição e junto dessas refletir sobre, a consciência da mudança frente à decadência; para nas considerações finais, buscar compreender as necessidades do “ser homem” em busca de um enfrentamento da vida, ao invés da simples fuga das vertentes niilistas.

Palavras-chave: Niilismo; Moralidade; Conhecimento; Linguagem; Modernidade.

Abstract:

The central problem of this work is related to western imprisonment, with the aim of introducing aspects of the linguistic, Christian and capitalist tradition. This tradition circumscribes social wills by a conscious subjectivity of power, which consequently causes nihilistic traits in civilization as a whole. This questioning will be developed throughout the text with references to the philosopher Friedrich Nietzsche being the main intellectual in the unleashing of the ideas involved here, the author will mediate us to think about the capacity that nihilism has to produce negation in the life of the referred human being, mainly explaining their forms of appearance and together with these reflect on, the awareness of change in the face of decay. As final considerations, to seek to understand the needs of “being a man” in search of a confrontation with life, instead of the simple escape from nihilistic aspects.

Keywords: Nihilism; Morality; Knowledge; Language; Modernity.

INTRODUÇÃO

Friedrich Nietzsche foi responsável por inscrever na história da filosofia uma nova imagem do pensamento, libertando assim fardos que a assolavam, ao vincular críticas à ideia de vida, introjetando negação aos valores pré-estabelecidos e questionando as coisas tais como elas “são”. Existe uma construção milenar referente ao ocidente, seguindo assim de diversos comodismos nos hábitos sociais de uma nação, e o autor nos faz percorrer através de sua filosofia uma construção genealógica acerca do niilismo circunscrito na sociedade, pautado na moral cristã e valores metafísicos.

O presente trabalho tem o objetivo de realizar também uma investigação acerca da denúncia realizada por Nietzsche diante das mistificações ontológicas, que se encontram na dialética, desfazendo essa aliança entre conhecimento e

diferença. O ponto de partida deste texto será uma pergunta: Como conceber um sentido à existência, após os valores éticos e cosmológicos de uma nação serem remodelados a cada conquista de uma nova verdade aparentemente unânime? Com isso deu-se início ao que Nietzsche denominava “a invenção do conhecimento”. Na visão do autor, a “vontade de verdade” estabelece o papel de contrapor o real, como uma essência negativa, e a superação desse ideal seria o pensamento trágico.

A arte trágica trabalha com as potências e não suprime uma força para lidar com outra. Implica-se polos distintos sem reprimir os espectros da realidade, ou seja, tanto o âmbito apolíneo e dionisiaco fazem parte da autenticidade do mundo, afirmam o acaso e o devir. Nesse sentido, o discurso de Nietzsche contempla a filosofia como genealogia de sentido e valor, fazendo uso do termo “martelo” para demonstrar a maneira crítica de realizar diagnósticos de estados subjacentes de certos conceitos. Trata-se de fazer ouvir o som vazio

e oco, entretanto, concomitante com o modelamento e formatação de novos valores, estabelecendo a finalidade de cobrir necessidades visando a vida; todavia torna-se imperativo desmistificar diversos dos ídolos construídos como norteadores da conduta moral e desconstruir o passado simbólico.

À medida que os valores surgem, constituem-se princípios, os quais já supõem avaliações e pontos de vista de apreciações, criando fontes de ação do pensamento. Melhor dizendo, o filósofo se torna criador e ganha força a partir da interpretação, logo a arte da filosofia é a de pesar estes valores a partir da exploração dos fenômenos. Nietzsche torna a filosofia plural e empirista, pois é através da interpretação que ela conquista seu aspecto efetivo. Não se constitui de teoremas abstratos, mas de questões vitais. Vejamos o relato direto do filósofo acerca dessa questão:

Eu não sei o que significa uma verdade objetiva, todas as verdades são para mim verdades

sangrentas. Eu sempre escrevi meus escritos com todo o meu corpo e vida. Não sei o que são problemas puramente espirituais. Não somos batráquios pensantes, não somos aparelhos de objetivar e registrar, de entradas congeladas – temos de continuamente parir nossos pensamentos em meio a nossa dor, dando-lhes maternalmente todo o sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós. Viver – isto significa, para nós, transformar continuamente em luz e flama tudo o que somos, e também, tudo o que nos atinge; não podemos agir de outro modo.[NIETZSCHE. A gaia ciência, p.12.]²

O próprio surgimento da filosofia enquanto proposta reflexiva se constitui afirmando a figura da “verdade” como questão

central, logo isso se tornou uma problemática sobre como compreendemos a existência e de como desvinculamos a vida dos instintos. Nietzsche esboça a necessidade de pensarmos a vida como fruto dos processos corporais, nos fazendo assim questionar a origem platônica estruturada na tradição filosófica e na racionalidade auto-afirmativa, considerando-a uma vontade decadente, que ultrapassa as forças instintivas e anula a multiplicidade de impulsos, afetos e sensibilidade que compõem a vida. Dessa forma, a aposta da “verdade” na filosofia mantém traços de uma teologia mascarada e um saber ético ocidental.

Segundo o pensamento nietzschiano, os afetos que falam nas perspectivas, cada pensamento ou apreciação são sintomas dos instintos longamente formados, que ali se manifestam. Entretanto a filosofia de Nietzsche afirma as parcialidades do conhecimento, havendo então uma pluralidade de perspectivas acerca da verdade e uma riqueza nas interpretações, que por sinal estão mais perto de uma efetividade

comparada a valores absolutos que a crença dos metafísicos comportam.

Nesse sentido, devemos problematizar a “vontade de verdade”, visto que existe um valor exuberante sobre a mesma. Então partindo da consciência de que a verdade é uma invenção e está se construindo, não como um dado eterno; ela não pode carregar-se em prol de uma negação à existência - o niilismo -, e sim afirmar nossos sentidos, instintos, corpo e vínculo do conhecimento com questões vitais.

1. Caracterização do niilismo

Nietzsche fornece uma compreensão da história do Ocidente como um processo ilustre pelo advento e consumação do niilismo que gira em torno do eixo da desvalorização dos valores, o qual por possuir uma gênese moral se radicaliza na medida em que a interpretação moral se impõe como dominante. O niilismo pode ser um sinal de força, de intensificação do poder do espírito, ou pode ser um sinal de fraqueza, de decadência do poder do espírito no horizonte

de inquietações da modernidade. O filósofo procurava abarcar as diversas manifestações da doença ou crise inscrita na história do homem ocidental, de modo que a experiência de instauração e dissolução dos valores morais é trazida à problematização filosófica, pois a modernidade é caracterizada como o momento decisivo deste processo.

O espírito de incerteza, dúvida e hesitação expandem-se na ação do homem a partir do evento fundamental da modernidade, sendo a Morte de Deus, que enuncia um abalo cósmico de uma perda total de sentido e de toda finalidade, ocasionados pelo afastamento da fonte divina dos valores. A separação entre sensível e supra-sensível não tem mais sentido, o que acarreta a insustentabilidade das ideias metafísicas e dos valores que subordinam o mundo sensível. Isso não implica no abandono total dos valores superiores transcendentos, tanto que a modernidade substitui o deus por outros valores (razão, história, progresso), bem como o vazio aberto pela percepção de que o transcendente já não

exerce nenhuma influência sobre a existência.

A compreensão nietzschiana da moral como a “teoria das relações de dominação sob as quais se origina o fenômeno vida”³ implica na admissão da ambiguidade do termo: a moral pode engendrar um povo e indivíduos superiores, ou pode levar à decadência, dependendo da fonte dos valores criados: da vida afirmativa ou da vida doente. Enquanto pensador moderno, é da perspectiva do doente que Nietzsche aprecia os valores mais sadios da humanidade, logo assumir essa perspectiva entre doença e sanidade é também se questionar: ou o homem é sadio em seus instintos mais profundos e nega o mundo de suas venerações ou senão ele será vitimado pelo niilismo. O sofrimento e o temor “constrange” os fortes a serem fortes e a manter sua robustez, entretanto nos homens doentes, o sofrimento aguça o desejo de fim, a grande piedade pelo homem e o grande desgosto, trazendo ao mundo a mais monstruosa entre todas as coisas: o niilismo.

O niilismo, enquanto evento que se refere à modernidade como um todo, é compreendido como um processo que se desdobra em quatro momentos: 1) advento do niilismo; 2) lógica do niilismo; 3) auto superação do niilismo; e 4) vencedores e vencidos. A partir de pesquisas genealógicas dessa crise grave, Nietzsche pretendeu esgotar todas as formas do niilismo, de modo a atingir sua completude, logo o filósofo constata a existência de quatro períodos: 1) período de obscuridade, onde há a tentativa de conservar o antigo; 2) período de claridade, em que se dá a oposição entre os antigos e os novos valores; 3) período dos três grandes afetos: o desprezo, a compaixão e a destruição; e 4) período da catástrofe, marcado pelo advento de uma doutrina que seleciona os homens, que impele tanto os fracos quanto os fortes a uma decisão.⁴

2. Platonismo: niilismo negativo

Nietzsche constrói uma filosofia que contempla o conhecimento

vinculado à vida, diferente de outras pesquisas filosóficas. Refere-se ao despertar grego com impulsos de busca pela verdade a partir da tentativa de apreensão racional da estrutura ontológica subjacente à totalidade. Desta maneira obtemos sua crítica ao próprio surgimento da filosofia enquanto proposta reflexiva. O autor não pretende negar as forças instintivas ou anular a multiplicidade de impulsos e afetos em prol de um instinto ilimitado de conhecimento, pois isto é aniquilar a sensibilidade da vida, dado que os afetos falam nas perspectivas e cada pensamento é sintoma dos instintos em seu manifesto.

A razão “representa” simultaneamente o aparato ontológico-cognitivo capaz de ultrapassar o âmbito da experiência, logo é capaz de destituir a legitimidade de certeza para o que é vinculado à corporeidade, já que é posta ao mundo como sendo a única instância de apreender a verdade⁵, ou seja, se desvencilhar das forças presentes em nossos sentidos. A verdade em si não é acessível ao intelecto humano como diz nosso autor. Portanto o

mesmo busca as maneiras pelas quais se produzem essas verdades e defende a linguagem expressa apenas nas relações das coisas com o homem no que denomina a realidade por meio das metáforas - suas sensações. O intelecto humano nada mais é que um instrumento útil à espécie, encarando como uma atividade ligada à vida do animal biológico, que possui a necessidade de se conservar e sobreviver em sociedade, e para o filósofo este aparato de comunicação é uma arma para a dissimulação.

A degenerescência da filosofia aparece claramente com Sócrates. Se definimos a metafísica pela distinção de dois mundos, pela oposição da essência e da aparência, do verdadeiro e do falso, do inteligível e do sensível, é preciso dizer que Sócrates inventou a metafísica: ele faz da vida qualquer coisa que deva ser julgada, medida, limitada, e do pensamento, uma medida, um limite, que exerce em

nome dos valores superiores – o Divino, o Verdadeiro, o Belo, o Bom.⁶

A filosofia nietzschiana consiste na afirmação da parcialidade do conhecimento, instaurando assim sua ideia de perspectivismo, que consiste em compreender a riqueza das múltiplas interpretações e a proximidade com o efetivo, distante de valores absolutos que a crença dos metafísicos comportam. Existe uma pluralidade de manifestações instintivas e esta é a motivação do autor em problematizar e rejeitar - enquanto critério de seletividade - essa vontade de verdade e os impulsos que intencionalmente essa busca; diante a invenção do conhecimento como uma construção condicionada ao sentido que deveria se apropriar em prol da afirmação da existência e de tudo que ela suporta, e não o seu contrário. A filosofia provocou uma ascensão ao desprezo pelo sensível, corpóreo e terreno, abatendo a nossa civilização ocidental em um niilismo, que sem dúvida criou um homem teórico que acredita alcançar todo

o saber íntimo das coisas e apegado a meras ficções unilaterais ou pseudo-verdades, entretanto ignorante a si mesmo.

Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer se um dia nos encontrássemos? Com razão alguém disse: “onde estiver teu tesouro, estará também teu coração”. Nosso tesouro está onde estão as colmeias do nosso conhecimento. (...) Quanto ao mais da vida, as chamadas “vivências”, qual de nós pode levá-las a sério? Ou ter tempo para elas? Nas experiências presentes, receio, estamos sempre “ausentes”: nelas não temos nosso coração – para elas não temos nossos ouvidos. Pois continuamos necessariamente estranhos a nós mesmos, não nos

compreendemos.⁷

Na busca do conhecer, cria-se uma onipotência da razão e a verdade da vida que não passa de uma ignorância de seus próprios estados internos, e para Nietzsche, o filósofo não interpreta a vida, mas sim o impulso que o faz valorá-la desta maneira, como para Platão que instaurou o modo de pensar da metafísica clássica, estabelecendo a oposição de valores a partir da compreensão dual constitutiva da estrutura ontológica do mundo. Isto significa, por um lado temos a realidade empírica-sensitiva relativa à ordem mundana apreendida pelo aparato sensível⁸ - como uma superfície da realidade que se mostra deficitária, no sentido de que é enganosa e não passa de mera aparência ou imitação das formas puras, que são os modelos autênticos por excelência dos quais toda a realidade sensível constitui uma cópia inevitavelmente defeituosa e corruptível, sendo justamente neste mundo de ilusões e aparências que pertence a nossa existência terrena.], - como no campo da

aparência, do erro e da dimensão corpórea - e por outro existe uma estrutura inteligível subjacente a toda realidade sensível, possível apenas ao intelecto-especulativo, reino das denominadas “ideias puras”, a partir da investigação dialética. Esse dualismo radical no momento em que legitima qualquer oposição, privilegia toda aproximação abstrato-intelectual reconhecendo-a como referencial inabalável da verdade, ao mesmo tempo menospreza toda a dimensão corpóreo-sensitiva como fonte primária do erro, e por essas múltiplas oposições e suas correspondentes valorativas acabam por transformar a vida em uma cópia imperfeita de um mundo inteligível do bem em si. As formas puras e ideais têm sua origem na ideia de bem, que é a causa originária de todas as coisas, porém essas formas mesmo participativas são inacessíveis aos sentidos, no qual recebem a denominação de realidade inteligível em contraposição à realidade sensível.

Juízos, juízos de valor acerca da vida,

contra ou a favor, nunca podem ser verdadeiros, afinal; eles têm valor apenas como sintomas, são considerados apenas enquanto sintomas – em si tais juízos são bobagens. É preciso estender ao máximo as mãos e fazer a tentativa de apreender essa espantosa finesse [finura], a de que o valor da vida não pode ser estimado. Não por um vivente, pois ele é parte interessada, até mesmo objeto da disputa, e não um juiz; e não por um morto, por um outro motivo. – Que um filósofo enxergue no valor da vida um problema e até mesmo uma objeção contra ele, uma interrogação quanto à sua sabedoria, uma não sabedoria. – Como? Todos esses grandes sábios não teriam sido apenas decadents, não teriam sido nem mesmo sábios?⁹

A causa de falsificação¹⁰

dos sentidos em prol de uma fundamentação racional da totalidade se dá pela necessidade de segurança e de consolo psicológico que o homem necessita para poder viver e, assim conservar-se em um mundo do caos, e das transformações incessantes. Entretanto para que esta crença fictícia na estabilidade se mantenha, utiliza-se do esquecimento de que a verdade não passa de uma estrutura criada pelos humanos, estes que se mantiveram em busca de refúgios existenciais durante toda a linha histórica. O homem carece de um consolo que lhe confira sentido e o faz em um mundo transcendente. Nessas circunstâncias, os filósofos realizam de uma mesma inversão ante as determinações afirmadoras da vida, de tal modo que postulam uma verdade na qual a impotência seria o parâmetro universal de conduta, situando realidades desvinculadas de instintos, paixões e pulsões. O afeto do ressentimento se encontra nas tais valorações, pois a história da filosofia mantém uma conduta contra os pressupostos da vida, contra os sentimentos de valor da vida

e contra o tomar partido a favor da vida.

Para efetuar uma reversão do platonismo¹¹ é necessário trazer o conhecimento para a transitoriedade, para o âmbito do sensível e corpóreo, enfatizando a possibilidade de uma compreensão perspectiva de si e do mundo, todavia de modo algum desvelando a verdade relativa das coisas a serem conhecidas. O novo horizonte em que Nietzsche nos direciona acompanha a fluidez e a causalidade do mundo terreno, pautado na afirmação do corpo, sendo nosso grande centro de compreensão da existência enquanto pluralidade de forças em constante movimento, caracterizando-se pela diversidade e multiplicidade de suas configurações. A noção do complexo de forças como constituidora da existência vai aniquilar a noção metafísica de uma verdade, separada dos instintos na medida em que a existência se forma por composição e afetos num constante vir a ser, no qual o corpo como grande razão torna possível a manifestação dos afetos em vontades múltiplas através das

transformações. Portanto a possibilidade de atuar no mundo como ser em devir artisticamente afirmando a vida se tornou possível na filosofia nietzschiana.

3. Cristianismo: niilismo reativo

A religião cristã atua com astúcia ao emanar poder através de uma perspectiva moral, entretanto contra a natureza, esse devir anti-natural é ensinado e pregado contra os instintos vitais, como uma suposta condenação minimizante e castradora. Nietzsche instaura proposições acerca desse ideal de rebanho como um antropocentrismo, pois o cristianismo confere ao homem um valor absoluto por razão de sua pequenez no mundo, de forma contingente ao fluxo do deixar-de-ser para vir-a-ser algo confiável e verdadeiro sobre aqueles em condições de vilipediência, apresentando-os o caráter da perfeição ao estabelecer o livre arbítrio do indivíduo seu suposto mal ou bem decisivo. O autor intenciona dessa forma uma filosofia esculpida na

suspeita e na dúvida, direcionado a uma reconstrução do conhecimento e da consciência.

Nesse cenário e a partir de determinadas reflexões o homem moderno carrega uma inclinação metafísica do pensamento que, para Nietzsche, gera um empobrecimento de vida, despotencialização dos afetos e enfraquecimento da vontade, sintomas estes constituídos em nossa cultura que fora instituída pela moral cristã, carregando assim a valorização de um outro mundo verdadeiro, ideal e supra sensível em detrimento da aparência. O niilismo é então a “aniquilação através da ação”, cujo efeito mais imediato é a “pena” e o “nojo” do homem pelo homem, a náusea de si mesmo, o esgotamento e o ressentimento contra a existência e a vida. Essa paralisia da ação é causada pela falência de um absoluto como valor ético ou a aniquilação da verdade de um julgamento, melhor dizendo é um sintoma da decadência dos valores da cultura ocidental. Esse sintoma do estado da vontade condicionam uma transformação no impulso de vida, ou seja, não desejar a

manutenção e continuidade de viver é o aniquilamento e apreço ao nada, visto que o enfraquecimento do querer é uma ausência de forças.

Nietzsche utiliza outros termos para diagnosticar o estado niilista de um indivíduo ou de uma cultura, sendo a “desintegração” e “anarquia dos instintos” sintomas que atribuem valores absolutos em sua demasiada aparição mascarada, ou dentre outras vezes transvestem a significância dos sentidos da existência.

A questão do niilismo, denominada por Nietzsche como: “a radical recusa de valor, sentido e desejabilidade”¹² Já era pensada antes de ganhar forma conceitual, pois fora fecundada nos primórdios da humanidade. Entretanto no Séc. XIX a moral judaico-cristã semeou no interior de seus valores propriamente o niilismo psicológico, logo devemos investigar qual ideal fez o poder destes juízos ganharem força a partir da fundamentação metafísica estrutural que se manifestou de forma radical na teologia cristã europeia.

A compaixão, o altruísmo,

a resignação, a culpa e o sacrifício são sentimentos pelos quais o filósofo se defronta ao pensar a sedução do nada, ou seja, as ocasiões em que passamos a desejar aquilo que anula nossas forças e instintos em prol do ‘não egoístico’ como uma garantia para o conforto e segurança do além-mundo. Para suprir essa falta de sentido, logo a pergunta do autor é “De onde provém, então, o impulso que leva os fracos ao triunfo?” e conclui, que este impulso provém do ódio transmutador dos valores nobres, do ódio instintivo contra a realidade, ou, fisiologicamente falando, da fraqueza intestinal e neurastenia do animal de rebanho. A negação é ato criador do niilismo, desta forma, todos os valores remanescentes são decorrência desta atitude negativa “aristocrática”.¹³

Sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor “bom” e “mau”? E que valor têm eles? Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indícios de miséria,

empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade de vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro?¹⁴

Dessa forma, criticar a moral é entender além de tudo o niilismo, e para isso Nietzsche nomeia o homem moderno de “rebanho”, sendo aquele que instaura superioridade na ideia de ‘bom’ e inferioridade naquilo que é ‘mau’. Porém quem medeia o peso desses valores não visa a essência apolínea e dionisíaca intrínseca da vida, como o próprio autor nos encaminha a pensar, mas carrega a fonte desses conceitos nas relações de poder. Ora, se buscarmos compreender o advento desses termos, iremos nos deparar com uma hierarquia, onde os nobres pretendiam se diferenciar da ideia de servilismo - “O juízo ruim era estabelecido por esses mesmos homens para designar o homem baixo, vulgar, desprezível, ínfimo, repugnante, sujo, pobre, plebeu e seu respectivo fazer.”¹⁵[...]” O medo e o rancor fundam a moral

dos escravos, uma vez que eles temem aqueles que são potentes, dominadores e diferentes dele.”¹⁶ - em suas ações e pensamentos, exercendo formas de linguagem distintas das classes dominantes e dessa forma, subjetivamente indicavam caminhos certos e errados na linha da história, elencados pela análise das práticas sociais mais comuns da Antiguidade, pelas relações entre devedor e credor, pelos sacrifícios religiosos, pela verificação de quanto a moral sacerdotal e os cultos antigos continuam presentes no espírito das pessoas, pelos conflitos de classes, entre diversos outros momentos.

Ao examinar a pré-história da moral, o período da eticidade dos costumes, Nietzsche constata que o processo da eticidade dos costumes tem como termo o indivíduo soberano, autônomo e extra-moral, que por fim se liberta da coação e dos deveres morais a que estava vinculado. Compreendida desse modo, a moral é condição necessária para a autodisciplina e auto-superação do homem. A potencialização do valor do homem, foi até então obra

dos meios disciplinadores da moral, entretanto, entre as forças engendradas está a veracidade que descobre a falsidade subjacente à interpretação do mundo. É a própria moral, em suas raízes imorais e não-verdadeiras, que deve desvendar a inverdade do processo e que o valor não está em seu grau de veracidade, mas em possibilitar a vida, em ser antídoto ao niilismo.

Ao analisar as noções de culpa e de castigo, Nietzsche constata o surgimento da má-consciência, sendo uma doença que se instaura a partir de uma adaptação involuntária, quando o animal homem é obrigado, pelo novo contexto social emergente, a seguir os padrões e regras da sociedade, devendo renunciar à vida selvagem, às aventuras e à livre manifestação de seus instintos. Com esta transformação, este tipo de homem se torna mórbido, pois a livre expressão da força é interpretada como má, e o seu portador como culpado. A mudança da condição animal para o domínio da cultura faz com que o homem mude a direção de seus instintos ao interiorizar essa dor. O

homem exerce violência contra si, o que lhe acarreta uma cisão e tortura da alma, além disso o filósofo interpreta como imoralista a história da moral.

O “castigo “ é simplesmente a imagem, a “mímica” da conduta normal a respeito do inimigo detestado, desarmado e abatido, que perdeu todos os direitos não só à proteção mas também à piedade; é o grito de guerra, o triunfo do vae victis[É uma expressão latina que significa “Ai dos vencidos”, ou mais analiticamente, “triste sorte aquela reservada aos derrotados”, pois os derrotados em batalha estão inteiramente entregues à misericórdia dos seus conquistadores e não devem esperar ou pedir leniência.] em toda a sua inexorável crueldade. Isto explica como a própria guerra e os sacrifícios guerreiros revestiram

todas as formas sob as quais aparece o castigo na história.¹⁸

A tendência purificadora e empedernida controla o comportamento social e mantém a tradição aristocrática, realizando subjetivamente uma responsabilidade sacramentada e sustentada pela história. À vista disso, nada do que aparenta ser realmente é efetivo, mas sim inficionado pelo determinismo do dever e do agir exigido, ou seja, “deve ser reconhecido que a falsidade do mundo em que acreditamos viver é a coisa mais verdadeira e firme que nossa visão pode apreender.”¹⁹, e que origina-se a partir de uma aparência contornada na consciência coletiva aos poucos, em meio à dor, sacrifício, sangue e injustiça, como já dizia Nietzsche: “toda esta maquinação infernal que se chama reflexão”²⁰ provém da razão.

A moral dos escravos é, basicamente, uma moral utilitária. Eis aqui o centro de onde se originou

a famosa oposição “bem” e “mal”, ao qual se atribui instintivamente uma certa potência, uma periculosidade, um certo terror, um refinamento, uma força, não desprezível. Segundo a moral dos escravos, o mal incute também “terror”, segundo a moral dos senhores, é precisamente o “bom” que inspira terror porque quer inspirá-lo, enquanto o homem “mau” é tido como um ser desprezível.²¹

4. Nada de vontade: niilismo passivo

Após essa análise, é possível apontar em torno desses valores um ressentimento que gera valores niilistas, pois a negação ganha o espaço da afirmação e a vontade passa a desejar o “nada”. Adentrando na ótica cristã, um mundo de pecado e sofrimento, mas também de recompensa e redenção. A sua origem não se passa de popularização platônica de um mundo sensível inferior a

um mundo inteligível, e nas palavras do autor, “cristianismo é platonismo para o povo”²², como também aponta uma falha na estrutura moral do cristianismo, no momento em que negar o mundo que temos, é ao mesmo tempo abrir mão de nossos instintos, nos levando ao afastamento de nosso mundo terreno em prol de valores forjados, de um mundo análogo e supersticioso. Esse movimento niilista é analisado em três formas fundamentais de manifestação: o ressentimento, a má-consciência e o ideal ascético, e sua completude é vista como uma consequência necessária dos valores morais até então existentes.

Todas as grandes coisas perecem por obra de si mesmas, por um ato de auto supressão: assim quer a lei da vida, a lei da necessária “auto superação” que há na essência da vida – é sempre o legislador mesmo que por fim houve o chamado: sofre a lei que tu mesmo propuseste - “patere legem,

quam ipse tulisti”.²³

Quando o homem louco de Nietzsche exclama que “Deus está morto”²⁴, o autor constata além disso que o pilar de sustentação de todo o ocidente não se passou de uma interpretação, logo todos os conceitos modernos de progresso, verdade e razão não passaram de tentativas de substituir o real, e perecer ao nada. Todavia, confirmar esse engano na forma de enxergar a existência não desprende essa construção no homem, isto é, constatar a morte de Deus e abrir caminho para a ciência não deixou que a humanidade continuasse nutrindo um culto à verdade eterna. Além disso, criou-se um sentimento de culpa o qual o homem deseja se afastar do sofrimento, impossibilitando que o mesmo viva sua existência em sua plenitude, sem buscar uma pretensa salvação transmundana.

Para Nietzsche, o homem prefere “querer o nada” a “nada querer”;²⁵ isto é, um niilismo que ainda não se completou, pois busca manter os valores antigos, utilizando o cristianismo como narcótico para

pregar uma vida mediana, amortecendo as dores em troca de não experimentar nada que potencialize a vida. A possibilidade de “nada querer” é uma completa recusa de tudo que até agora dominou a existência. Desta maneira o homem aceitaria o esvaziamento como um fato incontestável, e não buscaria substitutos para servir de amparo. O que interessa a Nietzsche é apreender “o caráter essencial da vontade humana, seu horror ao vácuo”, ou seja, o ser humano não consegue viver no rio do devir sem uma finalidade e uma interpretação enraizada em um domínio inquestionável, que tenha o valor de uma certeza instintiva.

A modernidade se configura pelas sombras do cristianismo, direcionando a vida através de uma eminência espiritual, aos apetites do corpo, por exemplo, quando enfatizamos o espírito, a consciência e a iluminação racional. O filósofo caracteriza o problema da moral cristã propriamente em sua fundamentação, visto que sua base originária é a resistência, os jogos de poder e as vontades fluídas,

tornando o homem passivo aos afetos.

Deus foi a criação mais forte que surgiu no sentido de conservar a vida, entretanto a sua manifestação manteve inúmeras falhas a respeito da importância da “essência” do homem. Desse modo, se evidenciam os complexos que uma civilização se desdobra a favor de manter uma certa ordem de sentido no mundo, a ideia de que Deus formava a consistência de uma interpretação de mundo que dava conta da totalidade.

O homem da razão científica e Deus vêm a representar o ideal de verdade, o âmbito de desvalorização da vida sensível, da aparência, e aposta no suprassensível, na “essência”, e, portanto, o triunfo da lógica do que é verdadeiro em detrimento do falso é feito. Assim, criar e matar estabelecem atos da mesma espécie, tendo o seu enredo no próprio desenvolvimento histórico do pensamento ocidental. Portanto, se Deus morre é porque foi permitido ao homem comê-lo, depositando na razão suas apostas de emancipação, liberdade

e apreensão da verdade. Em certa medida, o homem moderno se sente emancipado por um condição confortável de subserviência à ideia de que a consciência possa encaminhá-lo à certeza, a um mundo melhor e mais verdadeiro, através de um pensamento transvalorativo, pois torna a si próprio o 'Deus todo poderoso' e gestor da vida e de todo o conhecimento.

A verdade consequentemente troca de dispositivo, partindo do monopólio de Deus e passando assim para a arbitrariedade dos homens, entretanto, mantém o mesmo destino: a procura de um terreno seguro; surgindo o advento da exaltação da ciência no iluminismo filosófico, portanto com fundamentos estritamente racionais, que por curiosidade retornam com as mesmas indagações feitas pela crença cristã no mesmo sentido contrário do solo da realidade. A partir desse "fato", a constatação de uma ruptura com a fé religiosa sobre a verdade glorificada pela ciência se torna apenas mais uma doutrina ilusória transcendente.

A história do homem

ocidental é uma tradição que manifesta doença e crise, pois está situada no cume do niilismo, o qual patenteia o auto-aniquilamento como virtude, que exalta o transcendente em detrimento do presente e da materialidade, menosprezando os valores humanos e ativando a uniformidade tradicionalmente concebida. O filósofo mostra a ação das epidemias da saciedade de viver transversalmente na historicidade, uma vontade que se volta contra a vida e sua origem a partir do instinto de espiritualidade, o qual nega a natureza e tem como consequências o desgosto vital, sendo a "satisfação" de vivenciar o niilismo, este transcurso doentio típico.

O que agora nos inspira medo é a multiplicação assombrosa do homem, do gusano mesquinho e débil, que pretende ser o "homem superior"; em meio da enorme neurastenia, cansaço e senilidade da Europa, ainda se considera

o homem como um ser robusto e cheio de vida.²⁶

O compromisso de Nietzsche é com a efetividade, por isso denuncia todas as formas que viabilizem a sua depreciação, à vista disso o autor introduz o voluntarismo como motor da ação na vontade de poder, que engendra todo ser existente. O voluntarismo é nesse sentido a submissão de toda à ideia de vontade, uma noção de que o apetite é que movimenta as mudanças e as operações na condição mundana. Em outras palavras: "O mundo visto por dentro, definido e determinado por seu "caráter inteligível" seria - precisamente - "vontade de potência" e nada mais."²⁷, nisto não existe nem transcendência metafísica e inércia cética, todavia afirmamente uma postura profundamente visceral a tudo o que é mundano: a vontade e o princípio de tudo.

As coisas não possuem sentido por si mesmas, apenas a vontade se encarrega deste papel em avaliar e conferir, porque contém algo intrínseco no próprio ser

humano, que é o desejo de superação, mais do que efetivamente se permite ser. Isto por uma presunção de repressão dessa energia de potência, de forma intensa e sucessiva, pelos costumes tradicionais. Para Nietzsche nossa vida instintiva se acopla com o desenvolvimento da vontade incontável, entretanto, são contidos para inscrever no homem o social.

O ser vivo necessita e quer, antes de mais nada e acima de todas as coisas, dar liberdade de ação à sua força, ao seu potencial. A própria vida é vontade de potência.²⁸

5. Transvaloração de todos os valores: niilismo ativo

A filosofia moral de Nietzsche se resume na restituição de um verdadeiro sentido, sendo um sentido propriamente humano, pois a realidade moral em si mesma não existe, mas sim uma interpretação moral do fenômeno: "Não existem fenômenos morais, mas uma

interpretação moral dos fenômenos."²⁹ Nesta afirmação funda-se um propositivo que resgate o homem às suas origens arqueológicas e fundamentais dos valores e crenças. Escavar a história com propósito de refundar a moral é uma tarefa peculiar, a qual o autor pretende remodelá-la de forma metodológica, superando definitivamente a moral tradicional coabitada desde a metafísica platônica. Compreender uma nova configuração é apostar na transformação das ações, dos feitos e do simbolismo de determinadas crenças, analisando a procedência dos valores e verificando historicamente sua lógica.

Necessitamos uma crítica dos valores morais, e antes de tudo deve discutir-se o "valor destes valores", e por isso é de toda a necessidade conhecer as condições e os meios em que nasceram, em que se desenvolveram e se deformaram (a moral como consequência, máscara, hipocrisia, enfermidade

ou equívoco, e também a moral causa, remédio, estimulante, freio ou veneno) conhecimento tal que nunca teve outro semelhante nem é possível que tenha.³⁰

A moral corresponde à solidificação transparente dos valores do passado, logo submete-se a padrões morais enraizados, torna ao homem um ser que busca um subterfúgio racional em sua liberdade ética e renúncia profunda a si mesmo. Da escravidão, da opressão, da aristocracia sacerdotal são oriundos os principais arquétipos da moralidade e os principais conceitos que pré-julgam as coisas dicotomicamente. Este cadenciamento de raciocínios levaram à universalização de certos valores, e à cristalização de categorias sócio-econômicas como morais medíocres, massificadas, degeneradas, medrosas e enfadonhas.

Analisar a procedência de um valor remete necessariamente às suas

condições de criação, por isso a pergunta ‘quem?’ fundamental em Nietzsche, por introduzir como procedimento norteador, que permite desvendar as perspectivas implicadas nas avaliações e, portanto, estabelecer o valor dos próprios valores.³¹

Nietzsche diz que os principais conceitos das relações humanas se organizaram e se estabeleceram a partir das relações entre credor e devedor, nas práticas de fazer sofrer pelo primeiro em detrimento do segundo: “É nesta esfera que têm origens os conceitos morais ‘falta’, ‘consciência’, ‘dever’ e ‘santidade do dever’. Estas ideias, como tudo o que é grande sobre a terra, foram regadas com sangue.”³², na narrativa do autor a razão não é criadora, - como por exemplo o poder - todavia vítima do processo de universalização de valores como fuga da condição humana, passando a significar paralisação no tempo e no espaço, auto-condicionamento de um povo sobre si mesmo, luta encarecida de

si consigo mesmo, castigo da alma contra o corpo, do espírito contra a vida, da mente contra o instinto. Por outra é a denúncia do desapego humano em nome de um procedimento de tortura psíquica: “Uma obrigação para com Deus: esta idéia foi porém o instrumento [...] Há uma espécie de demência da vontade nesta crueldade.”³³, projetou um Deus com contrastes distorcidos de seus próprios instintos animais e irresistíveis em prol de controle, castigo, conflito e condenação.

“Ver sofrer, alegre; fazer sofrer, alegre mais ainda: há nisto uma antiga verdade “humana, demasiado humana” à qual talvez subscressem os macacos, porque, de fato, diz-se com a invenção de certas crueldades anunciavam já o homem e precediam a sua vinda. Sem crueldade não há gozo, eis o que nos ensina a mais antiga e remota história do homem; o castigo é uma festa”³⁴

É possível superar a moral tradicional, afirma o autor alemão, através da transvaloração de todos os valores, ou seja, o homem reconhecer e exercitar sua criatividade como artífice de outras éticas, alcançando a plenipotência de sua condição humana, rompendo assim com o raciocínio que permitiu a domesticação do homem por si mesmo, sendo assim não deve carecer da justiça (que nunca existiu), se tornando autônomo e capaz de superar a infância da humanidade. Para a pós-história da humanidade há de abandonar os filósofos tradicionais, de inspiração metafísica e moralista, que detiveram a generalizar suas experiências pessoais como universalizantes. Eis o anúncio do surgimento do supra-homem - regras internas, pois superou a condição raquítica e dependente imposta pela moral - nietzschiano, no contexto de libertação do homem a partir do mesmo:

Os filósofos sem exceção olham-se sempre com uma seriedade ridícula, algo de muito

elevado, de muito solene, não apenas deviam ocupar-se da moral, como ciência, mas desejavam estabelecer os fundamentos da moral, e todos acreditaram firmemente tê-lo conseguido, mas a moral era encarada por eles como coisa “dada”. Quão distante de seu orgulho canhestro se encontrava a tarefa, aparentemente irrelevante e inconcludente, de uma simples descrição, já que uma tal incumbência requer mãos e sentidos inefavelmente delicados. Esta é a razão, sem dúvida, de os moralistas conhecerem tão grosseiramentos facta da moralidade, por intermédio de compêndios arbitrários ou ainda por meio de uma abreviação casual, por exemplo, aquela moral de seu ambiente, de sua própria classe, da sua igreja, do espírito do tempo em que vivem, do seu clima, de seu

país e justamente por isso estavam mal informados acerca das nações, das épocas, da história dos tempos passados; jamais estiveram face a face com os verdadeiros problemas da moral que se apresentam apenas quando se verifica o confronto de muitas morais. Na assim chamada “ciência da moral” faltava precisamente, por mais que isso pareça estranho, o próprio problema da moral e não havia mesmo a suspeita da existência de algum problema.³⁵

A sociedade se categoriza pelo interior de uma lógica estruturada na dicotomia de autoflagelação, sendo a origem das tradições e das formas de organização no controle da conduta, tornando isso força de sustentação para a moral tradicional. Seguem-se exemplos destes pré-conceitos: organizações hierárquicas, cultos coletivos e crenças compartilhadas; ou seja, pela fraqueza a força vital da sociedade

se instala, sendo cômodas noções de responsabilidade, dever, peso ético, dívida social e má consciência; nas palavras do autor: “A má consciência é para mim o estado mórbido em que devia ter caído o homem quando sofreu a transformação mais radical que nunca houve, a que nele se produz quando se viu acorrentado à argola da sociedade e da paz”.³⁶

Com isto compreendemos que, a moral do grupo impera sobre a moral particular, advindo tradicionais pressões do maior número sobre o menor número, silenciando as lutas individuais em prol da sobrevivência somente das questões centrais, - valores morais preponderantes e herdados repetidamente ao longo dos séculos - portanto a vontade de potência que raia na individualidade é reprimida pelo meio. A obra de Nietzsche estabelece alguns horizontes de discussão, a partir da representação de pensamentos na realização de uma suposta ruptura para com a moral tradicional, impondo algumas atitudes necessárias frente ao mundo:

1. necessidade de proceder à

genealogia e à avaliação dos valores construídos historicamente pela moral;

2. necessidade de transvalorização dos valores, em direção à mudança e à superação dos modelos arraigados pelo passado na estruturação dos deveres éticos;

3. projeção da máxima liberdade como correspondente necessário e eficaz da superação da metafísica e da opressão da tradição moral da humanidade;

4. ruptura com as estruturas da moral dos escravos sem face da moral dos senhores, em direção à pluralidade ética, à auto-responsabilidade, à idade adulta do ser humano, consciente de si e livre para dar vazão à sua vontade de potência.

Já o Estado não concebe sua origem contratual, que seria corresponder com as necessidades de ordem e paz da sociedade, mas surge na prospecção dos fatos e práticas sociais, isto significa, ideais de dominação, dor, desespero, violência e injustiça. O Estado advém de um embate, e não de um contrato

racional, com amplo e pleno acordo dos pactuantes, pois não se obtém a implantação de harmonia social como propósito, todavia passa a criar e ditar suas próprias regras, surgindo daí a legislação e as normas jurídicas. Nesta perspectiva, o que é o direito senão o expediente de dominantes para subjugar os dominados?

A submissão a uma norma fixa, de uma população que até então careceria de norma e de freio, tendo começado por um ato de violência, não podia ser levada a cabo senão por atos de violência; e que, por conseguinte o “Estado” primitivo teve de entrar em cena com todo caráter de uma espantosa tirania, de uma máquina sangrenta e desapiadada, e assim continuou, até que, por fim, uma tal matéria brutal de animalidade foi abrandada e tornada manejável, ainda que não “modelada” emprego a

palavra “Estado”, mas é fácil compreender que me refiro a uma horda qualquer de aves de rapina, uma raça de conquistadores e de senhores, que com a sua organização guerreira deixaram cair sem escrúpulos as suas formidáveis garras sobre uma população talvez infinitamente superior em número, mas ainda inorgânica e errante. Tal é a origem do “Estado”; creio que já foi bastante refugada aquela opinião que fazia remontar a sua origem a um “contrato”. Ao que nasceu para mandar, ao que se sente poderoso no seu andaime e na sua obra, que lhe importam os contratos? Não se pode contar com tais elementos: chega, com o destino, sem causa, sem razão, sem objetivo, sem pretexto, com a rapidez do raio, por demasiado terríveis, rápidos, e contundentes para

que possam ser objeto de ódio.³⁷

Conclusão

As diversas caracterizações interpretativas do niilismo foram elaboradas com a intenção de diagnosticar as formas que assumem-se na modernidade e para compreender a lógica intrínseca de seu desenvolvimento, o qual comporta uma gênese. Sendo assim, diagnosticar “como” após o valor moral forte decair, e perder sua referência absoluta, instaura-se um estatuto de vazio que evidencia a ausência de sentido por decorrência da “morte de Deus”. É o curioso analisar como as estruturas permanecerem em seu mecanismo habitual, depositando oportunidade para o absurdo e o acaso no interior do regulamento epistemológico, pois mudaram-se os polos, mas retomou-se a crença na verdade através de métodos “seguros”, que resultam em novas dissoluções niilistas e reativas.

Ao investigar o surgimento das religiões niilistas a partir da história da moral, o autor elabora

uma rede fundamental para a sua filosofia, e para a compreensão das raízes do niilismo, - desde Sócrates e Platão - devido a uma doença da vontade, fisiologicamente condicionada, a uma tendência negadora da vida, que inventa o supra-sensível como um refúgio para sua incapacidade de viver. O homem ocidental passa por um processo que vai desde os períodos em que o niilismo está disfarçado pelos valores da moral cristã, até o momento da mais extrema claridade, que impele na busca de uma renaturalização e de um pensamento que afirme a existência e o mundo.

Outro desenvolvimento que esboçamos é o do pessimismo em direção ao prelúdio niilista que está mediando de diversas formas, desde a Antiguidade até a Modernidade. O pessimismo é caracterizado em: pessimismo da força, da fraqueza, pessimismo filosófico, europeu, romântico, clássico, da sensibilidade e do intelecto - esse transcurso guia o niilismo derradeiro, à perda total de sentido e à desvalorização dos valores. No niilismo reativo (pessimista romântico³⁸) é passivo

e incompleto, então sendo um solo infecundo, instável e apático diante à vida torna propostas ascéticas e idealistas nessas condições, como a procura de validades externas, e ao perceber o todo como criações humanas, depara-se que nenhum sentido verdadeiramente existiu enquanto finalidade última, logo sem legitimidade os fundamentos decorrem de insustentabilidade dos valores, gravitando em torno da necessidade das causas e falhando severamente em sua procura.

Nessa perspectiva, Nietzsche postula uma nova distinção do niilismo entre incompleto e completo. No niilismo incompleto há a tentativa de preencher o vazio decorrente da morte do deus cristão, tido como a fonte da verdade. Através de ideais laicizados, os homens ainda mantêm o lugar outrora ocupado por Deus, o supra-sensível, pois buscam algo que ordene categoricamente, ao qual possam se entregar absolutamente. No niilismo completo há uma autoconsciência do homem sobre si próprio e sobre a sua nova situação após a “morte de Deus”,

como consequência necessária dos valores estimados até então como superiores, logo não consegue mascarar por meio de ideias e ficções a vontade de nada, pois não é apenas o supra-sensível que é abolido, mas também a oposição entre ambos.³⁹

É neste sentido que o autor distingue o niilismo de outras formas, entre ativo e passivo. O niilismo ativo segue entendido como inquietude e vontade de destruir. Por outro lado, o niilismo passivo é compreendido como resignação e quietude conformista do animal de rebanho, à vista disso, remetem a uma doença da vontade humana e a uma marcha doentia do ocidente marcado pela moral cristã. O cristianismo procura retardar o niilismo da ação - forma consequente de niilismo, que encoraja para a morte e aniquilamento - pela indicação de uma falsa sobrevivência para além deste mundo, pois propõe uma vida duradoura, mas fraca e empobrecida.

A questão do niilismo tende a enraizar uma dependência de hábitos da humanidade, que é pensar a vida partindo de uma

origem e de uma finalidade. Por isso questões existenciais se tornam tão vigorosas quando exigimos um postulado exterior, que nos mantenha em uma absoluta autoridade e segurança sobre as coisas, levando-nos a nos desprendermos de crer nessa força imperativa. Essas tendências superficialmente conflitantes criam uma cultura desagregada e apática diante da vida com valores manipuláveis no mundo físico, gerando um processo de falência tanto vital como burocrático.

O homem, o animal mais corajoso e mais habituado ao sofrimento, não nega em si o sofrer, ele o deseja, ele o procura inclusive, desde que lhe seja mostrado um sentido, um para quê no sofrimento. A falta de sentido do sofrer, não o sofrer, era a maldição que até então se estendia sobre a humanidade - e o ideal ascético lhe ofereceu um sentido!⁴⁰

O mundo moderno passa a

viver sob sua sombra com uma dignidade de “homem superior”, que apesar de não suprir sua crença em Deus, por outro lado não superou a liberdade, e continua alimentando as dependências de um ser supremo, repleto de razão, na medida em que procura a verdade última do mundo por intermédio de novas superstições, dado que não diz “sim” (amor fati⁴¹) aos devires da vida, aos instintos e sua força nativa. Encontra-se um instinto teológico que intoxica a relação do homem moderno com o mundo, com a realidade de mudança, em razão de desvalorizar o mundo do devir a partir dos pressupostos da metafísica, que o Deus “extinto” fundamentava.

A problemática moderna neste ponto é expor as sombras desse passado que, continuamos a encobrir a existência e passamos a eleger novos ídolos para seu cargo, como por exemplo: o Estado, a Pátria, a Justiça, a Cultura, a Razão, o Progresso, dentre outros nomes que não carregam uma instituição como sua personificação - estes permitem o desprezo ao caos ardente que está sob o mundo, junto a

dependência da servidão. Nietzsche deseja transvalorar essa problemática apresentando um terreno seguro, sendo os “espíritos fortes e livres”, que não são escravos da esperança de alcançarem a verdade, pois como diria o autor: “A questão da origem dos valores morais é, portanto, de primeira ordem porque dela depende o futuro da humanidade”.⁴²

Nietzsche ressalta que a única forma de vencer o niilismo é afundar-se nele e se aprofundar na questão do cristianismo. Desse modo apropriado pelo autor alcançaremos uma transvaloração, justamente por trazer à tona o vício da consciência constituída a partir do pensamento. A possibilidade de força apresentada pelo filósofo alemão parte de um solo fecundo, em uma ótica dilatada sendo o niilismo do êxtase⁴³, tornando-se a base mais sustentável para a instauração de novos valores e novas perspectivas, aceitando a ausência de sentido fixo na existência com a falência da consciência vetusta. Desse modo há a necessidade de destruir ativamente para a criação,

chegando assim à suprema afirmação da existência.

São Paulo, 03 de Janeiro de 2023.

NOTAS:

1. Renata Cordeiro Navarro formada em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

E-mail: renatanavaz@gmail.com

2. NIETZSCHE. A gaia ciência, p.12.

3. NIETZSCHE, Além do bem e do mal, p. 19.

4. ANDLER, Nietzsche, sa vie et sa pensée, p.82.

5. “Vontade de verdade” - poderia ser uma oculta vontade de morte. (NIETZSCHE, A gaia ciência, p.236)

6. DELEUZE, Nietzsche e a filosofia, p.19.

7. NIETZSCHE, A genealogia da moral, p.7.

8. O mundo sensível é considerado por Platão - e refutado por Nietzsche - como uma superfície da

realidade que se mostra deficitária, no sentido de que é enganosa e não passa de mera aparência ou imitação das formas puras, que são os modelos autênticos por excelência dos quais toda a realidade sensível constitui uma cópia inevitavelmente defeituosa e corruptível, sendo justamente neste mundo de ilusões e aparências que pertence a nossa existência terrena.

9. NIETZSCHE, Crepúsculo dos ídolos, p.18.

10. “A falsidade de um juízo não chega a constituir, para nós, uma objeção contra ele; é talvez nesse ponto que a nossa linguagem soa mais estranha. A questão é em que medida ele promove ou conserva a vida” (NIETZSCHE, Além do bem e do mal, p.11)

11. A categoria fundamental no aparato reflexivo da metafísica platônica, a qual constitui a verdadeira essência humana estabelecida na ideia de “alma” para Platão, é aquilo que a um só tempo converge o centro da inteligência pura, ou seja, estaria neste mundo como uma prisioneira dos nossos sentidos, e conseqüentemente deve se libertar do

cárcere do corpo que a induz aos erros e ilusões, pois os sentidos nos afastam de nossa alma racional, nos levando ao mundo do erro, nos desviando daquilo que consistiria a nossa verdadeira destinação, quer seja a contemplação da verdade, já que todo conhecimento verdadeiro seria apreendido a partir da reminiscência. Em outras palavras, só é possível contemplar o verdadeiro mundo das ideias que ofertará sustentação ao conhecimento fora deste mundo terrestre, o que para Nietzsche será caracterizado como “covardia”.

12. NIETZSCHE, Sobre o niilismo e o eterno retorno, p. 159.

13. Nietzsche concluiu seus estudos na célebre escola de “Pforta” com um trabalho sobre o seu estudo em torno do poeta Teógnis de Mégara.

14. NIETZSCHE, Genealogia da moral, p.9.

15. AZEREDO, Nietzsche e a dissolução da moral, p.50.

16. Idem, p.64.

17. É uma expressão latina que significa “Ai dos vencidos”, ou

mais analiticamente, “triste sorte aquela reservada aos derrotados”, pois os derrotados em batalha estão inteiramente entregues à misericórdia dos seus conquistadores e não devem esperar ou pedir leniência.

18. NIETZSCHE, A genealogia da moral, p.40.

19. NIETZSCHE, Além do bem e do mal, p.58.

20. NIETZSCHE, A genealogia da moral, p.32.

21. NIETZSCHE, Além do bem e do mal, p.233.

22. NIETZSCHE, Além do bem e do mal, p.8.

23. NIETZSCHE, Genealogia da moral, p.138.

24. NIETZSCHE, A Gaia Ciência, p.147.

25. Ibidem, p. 80

26. NIETZSCHE, A Genealogia da Moral, p.16.

27. NIETZSCHE, Além do bem e do mal, p. 61.

28. NIETZSCHE, Além do bem e do mal, p. 33.

29. NIETZSCHE, Além do bem e do mal, p. 102.

30. NIETZSCHE, A

genealogia da moral, p 19.

31. AZEREDO, Nietzsche e a dissolução da moral, p. 3.

32. NIETZSCHE, A genealogia da moral, p.35.

33. NIETZSCHE, A genealogia da moral, p.59.

34. NIETZSCHE, A genealogia da moral, p.36.

35. NIETZSCHE, Além do bem e do mal, p.119-120.

36. NIETZSCHE, A genealogia da moral, p.50.

37. NIETZSCHE, A genealogia da moral, p.53.

38. Nietzsche identifica o homem moderno em um estado problemático dicotômico, primeiro com características de idealizador, esperançado em ideias de eternidade, perenidade, imperturbabilidade e sem força para querer. E em segundo, um positivista científico de uma vontade gloriosa, preocupado em restaurar uma possibilidade de verdade racional.

39. “Suprimimos o mundo verdadeiro: que mundo nos resta? O mundo aparente, talvez?... Mas não! Com o mundo verdadeiro suprimimos também o aparente!

- Meio-dia; instante da sombra mais curta; fim do erro mais longo; ponto culminante da humanidade.” (NIETZSCHE, Crepúsculo dos Ídolos, p.22.

40. NIETZSCHE, Genealogia da moral, p.149.

41. Expressão utilizada por Nietzsche para dizer “amor ao destino”: a plena aceitação da imanência, de um mundo onde Deus está morto. Aquele que torna leve o mais pesado dos pesos, aprendendo a impor novos valores, afirmando a vida e amando a existência em sua plenitude, em razão de abandonar qualquer transcendência em favor do sentido belo do necessário.

42. NIETZSCHE, Ecce homo: como cheguei a ser o que sou, p. 13.

43. Êxtase humana em fundar uma cultura de superação da ausência do Deus cristão, pela vivência de novos valores laicizados e independentes da opressão. Na concepção do autor, devem ser desfeitas todas as amarras possíveis à vontade de potência.

BIBLIOGRAFIA

1.REFERÊNCIAS PRIMÁRIAS:

NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. Tradução de Paulo Cesar de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

A vontade de poder. Tradução de Marcos Sinésio Pereira e Francisco José Dias. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

Além do bem e do mal. Tradução de Paulo Cesar de Sousa. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

Crepúsculo dos Ídolos. Tradução de Paulo Cesar de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

Genealogia da Moral. Tradução de Paulo Cesar de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

Sobre verdade e mentira. Tradução de Fernando Ribeiro de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2009.

Sobre o niilismo e o eterno retorno. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

Ecce homo. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Max Limonad, 1986.

O anticristo: maldição ao cristianismo. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

O Nascimento da tragédia ou heilenismo e pessimismo. Tradução de Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Vontade de Potência. Tradução de

Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2011.

Fragmentos Póstumos: 1887-1889. Tradução de Guinsburg. São Paulo: Forense Universitária, 2012.

2 . R E F E R Ê N C I A S SECUNDÁRIAS:

ANDLER, Charles. Nietzsche, sa vie et sa pensée. Paris: Gallimard, 1931.

ARISTÓTELES. Metafísica. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo. Edições Loyola. 2002.

AZEREDO, Vânia. Nietzsche e a dissolução da moral. São Paulo: Editoria Unijuí, 2003.

DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Tradução de Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

GIACÓIA, Oswaldo. Nietzsche: perspectivismo, genealogia, transvaloração. São Paulo: Editora 17, 2003.

PLATÃO. Diálogos: Fédon, Sofista e Político. Tradução de Manuel de Oliveira Pulquério. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

ILAN PAPPE DEZ MITOS SOBRE ISRAEL

Tabla.

TRADUÇÃO
BRUNO COBALCHINI MATTOS

O MOTIM DAS BOCETAS: UM EXERCÍCIO DE LIBERDADE PUSSY RIOT: THE PRACTICE OF FREEDOM

PALOMA ROMEIRO COMPARATO

Resumo: A partir de imagens artísticas de diferentes naturezas, a autora traz à tona os principais conceitos foucaultianos relacionados à temática das relações de força e redes de poder. A partir da literatura e da arte, busca criar uma linguagem imagética que transforma os conceitos foucaultianos em formas visuais. Por fim, cria uma ponte entre os conceitos de exercício de liberdade e revolta com o grupo artístico-político russo Pussy Riot.

Palavras-chave: Pussy Riot, Michel Foucault, Poder, Liberdade

Abstract: Using artistic images of different natures, the author brings out the main Foucaultian concepts related to the theme of force relations and power networks. From literature and art, it seeks to create an imagery language that transforms Foucault's concepts into visual forms. Finally, it creates a bridge between the concepts of exercising freedom and revolt with the Russian artistic-political group Pussy Riot.

Keywords: Pussy Riot, Michel Foucault, Power, Freedom

Cada participante de um julgamento político soviético tinha um papel claramente definido. Era tarefa do promotor apresentar a posição do Estado, que equivalia a criar um pretexto legal para prender pessoas por se valerem de direitos garantidos pela constituição soviética. [...] o juiz desempenhava o papel de um burocrata empunhando um carimbo: seu trabalho era tornar a audiência tranquila e rápida, rejeitando a maioria dos requerimentos apresentados pela defesa e emitindo um veredicto predeterminado quando chegasse o momento. [...] Se não quisessem perder o direito de advogar, os

advogados de defesa em um julgamento político soviético tinham de se distanciar de seus clientes. Tradicionalmente, em suas alegações finais, eles afirmavam não compartilhar da visão política dos acusados e os condenavam como antissoviéticos e imaturos ao mesmo tempo que pediam sua absolvição e libertação [...] os acusados tinham uma escolha a fazer: podiam combater o tribunal, debatendo e ajudando seus advogados a abrir lacunas inúteis, mas momentaneamente satisfatórias, nos argumentos da acusação, ou podiam se recusar a reconhecer a autoridade do tribunal e usar a audiência apenas

para tentar fazer um discurso político. (GESSEN, 2016, p. 178 - 179)

Há no trecho acima, uma espécie de descrição de um jogo, do funcionamento de um determinado mecanismo, que se exerce com base em certos procedimentos e regras em uma situação específica. Uma espécie de jogo estratégico, em que o que está em disputa é o controle sobre a conduta do outro (FOUCAULT, 2004). Um jogo que se sobrepõe a diversos outros jogos, uma disputa entre disputas. Como Alice, que através do espelho caminha com suas jogadas pelo tabuleiro de xadrez, ao mesmo tempo em que os demais personagens caminham em suas próprias.

No xadrez, enquanto o objetivo é xeque-matar o soberano, múltiplas estratégias são aplicadas entre os diferentes corpos participativos - peões, damas, cavalos, torres, bispos. Todos, numa rede múltipla de relações de força, batalham para garantir a morte do patriarca adversário, o rei inimigo. E para isso, uma rede de saberes se constitui, uma rede de estratégias, de aplicações e formulações. Uma disputa entre dois adversários, mas também entre os diferentes atores do tabuleiro e entre estratégias.

O rei não é mais o principal ator, aquele, que a partir de si emana o poder - sendo terreno ou divino. Foucault desconstrói a ideia de que haveria um poder soberano central, repressivo, uno. Foucault tira a coroa do rei e proclama o fim do Estado como o conhecemos: o Estado não possui poder e o poder não foi concedido pelos súditos na forma de um contrato social. Os aparelhos, as instituições, os indivíduos, os grupos, todos exercem suas próprias técnicas, disputas e estratégias nos jogos de poder, nas relações de força. Sua análise é:

[...] precisamente o contrário do que Hobbes quis fazer no Leviatã e, no fundo, do que fazem os juristas, para quem o problema é saber como, a partir da multiplicidade dos indivíduos e das vontades, é possível formar uma vontade única, ou melhor, um corpo único, movido por uma alma que seria a soberania. (FOUCAULT, 2003, p. 183).

Pois agora os peões também entram em jogo - e participam ativamente nas relações de poder, tanto quanto o rei. Tais relações se exercem na forma de uma rede de múltiplas interações, a partir de múltiplos mecanismos, utilizando-se de múltiplas técnicas em múltiplas situações. Perpassa corpos, “permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso.” (FOUCAULT, 2003, p. 8).

O exercício do poder é móvel, reversível, instável (FOUCAULT, 2004) buscando sempre sua composição mais eficaz. Procura pelos

mecanismos mais convenientes, adapta suas técnicas, busca novas formulações, cria novas verdades. Tal qual a moça tecelã de Marina Colasanti, que tece e desfaz seu próprio tecido para tecer outra coisa, o poder se exerce e se reformula constantemente. E nessa enorme costura de relações, não há começo, não há fim, há somente o fio da história.

Conduzir condutas. Seria este, segundo Foucault, o objetivo do exercício do poder.

Quando Duchamp apresenta A Fonte, não se deixa ser conduzido. Quando Dandara dos Palmares, em um último ato de liberdade, se joga do penhasco, não se deixa ser conduzida. Quando Bartleby, de Melville, diz “eu preferia não”, não se deixa conduzir. Quando um grupo de manifestantes destrói um monumento de homenagem a um escravagista não se deixa conduzir. Cada um desses atos representa o rasgo no manto da História, que precisará de retalhos para continuar.

A resistência é parte das relações de poder. E por isso, deve também ser móvel e inconstante. Deve criar novas formulações em busca

de melhor se articular no combate aos novos mecanismos e técnicas de poder. Pois não é efetivo combater novas técnicas de poder com antigas técnicas de resistência.

[...] não me fale em verdades evidentes, reconhecidas por todos, pela multidão, são essas mesmas verdades que os combatentes de vanguarda tinham como certas no tempo de nossos avós. Nós, os combatentes de vanguarda de hoje, não as aceitamos mais. Não nos servem. (IBSEN, 2011, p. 103-104)

Mas para que haja relações de poder e, portanto, resistência, é necessário que haja certo grau de liberdade.

Se um dos dois estiver completamente à disposição do outro e se tornar sua coisa, um objeto sobre o qual ele possa exercer uma violência

infinita e ilimitada, não haverá relações de poder. [...] Mesmo quando a relação de poder é completamente desequilibrada, quando verdadeiramente se pode dizer que um tem todo o poder sobre o outro, um poder só pode se exercer sobre o outro à medida que ainda reste a esse último a possibilidade de se matar, de pular pela janela ou de matar o outro. Isso significa que, nas relações de poder, há necessariamente possibilidade de resistência, pois se não houvesse possibilidade de resistência [...], não haveria de forma alguma relações de poder. (FOUCAULT, 2004, p. 276 - 277)

Tais graus de liberdade, é claro, variam. “Em inúmeros casos, as relações de poder estão de tal forma fixadas que são perpetuamente dessimétricas e que a margem de liberdade é extremamente limitada.” (FOUCAULT, 2004, p.

277) Quanto mais limitada, maior o grau de cristalização das relações de poder, e portanto, menos possibilidades de resistência e de práticas de liberdade podem ser exercidas. Numa situação extrema em que não há qualquer possibilidade de resistência, é a vitória do poder - cristalizou-se em dominação. Não é possível criar mais nada. Sobra somente um último mecanismo para a resistência: o corpo.

De certa maneira, processos de liberação precedem as práticas de liberdade pois é somente com algum espaço possível para a resistência que surgem as práticas de liberdade. Mas diz Foucault: “[...] insisto sobretudo nas práticas de liberdade, mais do que nos processos de liberação, que mais uma vez têm seu lugar, mas que não me parecem poder, por eles próprios, definir todas as formas de liberdade.” (FOUCAULT, 2004, p. 266)

Exercícios de liberdade nunca são definitivos, devem efetuar-se constantemente, sempre em busca de alcançar o que não é passível de ser alcançado. Sempre em busca de agarrar o que ao ser agarrado

transforma-se em ar. A liberdade nunca é o fim, mas o meio - “[...] a liberdade é um exercício agonístico, uma arte da luta nas artes de si



da existência, e cujos combates não conhecem a vitória final. De sua parte, o poder é contínuo e renasce sempre.” (DE SOUZA FILHO, 2007).

Por isso, Foucault enfatiza o cuidado de si como práticas de

liberdade, exercícios em prol de uma ética de si, que envolve também o outro. Um posicionamento político-filosófico de se estar no mundo, em que continuamente se problematiza a si mesmo para se encontrar sua melhor forma. Um exercício contínuo de desconstrução de seus próprios valores morais

Figura 1 - “Pussy Riot Icon”, dos artistas Artem Loskutov e Masha Kiseleva. Fonte : artsy.net

É muito difícil não encontrar pontos de contato entre a Rússia de Putin e o romance 1984, de George Orwell. É, entretanto, um erro pensar que o romance de Orwell e o país ortodoxo representam sistemas políticos puramente repressivos. Sob a ótica de Foucault, vamos além: percebemos como sob uma sombra de repressão, na verdade se aplicam mecanismos de poder positivos. É evidente como Winston Smith, personagem principal da história, age como é induzido a agir e como a grande massa de 1984 pensa como é induzida a pensar, etc. Em outras palavras, o uso de

mecanismos negativos (repressivos) nas relações de poder não excluem jamais o uso de mecanismos positivos, até porque:

[...] se o poder tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo [...] e a nível do saber. (FOUCAULT, 2003, p. 148)

É claro que o conceito de dominação foucaultiano parece adequar-se bem em muitas situações do contexto russo, em que as práticas de liberdade são limitadas por relações de poder fixas e cristalizadas. Por isso, no caso russo a revolta é ainda mais digna de notabilidade. “O movimento com que um só homem, um grupo,

uma minoria ou todo um povo diz: ‘Não obedeco mais’, e joga na cara de um poder que ele considera injusto o risco de sua vida – esse movimento me parece irreduzível.” (FOUCAULT, 1979, p. 1).

Pussy Riot foi um grupo artístico-político russo, formado por mulheres, que enfrentou fortemente o sistema político putinista através de performances punks. Tinham determinados princípios: anonimato - todas as participantes utilizavam balaclavas coloridas durante as apresentações e tomavam todos os cuidados para uma não identificação posterior; o amadorismo com relação à técnica musical - as primeiras integrantes do grupo não tinham qualquer tipo de conhecimento técnico ligado à música; uma postura claramente feminista e pró LGBTQIA+; e iconoclasta, do ponto de vista em que negava autoridades, fossem religiosas ou políticas.

Três de suas integrantes foram presas devido à performance do dia 21 de fevereiro de 2012, em que sob o altar da Catedral de Cristo Salvador, apresentaram uma música chamada “Reza punk”. A “Reza punk”

tinha como intuito criticar a ligação do governo de Putin com a Igreja Ortodoxa Russa, que reiterava um sistema de corrupção e ilegalismos no país. Alguns de seus versos eram: “Virgem Maria, Mãe de Deus, vire feminista”, “Virgem Maria, Mãe de Deus, livre-nos de Putin” e “A própria virgem está protestando conosco!”.

Sob um julgamento evidentemente parcial, em que diversos direitos das réas foram violados, Maria Alyokhina, Nadya Tolokonnikova e Iekaterina Samutsiévitich foram condenadas à prisão. O julgamento aconteceu como na descrição que inicia este texto, em que a jornalista Masha Gessen se refere aos julgamentos políticos de dissidentes soviéticos. Ela demonstra que os julgamentos políticos russos atuais seguem os mesmos padrões que na era soviética, em que os dissidentes e os opositores políticos eram comumente condenados.

É importante dizer que Pussy Riot surgiu a partir das experiências prévias do grupo Voiná, grupo artístico-político que realizava performances críticas ao sistema político

russo. Dentre suas performances, “A Tomada da Casa Branca”, em que uma Jolly Roger - a bandeira pirata - foi projetada na Casa Branca Russa e a “Trepada em nome do ursinho herdeiro”, em que cinco casais transaram no Museu de Biologia em uma crítica à Dmítri Medviédev, sucessor de Putin na época.

É interessante analisar como tais grupos conseguem articular sua revolta mesmo combatendo em relações de poder tão sólidas, que limitam os exercícios de criação de liberdade e desobediência. As performances de Pussy Riot eram sempre realizadas de forma ilegal, sem financiamentos e sem causar danos intencionais ao ambiente ou às pessoas que se encontravam no local. Suas letras sempre tinham viés político e visavam criticar múltiplos aspectos do governo russo. Voiná, por sua vez, estabelece inclusive o que se poderia chamar heterotopia:

O furto em lojas era uma parte essencial do ethos de Voiná. Eles rejeitavam o consumismo; mais importante ainda,

não tinham dinheiro, mas gostavam de comer bem e sempre, por isso elevavam o furto de comida à condição de arte. [...]

Piêtia, Nádia, Oleg, Natália e um número variável de membros de Voiná formavam o que equivalia a uma comunidade. Na maior parte do tempo, eles viviam juntos [...]. (GESSEN, 2016, p. 50).

Quando presas, as integrantes da Pussy Riot foram apoiadas por um grande movimento internacional que se denominou “Free Pussy Riot”. Nadya e Maria contam as violações do sistema penitenciário e de suas experiências em livros posteriormente publicados. Há que se ressaltar um aspecto principal, considerando a ótica foucaultiana de poder: durante o período de julgamento e de encarceramento, pode-se dizer que as relações de poder entre o sistema judiciário russo e as réis estava claramente desequilibrado. As réis tinham mecanismos de resistência cada vez menos eficazes frente aos mecanismos de poder utilizados pela outra frente.

É neste tipo de combate que surge um movimento irreduzível de revolta, quando não há mais armas com que lutar a não ser seu próprio corpo e o ímpeto de recusa a se deixar conduzir. É neste momento que Dandara pula do penhasco. E que as integrantes da Pussy Riot fizeram greve de fome. Em seus próprios corpos, instauraram um governo de si extremamente sóbrio e convicto, retomando forças nas relações de poder que as mantinham encarceradas. Um combate também interno, afinal a greve de fome é um controle dos próprios ímpetos, controle mental e de forças de si próprio. Foi pela imposição de uma autodisciplina, de um combate a si, que conseguiram criar um exercício de liberdade efetivo nas relações de poder em que estavam inseridas.

Alyokhina foi liberta do encarceramento em 23 de dezembro de 2013, assim como Tolokonnikova, devido à uma política de anistia do governo russo a presos políticos, que coincidiu com as datas prévias aos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014, a ser sediado no país. Samutsevich, por sua vez,

teve sua pena suspensa em 10 de outubro de 2012, uma vez que não participou efetivamente na performance da catedral.

Durante seus encarceramentos, conseguiram reformas nas diferentes prisões e campos de trabalho forçado em que estiveram por meio das greves de fome e de contestações às autoridades prisionais. Sofreram diversos ataques, incluindo tentativas de morte, antes e depois do encarceramento. Após a saída da prisão, Maria e Nadya criaram a MediaZona, mídia alternativa de notícias russas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formulação de exercícios de liberdade não é pura e simples criação, mas a imposição de uma forma a si próprio. Não é indolor, ou tênue, mas um imperativo sob seu próprio corpo, a fim de alcançar aquilo que nunca será alcançado. É um combate constante, não somente nas relações de força em que um está presente, mas contra seus próprios ímpetos. Além de um governo de si, e de um cuidado de si, o combate

de si é também elemento presente na criação de práticas de liberdade.

“A ave sai do ovo. O ovo é o mundo. Quem quiser nascer tem de destruir um mundo. A ave voa para Deus. E o deus se chama Abraxas.” (HESSE, 2019, p. 106)

BIBLIOGRAFIA

ALYOKHINA, Maria. Riot Days. São Paulo: N-1, 2020.

COLASANTI, Marina. A Moça Tecelã. 1. ed. [S. l.]: Global, 2004.

DE SOUZA FILHO, Alípio. Foucault. O cuidado de si e a liberdade, ou a liberdade é uma agonística, Natal, abr. 2007. Trabalho apresentado no IV Colóquio Internacional Michel Foucault. Abril de 2007, Natal. Inédito.

FOUCAULT, Michel. É inútil revoltar-se?. Le Monde, [S. l.], p. 1-2, 11 maio 1979. Disponível em: <https://machinedeleuze.wordpress.com/2017/04/08/e-inutil-revoltar-se-por-michel-foucault/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

_____, Michel. Microfísica do Poder. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

_____, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____, Michel. Em Defesa da Sociedade. [S. l.]: WMF, 2012.

_____, Michel. O Corpo Utópico, as Heterotopias. São Paulo: N-1, 2013.

GESSEN, Masha. Palavras quebrarão cimento: A paixão de Pussy Riot. São Paulo: Martins

Fontes, 2016.

HESSE, Hermann. Demian. 48. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

MEVILLE, Herman. Bartleby, o escrevente: Uma história de Wall Street. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 152 p.

NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TOLOKONNIKOVA, Nadya. Um Guia Pussy Riot para o Ativismo. São Paulo: Ubu, 2019.

SÃO PAULO, Ó MINHA CARENTE SÃO PAULO

ROMULO SILVA SANTANA

Algo acontece no meu coração, que só quando cruzo a cidade de São Paulo entre Perdizes, Barra Funda e Capão (VELOSO, 1978). Permito todos os dias a abrir meus horizontes, olho pela janela de um ônibus lotado de ódio de tudo e de todos, passando exatamente às 6h15 da manhã. Ao chegar no metrô pontualmente às 6h40 de uma madrugada, quase dia, ao ver os moradores dessa desprezível rua, me pergunto, onde erramos como seres humanos?

Entro em um vagão da linha lilás do metrô — que já nem é mais metrô — e me pergunto quantos desses passageiros que lutaram por um assento, chegaram a casa — assim como eu — no dia seguinte ao que saíram de seu humilde portão. Será que ao chegar próximo de seu “sossego” viram o cano de uma arma em sua face?

— Passa o celular seu otário! — grita o assaltante sobre a moto

— Anda logo mariquinha! — completa o piloto

— Socorro! Socorro! Anda logo Mariano, é meu filho! — grita minha mãe ao pé do simplório portão

Passo por Campo Limpo, mais a frente pela Vila das Belezas e no caminho de Santo Amaro consigo ver o início da imensidão que é Paraisópolis — Alô, alô minhas periferias. Aquele Abraço — (GIL, 1969).

Chego a Moema com o mesmo sentimento de sempre, ele começa no Alto da Boa Vista e me acompanha até o final do dia. A partir daqui, somos muito mais pobres, do que já fomos em estações anteriores. Trabalhadores e estudantes dentro de uma lata de sardinha que ruma a lugares como Jardins, Morumbi ou Itaim, onde somos convidados a nos escravizar e depois nos retirar. Ouço homens falando sobre o futebol e mulheres sobre seus filhos e afazeres de casa e me pergunto, quando começa o século VINTE UM?

Santa Cruz, 7h5, o vagão antes abarrotado, se esvazia. Caminho rumo a porta 56, a mais próxima da escada que subirei religiosamente

às 7h7 e pegarei o metrô — agora sim, o verdadeiro metrô público. Na plataforma, ao lado da placa escrita sobre o verde “Chácara Klabin”, há uma foto do Pátio do Colégio na publicidade da JCDcaux, que parece ter feito uma higienização no centro dessa cidade. Com a chegada da composição as pessoas vão se amansando e a educação vai chegando ao corpo dos passageiros.

7h13, não há paraíso no Paraíso, a luta pela porta próxima da escada da Sé, que permanece fechada até lá, é voraz. Os devoradores de livros — como eu — são os principais gladiadores. De vez em quando situações como uma tapanas costas — como o que recebi hoje — ou um xingamento, são comuns. A liberdade dessa prisão é o que eu mais desejo, mas nesse caminho só há Japão-Liberdade. A santa Sé é o maior engano do caminho, uma estação subterrânea que nos deixa abaixo do que se tornou nos últimos anos o verdadeiro berço da pobreza.

Piso na Barra Funda e avisto um dos maiores contrastes da pobreza dessa cidade — em todos

os sentidos da palavra — vejo pessoas com estigmas sobre a pele que imploram por ajuda, tudo isso aos pés da obra de Niemeyer. Aquela mão que vejo ao subir a rua, não sangra mais pelas turbulências do passado, ela sangra como a perna do mendigo que dorme na porta da estação ou quem sabe, pelo sucateamento de políticas públicas que cuidam dessas pessoas.

— Moço você pode me ajudar? Só preciso de uma moedinha!

A escola que me abriga pela manhã é um pequeno reflexo do que verei até o final do dia, um reflexo branco, excessivamente branco. Professores brancos, alunos mistos e todos que estão “abaixo” pretos e mestiços, como a maioria da população, eles ficam felizes por me ver no superior. Eu sou diferente, mas não indiferente. Talvez seja esse o momento que entendo. Minha vocação de contar histórias, vejo sorrisos e risadas com minhas fábulas.

Já na universidade, durante a tarde e à noite, percebo que se algum dia, em frente ao espelho, não me enxerguei afrodescendente

suficiente, a PUC-SP cumpre papel social de mostrar que eu sou a margem. Felizmente realizo meu sonho, encontro pessoas com vontade de fazer as mesmas coisas que eu, nunca me senti tão parte de um grupo. Para uns e outros o que falta é consciência de classe.

Volto por Santo Amaro, caminho de lua cheia, que novo dia já semeia, nos vemos novamente amanhã 6h da manhã (SOUZA, 2005), tenho medo, um sentimento constante, desta cidade, nesse fim de noite, início de madrugada. Medo de virar na próxima esquina da minha casa no Capão Redondo e encontrar de novo aquele assaltante que gerou em mim a pior sensação que já senti. Me senti traidor, ao abrir o boletim de ocorrência e selecionar pardo, ao me referir a ele. Em outras circunstâncias da vida, eu poderia ser ele, prova disso é o sensacionalismo televisivo, que dizia que a minha mãe poderia ser a próxima a ficar sem filho.

Os sentimentos que poderiam ser os meus quando me refiro a esta linda cidade, linda cidade essa, que só é linda em retratos e

recentemente somente em retratos.

“Pela janela do quarto
Pela janela do carro
Pela tela, pela janela
Quem é ela, quem é ela?”

(CALCANHOTTO; 1992)



terra da poesia Gaza

clique aqui e conheça o projeto



Revista
PAS.QUI.NA.GEM

EVOÉ! ZÉ CELSO

17H

26.07.2023

QUARTA-FEIRA

CONVIDADOS:

WILLIS GUERRA

FABIANA SERRONI (BIBI)

Revista

PAS.QUI.NA.GEM

17H

18/08

SEXTA-FEIRA

CONVIDADOS

FABIANA SERRONI (BIBI)

WILLIS GUERRA

**TEATRAULA:
PRÁTICA DE FILOSOFIA CORPORAL**

TV A COMUNA  **REVISTA**
PAS. QUI. NA. GEM **29/07**

curso livre


Emancipação política x Emancipação humana à luz
do pensamento de Marx

**SITUAÇÃO ATUAL: PROCESSO HISTÓRICO,
REVOLUÇÃO E CONTRARREVOLUÇÃO, DESAFIOS**

AULA 4

Com Ivo Tonet

SÁBADO | 10:00H | HORÁRIO DE BRASÍLIA



Tudo é perfeito
- Então por que a morte?
Para que haja vida
- E a dor?
Também
- E a consciência da morte e da dor?
Para que nos haja
- Não poderíamos existir sem morte e sem dor?
Sim, podemos e assim é, mas não percebemos enquanto humanos adormecidos formos
- Então por que ser humano?
Pelo mesmo motivo de ser vivo
- E por que então vida?
Para que não haja só o vazio dos espaços infinitos
Por isso, por tudo isso:
Tudo é perfeito
Vazio e não vazio
Eternamente se
alternando
alterando
jogando
amando
gozando.

WILLIS GUERRA

SUBÚRBIOS

VITO ANTONIO ANTICO WIRGUES

subúrbios

I.

quebraonda
quebramola
quebraquebra
quebraqueixo
quebrapedra

quebrarias

aquém

II.

roupas colhem mãos
nos varais dos subúrbios

calçadas brotam quadris
como se fossem varandas

vielas
são paródias de avenidas
que são artérias de passagem
pra outras tramoias travessias

entre outras quebradas
ervas
e pracinhas

em cada curva
pras bibocas ciliares

o rimel branco das esquinas

postes enfiados
em fiações formadas
por rizomas de fibras
ópticas
da subrede
engateada

do vilão caramelo
e do miau malhado

muro

alpendres
casas
sobrados
alguns triplexisX
acimentados

consciências viboras
sociedades anêmonas
famílias mestiças

a textura muda
de maquiagem antiga
mas conservada

bonita

(entre a conjunção
territorial
do espaço
temporal
entre a putologia
e a tragédia familiar)

pedras cinzas
enrugadas
e tijolos
de tantos tons terrosos
pinturas variadas
vermelhos amarelos
degradês
verdes alaranjados

paredes sem reboco
toldos de comércio
carros populares
grades de alumínio
velhos sigilosos
lixões de meio fio
cachaças amiúde
e plásticas cadeiras

brancas insentonas
amarelas de Skol
ou vermelhas
de uma estrela
Brahma

também
memórias alagadas
de paredes carcomidas
pela chuva
ácida

o motoboy passa
com o capacete
na moringa

sem tirar nem pôr

num bambolê
de livre corredor

grau...
gra...
u.

e o capacete
sem saber quando
se vem

a queda

ferros velhos
três adegas
três igrejas
evangélicas
passados retirantes
passantes catadores
às vezes
uma capela
um cabeleleiro
forjado à régua
na colmeia da cultura

fantasiado centro espírita

no sumo nossas dores
de tontos megatons
e outros tâns tambores

pernas bambas
de afastadas ziquiziras
uns sambistas

escondidos

nós terreiros
exu è mojubá

e dois botecos

abertos

glória!

deus e o diabo
dividem o palco
do balcão

coringa

com nossa senhora

e um maço de cigarro
a vista

profanação

negócios a frente
mais a casa dos fundos
a parte

e o imprevisível
ao meio

mas deus...

meu deus!
não sabe mais ser bom diabo

mas deus...

acima de tudo
acima de...

dos fogos
do gol
da festa
das lajes

dos corpos
dos fronts
fronteiras

ramal:
rélo não é hello
alô

pipa e cerol
na mão

linha

chilena
haitiana
chinesa
congolesa
boliviana
brasileira
coreana
japonesa

a luz do dia

o corte na mão
o sangue sirene

o grito cidadão

os escadoes caramujos
os atrasalado caranguejo
e os escadinha rapatudo

na rabeira do ladeirão

puteiros malocados
e biqueiras desfiadas

drink tropical
igarapé canalha
escama de peixe
whyskizada
gogó ao vi

tudo em dobro

abusadores nos clarins
agressores nos clarões

todos na vitrine
de si

escondidos

entre ruas
olhadelas

entre rios
feiras

cangaibas
classe mé

entre
corregos

esgotos

curvas em s
relevo
montanha
socialco
quilombo
favela

mais
e outras mais

agudas vilas
descendentes

entre valas
mais vielas
que mais desfilam
como desfiladeiros
entre escadas
passarelas

somam duas praças

uns filmando
quem passa

e outros carburando
o que sobrou da mescla

(natureza?
civilização?
fascismo?)

entre o azul e o amarelo

alguns predinhos
outras brisas
trocadilhos

e na espera

outro poste
o ponto cego do busão

uma quadra ou campinho
ali
tontos pixos
pós rupestres
e pinturas urbanoideas

viaturas

mas nenhuma ou quase

ruína que faz ourives

biblioteca
centro cultural
teatro

experimental

campos de tortura
condomínios de concentra-
ção
liberalismo carnavalizado

holocaustos sob os pés

tudo real

bermuda cyclone

juliet irisado

camisa barroca

palhaço

corinthians quebrada

time

di várzea

favelão espigado

bandeira arqueada

caramelo brasil

malha ferrovia

brusinha básica

listrada

shorts

liga jeans calça

legging vassoura

calçada

criança vestido

sol mizunado

quente no corre

salário mínimo

quatro doze

mola na pista

quatroivinte

magrelinhaquilibrista

moto sem placa

circence nos faróis

zói de pôr do

sol

vanguarda pública

urubu corguín

maravilhoso ruim real

ruim fantástico extra

mondrian de asfalto

borderline

bucho antropófago

cabelos crespos

lisos

cacheados

luzes

louros

mercadinho

drible

voz

rolinho

carretilha

letra

golzin de chinelo

pregado

signo nacional

todos existem

dizem

aqui

todos existem

um aviso

todos

até a saída

até a entrada

e

antes de chegar à goela

da

aveniviela

aviso

passagem

é proibido

roubar

dar grau

e tirar de giro

SUJEITO A CACETE

briga

meu baralho encucou

prece divina

gritou

truco filho da puta

eu fazia trabalho

papel crepom

canudo plástico

rendinha colorida com

saia penteado longo

polvo dia das mãos

feijão no fogo e o Dao giran-

do

meu pai grilou

mais ainda

bota a mãe do cramunho

tal qual tio ciscou

na mão leve que

cobra ia fumar

acendeu sopros cigarros

esperou hora da febre

comeu água gelada

galega breve déeeesce

olhou

pra mim redondo em aspas

visse

“um bigode vale mais

que um talão de cheque”

tapa na mesa

pega mais uma pra mim

freguês zapzap bolão

viado

putinha

uh dessusto

ainda bem

que o mundo

é blefe

uh

chamego (segunda de ma-
nhã)

de quebradinha

a mina na garupa

o mano sem camisa

XRE de monociclo

vrau

no toque

antes meio dia

adrenalina

quebrão

guidon

bolololololololololo

amor firula

paixão perifa

tesão brinquedo

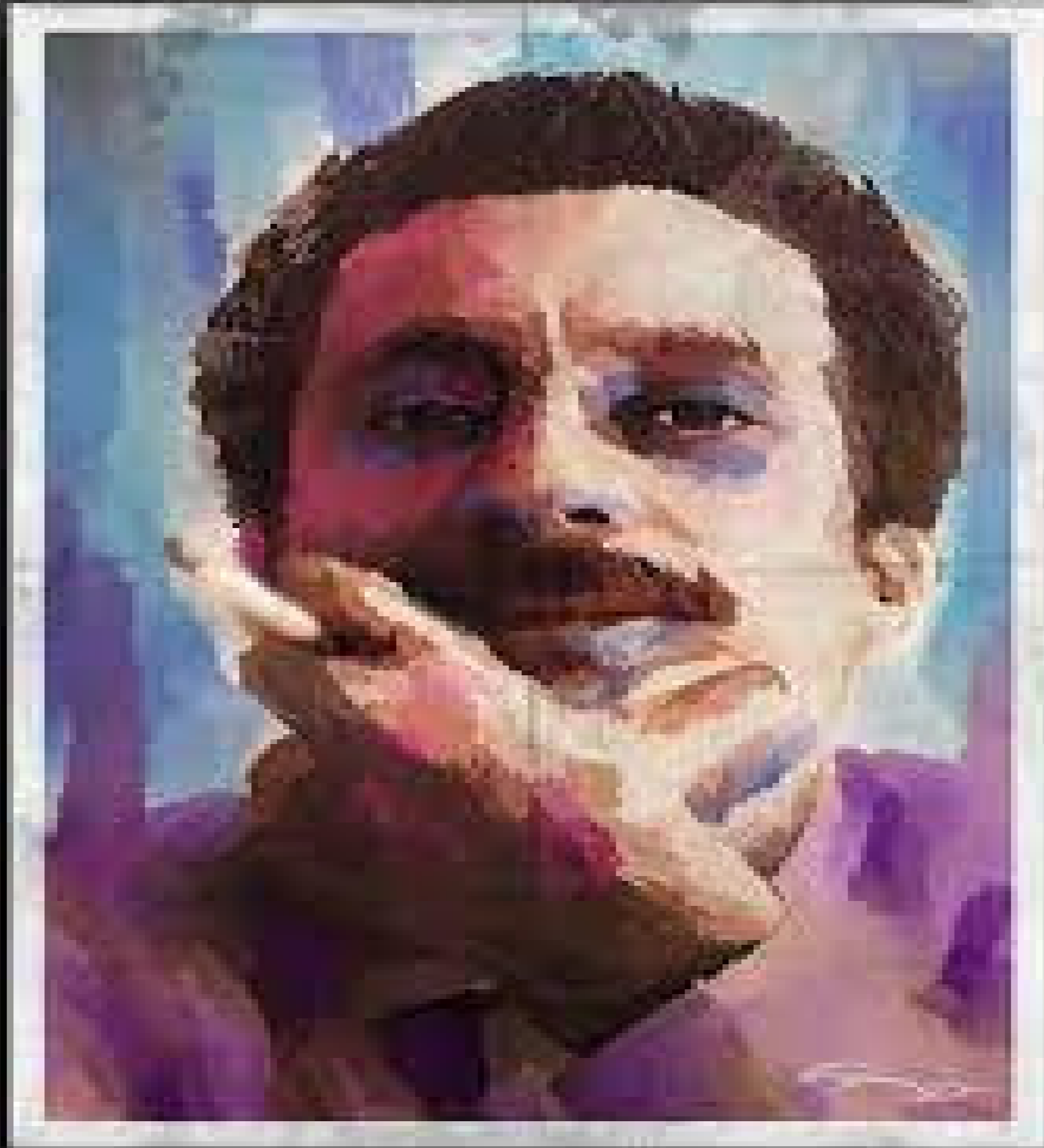


lololololo...	onde o pôr do sol divide o corre do final de semana com a fita do dia seguinte	razão social sem cpf	aguça altura sobe desce	na torre do relógio do mercadão de São Miguel	que nada medo...
tabacariabairronov	“onde tudo é sonho como coisa real por dentro”	chegou	e pede permissão pro Sábio que diz	pois ce vai ver	brincava ai pai... para...
meidanoite bilhar muito buxixo de cinco de dez continente drogasil quem é tu que É de onde? to morando aqui do lado mas cê É quem? to querendo quem É um alumínio que taí fora? pro narguile... num tem, tamo fechando. valeu, suave obrigad... aqui	\$ onde tudo tudo é real como quem vê o que desconhece afora do cifrão % onde a boca vende a voz do povo no embalo de quem tem	marolinha noião raiovak outro dia nois volta ouço a correia do portão no fecho de aço sóbrio pá como quem diz no eco vaza, tio o sábio sabe a hora de viver ou o relógio do mercadão de São Miguel. Seu Antônio sobe andaime atravanca corda enguiça metro	no fogo, a gente sabe quem sabe e quem é quem mas seu Antônio quer que eu suba com ele até o céu, que o Sábio sabe eu digo: não mas quero vercêir lá amanhã procê ver eu digo onde lá em cima pô	que nois é daora de um daora ruim mas daora tá ligado éé o véio ontem que foi lá comi- go chega tremelicava as pernas é rapaz gente igual formiga quero ver cê ir lá comigo	kkk e dizia mais é viagem que vale a pena depois disso tem forró e cana vâmo amanhã eu te levo ... depois disso

desanfoniência civil	ta doi	e tapa na test	que o futuro é biruta pré-caçapa	.a.....i.m...	indo vindo bem
sei que Deus é um bendito desse bando	cansei de lambá qui todia nessa terra mas de vissungo voino fio	taí... é que a garapa da garupa tá só o cald	masaí... tem problema não vai vendo	a luz se põe breve no repouso da língua	daqui vejo a pipa zunindo
um fruto formoso rasgo	cobusão firmano combustão adentro batucano ifá afora	que dia cinc na cifra da safra eu agradeço a faun troco a caixa de march desço uma skol e faço mercado	minha bola oito me espera	demoradamente. e sempre	cambailando
um cabra de contracanto das quebradas do meu ser	no chei do...do dobrão do corascer achincalhando a quizila no broto concrescente da cidadela	receba!	pausa	o pôr do sol define a corcun- da dos dias	e penso
sei	sem pitiú de maresia zinabre azinhavre tá doi odu aqui	de quebr ainda filigrano um fino	no silencioso ramo da coisa alegre há paixão batida de terra seca o corisco das horas na mão risonha	pré	seria esse céu exatamente esse céu
mas que me perdoe o desejo de algum santo	na madru quero-quero minha bucha de sena meu doble no salto	pra crist	s escorre musgo de grama e som	toda pré-coisa azevrinha um sertão movediço	o sertão criança daquele me- nino?
distante assomo danço	miô ou mió	em nome do pa do fi do espi san	e minha espinha de osso e jequitibá enverga-se como sino das seis como sobrado enformigada ladeira	para fora	um órgão malocado uma ruga abstrata um sabor de vida não-feita
no fundo da minha sanfona tem minha hora de morrer	que a certeza certeza! de zap na manga	laroyêxu e falo a tontesmo com grau maior na moleira	como galho retorcido nos canteiros	solta presa sola rápida vento	
criptocaçaníquel.		ss		

GHASSAN KANAFANI

na Revolução Palestina - em memória aos 50 anos de seu martírio



TVACOMUNA

[YOUTUBE.COM/C/TVACOMUNA](https://www.youtube.com/c/tvacomuna) [INSTAGRAM.COM/TVACOMUNA/](https://www.instagram.com/tvacomuna/)
[FACEBOOK.COM/ACOMUNAREVISTA](https://www.facebook.com/acomunarevista)

29/08
TERÇA-FEIRA
20H

CONVIDADO:
LUIZ MESSEDER
ROMERO VENANCIO

EL MARXISMO LATINOAMERICANO
JOSÉ CARLOS MARIATEGUI

28/06
TERÇA-FEIRA
20H

CONVIDADO:
ROMERO VENANCIO

NA ANCI DE NOV MAURO MARINI LEGADO DE UM REVOLUCIONÁRIO

26/04
TERÇA-FEIRA
20H

CONVIDADO:
MAURÍCIO MULINARI

CRISE CAPITALISTA MUNDIAL E AS LUTAS DE CLASSE NO BRASIL

29/06
QUARTA-FEIRA
20H

CONVIDADOS:
ALEJANDRA BARBA
FIDEL ERNESTO VITERI TAMAYO

MISERABLES!
NUESTRO PUEBLO NO MERECE ESTO. NI PERDÓN, NI OLVIDO!

15/03/2022
QUARTA-FEIRA
20H

CONVIDADO:
ROMERO VENANCIO

O LEGADO DE MARX

15/06
QUARTA-FEIRA
20H

CONVIDADO:
PABLO VITALE
RAG E LADRO TRAFICANTE

O RESENTIMENTO DA PALESTINA: UMA CONVERSA COM PAULO AMARAL
PAULO EDUARDO ARANTES

29/06
QUARTA-FEIRA
20H

CONVIDADOS:
ALEJANDRA BARBA
FIDEL ERNESTO VITERI TAMAYO

MISERABLES!
NUESTRO PUEBLO NO MERECE ESTO. NI PERDÓN, NI OLVIDO!

03/06
SEXTA-FEIRA
20H

LUTA ANTIMANICOMIAL
LUTA ANTIMANICOMIAL

CONVIDADO:
ROMERO VENANCIO
TALIA PAOLA MARINELLI
TALIA LUCIANO PONS VECINI

01/08
SEGUNDA-FEIRA
20H

CONVIDADOS:
DALMA GARCIA
ROMERO VENANCIO

ANTONIO CANDIDO
LITERATURA E SOCIEDADE

01/06
QUARTA-FEIRA
20H

CONVIDADO:
ROMERO VENANCIO

AMA CRISTINA CÉSAR
CRIAÇÃO KINOSHAKO

08/03/2022
HORARIO DE BRASLIA
20H

LUTA DAS MULHERES TRABALHADORAS NO CAPITALISMO

14/02/2022
20H

CONVIDADO:
KEVIN B. ANDERSON

MARX NAS MARGENS

06/04
QUARTA-FEIRA
20H

CONVIDADO:
ROMERO VENANCIO

LEON HIRSZMAN: ABC DA GREVE

25/03
QUARTA-FEIRA
20H

CONVIDADAS:
SAMANTHA BOLFERO NEMES
SAMANTHA LOO-FORNER

MULHERES NA COMUNA DE PARIS

16/09
SEXTA-FEIRA
20H

**MARIA LUIZA FONTENELES,
MULHER DE LUTA!**

16/08
TERÇA-FEIRA
20H

JORNAL BRASIL URGENTE
UM JORNAL DO POVO E SERVIÇO DA JUSTIÇA

15/08
SEGUNDA-FEIRA
20H

CONVIDADO:
ROMERO VENANCIO

**80 ANOS
CAETANO VELOSO**

17/06
SEXTA-FEIRA
20H

CONVIDADOS:
HECTOR MONDRAGON
JORGE LEONARDO OBISCO HOLGON

**ELEIÇÃO NA COLOMBIA:
PETRO E HERNANDEZ EMPATADOS?**

04/08
QUARTA-FEIRA
20H

CONVIDADOS:
ALVARO FERRER - CONTEMPORÂNEO
ALEJANDRA - TRABALHADORA

ELEIÇÕES 2022: QUE POSIÇÃO OS MARXISTAS DEVEM ADOPTAR?

04/07
TERÇA-FEIRA
20H

CONVIDADO:
SERGIO LESSA

COMO O PENSAMENTO DE ISTVÁN MÉSZÁROS
E APLICA À CONJUNTURA?

07/06
TERÇA-FEIRA
20H

REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO NO BRASIL (1930-2010)

04/05
QUARTA-FEIRA
19H

CONVIDADO:
ROMERO VENANCIO

JOSÉ LOUZEIRO: DEPOIS DA LUTA

06/07
QUARTA-FEIRA
19H

CONVIDADO:
NILDO QUIRIQUES

ELEIÇÕES 2022: QUE POSIÇÃO A ESQUERDA MARXISTA DEVE ADOPTAR?

15/09
QUINTA-FEIRA
17H
TEMA: REVOLUÇÃO

CONVIDADO:
JEAN PAULO PEREIRA DE NEVES

O QUE É MODO DE PRODUÇÃO?

14/06
TERÇA-FEIRA
20H

**MÉTODO CIENTÍFICO EM MARX:
CONHECER PARA TRANSFORMAR**

11/08
QUINTA-FEIRA
20H

CONVIDADOS:
GUSTAVO GALLES
POR (PARTIDO OBRIFEIRO REVOLUCIONÁRIO)

ELEIÇÕES 2022: QUE POSIÇÃO OS MARXISTAS DEVEM ADOPTAR?

10/05
TERÇA-FEIRA
20H

O MUNDO E O BRASIL EM CRISE

10H QUARTA-FEIRA 17/11

**MOVIMENTOS DO
LESTE EUROPEU**

CONVIDADA:
AGNES GAGYI

19/08
SEXTA-FEIRA
20H

**PRAXIS
PRAXIS
PRAXIS**

05/04
TERÇA-FEIRA
20H

CONVIDADO:
ALBERTO SOUZA

UMA ANÁLISE DA REVOLUÇÃO ESPONTÂNEA DA MEXICO NO SÉCULO XXI

21/02/2022
HORARIO DE BRASLIA
20H

CONVIDADO:
ROMERO VENANCIO

DOM HELDER CÂMARA

01/04
16H

CONVIDADO:
ATÍLIA MELECH

GUERRA E CRISE HUMANITÁRIA

29/04
SEXTA-FEIRA
20H

CONVIDADO:
JOSÉ MORALES

BALANÇO DA ELEIÇÃO COLOMBIANA E DAS URNAS AS URNAS

15/02/2022
HORARIO DE BRASLIA
16H

CONVIDADO:
AULA 04

**CURSO
ERNST BLOCH**
HUBSON ANTONIOTTI DE OLIVEIRA
O ESPERANÇAR TRANSIÇÃO PARA OUTRO LUGAR | JERIGAN JONAS MORENO

20/07/2021
19/07/2021

9 DE JULHO - LUTA OPERÁRIA
JOSE MARTINEZ
CONVIDADOS:
JOSE DEL ROIO
SEBASTIAO NETO

05/09
SEGUNDA-FEIRA
20H

CONVIDADO:
FELIPE CAYEN
ROMERO VENANCIO

JOHN ENGLER: EVOLUÇÃO FILOSÓFICA E CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA (1820-1841)

13/09
TERÇA-FEIRA
17H30

GODARD É O CINEMA

14/04
20H

VIVA A B.C.

DEBATE: VOTE A GREVE NA CEM (CENTRO DE CATEGORIA-DE-CLASSIFICAÇÃO PARA O FUNDICATV)

CONVIDADOS:
EDUARDO MIGUEL E VITOR VELO

05/08
SEXTA-FEIRA
20H

CONVIDADO:
ROMERO VENANCIO

GUERRA DE ESPADAS EM SENHOR DO BONFIM

09/06
QUINTA-FEIRA
20H

CONVIDADOS:
VITOR VELO
ERASMO QUIRICCI

O QUE QUER A OPOSIÇÃO METALÚRGICA?

11/07
SEGUNDA-FEIRA
20H

CONVIDADA:
SOFIA MANZANO (PCB)

**ENTREVISTA
COM A PRES. DENISEVEL**

20/08/2021
16/08/2021

AFEGANISTÃO E A DERROTA AMERICANA

27/04
QUARTA-FEIRA
20H

CONVIDADO:
ROMERO VENANCIO

EDUARDO COUTINHO E O DOCUMENTÁRIO BRASILEIRO

22/06
QUARTA-FEIRA
19H

CONVIDADAS:
ANA PAULA COSTA
MÔNICA REBEIRO

**REFORMA
NAO!**
REVOGAÇÃO DO NOVO ENSINO MÉDIO

10/06
SEXTA-FEIRA
20H

**JUSTIÇA POR
GENIVALDO**

22/02/2022
HORARIO DE BRASLIA
20H

CONVIDADA:
GISELE SIFRINI

AS TAREFAS DOS MARXISTAS NO BRASIL

16/02/2022
HORARIO DE BRASLIA
18:30H

CONVIDADO:
NILDO QUIRIQUES

QUAL O CAMINHO PARA A REVOLUÇÃO BRASILEIRA?

31/05
TERÇA-FEIRA
20H

CONVIDADO:
JEREMY QUINTERO

VENEZUELA E A PROPIRIEDADE COMUNAL: LIMITES DA PRODUÇÃO DE VALORES

20/05/2021
25/05/2021

FILOSOFIA ARÁBE
KAMAL CUMSILLE

ESCRITOS DE JOANA OLIVER QUEIPO

(traduzidos do espanhol
por Willis Santiago Guerra Filho)

Desespero 1
Do meu desespero de sair correndo hoje, me dei conta que isso seria o melhor refúgio: aquele lugar de onde estive louca para sair correndo.

Solidão
Entre mil vozes e demônios e mil paredes prefiro mil vezes minha solidão a uma má companhia que torne a vida irônica e reclamando da solidão, porém não sabemos que a melhor companhia é a solidão.

Pensamento
Às vezes ficamos calados e não dizemos o que pensamos pensando o que fazemos. De vez em quando, às vezes mal e mal, porque abrimos o que sentimos e isso nos vai deixando de tal maneira em tua mente que por muitas vezes que queiramos sair correndo sai sempre a tua mente mesma.

Proibido
Entre o mais proibido e a tentação mais bonita naquele jardim de rosas cheias de espinhos em que não tenho medo de me furar, no qual posso me furar mil vezes sem reclamar.

Realidade

Descobrir uma verdade em troca de uma traição dói mais que uma ilusão de um amor que penso que era realidade.

Sem título 1
Entre mil pensamentos de tornaste uma estrela fugaz, aff que triste me sinto, se tivesse sabido teria guardado uma caixinha bem grande e ao mesmo tempo pequena, com o maior de meus tesouros, o quanto o sinto não sabia.

Desejos
Quem diria que um dos meus maiores desejos é ter na minha mente não só nela mas também ter-te na minha, te converter em meu maior desejo.

Beijos
Se teus beijos são um pecado, pois me beija devagar, com força e não pares até que me mordas: já que és um pecado vamos pecar tu e eu com força.

Amor secreto
Me enamorei em segredo, sem saber como e quando foi. Eu pensava nele e não sabia porque. De repente ele vinha na minha mente e eu perguntava por que. E eu reclamava, sem eu saber que era amor.

Me proibi a mim mesma e decidi viver um amor secreto.

Devagar
Devagar eu vou, tampouco quero ir tão lento. Quero algo que seja de Deus que me deu o talento, pois então vou alcançar meus sonhos devagar, mas com Deus no firmamento.

Capturada
Capturada entre meu equilíbrio e minha loucura, será que decido ter um pouco de sensatez, mil vezes quero ter um pouquinho de desequilíbrio, que seja contigo, tu que me empurras para o desequilíbrio.

Vazio
Mil paredes vidros uma grande distância, luzes entendidas vozes que se escutam, risos dos lados, abro os olhos e não estás tu.

Rosto
Em que momento nos perdemos e nos enganamos com armadilhas do tempo nos escondemos atrás de um rosto cheio de sorriso sabendo que está sofrendo.

Ilusão

Melodia são tuas palavras apesar de que me iludem pois é uma afinação na qual me perderia apesar de serem todas mentiras tuas.

Vento
Que foi daquele momento que paramos a pensar no tempo em que era somente tu e eu um alento hoje somos só rajadas de vento.

Dor
Dor é mais um silêncio que um grito, um desabafo, que não foi feito a tempo, que mil golpes que tu me deste naquele momento.

Encurralada
Encurralada entre meu equilíbrio e minha loucura, será que desejo ter um pouquinho de cordura; mil vezes quero que seja contigo, que me dás aquele empurrão que me inspira.

Delito
Amar-te não é um delito. Delito é desejar-te e não poder ter-te, olhar-te através de um vidro sem poder beijar-te, sentir-te e não poder cheirar, isso sim é um delito, buscar a ti e não poder falar contigo. Estou presa e não sei.

Agonia

Que desespero tão grande, ao ter-te e não tocar-te, ao olhar-te e desejar-te, que agonia pensar-te não ter-te entre os meus braços. É melhor pedir um desejo ao ar.

Desespero 2
Despertar dizendo que tudo é tão absurdo: para quê, se sabemos que temos mil batalhas e demônios? Então é melhor viver momentos intensos antes de pô-los em desespero absurdo.

Sem título 2
De que serve aparentar que a tua vida é um papel do que não és simplesmente, para demonstrar ao mundo o que não és realmente.

Sem título 3
Respira fundo, cada momento é diferente um do outro, então não podes ser igual em cada um deles.

Momento
Que bonito encontro entre nós dois, naquele momento teria querido que fosse eterno, mas não era aquele o momento.

Amar
Se amar dói, então não é amor, é uma abstração, que existe em tua mente com sérias vagas vazias.

Despedida
Me despedi com um beijo e uma lembrança, com um adeus, sabendo bem dentro que era um até já. Amor, sinto muito.

Sem título 4
Quem diz que a solidão é má companhia é porque está mal-acostumado às más energias.

Sem título 5
Que vida surreal, tudo é como a paz que respiras, tudo se torna transparência, apenas com um sorriso.

Branco
Que acontece se pensamos tanto, porém às vezes do nada no seu pensamento fica em branco.

Inesquecível
Há lugares que se tornam únicos e momentos inesquecíveis: aquele que tivemos tu e eu.

Imagina
Imaginar-te dói. Desejar-te mais. Pensar-te me entristece. Amar-te me estremece. Se isso não é amor, então é a morte.

Prioridade
Debilidade de muitos é amar, amar demais e não se querer a si mesmo, se colocar como prioridade.

Armadilha
Armadilhas são aquelas que me põe o destino ao cruzar-me contigo no caminho, sabendo que és um grande felino.



SEMANA BRASIL-PORTUGAL DO ASSOCIATIVISMO PARA A CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

CIÊNCIAS BÁSICAS PARA O
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

20ª EDIÇÃO DA SEMANA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Realização:

PORTUANDO

ASSOCIAÇÃO DE APOIO AOS BRASILEROS
EM SITUAÇÃO DE IMIGRAÇÃO

Apoio:

20ª SEMANA
NACIONAL DE
CIÊNCIA E
TECNOLOGIA

Conjugare
Centro Português de Apoio
à Pesquisa Científica e à Cultura

MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO

CAGEC BUSINESS
Consultoria, Projetos e Negócios

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

ATLAS
Cooperativa Cultural, CRL





MARIELLE FRANCO

14 DE MARÇO DE 2018

5º ENCONTRO REGIONAL POR UM NOVO MODELO DE MINERAÇÃO
5ª JORNADA UNIVERSITÁRIA DE DEBATE NA MINERAÇÃO

RESERVE OS DIAS 06, 07 E 08
DE NOVEMBRO

LOCAL: INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS (ICSA)
MARIANA, MINAS GERAIS

FRENTE MINEIRA DE
LUTA DAS ATINGIDAS E
DOS ATINGIDOS PELA
MINERAÇÃO
FLAMa-MG

PROFESSARES

professoras,
professores,
milhares são
vossas flores
de palavras,
vossas ideias-cores,
vossas sementes-força
neste imenso mundo-quintal.
Celebrai vossa presença,
vossa imensa diferença,
na vida de tantos quantos,
fostes, primavera inaugural!

Manoel Fernandes

MANEJO E CAÇA DE JAVALIS: POLÍTICA, AMBIENTE E COMUNIDADE

ATIVIDADE É INTRODUZIDA NO BRASIL DESDE 1995 E HOJE CONTA COM GRANDE POPULARIDADE E APOIO POLÍTICO

ARTUR DOS SANTOS E GUILHERME GASTALDI

O manejo e controle do javali no Brasil, em razão do aumento de sua distribuição pelo território nacional, foi oficialmente autorizado pelo Ibama no ano de 2013. Além do aumento, a espécie invasora é considerada uma ameaça ao ecossistema brasileiro e é classificada como uma das cem piores espécies exóticas do mundo pela União Internacional de Conservação da Natureza.

Em 2023, os relatos de invasão de javalis e javaporcos triplicaram no Brasil em comparação a 2013, colocando mais uma vez holofotes sobre a questão. A pauta de Colecionadores, Atiradores Desportivos e Caçadores (CACs), embora tenha ganhado popularidade recentemente, não é um projeto novo e, desde 1995, quando o Governo Federal começou a experimentar com a caça, junto ao Ibama, esteve presente no país.

A comunidade de caçadores e controladores experienciou crescimento e incentivo consideráveis nos

últimos anos a ponto do número de CACs chegar a 673.818 em 2022. Nesse mesmo ano, foram compradas 36.276.913 munições (Fórum Brasileiro de Segurança Pública) por caçadores e atiradores desportivos.

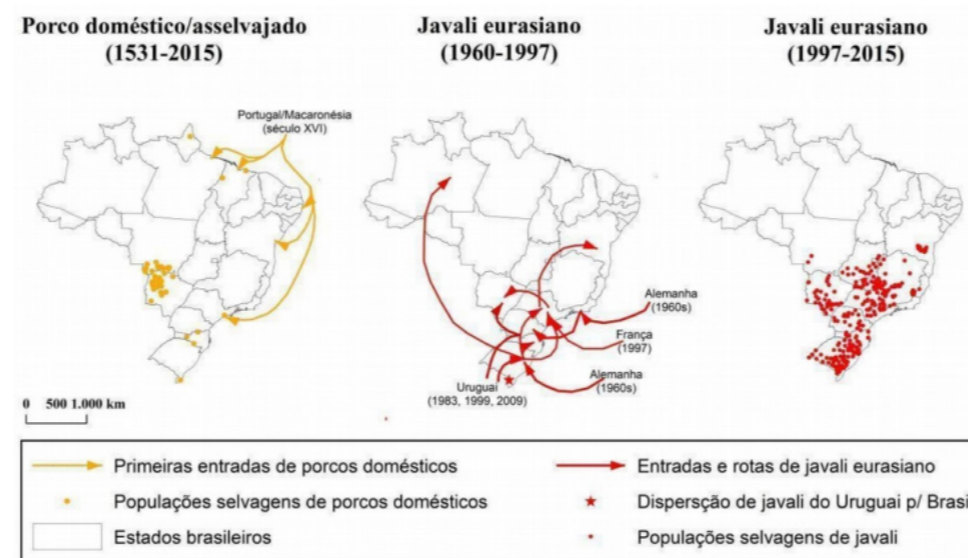
Além de instrumentos normativos (Decretos) que facilitaram o acesso a armamentos e ao registro para a caça, a comunidade vem recebendo apoio de Deputados Estaduais e Federais que lutam pela disseminação e legalidade da atividade.

Dentro da Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp), por exemplo, está em trânsito a PL 228 2022 da “Rota Turística do Tiro”, que visa incentivar e popularizar a atividade e o turismo de armas. A comunidade é marcada por uma união e coesão de ações como a campanha de cadastramento de armas.

A entrada do javali no Brasil:

A espécie *Sus Scrofa* (Javali) foi introduzida no Brasil na década de 60 por uma migração de varas (grupos de porcos) do Uruguai

causada por um período de seca. Desde então, se expandiu pelo país de maneira a ocupar cerca de 17,6% do território em 2016 (Ibama), além de estar em todos os biomas do país, exceto a Amazônia. À época, era estimada uma expansão de 143,2



Mapa: Reprodução Plano Nacional de Prevenção, Controle e Monitoramento do Javali (*Sus Scrofa*) no Brasil

A invasão dessa espécie exótica no país ocorreu de maneira acelerada. Segundo o Plano Nacional de Prevenção, Controle e Monitoramento do Javali (*Sus Scrofa*) no Brasil publicado em 2017 pelos Ministérios do Meio Ambiente e da

Agricultura, a “expansão do javali em território nacional a partir dos anos 2000 não condiz com a capacidade biológica de dispersão da espécie nem com o histórico das populações de porcos asselvajados existentes há décadas no país”.

O monitoramento da espécie apresentado no estudo também aponta que houve “saltos geográficos” observados nas populações de Javali nos quais essas começam a povoar áreas geográficas que não tinham contato umas com as outras - denunciando envolvimento de ações humanas na disseminação do animal em território nacional.

O Governo Federal vem controlando a *Sus Scrofa* por meio de ação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (Ibama) desde 1995, quando foi liberado o abate experimental do Javali no Rio Grande do Sul. Neste ano, 26 Javalis foram abatidos em 3 meses e, desde então, experimentos quanto à atividade foram realizados em diversos estados do país, passando pela liberação parcial, com acompanhamento, sem arma de fogo, entre outras.

Danos Ambientais:

A *Sus Scrofa* é responsável por danos em lavouras e biomas brasileiros. Um Cachaço, gíria que caracteriza um Javali adulto, pode chegar a mais de 1,70 m de comprimento por 90 cm de altura, pesando cerca de cento e trinta quilos.

Em 2017, o Ibama estimou que esses animais se reproduzissem durante o ano todo com gestações de três meses. Por se alimentarem de pequenos animais, destruírem lavouras, serem reservatório de doenças e desregularem ecossistemas, são vistos pelo Governo Federal como espécie invasora prejudicial à fauna brasileira.

Michel dos Santos Pinto, veterinário e estudante de pós-graduação da Universidade do Estado de São Paulo (UNESP) Araçatuba, trabalha com o acompanhamento de grupos de controladores para a coleta de vísceras, couro e crânio dos Javalis abatidos em campo para monitorar e mapear as doenças encontradas nesses animais.

Em entrevista à equipe de reportagem, Michel detalhou os

procedimentos da coleta e do estudo dividido em “três tempos”. A primeira parte do trabalho envolve a medição do animal, colheita do sangue, das vísceras, do couro e do crânio: “pego o couro e a cabeça; tudo que eles [controladores] descartam”.

A segunda parte é a fase da

necrópsia e a terceira, análise nos laboratórios no Setor de Patologia da UNESP na qual são analisados parasitas e agentes patogênicos encontrados nos animais.

Por dentro do Controle e da Caça:

Por não ser algo novo, a caça ao Javali é realizada de certos modos e utiliza técnicas definidas para a maior efetividade do abate que também garantem a maior segurança do caçador controlador.

Michel dos Santos acompanha controladores realizando a coleta e a análise de carcaças

de javalis, investigando possíveis agentes parasitários na espécie. Além de trabalhar com as questões de saúde, Michel detalhou os principais procedimentos de um dia normal de caça.

Para atuarem, os controladores se dirigem ao local designado através de queixas realizadas por proprietários de terra que estiverem com problemas relacionados a javalis. Tanto os caçadores quanto a propriedade devem estar registrados no Ibama para a autorização da caça (caçadores também devem ter o Certificado de Registro tirado no exército).

As pessoas que realizam o controle estão no ramo por hobby, ou seja, fazem parte de um grande movimento voluntário e atuam desde os estágios iniciais da liberação da caça. Para Rafael Salerno, presidente da Associação Nacional de Caçadores, o fato da atividade ser um hobby evidencia que este é o “maior movimento voluntário próximo ambiente do Brasil”.

Por realizarem a caça há muitos anos, os controladores são amplamente conhecidos e têm

contatos com proprietários de terra, o que facilita a divulgação boca-boca do serviço prestado.

Com esse contato, a população local já sabe que, quando precisar de qualquer coisa, eles estarão ali: “eles vão aonde tem porco”, afirma Michel à reportagem. Como alguns caçadores atuam na área há mais de 15 anos, o conhecimento que possuem é grande. Segundo Michel, o conhecimento que eles têm são “experiências que não estão em livros”.

As operações ocorrem tanto de dia como de noite e os procedimentos são diferentes em ambas as ocasiões.

De dia, os controladores se dirigem aos locais em grupos de sete/oito pessoas. Nesse cenário, o uso de cachorros é extremamente comum. Esses, agindo em bando, são trajados de coletes de couro e coleiras de rastreamento. Além das ferramentas, o faro natural dos cães é de extrema importância, sendo fundamental até mesmo para a segurança própria deles. Ao entrarem em contato com os javalis, os animais acabam se expondo a um

certo risco de saúde e, por isso, Michel atua também no suporte à conscientização sobre as doenças que podem afetar os cachorros.

Os cães podem ser divididos em dois grupos diferentes: os pegadores e os acuadores. Os nomes são auto-explicativos: os pegadores, que atuam em sua maioria em duplas, têm como função agarrar os javalis e têm como principal característica a pegada na cervical que imobiliza o javali.

Os acuadores ajudam acucando e afastando os javalis que acabam ou evacuando as lavou-ras e as plantações ou correndo aos caçadores que realizam o abate.

Os principais tipos de cachorros usados são os americanos, pit-bulls e os s.r.d (sem raça definida ou vira-lata) e o treinamento dos animais é imprescindível, sendo muitas das vezes até mais importante do que a raça em si dos

cães.

De noite, a situação é diferente. Ao contrário da manhã, os grupos são mais “intimistas”, com três / quatro pessoas por requerem uma tranquilidade e uma paciência maior - até por demorarem mais tempo do que as matutinas. Além disso, não há o uso de cães e, para compensar a perda da visão obtida através dos cachorros, é comum o uso de lunetas térmicas nas armas dos controladores, capazes de observar animais a 500 / 600 m de distância no escuro.



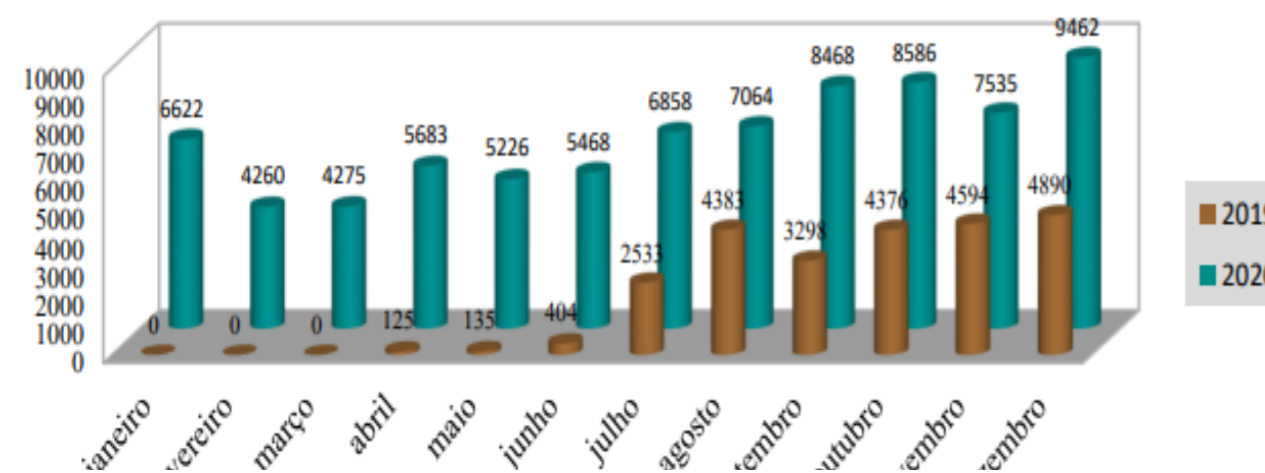
Imagem reproduzida da conta @samurai_cacador, no instagram



Javalis abatidos

104.545 javalis

Javalis (SIMAF/IBAMA 2019 e 2020)



Além da atenção redobrada por se tratar de um ambiente escuro, é importante lembrar que o javali é um animal de hábito noturno e que consegue se esconder facilmente. Isso porque, nas épocas de chuva, as lavouras de soja, cana e

principalmente milho ficam muito altas, oferecendo, assim, esconderijo aos javalis, que em um mesmo lugar possuem abrigo, comida e água das poças, tornando ainda mais difícil a tarefa dos controladores de retirar esses animais dessas áreas.

A caça, segundo registros do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) e do SIMAF (Sistema de Informação de Manejo e Fauna) é o meio mais efetivo para o controle da população de

Javalis. Segundo os levantamentos do SIMAF e IBAMA, entre 2019 e 2020 (publicados em 11/01/2021), foram abatidos 104.545 javalis.

Políticas Armamentistas:

A modalidade de controle das populações de javali com o uso de armas de fogo é a que mais vem crescendo no Brasil. Segundo Rafael Salerno, presidente da Associação Nacional de Caçadores: “o crescimento do número de caçadores que hoje fazem esse controle de forma voluntária sofreu um estímulo de crescimento muito grande. Independente de questões de governo, esse crescimento era necessário para enfrentar essa expansão da praga que é o javali”.

Durante os últimos anos (período ao qual Salerno se refere), o Governo Federal implementou mais de 50 Decretos que flexibilizaram o controle e o acesso a armas e munições por parte da população, além de terem facilitado a questão do porte de armas - que até então era menos concedido às pessoas

registradas que, caso quisessem transportar armas de fogo, deveriam fazê-lo desmontadas.

“Foram criando uma série de instrumentos normativos legais que permitiram que mais pessoas con-

seguissem

licenças e

que mais

tipos de

armamentos

fossem

disponibilizados

para

essa popula-

ção”, afirma

S a m i r a

B u e n o ,

d i r e t o r a

e x e c u t i v a

d o F ó r u m

B r a s i l e i r o

d e S e g u r a n ç a

P ú b l i c a ,

e m e n t r e v i s t a

a e q u i p e

d e r e p o r t a g e m .

Q u a n t o

a o a u m e n t o

d o s

r e g i s t r o s

d e C o l e c i o n a d o r e s ,

A t i r a d o r e s

D e s p o r t i v o s e

C a ç a d o r e s

(C A C s) n o s

ú l t i m o s

a n o s , o F ó r u m

B r a s i l e i r o

d e S e g u r a n ç a

P ú b l i c a

f e z

um levantamento que aponta que em 2022 houve um total de 673.818 emissões de Certificado de Registro (CR) de armas de fogo ativo. Desses, 175.075 se encontram na Região Militar de São Paulo.

TABELA 57

Número de Certificados de Registro (CR) ativos, segundo atividades de Caçador, Atirador Desportivo e Colecionador (CAC), no SIGMA/Exército Brasileiro Brasil e Regiões Militares - 2022

Brasil e Regiões Militares	Número de atividades apostiladas em Certificados de Registro (CR) no SIGMA - CACs			Total de pessoas físicas com Certificado de Registro (CR) de arma de fogo ativo - CACs ⁽¹⁾
	Atirador desportivo 2022 ⁽²⁾	Caçador 2022 ⁽²⁾	Colecionador 2022 ⁽²⁾	
Brasil	650.328	425.568	347.080	673.818
1ª RM (RJ e ES)	28.164	12.482	21.197	29.644
2ª RM (SP)	170.368	92.304	108.197	175.075
3ª RM (RS)	70.868	64.322	29.371	75.361
4ª RM (MG, exceto Triângulo Mineiro)	45.647	19.847	19.265	46.302
5ª RM (PR e SC)	106.966	102.362	89.901	109.918
6ª RM (BA e SE)	27.159	1.981	2.239	27.274
7ª RM (PE, RN, PB e AL)	35.816	11.190	14.623	36.565
8ª RM (MA, PA e AP)	18.374	5.263	11.193	18.507
9ª RM (MT e MS)	25.945	26.743	22.962	31.089
10ª RM (CE e PI)	21.665	491	1.401	21.738
11ª RM (DF, GO, TO e Triângulo Mineiro)	83.072	79.671	18.425	85.764
12ª RM (AM, AC, RO e RR)	16.284	8.912	8.306	16.581

Fonte: Exército Brasileiro; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Nota: O Exército Brasileiro não disponibiliza as informações por Unidade da Federação, apenas Regiões Militares.

(1) O mesmo Certificado de Registro (CR) pode possuir uma ou mais atividades apostiladas, não sendo, portanto, possível a soma das categorias/atividades apostiladas para se chegar ao número total de CRs ativos.

(2) Dados atualizados em 1º de junho de 2022.

Regiões Militares de SP; PR e SC; DF, GO, TO e Triângulo Mineiro; e RS são as que registraram mais CRs no país. Gráfico retirado do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022.

De 2005 a 2022, houve um aumento de 4.936% no número de CRs registrados no país. Segundo o mesmo levantamento feito pelo Fórum, em 2022 havia o registro ativo de 1.781.590 armas no SIGMA (Sistema de Gerenciamento Militar de Armas), órgão ao qual compete o registro de Caçadores. Dessas, 99.446 foram registradas por Caçadores propriamente ditos.

No início de 2023, o atual Governo Federal anunciou o Decreto de nº 11.366 como medida de desarmamento da população. Este não tem a capacidade de tirar de circulação as armas adquiridas até o momento, mas de suspender a concessão de novos registros de clubes de tiro, restringir os quantitativos de aquisição de armas e munições de uso restrito por caçadores, dentre outras.

Em resposta ao Decreto - que também marcou o período de recadastramento dos armamentos -, houve uma movimentação significativa da comunidade de caçadores na atividade de recadastramento das armas. Até o momento, o número de recadastramento (613

mil) corresponde a mais de 80% das armas registradas por CACs (762 mil). Os números divulgados pelo Ministério da Justiça divergem dos levantados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública no ano de 2022.

A comunidade de caçadores e controladores de javali foi diretamente afetada pelas medidas do Decreto. Para o presidente da Associação Nacional de Caçadores, Rafael Salerno, a restrição de calibres mais pesados pela medida normativa representa um problema ao caçador e ao próprio animal abatido.

“Houve uma suspensão de calibres restritos. O que quer dizer isso? A gente tem que lembrar que o javali é animal de grande porte; animal perigoso, inclusive. Então, quanto maior o calibre, mais efetivo pode ser o abate. Isso é bom pra segurança do caçador e é bom também que o abate é mais limpo, mais efetivo”, afirma.

Para outros caçadores e controladores entrevistados pela reportagem, as medidas de desarmamento e restrição de calibres também não foram positivas. Segundo os relatos, calibres mais fracos e de menor alcance são menos efetivos. Para Samurai Caçador, vereador de Monte Azul Paulista pelo Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), “não existe um calibre inadequado, existe um calibre usado de forma inadequada”.

Ainda sobre o uso inadequado, Samurai comenta que “se você pegar, por exemplo, um calibre doze e efetivar um tiro a 100 metros, vai ter uma ineficácia. (...) Ela é um calibre efetivo até 20, 30 metros. Nós temos que usar calibres que realmente façam um manejo humanizado e racional. Quando você vai abater, você tem que abater o mais rápido possível, usar calibres fortes. Eu tenho que saber qual calibre necessário para se utilizar. O calibre mais forte vai cumprir melhor o seu desempenho. Eu sempre digo que é melhor sobrar do que faltar”, conclui.

TABELA 72

Quantidade de cartuchos de munição vendidos no mercado nacional, por segmento de compra, ns. Absolutos
Brasil - 2017-2021

Brasil	2017	2018	2019	2020	2021	Varição (%)
Brasil	170.257.418	195.700.356	203.987.898	258.130.198	393.417.048	131,1
Uso institucional - órgãos públicos	22.559.674	37.854.622	46.904.272	54.640.232	72.684.800	222,2
Uso das Forças Armadas	17.069.112	15.147.884
Empresas de segurança privada	4.338.830	3.637.080	3.578.483	1.572.660	5.049.990	16,4
Integrantes órgãos públicos ⁽¹⁾	417.645	1.036.057	907.050	1.041.055	738.695	76,9
Atiradores desportivos e caçadores	20.522.233	27.493.188	32.108.335	26.475.605	36.276.913	76,8
Entidades de tiro desportivo	2.086.350	1.930.525	2.637.865	3.068.775	7.244.914	247,3
Varejo	87.515.534	94.974.835	100.194.433	151.619.451	241.178.254	175,6
Indústria	15.748.040	13.626.165	17.657.460	19.712.420	30.243.482	92,0

Fonte: Exército Brasileiro; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

(1) Pessoas Físicas integrantes dos Órgãos de Segurança Pública, Órgãos Públicos e Forças Armadas, com autorização para o porte de arma de fogo

O aumento de emissão de CRs - e do incentivo à aquisição de armas em geral - acarretou em uma alta na importação de armas no Brasil. Consequentemente, os preços reduziram e o acesso a elas aumentou. Um rifle AR-15, por exemplo, antes comercializado na faixa de R\$ 60 mil reais, chegou a custar R\$ 15 mil.

As políticas armamentistas, entretanto, não facilitam apenas a aquisição de armas; agem sobre munições também. Segundo o levantamento feito pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, foram compradas 393.417.048 munições no ano de 2022. Dessas, cerca de 36.276.913 foram adquiridas por caçadores e atiradores desportivos.

Popularidade e Apoio Político:

A popularidade da caça e controle do javali não vem apenas de políticas realizadas dentro das Câmaras e instituições. Hoje em dia, caçadores e controladores de javali

formam comunidades e grupos online que mostram a efetividade e capacidade de atuação em grupo que esse público tem.

Grupos e perfis nas redes sociais representam uma boa parcela do apoio que a comunidade de caçadores e manejadores recebe. Essas contas compartilham dicas; registros de caçadas e javalis abatidos; além da venda de equipamentos, como é o caso de contas como as do Samurai Caçador e Aqui tem Javali, no instagram, e Canil do Caçador, no youtube.

A caça ao javali com o uso de armas de fogo também conta com apoio de deputados como Lucas Bove (PL), Gil Diniz (PL), Castello Branco (PL) e Itamar Borges (MDB), entre outros, para o avanço das pautas dentro de Casas como a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp) a nível estadual, e Câmara dos Deputados, a nível nacional.

Sobre o apoio recebido por Deputados nas Câmaras, Samurai Caçador analisa que “[formar uma] bancada é muito difícil... apoio sim, de deputados armamentistas, que

estão conscientes da necessidade do manejo para conter a praga”.

Dentro da política, a comunidade de caçadores e controladores de Javali vê em medidas que reduzam impostos, burocracias e criem insumos, uma ajuda para o aumento da popularidade e adesão à prática. O trabalho de conscientização também é importante. Segundo Samurai Caçador:

“Conscientizar as novas gerações, sendo através de palestras em escolas, faculdades, vai fazer com que você tenha um ‘estourar da bolha’ para que as pessoas entendam a real necessidade do incentivo do manejo”.

Michel dos Santos comenta que conscientizar vai além da importância do manejo. Para o veterinário, a conscientização quanto à questão do Javali chega ao assunto de saúde e das doenças que esse animal pode transmitir.

Samurai completa: “primeiro, tirar um pouco da burocracia,

principalmente no manejo com cães, (...) isso atrapalha. E eu acho que o incentivo de isenção de imposto já ajudaria muito o manejador”. Para o vereador, os impostos sobre as armas e munições são altos. “Se você tivesse um incentivo de redução de ICMS para o manejo de javali, você teria aí uma graduação maior de pessoas voluntárias”.

O esforço para a redução de impostos e implementação de insumos não é o único objetivo da comunidade de caçadores e controladores. Há uma ambição na profissionalização da caça - em analogia à profissionalização da pesca.

A profissionalização da caça, como projeto, vê os CACs como público consumidor - que teve um aumento de 4.936,8 % nos últimos 18 anos - que, além de alvo de ações, cursos, vendas de materiais, está suscetível ao turismo, como é o caso do Projeto de Lei 228 da “Rota Turística do Tiro” criado em 2022 pelos deputados Castello Branco (PL) e Gil Diniz (PL).

Implementado no dia 26/04 de 2022, o Projeto de Lei de nº228 propõe a promoção e a divulgação

TABELA 56

Número de Certificados de Registros (CR) ativos de Caçadores, Atiradores e Colecionadores (CAC) no SIGMA/Exército Brasileiro
Brasil - 2005-2022

Brasil	Pessoas físicas com Certificado de Registro (CR) de arma de fogo no SIGMA - CACs								
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Brasil	13.378	17.817	21.802	25.927	30.648	37.974	40.973	41.803	41.935

Brasil	Pessoas físicas com Certificado de Registro (CR) de arma de fogo no SIGMA - CACs									
	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022 ⁽¹⁾	Varição (%)
Brasil	40.481	42.397	55.306	63.137	117.467	197.390	286.901	515.253	673.818	4.936,8

Fonte: Exército Brasileiro; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

(1) Dados atualizados em 1º de junho de 2022.

Rota turística do tiro - pl 228 2022 (box)

dos Clubes e Escolas de Tiro nos municípios integrantes da “Rota Turística do Tiro”. Também tem a finalidade de “promover e a divulgar os eventos de tiro e pontos turísticos dos Municípios que integram a ‘Rota Turística do Tiro’, com vista a potencializar o desenvolvimento socioeconômico regional e do Estado”.

Este é um projeto inspirado nas atividades que se desenvolvem no Texas, estado dos Estados Unidos “que recebe turistas em busca de eventos ligados ao tiro esportivo, e tornou uma indústria lucrativa nos Estados Unidos: o turismo de armas. As empresas com estandes de tiro exploram, ao máximo, esse mercado, sediando casamentos e vendendo camisetas de souvenir cheias de buracos de projéteis” - segundo o próprio projeto de lei descreve.

Em relação a perceber os CACs como consumidores, a PL

elabora que “para esse público pujante de apreciadores de armas, o mercado tem oferecido cada vez



em Santa Catarina e leva o mesmo nome. Em São Paulo, alguns dos municípios até agora incluídos no Projeto são: Americana, Atibaia, Bauru, Campinas, Itaquaquecetuba, Lorena, Ribeirão Preto, Santos, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, São Carlos, São José dos Campos, São José do Rio Preto, São Paulo, entre outros.

Foto disponibilizada por Samurai Caçador

Influência nas Redes Sociais:

“Samurai Caçador”, nome da conta de Mardqueu Silvio França Filho, vereador de Monte Azul Paulista pelo Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), tem 88,9 mil seguidores no instagram e é uma das principais representações



Foto disponibilizada por Rafael Salerno

dessa comunidade no aplicativo.

Suas publicações envolvem vídeos de caçadas, abate, dicas e estímulo ao recadastramento das armas de fogo (que até o momento da escrita desta reportagem chegou a 660.000). Mardqueu, sob o nome Samurai Caçador, foi candidato a Deputado Estadual pelo Estado de São Paulo em 2022, mas acabou não sendo eleito.

O perfil do instagram “Aqui Tem Javali” é o portal de notícias oficial da Associação Nacional de Caçadores da qual Rafael Salerno é presidente. Este é um dos perfis mais influentes da área. Com 156 mil seguidores, a conta integra venda de equipamentos de caça com fotos de Cachaços abatidos enviadas por seguidores.

O portal “Aqui tem Javali” foi criado em 2008 como um movimento de redes sociais motivado pelo alerta do crescimento das populações de javali no Brasil. Segundo Salerno: “naquele momento também iniciei o movimento nas redes sociais que chamei de ‘Aqui Tem Javali’. Fizemos

um mapa em tempo real a partir dos relatos [de avistamento de javalis]. Com isso, a gente ia mostrando às autoridades que o javali já não era mais um problema só do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina.”

O “Canil do Caçador”, canal de Mario Knichalla no youtube, é uma das maiores referências do mundo da caça e do controle do Javali atualmente. Knichalla, além de influenciador da área, concorreu a Deputado Estadual de Minas Gerais pelo PP nas eleições de 2022 e recebeu 10.911 votos..

A conta tem 955 mil inscritos e mais de 200 milhões de visualizações. Alguns dos seus vídeos mais vistos do canal ultrapassam a marca de 10 milhões de visualizações e foram postados há 7 anos na plataforma, o que mostra a longevidade da pauta do controle de Javalis. O foco principal do canal são vídeos curtos, entre 10 e 15 minutos, e que resumem o funcionamento de uma operação de abate, inclusive em muitos casos, como é realizada a utilização de cães (seja pelo uso de agarradores ou acuadores) nessas

operações.



DISCIPLINA TÓPICO ESPECIAL

EMANCIPAÇÃO POLÍTICA EMANCIPAÇÃO HUMANA

Prof. Dr. Ivo Tonet

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Paraná (1975), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1982) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001). Atualmente é professor de filosofia da Universidade Federal de Alagoas. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia política, atuando principalmente nos seguintes temas: socialismo, marxismo, política e educação.

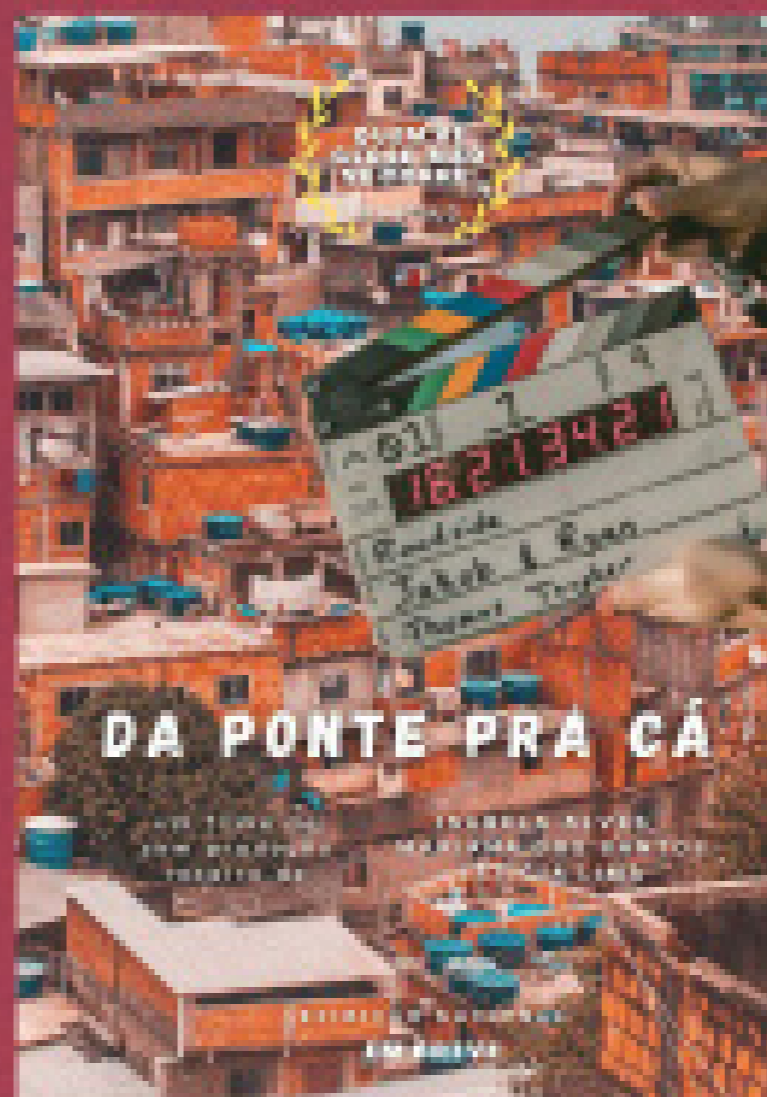


DIA 22 A 26 DE MAIO DE 2023
SALA DA PÓS GRADUAÇÃO

Exibição e debate
GOMA
DA PONTE PRA CÁ

+

Pocket show com Andarilho Chá
em Voz, Violão e Atitude



Dia 06 de Maio - 19h



MARIELLE FRANCO

14 DE MARÇO DE 2018



Vito Antico Wirgues



BOCA

LATINA

Editora Nojosa